

PEDRAZUL  
EDITORA

# Anne e a casa dos sonhos

Lucy Maud Montgomery

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.com](http://lelivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



**Anne e a casa dos sonhos**  
**Lucy Maud Montgomery**

"Para Laura,  
em memória dos bons  
velhos  
Tempos"

## Capítulo 1

### No sótão de GREEN GABLES

**"Graças** a Deus, acabei com a geometria, para aprender ou para ensinar," disse Anne Shirley, com um ar vingativo, enquanto mandava um volume gasto de Euclides para dentro de uma grande arca de livros, fechava a tampa em triunfo e se sentava em cima dela, olhando para Diana Wright que estava do outro lado do sótão de Green Gables, com olhos cinzentos como o céu matinal.

O sótão era um lugar sombrio, sugestivo e delicioso, como todas os sótãos deveriam ser. Através da janela aberta, ao pé da qual Anne se sentava, soprava o vento morno, perfumado e doce de uma tarde de Agosto; lá fora, os ramos dos álamos sussurravam e ondulavam ao vento; e para além deles os bosques, onde a Alameda dos Apaixonados tecia o seu caminho encantado e o velho pomar de macieiras que ainda dava uma colheita estupenda. E acima de tudo, erguia-se uma grande gama de nuvens brancas no céu azul do lado sul.

Através da outra janela avistava-se o mar distante coberto de branco - o magnífico golfo de St. Lawrence, no qual Abegweit flutua como uma jóia, e cujo nome indio mais melódico e doce há muito foi esquecido, perdurando apenas o mais prosaico, de Ilha do Príncipe Eduardo.

A Diana Wright, três anos mais velha desde que a vimos pela última vez, tinha ganho um certo ar de mãe de família. Mas os seus olhos eram tão negros e brilhantes, as suas faces tão rosadas e as suas covinhas tão encantadoras como nos dias de antigamente, quando ela e Anne Shirley tinham jurado amizade eterna no jardim de Orchard Slope. Nos seus braços dormia uma pequena criatura de caracóis negros, que desde há dois felizes anos era conhecida como "a pequena Anne Cordélia". As pessoas de Avonlea compreendiam porque é que a Diana lhe tinha chamado Anne, mas não tinham deixado de ficar intrigadas com o nome Cordélia. Nunca tinha havido uma Cordélia nem no lado dos Barry, nem no dos Wright. A senhora Harmon Andrews dizia que lhe parecia que a Diana e perguntava-se como impedir. Mas Anne e é que a pequena Anne tinha encontrado o nome nalguma novela duvidosa, é que o Fred não tinha tido mais senso para a Diana sorriam uma para a outra. Elas sabiam como Cordélia chegara a ter esse nome.

"Tu sempre detestaste geometria," disse Diana com um sorriso retrospectivo. "Eu acho que pelo menos deves estar muito contente por deixares de ensinar."

"Oh, mas eu sempre gostei de dar aulas, aparte da geometria. Estes últimos três anos em Summerside foram muito agradáveis. A senhora Harmon Andrews disse-me quando regresssei que não ia achar a vida de casada muito melhor do que a vida de professora. Evidentemente que a senhora Harmon Andrews é da opinião de Hamlet: é preferível suportar os fardos que temos a ir-mos á procura de outros que não conhecemos."

O riso de Anne, tão alegre e irresistível como antigamente mas com uma nova nota de maturidade e doçura, atravessou o sótão. A Marilla na cozinha mais abaixo, preparando compota de ameixas pretas, ouviu-o e sorriu; depois suspirou, pensando que nos anos vindouros iria ouvi-lo muito poucas vezes em Green Gables.

Nada na sua vida lhe tinha dado tanta alegria como saber que a Anne ia casar com o Gilbert Blythe, mas cada alegria parece trazer consigo um bocadinho de pena. Durante os três anos que passara em Summerside Anne tinha vindo muitas vezes a casa, nos fins de semana e nas férias, mas depois disto uma visita duas vezes por ano seria o máximo que se poderia esperar.

"Não te deves deixar preocupar com o que diz a senhora Harmon Andrews," disse a Diana com a segurança calma das mães de família com quatro anos de experiência. "A vida de casada tem os seus altos e baixos, claro. Não deves esperar que as coisas corram sempre bem. Mas posso assegurar-te, Anne, que é uma vida feliz quando nos casamos com o homem certo."

Anne sorriu. Os ares de vasta experiência da Diana sempre a divertiram um bocado.

"E eu também devo ganhá-los, concerteza, quando estiver casada há quatro anos," pensou. "Mas espero que o meu sentido de humor me preserve disso."

"E já decidiram onde vão viver?" perguntou Diana, acariciando a pequena Anne Cordélia com o gesto inimitável da maternidade que dava sempre ao coração de Anne, cheio de doces sonhos secretos e esperanças, um arrepio que era metade de puro prazer, e outra metade de uma estranha e etérea dor.

"Sim. Era isso que eu te queria dizer quando te telefonei para cá vires. E por falar nisso, não me consigo mentalizar que já temos telefones em

Avonlea. Parece tão indecentemente moderno para esta querida velha aldeia."

"Podemos agradecê-los á A.V.I.S. (Sociedade para o Melhoramento de Avonlea)," disse a Diana. "Nós nunca tínhamos conseguido a linha se eles não tivessem tomado conta do assunto. Despejaram-se bastantes baldes de água fria, suficientes para desencorajar muitas sociedades. Mas eles mantiveram-se firmes. Tu fizeste uma coisa esplêndida por Avonlea quando fundaste essa sociedade, Anne. E divertiamo-nos tanto nos nossos encontros! Nunca mais me vou esquecer do salão azul, e da ideia do Judson Parker de pintar anúncios de remédios na vedação.

"Eu não sei se devo estar muito agradecida á A.V.I.S. no que diz respeito aos telefones," disse Anne. "Oh, eu sei que é uma coisa muito útil, muito mais que o nosso velho esquema de sinais de luzes! E, como diz a senhora Rachel Lynde, 'Avonlea tem que acompanhar a procissão, é o que é'. Mas de certa forma eu sinto que não gostava de ver Avonlea estragada pelo o que o senhor Harrison, quando quer ser espirituoso, chama 'inconveniências modernas'. Eu gostava que isto se mantivesse tal e qual estava antigamente. Eu sei que é uma palermice sentimentalista, e que é impossível. Por isso tenho que me tornar imediatamente sensata, e prática e possível. O telefone, como diz o senhor Harrison, 'é uma coisa mesmo boa', mesmo quando sabemos que provavelmente meia dúzia de pessoas interessadas estão a escutar a nossa linha."

"Isso é realmente o pior," suspirou Diana. "É tão aborrecido ouvir os telefones a desligar sempre que telefonamos a alguém. Dizem que a senhora Harmon Andrews insistiu que o telefone dela fosse posto na cozinha para poder ouvi-lo tocar e manter um olho no jantar ao mesmo tempo. Hoje, quando me telefonaste eu ouvi nitidamente o barulho do relógio dos Pye a dar as horas. Não há dúvida que a Josie ou a Gertie estiveram a ouvir a conversa."

"Oh, então foi por isso que disseste, 'tens um relógio novo em Green Gables, não tens?' Não percebi o que querias dizer. Eu ouvi um clique assim que disseste isso, deve ter sido o telefone dos Pye a ser desligado com bastante energia. Mas deixa lá os Pye. Como diz a senhora Rachel, 'Sempre foram Pyes, e Pyes serão para sempre, mundo sem fim, amem'. Eu quero falar de coisas agradáveis. Está tudo decidido quando ao sitio onde vai ser a minha nova casa."

"Oh, Anne, onde? Eu espero que seja aqui perto."

"Não, esse é o defeito. O Gilbert vai-se instalar em Four Winds Harbour, a noventa quilômetros daqui."

"Noventa! Bem podiam ser novecentos," suspirou Diana. "Eu agora não me posso ir mais longe do que até Charlottetown."

"Mas vais ter que vir a Four Winds. É o porto mais bonito da ilha. Há lá uma aldeia chamada Glen St. Mary, e o Dr. David Blythe exerce lá há cinquenta anos. Ele é tio-avô do Gilbert, sabes. Ele vai aposentar-se e o Gilbert vai ficar com o consultório dele. Mas o doutor Blythe vai manter-se na casa dele, por isso temos que arranjar uma para nós. Eu ainda não sei como vai ser, ou onde exactamente, mas eu tenho uma casa de sonho toda montada na minha imaginação, um pequeno e delicioso castelo de areia."

"Onde vais passar a Lua-de-mel?" perguntou Diana.

"A lado nenhum. Não fiques horrorizada, Diana querida. Fazes-me lembrar a senhora Harmon Andrews. Ela sem dúvida vai dizer que quem não pode fazer uma lua-de-mel é muito sensato em não a fazer, e vai aproveitar para me lembrar que a Jane foi á Europa na dela. Eu quero passar a minha Lua-de-mel em Four Winds, na minha querida casa de sonho."

"E decidiste que não levavas dama de honor?"

"Não tenho ninguém para levar. Tu, a Phil, a Priscilla e a Jane todas se me adiantaram no capítulo do casamento; e a Stella está a dar aulas em Vancouver. Eu não tenho mais espíritos afins e recuso-me a ter uma dama de honor que não o seja."

"Mas tu vais usar um véu, não vais?" perguntou Diana com ansiedade. "Sim, claro. Eu não me ia sentir noiva sem véu. Eu lembro-me de dizer ao Matthew, na noite em que ele me trouxe para Green Gables, que eu não esperava vir a ser uma noiva porque eu era tão feia que ninguém se ia querer casar comigo, a não ser um missionário estrangeiro. Eu achava que os missionários estrangeiros não podiam dar-se ao luxo de ser esquisitos no que dizia respeito ao aspecto, se queriam uma rapariga que arriscasse a vida entre os canibais. Tu devias ter visto o missionário com quem casou a Priscilla. Ele era tão bonito e misterioso como aqueles príncipes com que sonhávamos casar, Diana; ele era o homem mais bem vestido que eu já conheci, e estava deslumbrado pela beleza etérea e dourada da Priscilla. Mas claro que não há canibais no Japão."

"O teu vestido de noiva, pelo menos é um sonho," suspirou Diana encantada. "Vais parecer uma verdadeira rainha, és tão alta e elegante."



Como é que te manténs tão magra, Anne? Eu estou mais gorda que nunca, não tarda muito para deixar de ter cintura."

"A gordura e a magreza parecem ser coisas predestinadas," disse Anne. "De qualquer forma a senhora Harmon Andrews não te vai poder dizer a ti o que me disse a mim quando eu voltei de Summerside, 'Bem, Anne, estás tão magricela como sempre'. Soa muito romântico ser elegante, mas magricela dá um tom completamente diferente."

"A senhora Harmon tem falado da tua roupa. Ela reconhece que é tão bonita como o da Jane, apesar de dizer sempre que a Jane casou com um milionário e tu só vais casar com 'um pobre médico que não tem um cêntimo em nome dele'."

Anne riu-se.

"Os meus vestidos são bonitos. Eu adoro coisas bonitas. Lembro-me do primeiro vestido bonito que tive, aquele castanho que o Matthew me deu para o nosso concerto da escola. Antes todos os que tinha eram tão feios. Pareceu-me que tinha entrado noutra mundo nessa noite."

"Foi nessa noite que o Gilbert recitou 'Bingen on the Rhine' e olhou para ti quando disse 'existe outra, não uma irmã'. E tu estavas tão furiosa porque ele pôs a tua rosa de papel no bolso do casaco! Não imaginavas sequer que te ias casar com ele."

"Pois é, isso foi outro caso de predestinação," riu-se Anne, enquanto desciam as escadas do sótão.

## Capítulo 2

### A casa de sonho

**Havia** mais excitação no ar em Green Gables do que alguma vez tinha havido durante toda a sua história. Até a Marilla andava tão excitada que não conseguia deixar de o demonstrar, o que era uma espécie de fenómeno.

"Nunca houve um casamento nesta casa," disse, meio a desculpar-se para a senhora Lynde. "Quando eu era pequena ouvi um pastor dizer que uma casa não era um verdadeiro lar enquanto não fosse consagrada por um nascimento, um casamento e uma morte. Já cá tivemos uma morte, o meu pai, e a minha mãe morreram cá, e o Matthew também, e até teve um nascimento. Há muitos anos, logo depois de termos vindo para cá morar, tivemos cá um empregado da lavoura casado, e a mulher dele teve cá um bebé. Mas nunca cá tivemos um casamento. É tão estranho, pensar que a Anne se vai casar. Ela de certa forma continua a parecer-me a menininha que o Matthew trouxe há catorze anos. Não me mentalizo que já cresceu. Nunca me hei-de esquecer do que senti quando vi que o Matthew tinha trazido uma rapariga. Por vezes pergunto-me o que terá sido feito do rapaz que teríamos adoptado se não tivesse havido aquele engano. O que terá sido o destino dele?"

"Bem, foi um engano abençoado," respondeu a senhora Lynde, "apesar de ter havido um tempo em que não achei que fosse, aquela tarde em que cá vim e ela nos fez aquela cena. Muitas coisas mudaram desde então, é o que é."

A senhora Rachel suspirou, e depois animou-se outra vez. Quando se tratava de casamentos, a senhora Rachel estava sempre pronta a deixar o passado morto e enterrado.

"Eu vou dar á Anne duas das minhas colchas de algodão," concluiu. "Uma com padrão de folha de tabaco, e outra de folha de macieira. Ela disse-me que estavam outra vez muito na moda. Bem, com modas ou sem elas, eu acho que não há nada mais bonito para um quarto de hóspedes do que uma bonita colcha tecida. Mas tenho que as mandar branquear. Eu guardei-as em fronhas de algodão desde que o Thomas morreu, e não há duvida que devem estar com uma cor horrível. Mas ainda falta um mês, e o branqueamento faz maravilhas."

Só um mês! Marilla suspirou e depois disse com orgulho:

"E eu vou dar á Anne meia dúzia de tapetes entrançados que tenho no sótão. Eu nunca pensei que ela os quisesse, são tão antiquados, e agora toda a gente quer tapetes de esmirna. Mas ela pediu-mos, disse que gostava mais deles do que de qualquer outra coisa para o chão da casa dela. E são bonitos. Eu fí-los dos retalhos mais bonitos, e entrancei-os ás riscas. Foi uma grande distracção nestes últimos invernos. E vou-lhe fazer doce de ameixa preta suficiente para um ano. Parece impossível. Aquelas ameixeiras há três anos que não davam fruta, e até pensei em mandá-las cortar. E esta última Primavera ficaram todas floridas, e deram tantas ameixas como eu nunca me lembro desde que cá estão."

"Pois é, ainda bem que a Anne e o Gilbert sempre se vão casar afinal. Eu sempre rezei para que acontecesse," disse a senhora Lynde, com o ar de quem tem a confortável certeza que as suas orações têm grande peso. "Foi um grande alívio para mim ver que ela afinal não quis o homem de Kingsport. Ele era rico e o Gilbert é pobre, isso é verdade, mas o Gilbert é um rapaz da ilha."

"Ele é o Gilbert Blythe," disse Marilla satisfeita.

Marilla teria morrido antes de admitir em palavras o pensamento que tinha sempre que via Gilbert desde que ele era pequeno; o pensamento que se não fosse pelo seu orgulho e teimosia há muito, muito tempo, ele podia ter sido o seu filho. Marilla sentia que de uma forma estranha, este casamento de Anne iria emendar o seu velho erro. Qualquer coisa de bom tinha saído do meio de toda aquela amargura antiga.

Quanto a Anne, estava tão feliz que quase se assustava. Os Deuses, como diz aquela superstição antiga, não gostam de ver os mortais muito felizes. Pelo menos é certo que alguns mortais não gostam. Dois deles apareceram a Anne num anoitecer violeta e trataram de fazer o que estava ao seu alcance para destruírem a aura de felicidade que a envolvia. Se ela achava que ia ter uma grande coisa naquele doutor Blythe, ou se imaginava que ele ainda estava tão apaixonado por ela como tinha estado nos seus anos mais humildes, era o seu dever esclarecê-la quanto a esse assunto. Estas senhoras compenetradas não eram contudo inimigas de Anne, gostavam até muito dela, e tê-la-iam defendido ante qualquer pessoa que a atacasse. A natureza humana não é obrigada a ser consistente.

A senhora Inglis, Jane Andrews de nascimento, para citar o Daily Enterprise, veio com a sua mãe e a senhora Jaspers Bell. Mas na Jane o leite

da gentileza humana ainda não tinha azedado por anos de amarguras matrimoniais. As suas frases tinham recaído sobre temas agradáveis. Apesar do facto, como diria a senhora Lynde, de ela ter casado com um milionário, o seu casamento era feliz. A riqueza não a tinha estragado. Ela era ainda a amigável, plácida, e rosada Jane do antigo quarteto, contente apenas com a felicidade dos seus amigos e muito interessada nos detalhes do enxoval de Anne, como se conseguisse rivalizar com o seu, de sedas e esplendores incrustados. A Jane não era brilhante, e provavelmente nunca tinha feito um comentário que valesse a pena ouvir em toda a sua vida; mas ela nunca diria fosse o que fosse que magoasse os sentimentos de alguém, o que pode ser um talento por defeito, mas que não deixa de ser raro e invejável.

"Então, o Gilbert afinal não te deixou depois de todos estes anos," disse a senhora Harmon Andrews, atribuindo ao seu tom de voz uma inflexão de surpresa. "Pois, os Blythe costumam ser homens de palavra, seja o que for que aconteça. Deixa-me ver, então tens vinte e cinco anos, não é verdade, Anne? Quando eu era uma rapariga os vinte e cinco eram a primeira etapa. Mas pareces muito jovem. As pessoas ruivas parecem sempre."

"O cabelo ruivo está agora muito na moda," disse Anne, tentando sorrir mas falando com uma certa frieza. Tinha desenvolvido com o tempo um certo sentido de humor que a ajudava em muitas dificuldades; mas mesmo nesta altura nada a apaziguava frente a uma referência ao seu cabelo.

"É verdade, é verdade," concordou a senhora Harmon. "Não há maneira de saber que esquisitices a moda vai adoptar a seguir. Bem, Anne as tuas coisas são muito bonitas, e muito adequadas á tua posição na vida, não é Jane? Espero que sejas muito feliz. Tens os meus sinceros desejos, certamente. Um noivado longo não costuma terminar bem. Mas claro, no teu caso não se podia evitar."

"O Gilbert parece muito novo para ser médico. Receio que as pessoas não tenham muita confiança nele," disse a senhora Jaspers pensativa. Então fechou a boca, como se achasse que tinha cumprido o seu dever e tivesse a consciência tranquila. Ela pertencia ao tipo de mulher que transporta sempre uma pena negra e afiada no chapéu, e caracóis de cabelo á volta do pescoço.

O prazer superficial de Anne nas suas coisas bonitas foi temporariamente ensombrado; mas as profundezas de felicidade por

debaixo não se deixavam perturbar, e os pequenos ferrões das madames Bell e Andrews foram esquecidos quando o Gilbert apareceu mais tarde e foram os dois passear até aos álamos do riacho, que tinham sido pequenos quando Anne chegara a Green Gables e agora eram colunas altas e claras num palácio encantado de estrelas e noite. Nestas sombras Gilbert e Anne falavam apaixonados da sua nova casa e vida em conjunto.

"Encontrei um cantinho para nós, Anne."

"Oh, onde? Não é dentro da vila, espero. Eu não gostava nada que fosse."

"Não. Não haviam casas disponíveis na vila. Esta é uma pequena casinha branca na costa do porto, a meio caminho entre Glen St. Mary e Four Winds Harbour. É um bocadinho afastada, mas quando tivermos telefone não vai ter grande importância. O sítio é lindo. Tem vista para o pôr-do-sol, e tem o enorme porto azul á frente. As dunas da praia não estão muito afastadas, os ventos que vêm do mar passam por cima delas e a maresia molha-a."

"Mas a casa, Gilbert, a nossa primeira casa? Como é que é?"

"Não é muito grande, mas é o suficiente para nós. Tem uma sala de estar esplêndida com uma lareira no andar de baixo, e uma sala de jantar que dá para o porto, e um pequeno quarto que vai dar para o meu escritório. Tem cerca de sessenta anos, a casa mais antiga de Four Winds. Mas tem sido bastante cuidada, foi toda arranjada há quinze anos, teve telhas novas, foi pintada e puseram um soalho novo. Foi bem construída de início. Parece-me que tem qualquer história romântica associada, mas a pessoa que ma alugou não sabia contar. Ele disse que o Capitão Jim é que ia saber dizer."

"Quem é o Capitão Jim?"

"O faroleiro do cabo de Four Winds. Tu vais adorar o farol de Four Winds, Anne. É giratório, e brilha como uma estrela na escuridão. Podemos vê-lo da janela da casa de estar e da porta da frente."

"E a casa é de quem?"

"Bem, é propriedade da igreja presbiteriana de Glen St. Mary, e eu aluguei-a aos administradores. Mas até há pouco tempo pertencia a uma senhora muito velha, a miss Elizabeth Russel. Ela morreu na Primavera passada, e como não tinha parentes deixou a propriedade á igreja. A mobília dela ainda está na casa, e comprei a maior parte por uma pechincha, porque

era tudo tão antigo que os administradores não tinham esperança de se verem livres daquilo. As pessoas de Glen St.

Mary preferem brocados e louceiros com espelhos e ornamentos, ao que parece. Mas a mobília da miss Russel é muito boa, e tive a certeza que ias gostar, Anne."

"Até agora tudo bem," disse Anne, acenando com uma certa cautela.

"Mas, Gilbert, as pessoas não vivem só de mobílias. Ainda não mencionaste uma coisa muito importante. Há lá árvores perto da casa?"  
"Oh, montes delas, dríade! Há uma grande pinhal por detrás, duas filas de álamos e um círculo de bétulas há volta de um jardim muito agradável. A nossa porta da frente dá para o jardim, mas há outra entrada, um pequeno portão pendurado entre dois pinheiros. A dobradiça está presa a um tronco e a fechadura a outro. Os ramos fazem um arco por cima dele."

"Oh, que bom! Eu não ia conseguir viver onde não houvessem árvores, qualquer coisa vital em mim ia esmorecer. Bem, depois disto tudo não vale a pena perguntar-te se há um riacho por perto. Isso seria esperar demais."

"Mas há mesmo um riacho, passa a um canto do jardim."

"Então," disse Anne com um grande suspiro de satisfação suprema, "esta casa que tu encontraste é a minha casa de sonho, e mais nenhuma."

## Capítulo 3

### A Terra dos Sonhos

"**Já** decidiste quem vais convidar para o casamento, Anne?" perguntou a senhora Rachel Lynde, enquanto bordava afincadamente uns guardanapos. "Já está na altura de mandares os convites, mesmo que sejam informais."

"Nós não vamos ter muitos convidados," disse Anne. "Nós só queremos aquelas pessoas de quem mais gostamos para assistirem ao nosso casamento. A família do Gilbert, o senhor e a senhora Allan, e o senhor e a senhora Harrison."

"Houve um tempo em que tu não terias mencionado o senhor Harrison entre os teus melhores amigos," disse Marilla secamente.

"Bem, eu não fiquei muito atraída por ele no nosso primeiro encontro," reconheceu Anne, rindo-se com a lembrança. "Mas o senhor Harrison melhorou com a convivência e a senhora Harrison é muito querida. Depois, claro, há a miss Lavender e o Paul."

"Eles decidiram vir á ilha este Verão? Pensei que fossem á Europa." "Mudaram de ideias quando lhes escrevi a dizer que me ia casar. Recebi uma carta do Paul ontem. Ele diz que tem que vir ao meu casamento, seja o que for que aconteça na Europa."

"Essa criança sempre te idolatrou," comentou a senhora Rachel.

"Essa criança é um homem de dezanove anos, senhora Lynde."

"Como o tempo voa!" foi a resposta brilhante e original da senhora Lynde.

"A Charlotta a Quarta deve vir com eles. Ela mandou recado pelo Paul que gostava de vir se o marido a deixasse. Será que ele ainda usa aqueles enormes laços azuis, e será que lhe chama Charlotta ou Leonora? Eu adorava ter a Charlotta no meu casamento. Eu e ela estivemos num casamento há tantos anos. Eles contam estar em Echo Lodge na próxima semana. Depois há o Phil e o Reverendo Jo..." "Parece-me tão mal ouvir-te falar assim de um reverendo, Anne," disse a senhora Rachel severamente.

"A mulher dele chama-o assim."

"Então devia ter mais respeito pelo serviço sagrado que ele presta," respondeu a senhora Lynde.

"Também já a ouvi criticar pastores com bastante dureza," desafiou-a Anne.

"Sim, mas eu faço-o com respeito," protestou a senhora Rachel. "Nunca me ouviste tratar um pastor por um diminutivo."

Anne sorriu e continuou.

"Bem, e há a Diana e o Fred, e o pequeno Fred e a Anne Cordélia, e a Jane Andrews. Eu gostava que viessem a Miss Stacy, a tia Jamesina e a Priscilla e a Stella. Mas a Stella está em Vancouver, a Pris está no Japão, a miss Stacy casou para a Califórnia e a tia Jamesina está na Índia a explorar a missão da filha, apesar do horror que tem a cobras. É terrível a forma como as pessoas se espalham pelo planeta."

"O Senhor nunca quis tal coisa, é o que é," disse a senhora Lynde com autoridade. "Quando eu era nova as pessoas casavam e viviam onde tinham nascido, ou ao pé. Ainda bem que te ficaste pela Ilha, Anne. Eu tinha receio que o Gilbert insistisse em ir para um dos sete cantos do mundo quando acabasse a faculdade, e te arrastasse com ele."

"Se toda a gente ficasse onde nascia, os sitios não tardavam a ficar cheios senhora Lynde."

"Oh, eu não vou discutir contigo, Anne. Eu não sou uma Bacharel em Artes. Em que altura do dia vai ser a cerimônia?"

"Nós decidimo-nos pela tarde, tarde alta, como dizem os repórteres de sociedade. Assim vamos ter tempo de apanhar o comboio do fim da tarde para Glen St. Mary."

"E vais casar na sala de visitas?"

"Não, a não ser que chova. Nós queremos casar no pomar com o céu azul por cima e o sol á nossa volta. Sabe onde e quando eu gostava de me casar, se pudesse? Ao nascer do sol, em Junho, numa aurora gloriosa e com rosas a florir no jardim; eu ia ter com o Gilbert e iamos juntos até ao coração do bosque de bétulas, e ali, debaixo dos ramos verdes arqueados como a cúpula de uma catedral, casávamos. "Ora senhora Lynde, pareceu ficar chocada."

"Mas isso seria terrivelmente estranho, Anne. Nem sequer pareceria legal. E o que é que diria a senhora Harmon Andrews?"

"Ah, ai está o problema," suspirou. "Há tanta coisa que não podemos fazer por causa do que a senhora Harmon Andrews podia dizer. 'Não é verdade', 'Não é uma pena', e 'Que pena que', e 'Verdade que'. Que coisas maravilhosas que poderíamos fazer se não fosse a senhora Harmon Andrews!"



"Há alturas, Anne, em que não tenho a certeza se te percebo de todo," queixou-se a senhora Lynde.

"A Anne foi sempre muito romântica, sabes," disse Marilla em jeito de desculpa.

"Pois, a vida de casada vai certamente curá-la disso," respondeu reconfortante a senhora Lynde.

Anne riu-se e saiu para a alameda dos apaixonados onde o Gilbert a encontrou, e nenhum dos dois parecia ter muito medo ou esperança que a vida de casados os curasse do romance.

Os habitantes de Echo Lodge chegaram na semana seguinte, e Green Gables encheu-se de alegria. A miss Lavender tinha mudado tão pouco que os últimos três anos desde que visitara a ilha pareciam ter passado numa noite; mas Anne surpreendeu-se com Paul. Poderia este esplêndido pedaço de homem ser o pequeno Paul da escola de Avonlea?

"Tu fazes-me mesmo sentir velha, Paul," disse Anne. "Tenho que olhar para cima para te ver bem!"

"Você nunca vai ficar velha, Professora," disse Paul. "É um dos mortais afortunados que bebeu da fonte da juventude, você e a mãe Lavender. E mais! Quando for casada não lhe vou chamar senhora Blythe. Para mim será sempre a Professora, a Professora das melhores lições que aprendi. Quero mostrar-lhe uma coisa."

A "coisa" era um livro de bolso cheio de poemas. O Paul tinha posto muitas das suas lindas ideias em versos, e os editores de revistas não tinham sido tão depreciativo como por vezes os acusam. Anne leu deliciada os poemas de Paul. Estavam repletos de encanto e perspectiva.

"Tu ainda vais ser famoso, Paul. Eu sonhei sempre ter um aluno famoso. Ele seria presidente de um colégio, mas um grande poeta seria ainda melhor. Um dia vou poder gabar-me de ter dado uma réguada no famoso Paul Irving. Mas eu nunca te dei nenhuma, pois não Paul? Como é que fui perder uma oportunidade dessas! Mas acho que te deixei de castigo umas vezes."

"Você também vai ser famosa, Professora. Tenho visto bastantes trabalhos seus nestes últimos três anos."

"Não. Eu sei o que consigo fazer. Eu posso escrever trabalhos bonitos e imaginativos de que as crianças gostam e os editores pagam. Mas não consigo fazer nada maior. A minha única hipótese de imortalidade é num canto nas tuas memórias."

Charlotta a Quarta tinha abandonado os laços azuis mas aparentemente não tinha menos sardas.

"Eu nunca pensei vir a casar com um Ianque, miss Shirley, minha senhora," disse. "Mas nós nunca sabemos o que temos destinado, e a culpa não é dele. Ele nasceu assim."

"Tu também és uma Ianque Charlotta, uma vez que te casaste com um." "Miss Shirley, minha senhora, não sou não! E não era nem que me casasse com uma dúzia deles. O Tom é muito bom. E além disso, eu tentei não ser muito difícil, porque podia não ter outra oportunidade. O Tom não bebe, e não resmunga porque tem que trabalhar entre as refeições, e depois de tudo estou satisfeita, miss Shirley, minha senhora."

"Ele chama-te Leonora?" perguntou a Anne.

"Por Deus, não, miss Shirley, minha senhora. Eu não ia saber que era eu, se o fizesse. Claro que quando casámos ele teve que dizer 'Aceito-te Leonora', e posso dizer-lhe, miss Shirley, minha senhora, que tive desde aí a desconfortável sensação que ele não estava a falar para mim e que não fiquei casada como deve ser. E agora é você que se vai casar, miss Shirley, minha senhora? Eu sempre pensei que gostava de me casar com um médico. Ia ser prático quando as crianças tivessem papeira ou crupe. O Tom é pedreiro, mas ele tem muito bom feitio. Quando eu lhe disse 'Tom, posso ir ao casamento da miss Shirley? Eu tenho ideia de ir de qualquer forma, mas gostava de ter o teu consentimento', ele disse só, 'Faz o que entenderes Charlotta, que eu fico bem'. E isso é muito agradável num marido, não acha, miss Shirley, minha senhora?"

Phillipa e o reverendo Jo chegaram a Green Gables no dia antes do casamento. Anne e Phill tiveram um encontro delicioso que acabou por se tornar numa conversa calma e cheia de confidências sobre tudo o que se passara, e o que havia de se passar.

"Rainha Anne, estás tão majestosa como sempre. Eu emagreci imenso desde que tive os bebés. Não tenho metade da beleza que tinha, mas eu acho que o Jo gosta mais assim. Já não fazemos tanto contraste, sabes. E, oh, é magnífico que vás casar com o Gilbert. O Roy Gardner não teria servido para ti, de todo. Agora vejo isso, apesar de ter ficado desapontada na altura. Sabes, Anne, trataste muito mal o Roy."

"Mas penso que ele já recuperou," sorriu Anne.

adorável O Jo e a e sao Biblia "Oh, sim. Ele casou e a mulher dele é uma pessoa perfeitamente felizes. Acabou tudo da melhor maneira. dizem

isso, e são autoridades no assunto."

"O Alec e o Alonzo já casaram?"

dias na Patty's "O Alec sim, mas o Alonzo não. Como recorde aqueles Place quando converso contigo, Anne! Como nos divertíamos!"

"E tens ido á Patty's Place ultimamente?"

"Oh, sim, vou lá muito. A miss Patty e a miss Maria ainda se sentam á lareira a tricotar. E isso lembra-me que te trago um presente de casamento delas, Anne. Adivinha só o que é."

"Não sou capaz. E como é que elas souberam que eu ia casar?"

"Oh, eu disse-lhes. Eu estive lá na semana passada. E elas ficaram tão interessadas. Há dois dias a miss Patty escreveu-me a pedir que lá fosse, e perguntou-me se te trazia um presente. O que é que tu mais gostavas da Patty's Place, Anne?"

"Não queres dizer que a miss Patty me mandou os cães de porcelana?"

"Isso mesmo. Estão na minha mala neste mesmo instante. E tenho uma carta para ti. Espera um momento que já ta trago."

"Querida miss Shirley," tinha escrito a miss Patty, "a Maria e eu ficámos muito interessadas nas suas núpcias que se aproximam. Desejamos-lhes as maiores felicidades. A Maria e eu nunca nos casámos, mas não temos objecções a que outras pessoas o façam. Enviamos-lhe os cães de porcelana. Eu tinha ideia de lhos deixar em testamento, uma vez que tinha tanto afecto por eles. Mas a Maria e eu ainda esperamos viver um bom bocado, e por isso decidimos dar-lhe os cães enquanto ainda é nova. Concerteza não se esqueceu que o Gog olha para a direita e o Magog olha para a esquerda."

"Imagina só, aqueles maravilhosos cães antigos na minha lareira, na minha casa de sonho," disse Anne encantada. "Eu nunca esperei nada tão maravilhoso."

Nessa tarde, Green Gables zunia com preparativos para o dia seguinte, mas ao anoitecer Anne desapareceu. Ela tinha uma pequena peregrinação a fazer neste seu último dia de solteira, e queria fazê-la sozinha. Foi á campa de Matthew, no pequeno cemitério de Avonlea, ensombrado pelas bétulas, e lá ficou em silêncio com as suas recordações e amores imortais."

"Como ficaria contente amanhã se cá estivesse," murmurou. "Mas eu acredito que ele sabe e que está feliz por mim, nalgum lugar. Eu li nalgum lado que 'os mortos nunca morrem enquanto alguém se lembra deles'. O Matthew nunca vai estar morto para mim porque eu nunca o esquecerei."

Ela deixou na campa dele as flores que tinha trazido, e caminhou lentamente colina abaixo. Era uma tarde bonita, cheia de luzes e sombras cambiantes. A oeste estendia-se um céu de nuvens âmbar e carmim, com longas bandas de céu verde pálido entre elas. Mais além, a radiância do mar ao pôr-do-sol, e a voz incessante de muitas águas elevava-se da costa. À sua volta, por entre o maravilhoso silêncio campestre, elevavam-se os montes e campos e bosques que ela conhecia e tanto amava há tantos anos.

"A História repete-se", disse Gilbert, juntando-se a ela quando passou pelo portão dos Blythe. "Lembras-te do nosso primeiro passeio por este monte, Anne, o nosso primeiro caminho juntos para onde quer que fosse?"

"Eu regressava a casa da campa de Matthew ao anoitecer, e tu saíste do portão; e eu engoli o orgulho de anos e falei-te."

"E todas as portas do céu se abriram á minha frente," acrescentou Gilbert. "Desde essa altura que esperto o dia de amanhã. Quando te deixei ao teu portão nessa noite e voltei a casa eu era o rapaz mais feliz do mundo. A Anne tinha-me perdoado."

"Eu acho que tu tinhas mais a perdoar. Eu era uma miúda ingrata, e depois de tu me teres salvo a vida naquele dia no lago. Como eu odiei aquela dívida no início! Eu não mereço a felicidade que tenho."

Gilbert riu-se e apertou com mais força a mão feminina que usava o seu anel. O anel de noivado de Anne era um pequeno diadema de pérolas. Ela tinha-se recusado a usar um diamante.

"Eu nunca mais gostei de diamantes, desde que descobri que não eram lilases como eu pensava. Eles vão-me sempre lembrar essa desilusão antiga."

"Mas as pérolas são como lágrimas, diz a velha lenda," tinha contraposto Gilbert.

"Eu não tenho medo disso. E as lágrimas podem ser de felicidade tanto como de tristeza. Os meus momentos mais felizes foram com lágrimas nos olhos, quando a Marilla me disse que podia ficar em Green Gables, quando o Matthew me deu o primeiro vestido bonito que tive, quando soube que tu ias recuperar da febre. Por isso dá-me pérolas no nosso anel de noivado, Gilbert, que eu aceito as mágoas da vida, juntamente com as alegrias."

Mas naquela noite os nossos apaixonados pensaram apenas em felicidade e não em mágoas. Porque de manhã seria o dia do seu casamento, e a sua casa de sonho aguardava-os na costa envolta nas brumas lilases de Four Winds Harbour.

## Capítulo 4

### A primeira noiva de GREEN GABLES

**Anne** acordou na manhã do seu casamento para encontrar a luz do sol piscando através da janela do pequeno quarto do sótão, e uma brisa de Setembro a brincar com as suas cortinas.

"Fico tão contente por ter o sol a brilhar para mim," pensou feliz.

Ela lembrou-se da primeira manhã em que acordara naquele quarto, quando o sol se insinuara em cima dela através das flores da velha rainha da Neve. Esse não tinha sido um despertar alegre, porque tinha trazido a amarga desilusão da noite anterior. Mas desde essa altura que o pequeno quarto do sótão tinha sido querido e consagrado por anos de felizes sonhos infantis e imaginações de juventude. Para ele, ela voltara feliz depois de todas as suas ausências; á sua janela se ajoelhara naquela noite de agonia quando acreditava que Gilbert estava a morrer, e nele se tinha sentado numa felicidade sem palavras na noite em que aceitara casar com ele. Muitas vigílias de felicidade e algumas de mágoa tinham ali tido lugar, e hoje ia deixá-lo para sempre. Daí para a frente já não seria seu; a Dora de quinze anos iria herdá-lo quando ela se fosse. Nem Anne queria outra coisa; o pequeno quarto era um espaço de juventude e meninice, e o passado iria hoje fechar-se e dar lugar a uma nova vida como esposa.

Green Gables era uma casa alegre e atarefada nessa manhã. A Diana chegou cedo, com o pequeno Fred e a pequena Anne Cordélia, para ajudar. O Davy e a Dora, os gémeos de Green Gables, levaram as crianças para o jardim.

"Não deixes a pequena Anne Cordélia sujar as roupas," avisou ansiosamente Diana.

"Não precisas de ter receio de a entregares á Dora," disse Marilla. "Essa criança é mais sensata e cuidadosa que a maioria das mães que conheço. É mesmo admirável em muitos aspectos. Não tem nada a ver com aquela outra destrambelhada que eu criei."

Marilla sorriu por cima da sua salada de galinha para Anne. Até se poderia suspeitar que afinal gostava mais da destrambelhada.

"Aqueles gémeos são umas crianças muito simpáticas," disse a senhora Rachel, quando teve a certeza que já não ouviam. "A Dora é muito adulta e

prestável, e o Davy está-se a tornar num menino muito esperto. Ele já não é o terror que costumava ser."

"Eu nunca estive tão ocupada na minha vida como nos primeiros seis meses que cá os tive," admitiu Marilla. "Depois disso acho que me habituei a ele. Ele tem aprendido muito sobre agricultura ultimamente e quer que eu o deixe tomar conta da quinta no ano que vem. Eu se calhar até deixo, porque o senhor Barry não pensa querer arrendá-la muito mais tempo, e tem que se decidir qualquer outra coisa."

"Bem, tu de certeza que vais ter um belo dia para o teu casamento, Anne," disse Diana, enquanto punha um enorme avental por cima do seu vestido de seda. "Tu não tinhas conseguido um melhor se o tivesses encomendado num catálogo."

"E de facto há muito dinheiro que sai desta ilha por causa dessa mania das encomendas," disse indignada a senhora Lynde. Ela tinha uma opinião muito vincada sobre esse tipo de comércio, e não perdia uma oportunidade de a exprimir. "E aqueles catálogos, são a biblia das raparigas de Avonlea hoje em dia, é o que é. Ficam a vê-los nos Domingos em vez de lerem as Escrituras."

"Sim, mas são esplêndidos para entreter as crianças. O Fred e a pequena Anne Cordélia estão horas a olhar para as imagens."

"Eu entretive dez crianças sem a ajuda de nenhum catálogo," disse severamente a senhora Lynde.

"Vá lá, vocês as duas, não discutam por causa dos catálogos," disse Anne alegremente. "Este é o meu dia, sabem. Estou tão feliz que quero que toda a gente esteja feliz também."

"E eu espero que a tua felicidade dure, minha filha," suspirou a senhora Rachel. Ela esperava-o de facto e acreditava nisso, mas achava que era como um desafio à Providência, quando se exprimia a felicidade de uma forma muito aberta. Anne, para seu próprio bem, tinha que se moderar um pouco.

Mas foi uma noiva linda e feliz que desceu as velhas escadas naquele meio-dia de Setembro, a primeira noiva de Green Gables, elegante e de olhos brilhantes, na penumbra do seu véu, e com os braços cheios de rosas. Gilbert, que a esperava na entrada lá em baixo, olhou para ela com uma expressão de adoração. Ela era por fim sua, esta Anne evasiva, muito desejada, ganha depois de muitos anos de espera paciente. Era para ele que

ela vinha vestida de noiva. Será que ele a merecia? Conseguiria fazê-la tão feliz como esperava?

Se ele falhasse, se ele não conseguisse estar á altura dos seus ideais de masculinidade, quando ela lhe deu a mão os seus olhos cruzaram-se e todas as dúvidas se varreram da sua mente numa certeza feliz. Eles pertenciam um ao outro, e fosse o que fosse que a vida lhes reservasse não poderia alterar isso. A felicidade de cada um deles estava nas mãos do outro e ambos estavam confiantes.

Casaram-se debaixo do sol, no velho pomar, rodeados pelos rostos gentis e carinhosos dos seus amigos de longa data. O senhor Allan casou-os, e o reverendo Jo fez o que a senhora Lynde mais tarde definiu como a mais bela oração de matrimônio que ela já alguma vez ouvira. As aves não costumam cantar em Setembro, mas uma cantou docemente nalgum ramo escondido enquanto Gilbert e Anne repetiam os seus votos eternos. Anne ouviu-a e arrepiou-se; Gilbert ouviu-a e perguntou-se como é que todas as aves do mundo não se lhe juntavam numa canção de júbilo; Paul ouviu-a e mais tarde escreveu um poema sobre ela que foi dos mais admirados do seu primeiro volume de versos; Charlotta a quarta ouviu-a e sentiu-se confiante que significava boa sorte para a sua adorada miss Shirley. A ave cantou até que a cerimónia terminou, e então rematou com um gorjeio louco de alegria. Nunca antes a velha casa verde tinha nos seus pomares envolventes conhecido tamanha alegria. Todas as velhas piadas e ditos que são típicos dos casamentos desde o tempo do Éden foram ouvidos, e pareciam tão novos e divertidos como se nunca tivessem sido pronunciados. O riso e a alegria imperaram, e quando Anne e Gilbert partiram para apanhar o comboio para Carmody, com o Paul como condutor, os gémeos estavam a postos com arroz e sapatos velhos, com uma grande colaboração de Charlotta a Quarta e do senhor Harrison no que diz respeito ao arremesso.

Marilla ficou ao portão e viu a carruagem sair do seu campo de visão através da longa alameda com os seus molhos de ervas e flores. Anne virou-se no final para lhe acenar um último adeus. Ela tinha-se ido embora - Green Gables já não era o seu lar; o rosto de Marilla tornou-se cinzento e envelhecido quando se virou para a casa que Anne tinha enchido, mesmo na sua ausência, durante catorze anos de luz e de vida. Mas Diana e os seus pequenos, as pessoas de Echo Lodge e os Allans ficaram para ajudar as velhas senhoras na solidão daquela primeira noite; e contribuíram para que tivessem um jantar bastante agradável e calmo, sentados á volta da mesa

conversaram sobre os pormenores do dia. E enquanto todos ainda lá estavam sentados, Anne e Gilbert desciam-se do comboio em Glen St. Mary.



## Capítulo 5

### A chegada a casa

**O Doutor** David Blythe tinha mandado o seu cavalo e buggy para os ir buscar, e o miúdo que os trouxe foi-se embora com um sorriso, deixando-os com o prazer de condizirem sozinhos até à sua nova casa através da tarde radiante.

Anne nunca se esqueceu da beleza da vista que se abriu perante eles quando passaram o monte por trás da aldeia. A sua nova casa ainda não se via, mas á sua frente estendia-se Four Winds Harbour, como um grande espelho radiante de rosa e prata. Mais abaixo, ela viu a sua entrada, entre uma barra de dunas de areia e um penhasco vermelho, ingreme e alto.

Para além da barra, o mar calmo e austero, sonhava ao anoitecer. A pequena aldeia de pescadores, aninhada numa cova onde as dunas de areia se encontravam com o mar, parecia uma opala por entre a neblina. O céu parecia uma grande taça cravejada de jóias, da qual brotava o anoitecer; o ar estava fresco com o aroma agradável do mar, e toda a paisagem estava embebida nas delicadezas de uma noite da praia. Alguns barcos longínquos deslocavam-se á volta da costa já escura, debruada de pinheiros. Ouvia-se tocar um sino na torre de uma pequena igreja branca no lado mais afastado; doce e sonhadamente, o som propagava-se por cima da água e misturava-se com o murmúrio do mar. O grande farol giratório no penhasco iluminava a noite, quente e dourado contra o grande e limpo céu do norte, uma estrela trémula e palpitante de boa esperança. Mais ao longe no horizonte estava uma fita amarrotada e cinzenta testemunhando a passagem de um barco a vapor.

"Oh, lindo, lindo," murmurou Anne. "Eu vou adorar Four Winds Harbour, Gilbert. Onde é a nossa casa?"

"Ainda não se vê, o circulo de bétulas que está ali naquela cova esconde-a. Está a cerca de três quilômetros de Glen St. Mary, e está a cerca de um quilómetro e meio do farol. Não vamos ter muitos vizinhos, Anne. Só há uma casa perto da nossa e eu não sei quem lá vive. Vais-te sentir sozinha quando eu não estiver?"

"Com aquele farol e esta beleza toda para companhia não. Quem vive naquela casa, Gilbert?"

"Não sei. Não me parece que os ocupantes daquela casa sejam espiritos afins, Anne, não achas?"

A casa era grande e substancial, pintada com um verde tão vivo que a paisagem parecia desbotada com o contraste. Havia um pomar por detrás, e um relvado bem tratado á frente, mas de certa forma o conjunto tinha um certo vazio. Talvez a ordem fosse responsável por isso; todo o conjunto, casa, celeiro pomar, jardim, relvado e alameda estavam impecavelmente limpos e arrumados.

"Não me parece provável que alguém com este gosto para a tinta possa ser um espirito muito afim," reconheceu Anne, "a não ser que tenha sido um acidente, como o nosso salão azul. Mas de certeza que aqui não há crianças, pelo menos. Está mais limpo que a casa das Copp na velha estrada dos Conservadores, e eu nunca pensei ver uma casa mais limpa que aquela."

Eles não se tinham cruzado com ninguém na estrada vermelha e húmida que percorria a costa do porto. Mas logo antes de chegarem ao circulo de bétulas que escondia a casa deles, Anne viu uma rapariga que conduzia um conjunto de gansos brancos como a neve através do cume de um monte verde á sua direita. Grandes pinheiros espalhados cresciam á sua volta. Entre os seus troncos vislumbrava-se o amarelo de campos cultivados, o dourado de dunas de areia, e pedaços de mar azul. A rapariga era alta e usava um vestido de tecido azul claro. Ela caminhava com ligeireza e um certo porte altivo. Ela e os seus gansos saíram por um portão no sopé do monte quando Anne e Gilbert passaram. Ela ficou com a mão no fecho do portão, e olhou directamente para eles com uma expressão que denotava algum interesse mas não chegava a ser curiosidade. Pareceu a Anne, por um instante, que havia um tom de hostilidade velada nela. Mas foi a beleza da rapariga que fez com que Anne soltasse um suspiro, uma beleza tão marcada que teria atraído atenção onde quer que fosse. Ela não trazia chapéu, mas grossas tranças de cabelo da cor de trigo maduro, estavam torcidas á volta da cabeça dela como uma coroa; os seus olhos eram azuis e brilhantes, e o seu corpo, no seu simples vestido, era magnifico. Os seus lábios eram vermelhos como o ramo de papoilas que levava á cintura.

"Gilbert, quem é esta rapariga por quem passámos?" perguntou Anne em voz baixa.

"Eu não vi rapariga nenhuma," disse Gilbert, que só tinha olhos para a noiva dele.

"Ela estava ali ao portão - não, não olhes para trás. Ela ainda nos está a ver. Eu nunca vi um tosto tão lindo."

"Eu não me lembro de ver raparigas particularmente bonitas quando aqui estive. Há algumas raparigas bonitas em Glen, mas não acho que se possam considerar lindas."

"Esta rapariga é. Tu não a podes ter visto, senão lembravas-te. Ninguém a consegue esquecer. Eu nunca vi um rosto assim, a não ser em pinturas. E o cabelo dela! Fez-me lembrar a 'cobra fantástica' de Browning!"

"Provavelmente é alguma visita em Four Winds, alguém daquele grande hotel de Verão lá do porto."

"Ela estava de avental e conduzia gansos."

"Podia fazer isso por divertimento. Olha, Anne, ali está a nossa casa."

Anne olhou e esqueceu-se por um tempo da rapariga e o seu olhar ressentido e esplêndido. O primeiro vislumbre da sua casa foi uma delícia para os olhos e para o espírito, de tanto que parecia uma grande e leitosa concha pregada na costa do porto.

As filas de altos álamos na alameda erguiam-se com magníficas silhuetas contra o céu. Atrás deles, protegendo o jardim da brisa forte do mar, estava um denso bosque de pinheiros, no qual o vento fazia todo o tipo de música estranha. Como todos os bosques, parecia guardar segredos nos seus recessos, segredos cujo encanto só se conhece se se entrar e procurar pacientemente. Do exterior, braços verde escuros guardavam-no, inviolável por olhos curiosos ou indiferentes.

Os ventos da noite começavam as suas danças selvagens para além da barra e a povoação de pescadores no porto estava cheia de luzes quando Anne e Gilbert atravessaram a alameda. A porta da pequena casa abriu-se e o brilho quente da luz do lume brilhou no escuro. Gilbert desceu Anne do buggy, e encaminhou-a para o jardim, através do pequeno portão entre os troncos dos pinheiros, e pelo caminho de areia avermelhada até ao degrau da entrada.

"Bem vinda a casa," murmurou, e de mão dada passaram a ombreira da sua casa de sonho.

## Capítulo 6

### O Capitão JIM

**O 'velho** doutor Dave' e a 'senhora do doutor Dave' tinham vindo á pequena casa do porto saudar a noiva e o noivo.

O doutor Dave era um velhote grande, alegre e de bigodes brancos, e a esposa era uma senhora de faces rosadas e cabelo cor de prata que meteu Anne no coração assim que a viu, em sentido literal e figurativo.

"Estou tão feliz por te conhecer, querida. Deves estar muito cansada. Nós fizemos o jantar e o Capitão Jim trouxe-lhes uma truta. Capitão Jim, onde está? Oh, ele deve ter ido tratar do cavalo. Venha lá a cima para se pôr à vontade."

Anne olhou á sua volta com olhos brilhantes e apreciativos enquanto seguiu a senhora do doutor Dave lá acima. Ela gostou muito da aparência da sua nova casa. Parecia ter o ambiente de Green Gables e o sabor das suas velhas tradições.

"Acho que teria achado a miss Elizabeth Russel um espírito afim," murmurou quando ficou sozinha no quarto. Este tinha duas janelas, a da parede dava para o porto, para a barra de areia e para o farol de Four Winds.

"Uma fenda mágica abrindo-se na espuma de perigosos mares e terras de fadas forlorn"

citou Anne suavemente. A janela do tecto dava para um pequeno vale cultivado no qual corria um riacho. A cerca de setecentos metros do riacho estava a única casa que se avistava, uma casa velha e cinzenta rodeada por enormes salgueiros através dos quais as janelas espreitavam como olhos tímidos e inquisidores para a escuridão. Anne perguntou-se quem viveria ali - eles seriam os seus vizinhos mais próximos, e ela esperava que fossem simpáticos. Deu subitamente por si a pensar na linda rapariga dos gansos.

"O Gilbert acha que ela não é daqui," pensou, "mas eu tenho a certeza que é. Há qualquer coisa nela que é parte do mar e do céu e do porto. Four Winds está-lhe no sangue."

Quando Anne desceu Gilbert estava em frente da lareira a conversar com um estranho. Ambos se voltaram quando Anne entrou.

"Anne, este é o Capitão Boyd. Capitão Boyd, esta é a minha esposa."

Foi a primeira vez que Gilbert disse 'a minha esposa' a outra pessoa que não Anne, e foi por pouco que escapou de rebentar de orgulho. O velho

capitão estendeu uma mão forte a Anne; sorriram um para o outro e ficaram amigos desde esse momento. Um espírito afim reconheceu o outro num instante.

"Estou mesmo contente por a conhecer, senhora Blythe; e espero que seja tão feliz aqui como a primeira noiva que para cá veio. Eu não lhe consigo desejar melhor que isso. Mas o seu marido não nos apresentou como deve ser. 'Capitão Jim' é o meu nome de todos os dias, e mais vale começar agora porque vai acabar por me chamar assim. A senhora é com certeza uma bela noiva. Olhar para si faz-me sentir como se fosse eu que tivesse acabado de me casar."

Entre o riso que se seguiu a esposa do doutor convidou o capitão Jim a ficar com eles para o jantar.

"Muito obrigado. Vai ser uma verdadeira delícia, senhora. Eu tenho sempre que comer as minhas refeições sozinho, com o reflexo da minha cara velha e feia no espelho da frente por companhia. Não é muitas vezes que tenho oportunidade de me sentar com duas senhoras bonitas e simpáticas."

Os elogios do Capitão Jim podem parecer simples no papel, mas ele fê-los com tanta deferência e graça que qualquer mulher a quem fossem dirigidos se sentiria uma rainha recebendo um tributo real.

O Capitão Jim era um velhote com uma grande alma e uma mente simples, e com eterna juventude no olhar e no coração. Era alto e um pouco desajeitado, curvado de certa forma, mas sugeria grande força e resistência; um rosto muito bem barbeado de linhas marcadas e bronzeado, um denso cabelo cinzento que lhe chegava quase aos ombros e um par de olhos extraordinariamente azuis, profundos que por vezes faiscavam, por vezes sonhavam, e por vezes observavam o mar com uma busca desejosa, como quem procura algo precioso e perdido.

Anne iria um dia saber o que procurava o Capitão Jim.

Não se podia negar que o Capitão Jim era um homem feio. Os seus maxilares aguçados, a boca rasgada e as sobrancelhas carregadas não estavam de acordo com os ideais de beleza; e ele tinha passado por muita dureza e mágoa que lhe tinha marcado o corpo, tanto quanto a alma; e apesar de à primeira vista Anne o ter achado simples, ela nunca mais o viu dessa forma, porque o espírito que brilhava através dele o embelezava plenamente.

Eles reuniram-se alegremente á volta da mesa do jantar. A lareira expulsara o frio da noite de Setembro, mas a janela da casa de jantar estava aberta e a brisa do mar entrava á vontade. A vista era magnífica, compreendendo o porto e o conjunto de montes pequenos e arroxeados mais abaixo. A mesa estava repleta das iguarias da esposa do velho doutor, mas a peça que mais se evidenciava era sem dúvida a travessa de trutas.

"Pareceu-me que elas seriam saborosas depois de uma viagem," disse o Capitão Jim. "Não podiam ser mais frescas. Ainda há duas horas nadavam no lago do Glen."

"Quem está hoje a tomar conta do farol, Capitão Jim?" perguntou o doutor Dave.

"O meu sobrinho Alec. Ele percebe disso como eu. Bem, pois fiquei mesmo contente de me terem convidado para jantar. Eu tenho fome, hoje não tive grande almoço."

"Eu acho que você quase que se mata á fome naquele farol," disse severamente a senhora do doutor Dave. "Não se dá ao trabalho de fazer uma refeição como deve ser."

"Oh, mas faço, minha senhora, mas faço," protestou o capitão Jim. "Eu normalmente vivo como um rei. Ontem fui ao Glen e trouxe quase um quilo de bifés. Eu queria ter um almoço de estalo hoje."

"E o que é que aconteceu ao bife?" perguntou a senhora. "Perdeu-o no caminho para casa?"

"Não." O Capitão Jim pareceu embaraçado. "Mesmo quando me ia deitar um pobre cão veio ter comigo pedir alojamento para a noite. Parece-me que pertencia a algum pescador da costa. Eu não o podia deixar na rua, o pobre tinha uma pata magoada. Por isso fechei-o no alpendre, com um saco velho para se deitar, e fui para a cama. Mas não conseguia dormir. Para dizer a verdade, não me esquecia que o cão parecia esfomeado."

"E você levantou-se e deu-lhe bife, todos os bifés," disse a senhora com uma espécie de triunfo reprovador.

"Sim, mas não tinha mais nada para lhe dar," disse o Capitão Jim. "Nada que um cão fosse comer, pelo menos. E parece-me que ele estava mesmo esfomeado, comeu-o de duas dentadas. Eu dormi muito bem de noite, mas o meu almoço ficou um bocado curto, batatas e pronto. O cão foi para casa esta manhã. Parece-me que ele não era vegetariano."

"Que ideia, passar fome por causa de um cão sem valor!" resmungou a senhora Dave.

"A senhora não sabe, mas ele pode valer muito para alguém," protestou o Capitão Jim. "Ele não tinha grande aspecto, mas nós não podemos fiar-nos só no aspecto quando julgamos um cão. Ele podia ser uma beleza por dentro, como eu. O First Mate não aprovou, é verdade. Ele nem sequer o cumprimentou. Mas o First Mate é preconceituoso. Não vale a pena pedir a um gato opinião sobre um cão. E por isso perdi o meu almoço, e esta mesa nesta maravilhosa companhia é muito agradável. É uma grande coisa ter bons vizinhos."

"Quem vive naquela casa por trás dos salgueiros ao pé do riacho?" perguntou Anne.

"A senhora Dick Moore," disse o Capitão Jim, "e o marido," adicionou, como se se recordasse depois.

Anne sorriu, e formou uma imagem mental da senhora Moore pela forma como o Capitão Jim falou dela; evidentemente era uma segunda senhora Lynde.

"Você não tem muitos vizinhos, senhora Blythe," continuou o Capitão Jim. "Este lado do porto não é muito habitado. A maior parte dos terrenos são do senhor Howard lá para cima do Glen, e ele arrenda-os para pastagem. A outra parte do porto é que tem muita gente, especialmente MacAllisters. Há lá uma colónia deles, não se pode atirar uma pedra que não se atinja um. Eu estava na conversa com o velho Leon Blacquiere no outro dia. Ele tem trabalhado todo o Verão no porto." 'Eles têm-nos lá de todos os géneros', disse-me. Há um Neil MackAllister, e uma Sandy MackAllister, e um William MackAllister, e Angus MackAllister, e Alec MackAllister, até me parece que há um Diabo MackAllister."

"Mas também há muitos Elliots e Crawfords," disse o doutor Dave, depois do riso ter esmorecido.

"Sabes, Gilbert, nós deste lado de Four Winds temos um ditado: 'Da vaidade dos Elliots, do orgulho dos MacAllisters e da vanglória dos Crawford, Deus nos livre e guarde a todos'.

"Mas há bastantes pessoas boas entre eles," disse o Capitão Jim. "Eu naveguei com o William Crawford durante anos e em coragem, resistência e sinceridade não havia igual. Eles são espertos naquele lado de Four Winds. Se calhar é por isso que este lado tem um bocado tendência a implicar com eles. Estranho, como as pessoas se ressentem quando os outros são mais espertos que eles."

O doutor Dave, que há quarenta anos vivia com as pessoas do lado de lá, riu-se.

"De quem é a casa verde-esmeralda que vimos da estrada?" perguntou Gilbert.

O Capitão Jim sorriu com agrado.

"Da miss Cornélia Bryant. Ela não deve tardar a vir vê-los, como são presbiterianos. Se fossem Metodistas não se incomodava. A Cornélia tem um horror sagrado aos Metodistas."

"Ela é cá uma personagem," riu-se o doutor Dave. "É uma critica inveterada dos homens."

"Do género: 'Estão verdes, nem os cães as podem tragar'?" perguntou Gilbert a rir.

"Não, não é nada disso," respondeu o Capitão Jim com seriedade. "A Cornélia podia ter escolhido quem quisesse quando era nova. Mesmo agora, se ela quisesse não havia viúvo que lhe resistisse. Ela parece ter nascido com uma raiva crónica a homens e a metodistas. Ela tem o coração mais mole e a lingua mais afiada de Four Winds. Onde quer que haja problemas, lá está ela, a fazer tudo o que pode para ajudar da maneira mais meiga. Ela nunca diz mal de outra mulher, e se gosta de nos criticar a nós pobres diabos, acho que podemos bem com isso."

"Ela diz sempre bem de si, Capitão Jim," disse a senhora Blythe.

"Sim, parece-me que sim. E eu não gosto nada disso. Quase me parece que tenho qualquer coisa pouco normal."



## Capítulo 7

### A Noiva do Mestre-escola

**"Quem** foi a primeira noiva desta casa, Capitão Jim?" perguntou Anne quando se sentaram á volta da lareira depois do jantar.

"Ela é parte da história que me disseram estar ligada a esta casa?" perguntou Gilbert. "Alguém me disse que você ma podia contar, Capitão Jim."

"Bem, sim, eu sei-a. Parece-me que sou a única pessoa viva em Four Winds que se lembra da noiva do mestre-escola tal como ela era quando chegou a esta ilha. Ela já morreu há trinta anos, mas é uma mulher que não se consegue esquecer."

"Conte-nos a história," pediu Anne. "Eu quero saber tudo sobre as mulheres que viveram nesta casa antes de mim."

"Bem, pois só houve três - A Elizabeth Russel, a senhora Ned Russel, e a noiva do mestre-escola. A Elizabeth Russel era uma pessoa esperta e simpática, e a senhora Ned também era uma mulher simpática. Mas nunca foram como a noiva do mestre-escola. O mestre-escola chamava-se John Selwyn. Ele veio de Inglaterra ensinar na escola do Glen quando eu tinha dezasseis anos. Ele não era como muitos dos desmazelados que vinham dar aulas para a Ilha do Príncipe Eduardo naqueles dias. A maior parte deles eram tipos espertos e bêbedos que ensinavam as crianças quando estavam sóbrios e lhes batiam quando não estavam. Mas o John Selwyn era um jovem educado e bonito. Ele ficou hospedado em casa do meu pai, e eu e ele éramos amigos, apesar dele ser dez anos mais velho que eu. Nós liamos, passeávamos e falávamos muito. Ele conhecia todas as poesias escritas, e costumava citá-las quando passeávamos ao pé da costa.

O Pai achava que era uma terrível perda de tempo, mas acabava por tolerar, porque esperava que me fizesse perder o interesse de ir para o mar. Mas nada podia fazer isso, a Mãe vinha de uma raça de marinheiros e o mar tinha nascido comigo. Mas eu gostava tanto de ouvir o John a recitar. Foi quase há sessenta anos, mas eu conseguia repetir metros de poesia que aprendi com ele. Quase sessenta anos!"

O Capitão Jim fez silêncio durante uns momentos, olhando para o lume recordando o passado. Então, com um suspiro, retomou a história. "Lembro-me de uma noite de Primavera em que o encontrei nas dunas. Ele

parecia entusiasmado, como o senhor doutor Blythe, quando trouxe a senhora Blythe esta noite. Eu lembrei-me dele assim que o vi. E ele disse-me que tinha uma namorada na terra, e que ela vinha ter com ele. E eu não fiquei muito satisfeito, egoísta como era; eu pensei que ele já não ia ser meu amigo quando ela viesse. Mas tive decência suficiente para não dar nas vistas.

Ele contou-me tudo sobre ela. O nome dela era Persis Leigh, e ela teria vindo com ele se não fosse o tio dela, que estava doente, e como ele tinha tomado conta dela quando os pais dela morreram, ela não o ia deixar sozinho.

E agora ele tinha morrido, e ela vinha para casar com o John Selwyn. Não era uma viagem fácil para uma mulher naquele tempo. Ainda não havia barcos a vapor, devem lembrar-se.

'E para quando a espera?' Perguntei eu.

'Ela vem no Royal William, no dia 20 de Junho,' disse ele, 'por isso deve cá estar em meados de Julho. Tenho que falar com o carpinteiro Johnson para me construir uma casa para ela. A carta dela veio hoje. Eu soube antes de a abrir que eram boas notícias para mim. Eu vi-a umas noites antes.' Eu não o percebi, e depois ele explicou-me, apesar de eu não ter ficado a perceber melhor. Ele disse-me que tinha um dom, ou uma maldição. Foram estas as palavras dele, um dom ou uma maldição. Ele não sabia. Ele disse que uma bisavó dele a tinha, e queimaram-na por causa disso. Ele disse que os transes, acho que foi o nome que lhes deu, vinham de vez em quando. Estas coisas existem mesmo, doutor?"

"Há pessoas que tem transes, certamente," respondeu Gilbert. "Mas o assunto está mais no âmbito da pesquisa psíquica do que da médica.

Como eram os transes deste John Selwyn?"

"Como sonhos," disse céptico o velho doutor.

"Ele disse que via coisas," disse lentamente o Capitão Jim. "Eu só lhes estou a dizer o que ele me disse, coisas que estavam a acontecer, coisas que iam acontecer.

Ele disse que às vezes era bom, e às vezes era um horror. Quatro noites antes, ele tinha tido uma quando estava a olhar para o lume. E ele viu um quarto que ele conhecia bem, em Inglaterra, e a Persis Leigh lá, estendendo-lhe as mãos e com um ar contente, feliz. Por isso ele soube que ia ter boas notícias dela."

"Um sonho de um desejo," disse o velho doutor.

"Se calhar, se calhar," concordou o Capitão Jim. "Foi o que lhe disse na altura. Era muito mais confortável pensar assim. Eu não gostei da ideia dele ver coisas assim, pareceu-me pouco natural.

'Não', disse-me ele, 'eu não sonhei. Mas não vamos voltar a falar do assunto. Tu não vais ser tão meu amigo se pensares muito no assunto.' Eu disse-lhe que nada me faria deixar de ser seu amigo. Mas ele abanou a cabeça e disse: 'Eu sei, rapaz. Eu já perdi amigos antes, por causa disto. Eu não os recrimino. Há alturas em que nem eu me sinto bem comigo por causa disto. Este poder tem um pouco de divindade nele, quer seja uma divindade boa ou má, quem pode saber? E todos nós mortais nos encolhemos um pouco quando entramos em contacto com Deus ou com o Demónio.' Foram estas as palavras dele. Lembro-me como se fosse ontem, apesar de não o ter percebido bem. O que é que acha que ele quis dizer, doutor?" "Duvido que ele próprio soubesse," disse céptico o doutor Dave.

"Eu acho que compreendo," sussurrou Anne. Ela tinha estado a escutar tudo com a sua antiga atitude de lábios cerrados e olhos brilhantes. O Capitão Jim dirigiu-lhe um sorriso de admiração antes de continuar a sua história.

"Bem, não tardou grande tempo que todas as pessoas do Glen e de Four Winds soubessem que a noiva do mestre-escola estava para vir, e ficaram todos contentes porque gostavam bastante dele. E toda a gente se interessou pela casa nova dele, esta casa. Ele escolheu este sítio para ela, porque se via o porto e se consegue ouvir o mar. Ele fez o jardim para a noiva dele mas não plantou os álamos. A senhora Ned Russel é que os plantou. Mas há duas filas de roseiras no jardim que as meninas que iam à escola do Glen plantaram para a noiva do mestre. Ele disse que eram rosa como as faces dela, brancas como a pele, e vermelhas como os lábios dela. Ele citava tantas poesias que acho que se habituou a falar assim também, penso eu."

"Quase toda a gente lhe mandou um presente para ajudar a mobilar a casa. Quando os Russels para cá vieram estavam bem de vida e mobilaram-na muito bem, como pode ver, mas a primeira mobília que para cá veio era muito simples. Mas esta casinha era rica em amor. As senhoras mandaram cochas, toalhas de mesa e de rosto, e um homem fez-lhe uma arca, outro uma mesa, e assim por diante. Até a velha tia Margareth Boyd, que era cega, lhe fez um cestinho de erva perfumada. A esposa do mestre-escola usou-o durante anos para guardar os lenços.

"E no fim estava tudo pronto, até a lenha na lareira estava pronta a acender. Não era esta lareira, mas era no mesmo sitio. Esta foi a Miss Elizabeth que a mandou fazer quando renovou a casa há quinze anos. Era uma grande lareira antiquada onde se podia assar um boi. Muitas vezes me sentei aqui a dar umas lérias, como estou a fazer agora."

Mais uma vez se fez silêncio, enquanto o Capitão Jim observava visitantes que Anne e Gilbert não conseguiam ver, as pessoas que se tinham sentado com ele nos anos passados, com bênçãos matrimoniais e a felicidade espelhada em olhos há tanto tempo fechados debaixo da terra ou do mar. Aqui em noites de antigamente as crianças lançaram gargalhadas alegres. Em noites de Inverno reuniram-se amigos. Aqui jovens e donzelas sonharam. Para o Capitão Jim, a casa estava ocupada por formas que lhe recordavam algo.

"Foi no primeiro dia de Julho que a casa ficou terminada. O mestre-escola começou a contar os dias a partir daí. Nós costumávamos vê-lo a passear perto da costa e dizíamos uns para os outros, 'Ela agora não tarda está com ele'.

"Ela era esperada a meio de Julho, mas não chegou nessa altura. Ninguém ficou ansioso. Os barcos atrasavam-se muitas vezes dias, às vezes semanas. O Royal William atrasou-se uma semana, e duas, e três. E por fim começámos a ficar assustados, e ficou pior e pior.

Finalmente não suportávamos olhar nos olhos do John Selwyn. Sabe senhora Blythe," a voz do Capitão Jim baixou, "Eu achava que os olhos dele estavam como deviam ter estado os da bisavó dele quando a queimaram viva. Ele não dizia nada, mas dava as aulas como se estivesse a sonhar e depois corria para a costa. Muitas noites a percorreu do anoitecer até de madrugada. As pessoas diziam que estava a perder o sentido. Toda a gente tinha perdido a esperança, o Royal William estava atrasado oito semanas. Era meados de Setembro e a noiva do Mestre-escola ainda não tinha vindo, e não viria nunca, pensávamos nós.

Então houve uma grande tempestade que durou três dias, e na noite em que terminou eu fui á costa. Encontrei lá o mestre-escola, com os braços agarrados a uma rocha, olhando para o mar.

Eu falei para ele, mas ele não me respondeu. Os olhos dele olhavam qualquer coisa que eu não conseguia ver. A cara dele estava quieta, como a de um morto.

'John, John', chamei-o assim, como uma criança assustada, 'acorda, acorda.' Aquele horrível olhar pareceu desaparecer-lhe dos olhos. Virou a cabeça e olhou para mim. Nunca esqueci a cara dele, e não a vou esquecer enquanto não embarcar para a minha última viagem.

'Está tudo bem, rapaz,' disse ele. 'Eu vi o Royal William a passar o cabo Este. Ela vai cá estar de madrugada. Amanhã á noite vou-me sentar á lareira da minha casa com a minha noiva.'

"Acha que ele a viu mesmo?" Perguntou abruptamente o Capitão Jim.

"Só Deus sabe," disse Gilbert suavemente. "Um grande amor e uma grande dor podem fazer muitos prodígios."

"Eu tenho a certeza que ele a viu," disse Anne encantada.

"Palermices," disse o doutor Dave, mas com menos convicção que anteriormente.

solenemente o Capitão Jim, "O Royal Williams "Porque, sabe," disse chegou ao porto de Four Winds ao nascer do sol da manhã seguinte.

Todas as pessoas do Glen e á volta da costa estavam no porto para a receber. O mestre-escola tinha estado á espera toda a noite. Como aplaudimos quando o barco navegou pelo canal!"

Os olhos do Capitão Jim brilhavam. Eles olhavam o porto de Four Winds de há sessenta anos atrás, com um velho barco a navegar através do esplendor do nascer do sol.

"E a Persis Leigh estava a bordo?" perguntou Anne.

"Sim, ela e a mulher do Capitão. Tiveram uma viagem terrível, tempestade atrás de tempestade, e as provisões acabaram, também. Mas ai estavam por fim. Quando a Persis Leigh saiu do velho barco o John Selwyn tomou-a nos braços e as pessoas deixaram de aplaudir e começaram a chorar. Eu também chorei, apesar de terem passado anos antes que o admitisse. Não é engraçado, a vergonha que os rapazes têm das lágrimas?"

"A Persis Leigh era bonita?" perguntou Anne.

"Bem, eu não sei se diria bonita, não sei exactamente," disse lentamente o Capitão Jim. "Eu nunca cheguei a perguntar-me se ele era ou não bonita. Não interessava. Ela tinha qualquer coisa tão doce e encantadora que tínhamos que gostar dela e pronto. Mas ela era bonita de se ver, com grandes olhos cor de avelã e muito cabelo castanho brilhante, e uma pele britânica. O John e ela casaram nessa noite na nossa casa á luz das velas. Toda a gente, de perto e de longe, esteve lá e todos os acompanhámos cá abaixo depois.

A senhora Selwyn acendeu o lume, e nós fomos embora e deixámo-los lá sentados, mesmo como o John me tinha dito na noite anterior. Uma coisa estranha, mesmo muito estranha! Mas eu também já vi muitas coisas estranhas no meu tempo."

O Capitão Jim abanou a cabeça circunspecto.

"É uma linda história," disse Anne, sentindo que por uma vez tinha ouvido um romance que a satisfizesse. "Quanto tempo viveram aqui?"

"Quinze anos. Eu fugi para o mar pouco tempo depois de eles terem casado, como rapaz estouvado que era. Mas de cada vez que voltava de uma viagem vinha cá, mesmo antes de ir a casa, para contar tudo á senhora Selwyn. Quinze anos felizes! Eles tinham um certo talento para a felicidade, aqueles dois. Algumas pessoas são assim, não sei se repararam. Não conseguiam ser infelizes muito tempo, acontecesse o que acontecesse. Às vezes discutiam, porque tinham os dois uma personalidade forte. Mas a senhora Selwyn disse-me uma vez, a rir naquela maneira bonita dela, 'eu sinto-me terrível quando eu e o John nos brigamos, mas depois fico contente por ter um marido tão bom para brigar e depois fazer as pazes'. Depois mudaram-se para Charlottetown e o Ned Russel comprou a casa e trouxe para cá a noiva dele. Eram um casal alegre se bem me lembro. A miss Elizabeth Russel era irmã do Alec. Ela veio viver com eles depois de um ano ou dois, e ela também era uma criatura alegre. As paredes desta casa devem estar ensopadas em risos e bons momentos. Você é a terceira noiva que vejo vir para aqui, senhora Blythe, e a mais bonita."

O Capitão Jim deu a este elogio de girassol a delicadeza de uma violeta, e Anne aceitou-o orgulhosamente. Ela estava no seu melhor, nessa noite, com as faces rosadas e a luz do amor nos olhos; até o rezingão do velho doutor Dave lhe dirigiu um olhar de aprovação, e quando regressou a casa disse á mulher que aquela esposa ruiva do rapaz era uma beleza e tanto.

"Eu tenho que ir andando para o farol," disse o Capitão Jim. "Gostei muito deste serão."

"Tem que nos vir ver mais vezes," disse Anne.

"Não sei se me convidava, se soubesse a vontade que tenho de aceitar o convite," disse o Capitão Jim divertido.

"O que é outra maneira de dizer que não sabe se foi sincero," sorriu Anne. "Mas foi, juro que foi, como costumava dizer na escola."

"Então venho. Vai ver que a qualquer hora me tem ai a incomodá-la. E vou ter gosto em a receber também. Normalmente não tenho ninguém para conversar a não ser o First Mate, que Deus abençoe o seu coração sociável. Ele é um excelente ouvinte, e esqueceu mais do que qualquer MacAllister já soube, mas ele não é grande conversador. Você é nova e eu sou velho, mas as nossas almas são da mesma idade, parece-me. Nós pertencemos á raça que conhece José, como diz a Cornélia Bryant."

"A raça que conhece José?" perguntou Anne.

"Sim. A Cornélia divide todas as pessoas no mundo em dois tipos - a raça que conhece José e os que não o conhecem. Se uma pessoa o olhar nos olhos, tiver mais ou menos as suas ideias das coisas, e o mesmo gosto em piadas, então pertence á raça que conhece José."

"Oh, já percebi," exclamou Anne, iluminando-se. "É o que eu costumava chamar, e ainda chamo entre aspas, espíritos afins."

"Isso mesmo, isso mesmo," concordou o Capitão Jim. "Nós somos isso, seja o que for. Quando a vi chegar, senhora Blythe, disse para mim, 'sim, ela é da raça que conhece José.' E fiquei muito contente, porque se não fosse assim não iam gostar muito da companhia um do outro. A raça que conhece José é o sal da terra, penso eu."

A lua tinha acabado de nascer quando Anne e Gilbert acompanharam os seus convidados á porta. Four Winds Harbour tinha começado a ser uma coisa de sonho e encanto, um abrigo que nenhuma tempestade poderia fustigar. Os álamos pela alameda abaixo, altos e sombrios como sacerdotes de um grupo místico, estavam salpicados de reflexos prateados.

"Sempre gostei de álamos," disse o Capitão Jim, acenando-lhes com o braço. "São as árvores das princesas. Agora estão fora de moda. As pessoas queixam-se que eles morrem no topo e ficam com um ar esfarrapado. E é o que acontece, se não arriscarmos o pescoço todas as primaveras para os podar. Eu fiz sempre isso para a Miss Elizabeth Russel, e os dela nunca ficaram em farrapos. Ela gostava especialmente deles. Gostava da dignidade e altivez deles. São árvores que não engraçam com qualquer Tom, Dick ou Harry. Se são bordos para companhia, senhora Blythe, os álamos são alta sociedade.

"Que linda noite," disse a senhora Blythe enquanto subia para o Buggy do doutor.

"A maioria das noites são bonitas," disse o Capitão Jim. "Mas parece-me que o luar sobre Four Winds me faz pensar o que é que ficou guardado

para o céu. A lua é uma grande amiga minha, senhora Blythe. Nem me lembro quando comecei a amá-la. Uma vez quando tinha oito anos deixei-me dormir no jardim e não deram pela minha falta. Acordei sozinho a meio da noite e apanhei um susto de morte. Haviam sombras e barulhos estranhos! Eu não me atrevia a mexer. Fiquei para ali agachado, pobre rapaz. Parecia que não havia mais ninguém no mundo senão eu, e era um mundo muito grande. Então vi a lua debruçada sobre mim através dos ramos de macieira, como uma velha amiga. Fiquei logo consolado. Levantei-me e fui para casa, corajoso como um leão a olhar para ela. Muitas noites a observei, no convés do meu navio, em mares muito longe daqui. Porque é que vocês não me dizem para ir para casa?"

O riso das boas noites esmoreceu. Anne e Gilbert caminharam de mãos dadas em volta do seu jardim. O riacho que lhe atravessava um canto fazia uma covinha simpática nas sombras das bétulas. As papoilas ao longo das margens eram como copos rasos de luz de lua. Flores que haviam sido plantadas pelas mãos da noiva do mestre-escola agitavam a sua beleza no ar ensombrado, como a beleza e a benção de dias passados. Anne parou na escuridão para apreciar o seu perfume.

"Adoro o cheiro das flores na escuridão," disse. "Apanhamos-lhes a alma, nestas alturas. Oh, Gilbert, esta casinha é tudo o que sonhei. E estou tão contente por não sermos os primeiros que se casaram para cá!"



## Capítulo 8

### A Miss Cornélia Bryant faz uma visita

**Esse** Setembro foi um mês de neblinas douradas e de maresias púrpura no Four Winds Harbour, um mês de dias solarengos e noites imersas em luz da lua, ou pulsantes de estrelas. Nenhuma tempestade o estragou, nenhum vento mais forte soprou. Anne e Gilbert puseram o seu ninho em ordem, passearam pela costa, navegaram na baía, percorreram Four Winds e o Glen, e os caminhos cheios de fetos escondidos pelos bosques á volta da ponta do porto; ou seja, tiveram uma lua-de-mel invejável para a maioria dos apaixonados.

"Se a minha vida se acabasse agora mesmo, ainda assim teria sido plenamente vivida, só por estas últimas semanas, não achas?" disse Anne. "Eu acho que nunca mais vou ter quatro semanas perfeitas como estas, mas estas são minhas. Tudo: o vento, o tempo, as pessoas, a casinha de sonho, tudo contribuiu para que a nossa lua-de-mel fosse encantadora. Não houve um dia de chuva desde que para cá viemos."

"E nós não discutimos nem uma única vez," brincou Gilbert.

"E esse é um prazer ainda maior a referir," concordou Anne. "Fico tão contente por termos decidido passar a nossa lua-de-mel aqui. As nossas memórias dela permanecerão aqui para sempre, na nossa casa de sonho, em vez de ficarem espalhadas por sitios estranhos."

Havia uns laivos de aventura e romance na sua nova casa que Anne nunca tinha encontrado em Avonlea. Ai, apesar de ela viver á vista do mar, este não tinha entrado intimamente na sua vida. Em Four Winds rodeava-a e chamava-a constantemente. De cada janela da sua nova casa ela via um novo aspecto dele. O seu murmúrio incessante estava sempre nos seus ouvidos. Haviam barcos que todos os dias saiam da baía para a doca de Glen, ou atravessavam o pôr do sol, dirigidos a pontos que podiam estar do outro lado do globo. Barcos de pesca iam de velas brancas enfoladas canal abaixo pela manhã, e regressavam carregados de tarde. Marinheiros e pescadores passavam pelas estradas vermelhas e ventosas do porto, alegres e bem dispostos. Havia sempre uma sensação de coisas prestes a acontecer, de aventuras e de desafios. O estilo de Four Winds era menos sério, parado e austero que Avonlea; os ventos da mudança sopravam sobre ele; o mar chamava todos os que viviam na costa e mesmo os que não respondiam ao

seu chamamento sentiam o ânimo, desassossego, mistério e possibilidades que ele continha.

"Eu compreendo agora porque é que alguns homens têm que ir para o mar," disse Anne. "Aquele desejo que vem ter connosco todos de vez em quando, de 'navegar para além do pôr do sol' - deve ser imperiosos quando nasce connosco. Eu não me admiro do Capitão Jim ter fugido por causa dele. Eu nunca vi um barco sair do canal ou uma gaivota a voar por cima das dunas sem desejar estar a bordo do navio ou ter asas, não como uma pomba ' voar e ficar em sossego', mas como uma gaivota, atirando-me para o centro de uma tempestade."

"Tu vais ficar aqui mesmo comigo, miúda-Anne," disse Gilbert preguiçosamente, "não te quero a voar para longe de mim, ao encontro do coração das tempestades."

Eles estavam sentados no poial da sua porta de entrada de pedra vermelha ao fim da tarde. Uma grande tranquilidade rodeava-os na terra, no mar e no céu. Gaivotas prateadas pairavam sobre eles. O horizonte estava rendilhado de longas tiras de nuvens rosadas. O ar era perturbado apenas por um refrão murmurado de ventos e ondas musicais. Pálidas ásteres floresciam nos prados nebulosos e serenos entre eles e o porto.

"Os médicos que têm que atender chamadas de doentes a meio da noite não se devem sentir muito aventureiros, suponho," disse Anne com alguma indulgência. "Se tivesses tido uma boa noite de sono ontem, Gilbert, estarias tão pronto como eu para desvarios de imaginação."

"Eu fiz um bom trabalho ontem á noite, Anne," disse Gilbert lentamente. "Com a ajuda de Deus salvei uma vida. É a primeira vez que posso realmente afirmar isso. Noutros casos posso ter ajudado; mas Anne, se eu não tivesse ficado em Allonby esta noite e lutado conta a morte cara a cara aquela mulher não tinha sobrevivido até esta manhã. Eu tentei uma coisa que nunca foi tentada antes em Four Winds. E duvido que tenha sido tentada noutros sitios, fora de um hospital. Era novidade no hospital de Kingsport no Inverno passado. Eu nunca me teria atrevido a tentar se não tivesse a certeza absoluta que não havia outra hipótese. Eu arrisquei, e consegui. Como resultado, uma boa mulher e mãe salvou-se, para muitos anos de felicidade e vida útil. Quando vinha para casa nesta manhã, enquanto o sol nascia no porto, agradei a Deus ter escolhido a profissão que escolhi.

Eu travei uma grande luta, e venci, pensa nisto Anne, venci a grade destruidora. Era isso que eu sonhava fazer há tantos anos, quando falávamos do que pretendíamos da vida. Esse meu sonho realizou-se esta manhã."

"E foi o único sonho que se realizou?" perguntou Anne, que sabia muito bem qual seria o conteúdo da sua resposta, mas queria ouvi-la outra vez.

"Tu sabes, miúda-Anne, » disse Gilbert, sorrindo. Nesse momento haviam certamente duas pessoas perfeitamente felizes sentadas numa porta de entrada de uma pequena casa branca na costa de Four Winds Harbour.

Nessa altura, Gilbert disse, num tom de voz diferente, "Será verdade que vejo uma figura dirigida á nossa alameda?"

Anne olhou e endireitou-se.

"Essa deve ser ou a miss Cornélia Bryant ou a senhora Moore que vem fazer uma visita," disse.

"Eu vou para o escritório, e se for a miss Cornélia aviso-te já que vou ficar á escuta," disse Gilbert. "Depois de tudo o que ouvi a respeito da miss Cornélia, devo concluir que a conversa dela não deve ser aborrecida, para ser modesto."

"Pode ser a senhora Moore."

"Não me parece que a senhora Moore seja daquele tipo. Eu vi-a a trabalhar no jardim no outro dia, e apesar de estar muito longe achei-a elegante. Não me parece que seja muito sociável, também, ainda não te veio visitar apesar de ser a nossa vizinha mais próxima."

"Ela não pode ser como a senhora Lynde afinal, ou a curiosidade tê-la-ia arrastado," disse Anne. "Esta visita é, penso eu, a miss Cordélia."

E era de facto; e mais, a miss Cordélia não tinha vindo fazer uma breve e normal visita de parabéns ao jovem casal. Trazia debaixo do braço um pacote de tamanho considerável com o trabalho dela, e quando Anne a convidou a ficar tirou prontamente o grande chapéu, que trazia seguro por um firme elástico que passava por detrás do troço bem apertado de cabelo, apesar das brisas irreverentes de Setembro.

Nem pensar em alfinetes de chapéu para a miss Cordélia, se fazem favor! Os elásticos tinham servido muito bem a mãe dela, e serviam-lhe a ela também. Ela tinha uma cara fresca e rosada, e olhos castanhos e alegres. Não tinha nada o aspecto tradicional da velha solteirona, e havia qualquer coisa na expressão dela que conquistou imediatamente a Anne. Com a sua

velha rapidez instintiva para descobrir espíritos afins ela soube que ia gostar da miss Cordélia, apesar de algumas opiniões discordantes, e certas dissonâncias na apresentação.

Ninguém a não ser a miss Cordélia teria vindo fazer uma visita arranjada daquela forma, com um avental ás riscas azuis e brancas e um vestido cor de chocolate com enormes rosas espalhadas. E ninguém a não ser a miss Cordélia teria parecido digna e bem vestida com eles. Se a miss Cordélia tivesse entrado num palácio para saudar a noiva de um príncipe, teria parecido tão digna e tão senhora da situação como agora. Teria arrastado o vestido cheio de rosas pelos salões de mármore da mesma forma despreocupada, e teria começado por convencer a princesa que a ideia que possuir um homem, fosse ele príncipe ou camponês, não era coisa de que se devesse gabar.

"Eu trouxe o meu trabalho, senhora Blythe, querida," disse, desembrulhando um tecido bonito. "Estou com pressa de o terminar, e não há tempo a perder."

Anne olhou com alguma surpresa para a vestimenta branca espalhada no amplo colo da miss Cornélia. Era certamente um vestido de bebé, e era muito bonito, com pequenas rendas e folhos. Miss Cornélia ajustou os óculos e dedicou-se a bordar pontos delicados.

"Este é para a senhora Fred Proctor lá do Glen," informou. "Ela espera o oitavo bebé para dentro em pouco, e nem um ponto foi capaz de dar para ele. Os outros sete usaram todos os que fez para o primeiro, e nunca mais teve tempo, força ou vontade de fazer mais. Aquela mulher é uma mártir, senhora Blythe, acredite.

Quando ela casou com o Fred Proctor eu sabia no que ia dar. Ele era um desses homens fascinantes e perversos. Depois de ter casado deixou de ser fascinante e continuou a ser perverso. Ele bebe e negligencia a família. Não é típico dos homens? Eu não sei como é que a senhora Proctor conseguiria manter a família decentemente vestida se os vizinhos não a ajudassem."

Como Anne mais tarde viria a saber, a miss Cornélia era a única vizinha que se importava alguma coisa com a decência das roupas dos jovens Proctor.

"Quando soube que este oitavo bebé vinha a caminho, decidi que lhe ia fazer umas coisas bonitas," continuou miss Cornélia. "Este é o último e quero acabá-lo hoje."

"É certamente muito bonito," disse Anne. "Vou buscar a minha costura e vamos fazer uma festinha de dedal as duas. A senhora é uma costureira excelente, miss Bryant."

"Sim, sou a melhor costureira destes lados," disse miss Cornélia num tom casual. "E tenho obrigação disso! Senhor, já fiz mais roupa que se tivesse tido cem filhos meus, acredite! Devo parecer palerma, a pôr tantos bordados num vestido para um oitavo bebé. Mas valha-me Deus, senhora Blythe querida, ele não tem culpa de ser o oitavo, e eu gostava que ele tivesse um vestido bonito, como se fosse desejado. Ninguém quer o pobrezinho, por isso pus um pouco mais de brilho nas coisinhas dele para compensar."

"Qualquer bebé ficaria orgulhoso desse vestido," disse Anne, sentindo ainda mais que ia gostar da miss Cordélia.

"Parece-me que pensou que eu nunca mais a vinha visitar," terminou miss Bryant. "Mas este é o mês das colheitas, sabe, e eu estive ocupada, uma carrada de mãos extra, a comerem mais do que trabalham, típico dos homens. Eu teria vindo ontem, mas fui ao funeral da senhora Roderick MacAllister. De início achei que me doia tanto a cabeça que não ia aproveitar se fosse. Mas ela tinha cem anos, e eu sempre prometi a mim mesma que ia ao funeral dela."

"E correu tudo bem?" perguntou Anne, reparando que a porta do escritório se entreabriu.

"O que foi isto?... Oh, sim, foi um funeral tremendo. Ela tinha muitos conhecimentos. Havia mais de cento e vinte carruagens na procissão. E aconteceram uma ou duas coisas engraçadas. Eu pensei que morria quando vi o velho Joe Bradshaw, que é um infiel e nunca aparece na igreja, a cantar 'A salvo nos braços de Jesus', com grande gosto e fervor. Ele adora cantar, por isso é que nunca perde um funeral. A pobre senhora Bradshaw não parecia ter vontade de cantar, esgotada da escravatura. O Velho Joe de vez em quando pensa em comprar-lhe um presente e traz para casa uma alfaia agrícola nova. Não é típico de um homem? Mas o que mais se podia esperar de um homem que nunca vai a uma igreja, nem que seja metodista? Eu fiquei muito contente por a ver a si e ao doutor na igreja presbiteriana no primeiro Domingo que cá passaram. Não quero nenhum médico que não seja presbiteriano."

"Nós fomos á igreja metodista na tarde de Domingo passado," disse Anne com perversidade.

"Oh, sim, o doutor tem que ir ao culto metodista de vez em quando, senão perde esses doentes."

"Nós gostámos muito do sermão," afirmou corajosamente Anne. "E achei que a oração do pastor metodista foi das mais bonitas que já ouvi."

"Oh, eu não duvido que ele saiba pregar. Eu nunca ouvi ninguém rezar melhor que o velho Simon Bentley, que estava sempre bêbado ou a desejar estar, e quanto mais bêbado estava melhor rezava."

"O pastor metodista é um homem muito bonito," disse Anne, esperando ser ouvida para lá da porta do escritório.

"Sim, ele é bastante ornamental," concordou miss Cornélia. "Oh, e muito do agrado das senhoras. Ele pensa que todas as raparigas que olham para ele se apaixonam, como se um pastor metodista a saltitar de lado para lado como um judeu fosse alguma coisa de especial! Se a senhora e o doutor quiserem aceitar o meu conselho, não se dêem muito com os metodistas. O meu lema é: se és presbiteriano, sê presbiteriano."

"Não acha que os metodistas vão para o céu tal como os presbiterianos?" perguntou Anne, tentando parecer séria.

"Não somos nós que decidimos isso. Está numas mãos acima das nossas," disse miss Cornélia solenemente. "Mas eu não me vou misturar com eles na terra, seja o que for que tenha que fazer no céu. Este pastor metodista não é casado. O último que tiveram era, e a mulher dele era a coisinha mais palerma que eu já vi. Eu disse-lhe uma vez que ele devia ter esperado que ela crescesse antes de ter casado com ela. Ele disse que preferia ter oportunidade de a treinar. Não é típico dos homens?"

"É um bocado difícil decidir quando é que as pessoas são crescidas," riu-se Anne.

"Isso é verdade, querida. Algumas já nascem crescidas, e outras não crescem nem aos oitenta, acredite. Essa senhora Roderick de que eu falei nunca cresceu. Era tão palerma aos cem como era aos dez."

"Talvez fosse por isso que viveu tanto tempo," sugeriu Anne.

"Talvez fosse. Eu antes preferia viver cinquenta anos com tino do que cem anos palerma."

"Mas pense só que mundo chato teríamos se toda a gente fosse sensata," pediu Anne.

A miss Cornélia desdenhou qualquer epigrama.

"A senhora Roderick era uma Milgrave, e os Milgraves nunca tiveram muito senso. O sobrinho dela, Ebenezer Milgrave, foi louco durante anos.

Ele achava que estava morto e zangava-se com a mulher porque ela não o enterrava. Eu tinha-o feito."

Miss Cornélia parecia tão determinada que Anne quase a via de pá na mão.

"Não conhece maridos bons, miss Bryant?"

"Sim, montes deles, lá encima," disse a miss Cordélia, apontando pelas janelas abertas para o pequeno cemitério da igreja do outro lado do porto.

"Mas vivos, de carne e osso?" persistiu Anne.

"Oh, há uns tantos, só para mostrar que para Deus todas as coisas são possíveis," reconheceu a miss Cornélia com relutância. "Eu não nego que há homens estranhos aqui e ali, se forem apanhados novos e treinados devidamente, e se as mães deles lhes tiverem dado bastantes sovas, talvez se tornem seres decentes. O seu marido, por exemplo, não é muito mau para homem, pelo que tenho ouvido. E parece-me" - miss Cornélia olhou atentamente para Anne por cima dos óculos- "que você acha que não há ninguém como ele no mundo."

"E não há," disse logo Anne.

"Ah, sim, eu ouvi outra noiva dizer o mesmo uma vez," suspirou miss Cornélia. "A Jennie Dean quando se casou pensava que não havia mais ninguém como o marido no mundo. Tinha razão, não havia! E ainda bem, acredite! Ele fez-lhe a vida negra até ao fim, e já namorava a segunda mulher quando ela estava a morrer. Não é típico dos homens? Mas eu espero que a sua confiança seja mais bem justificada, querida. O jovem doutor está-se a sair muito bem. Eu tive receio a principio que não conseguisse, porque as pessoas daqui sempre acharam que o velho doutor Dave era o único médico do mundo. O doutor Dave não tinha muito tacto, estava sempre a falar de cordas em casa de enforcado. Mas as pessoas esqueciam as suas mágoas quando tinham uma dor de estômago. Se ele fosse pastor em vez de médico nunca lhe teriam perdoado. As dores de alma não preocupam tanto as pessoas como as dores de estômago. Uma vez que são ambos presbiterianos e não há metodistas nas redondezas, qual é a vossa opinião sincera do nosso pastor?"

"Bem, realmente, quer dizer," hesitou Anne.

A miss Cornélia acenou afirmativamente com a cabeça.

"Exactamente. Eu concordo consigo, querida. Nós fizemos asneira quando o contratámos. A cara dele parece uma pedra daquelas lá de cima do cemitério, não é? 'Sagrada Memória', devia estar escrito na testa dele.

Nunca mais me vou esquecer do primeiro sermão que deu quando veio. Era sobre cada pessoa fazer o que melhor sabia fazer, um bom tema, claro, mas usou cada comparação! Ele disse, 'se tiverem uma macieira e uma vaca, e se atarem a macieira no estábulo e plantarem a vaca de pernas para o ar no vosso pomar, quanto leite teriam da macieira, e quantas maçãs teriam da vaca?' Alguma vez ouviu tal coisa na vida, querida? Eu fiquei tão agradecida que não estivessem lá metodistas, eles nunca mais se iam esquecer. Mas o que mais me desagrada é o hábito que ele tem de concordar com tudo o que lhe dizem, não interessa o que seja. Se você lhe disser, 'Você é um patife,' ele responde-lhe com aquele sorriso dele, 'Sim, é verdade'. Um pastor tem que ter mais coragem. Eu chamo-lhe o 'reverendo moleza'. Mas claro, isso é só entre nós as duas. Se estivessem metodistas presentes eu ia louvá-lo até aos céus. Algumas pessoas acham que a mulher dele se veste de uma forma muito garrida, mas eu acho que quando uma pessoa tem que viver com uma cara daquelas precisa de qualquer coisa para a alegrar. Nunca me vai ouvir condenar uma mulher por aquilo que veste. Fico muito contente por o marido dela não ser miserável e mau e permiti-lo. Não que eu me incomode muito com a roupa. As mulheres só se vestem bem para agradar aos homens, e eu não caio nessa. Eu tenho tido uma vida muito calma e agradável, querida, e só porque nunca me importei um cêntimo com o que os homens pensavam." "Porque é que odeia tanto os homens, miss Bryant?"

"Por Deus, querida, eu não os odeio. Eles não merecem isso sequer. Eu acabo por os desprezar, mais ou menos. Eu acho que sou capaz de gostar do seu marido se ele se mantiver como começou. Mas aparte dele, os únicos homens do mundo em que vejo algum jeito são o velho doutor e o Capitão Jim."

"O Capitão Jim é esplêndido, é verdade," concordou Anne cordialmente.

"O Capitão Jim é um bom homem, mas é um bocado irritante num certo sentido. Não o conseguimos fazer zangar. Eu ando a tentar há vinte anos e ele continua impávido e sereno. Acaba por me irritar. E suponho que a mulher com quem ele deveria casar ficou com um homem que tinha birras duas vezes por dia."

"Quem era ela?"

"Oh, não sei, querida. Eu nunca me lembro do Capitão Jim se apaixonar por quem quer que fosse. Ele foi sempre quase velho desde que



me lembro dele. Ele tem setenta e seis anos, sabe? Eu nunca soube de nenhuma razão para ele ter ficado solteiro, mas deve haver alguma, acredite. Ele navegou toda a vida, e não há um canto da terra onde não tenha metido o nariz. Ele e a Elizabeth Russel foram grandes amigos toda a vida, mas nunca pensaram em namorar. A Elizabeth nunca casou, apesar de ter tido muitas hipóteses. Ela era muito bonita quando era nova. No ano em que o príncipe de Gales veio á Ilha ela estava de visita a um tio em Charlottetown que era um oficial do governo, e ela foi convidada para um grande baile. Ela era a rapariga mais bonita do baile, e o príncipe dançou com ela, e todas as mulheres com quem ele não dançou ficaram furiosas por isso, porque o estatuto social delas era mais alto, e elas diziam que ele não devia tê-las preterido. A Elizabeth teve sempre muito orgulho desse baile. As más-línguas dizem que foi por isso que nunca casou, não se conseguia conformar com um homem vulgar quando tinha dançado com um príncipe. Mas não foi por isso. Ela disse-me a razão uma vez, era porque ela tinha um génio terrível, e tinha medo de não ser capaz de viver em paz com homem nenhum. E ela tinha mesmo um génio terrível, costumava ir para o quarto e mordida pedaços da cómoda para se acalmar, por vezes. Mas eu disse-lhe que isso não era razão para não casar, se quisesse. Não há qualquer razão para deixarmos que os homens fiquem com o monopólio do mau génio, não é senhora Blythe?"

"Eu também tenho um pouco de mau génio," suspirou Anne.

"Mas ainda bem, querida. Não tem nem metade das hipóteses de ser pisada, acredite! Ah, como aquele jardim está florescente! A pobre Elizabeth sempre teve tanto cuidado com ele."

"Eu gosto muito dele," disse Anne. "Fiquei muito feliz por estar cheio de flores antiquadas. Falando de jardinagem, nós queríamos contratar um homem para desbravar aquele bocado ao pé dos pinheiros e plantar lá uns morangueiros. O Gilbert está muito ocupado e não vai ter tempo este Outono. Sabe de alguém?"

"Bem, o Henry Hammond lá no Glen costuma fazer esses trabalhos. Ele serve, penso eu. Ele está sempre mais interessado no pagamento que no trabalho, típico dos homens, e é um bocado lento. O pai dele atirou-lhe um tronco à cabeça quando ele era pequeno. Um missilzinho simpático, não é? Tão típico! Claro que o rapaz nunca recuperou completamente. Mas é o único que posso recomendar. Ele pintou a minha casa na Primavera passada. Agora está muito bonita, não acha?"

Anne foi salva pelo relógio que deu as cinco.

"Oh, Senhor, já é tão tarde?" exclamou miss Cornélia. "Como o tempo passa quando estamos entretidas! Bem, tenho que voltar a casa."

"Não, por favor! Vai ficar e tomar chá connosco," disse Anne ansiosa. "Está-me a convidar porque acha que o deve fazer, ou porque quer mesmo que fique?" perguntou miss Cornélia.

"Porque quero mesmo que fique."

"Então fico. Você pertence á raça que conhece José."

"Eu sei que vamos ser amigas," disse Anne, com um sorriso que só as pessoas de boa fé podiam apreciar.

"Sim, vamos sim, querida. Graças a Deus que podemos escolher os amigos. Temos que ficar com os parentes como eles são, e agradecidas que não hajam alguns pássaros enjaulados entre eles. Não que eu tenha muitos, nenhum mais próximo que primos em segundo grau. Sou uma espécie de alma solitária, senhora Blythe."

Havia um tom melancólico na voz de miss Cornélia.

"Eu gostava que me chamasse Anne," exclamou Anne impulsivamente. "Parecia-me mais caseiro. Toda a gente em Four Winds excepto o meu marido me chama senhora Blythe, e faz-me sentir estranha. Sabe que o seu nome é muito parecido com o que eu desejava ter quando era criança. Eu odiava Anne e chamava-me Cordélia na minha imaginação."

"Eu gosto de Anne. Era o nome da minha mãe. Os nomes antigos são os melhores e os mais doces, na minha opinião. Se vamos tomar chá mais vale chamar o doutor para falar comigo. Ele está deitado no sofá do escritório desde que cheguei, a morrer de riso com a minha conversa." "Como é que soube?" exclamou Anne, demasiado embaraçada por esta perspicácia de miss Cornélia para negar.

conheço os terminei o // quando subi a alameda, e a miss Cornélia. "Pronto, bebé pode vir quando quiser "Eu vi-o sentado ao seu lado truques dos homens," respondeu vestidinho, querida, e o oitavo

## Capítulo 9

### Um serão no cabo de Four Winds

**Já era** final de Setembro quando Anne e Gilbert puderam finalmente fazer a sua prometida visita a Four Winds. Eles tinham muitas vezes planeado lá ir, mas acontecia sempre qualquer coisa que os impedia. O Capitão Jim já tinha aparecido várias vezes na pequena casa.

"Eu não sou de cerimônia, senhora Blythe," disse a Anne. "É um prazer para mim vir aqui, e não o vou negar a mim mesmo só porque ainda não me foram ver. Não deviam haver trocas dessas entre a raça que conhece José. Eu venho quando posso, e enquanto tivermos as nossas conversas agradáveis não interessa de quem é o tecto sobre as nossas cabeças."

O Capitão Jim gostou bastante do Gog e Magog, que presidiam aos destinos da terra na pequena casa com tanta pompa e dignidade como o faziam na Patty's Place.

"Não são as coisas mais amorosas?" costumava dizer deliciado; e cumprimentava-os e despedia-se sempre deles, tal como dos seus anfitriões. O Capitão Jim nunca ofenderia os deuses domésticos por falta de deferência e consideração.

"Você tornou esta casa quase perfeita," disse a Anne. "Nunca foi tão bonita. A senhora Selwyn tinha o seu bom gosto e fazia maravilhas, mas naqueles tempos as pessoas não tinham as cortinas bonitas e os bricabraques que vocês agora têm. E a Elizabeth vivia no passado. Você trouxe o futuro cá para dentro, de certa maneira. Eu ficaria muito contente mesmo se não pudéssemos falar, quando cá venho, só de me sentar e olhar para si e para os seus quadros e flores, seria uma delícia. É lindo, lindo."

O Capitão Jim era um amante apaixonado da beleza. Cada coisa bonita que via dava-lhe uma alegria interior subtil e profunda que iluminava a sua vida. Ele estava muito consciente da sua falta de beleza física e lamentava-o.

"As pessoas dizem que sou bom," comentou melancolicamente numa ocasião, "Mas eu ás vezes desejava que o Senhor me tivesse feito com metade da bondade e um pouco mais de bom aspecto.

Mas também, parece-me que ele sabia o que estava a fazer, como um bom Capitão. Alguns de nós têm que ser feios, senão os bonitos como a senhora Blythe não sobressaiam tanto."

Numa noite, Anne e Gilbert finalmente foram a pé ao farol de Four Winds. O dia tinha começado de forma sombria com nuvens cinzentas e nevoeiro, mas tinha terminado numa pompa escarlate e dourada. Por cima dos montes a oeste para além do porto haviam profundezas cor de âmbar e sombras cristalinas, e o fogo do pôr-do-sol por baixo. O céu a norte estava cavado com pequenas nuvens intensamente douradas. O farol vermelho reflectia-se nas velas brancas de um barco que deslizava pelo canal, com destino a um porto do sul numa terra de palmeiras. Para além do canal, varria e tingia os rostos brilhantes, brancos e despídos de relva das dunas de areia. À direita, caía na velha casa entre os salgueiros ao pé do riacho, e dava-lhe durante esses instantes brilhos mais esplêndidos que os de uma catedral. Eles brilhavam para além do cinzento como os pensamentos pulsantes e vermelho escarlate de uma alma viva num ambiente fosco e inerte.

"Aquela velha casa ao pé do riacho parece sempre tão solitária," disse Anne. "Eu nunca lá vejo visitas. Claro que a alameda deles dá para a estrada de cima, mas não me parece que hajam muitas idas e vindas.

Parece-me estranho ainda não termos conhecido os Moore, quando eles vivem a quinze minutos da nossa casa. Até os posso ter visto na igreja, claro, mas se os vi não sei quem são. É uma pena serem tão pouco sociáveis, quando são os nossos vizinhos mais próximos."

"Com certeza não pertencem á raça que conhece José", riu-se Gilbert. "Já descobriste quem era a rapariga que tu achaste tão bonita?"

"Não. Não sei porquê, nunca mais me lembrei de perguntar quem ela era. Mas nunca mais a vi, por isso se calhar não era mesmo daqui. Oh, o sol acabou de desaparecer, e ali está o farol!"

Enquanto a escuridão se adensava, o grande farol cortava linhas de luz através dela, descrevendo um circulo sobre os campos e o porto, as dunas de areia e o golfo.

"Sinto-me como se me pudesse apanhar e atirar léguas para dentro do mar," disse Anne, quando um varrimento a iluminou; e sentiu-se de certa forma aliviada quando penetraram tão para dentro do cabo que ficaram dentro do alcance daquelas luzes recorrentes e estonteantes. Quando viraram para a pequena alameda que saía dos campos para o cabo encontraram um homem, um homem com uma aparência tão extraordinária que ficaram ambos francamente embasbacados. Ele era uma pessoa sem dúvida bem parecida, alto, de ombros largos e bem constituído, com um

nariz romano e olhos cinzentos; estava vestido com o fato domingueiro de um próspero lavrador; e por isso poderia ser qualquer habitante de Four Winds ou do Glen. Mas desde o peito até quase aos joelhos caia-lhe uma farta barba castanha; e pelas costas abaixo, por baixo de um chapéu vulgaríssimo, seguia uma cascata correspondente de cabelo castanho, grosso e ondulado.

"Anne," murmurou Gilbert, quando deixaram de poder ser ouvidos, "Tu não puseste um bocadinho de whisky naquela limonada que me deste antes de sairmos de casa, pois não?"

"Não, não pus," disse Anne, reprimindo o riso, não fosse o enigma em retirada ouvi-la. "Quem pode ser esta pessoa?"

"Eu não sei, mas se o Capitão Jim costuma ter aparições destas no cabo vou começar a trazer uma arma no bolso quando cá vier. Ele não era um marinheiro, se fosse podíamos perdoar-lhe a excentricidade da aparência; deve pertencer a uma família do lado de lá do cabo. O tio Dave diz que eles têm bastantes aves raras por lá."

"O tio Dave é um pouco preconceituoso, parece-me. Tu sabes que as pessoas do lado de lá do cabo que vêm á igreja do Glen parecem ser simpáticas. Oh, Gilbert, não é lindo?"

O farol de Four Winds estava construído sobre um penhasco de rocha avermelhada que se elevava sobre o golfo. De um lado, percorrendo o canal, alongava-se a banda de dunas de areia prateada da barra; do outro estendia-se uma praia encurvada de penhascos vermelhos, que se elevavam íngremes desde covas cheias de seixos. Era uma costa que conhecia o mistério e a magia das tempestades e das estrelas. Havia uma grande solidão envolvendo esta costa. Os bosques nunca são solitários, estão cheios de murmúrios, inclinações e vida amigável.

Mas o mar é uma alma poderosa, gemendo para sempre uma perda grande e impossível de partilhar, que o fecha sobre si próprio para toda a eternidade. Nós nunca conseguimos penetrar o seu mistério infinito, só podemos imaginar, assombrados e encantados, na sua orla exterior. Os bosques chamam-nos com centenas de vozes, mas o mar tem uma só, uma voz poderosa que nos afoga as almas na sua música majestosa. Os bosques são humanos, mas o mar pertence ao reino dos arcanjos.

Anne e Gilbert encontraram o Tio Jim sentado num banco fora do farol, dando os últimos retoques num perfeito barco de brincar. Ele

levantou-se e deu-lhes as boas vindas, com a gentil e inconsciente cortesia que lhe assentava tão bem.

"Este foi o belo dia, senhora Blythe, e agora vejo que guardou o melhor para o fim. Gostava de se sentar aqui fora um bocado, enquanto dura a luz? Eu acabei mesmo agora este brinquedo para o meu sobrinho Joe, lá de cima do Glen. Depois de lhe ter prometido que lhe fazia um fiquei um bocado arrependido, porque a mãe dele ficou zangada. Ela tem medo que ele queria ir para o mar mais tarde, e não quer que o encorajemos. Mas o que é que eu podia fazer, senhora Blythe? Eu já tinha prometido, e acho que é muito mau quebrar uma promessa que se faz a uma criança. Venha, sente-se aqui. Não custa muito a demorar uma hora."

O vento vinha do mar, e quebrava a superfície em ondas longas e prateadas, mandando pequenas sombras transparentes a voar por cima dele, para cada cabo e manga de terra, como asas transparentes. O anoitecer pendurava uma cortina de névoa violeta sobre as dunas e as mangas de terra onde as gaivotas se juntavam. O céu estava levemente trespassado por cortinas de sedoso vapor. Frotas de nuvens percorriam o horizonte. Uma estrela já os observada por cima da barra.

"Não é uma vista que vale a pena?" disse o Capitão Jim, com um orgulho de proprietário. "Muito longe do mercado, não é? Não há compras, nem vendas, nem ganhos. Não temos que pagar nada, todo esse mar e esse céu são de graça, sem dinheiro nem preço. E a lua vai nascer não tarda nada, eu nunca me canso de descobrir como vai ser o nascer da lua por cima daquelas rochas, do mar ou do porto. Há sempre uma surpresa, de todas as vezes."

E desfrutaram do nascer da lua, observaram a sua magia num silêncio que não pedia nada mais ao mundo, nem uns aos outros. Então entraram na torre, e o Capitão Jim mostrou-lhes e explicou-lhes o mecanismo do grande farol. Finalmente, encontraram-se na grande sala de jantar, onde ardia um fogo alimentado por madeiras trazidas pelo mar, tecendo chamas ondulantes e indefinidas, de tons vindos do mar na lareira aberta.

"Eu é que fiz esta lareira," disse o Capitão Jim. "O governo não dá estes luxos aos faroleiros. Olhe só para as cores que essa madeira faz. Se quiser madeira dessa para a sua lareira, senhora Blythe, eu trago-lhe alguma um dia destes. Sentem-se, eu vou fazer um chá."

O Capitão Jim libertou uma cadeira para Anne, tendo retirado primeiro um enorme gato cor de laranja e um jornal.

"Para o chão, Matey. O sofá é que é o teu lugar. Tenho que guardar este jornal até ter tempo de acabar a história que estou a ler. Chama-se 'Um louco amor'. Não é o meu estilo preferido, mas estou a lê-lo para ver até que ponto é que ela o consegue enrolar. Já vai no capítulo sessenta e dois, e o casamento não está mais próximo do que quando começou, pelo que vejo. Quando cá vem o pequeno Joe eu tenho que lhe ler histórias de piratas. Não é estranho que os inocentes gostem tanto de histórias sangrentas?"

"Como o meu Davy lá em casa," disse Anne. "Ele só quer contos ensopados em sangue e vísceras."

O chá do Capitão Jim era como néctar. Ele ficou contente como uma criança com os elogios de Anne, mas fingiu uma indiferença muito credível.

"O segredo está em não poupar nas natas," comentou displicente. O capitão Jim nunca tinha ouvido falar de Oliver Wendell Holmes, mas concordava evidentemente com o ditado do escritor que dizia que 'os grandes corações nunca gostaram de leiteiras pequenas e natas ralas'. "Nós encontrámos uma personagem muito estranha que vinha da sua alameda," disse Gilbert enquanto bebiam o chá. "Quem é?"

O Capitão Jim riu-se.

"É o Marshal Elliot, um homem muito bom que tem um único laivo de maluquice. Devem ter pensado porque é que ele se tornou numa espécie de figura de museu de aberrações."

"Ele é um nazarita<sup>[1]</sup>, moderno, ou um profeta hebreu que veio dos tempos antigos?" perguntou Anne.

"Nenhum dos dois. É a política que está no fundo desta esquisitice. Todos os Elliots e Crawfords e MacAllisters são políticos encarniçados. Nascem Trabalhistas ou Conservadores, conforme seja o caso, vivem Trabalhistas e Conservadores, e morrem Trabalhistas ou Conservadores; e o que fazem no céu, onde provavelmente não há política, é coisa que não consigo imaginar. Este Marshall Elliot nasceu Trabalhista. Eu também sou, com moderação, mas o Marshall não tem moderação nenhuma.

Há quinze anos houve uma eleição especialmente azeda. O Marshall defendeu o partido dele com unhas e dentes. Ele tinha a certeza que os Liberais iam ganhar, tão certo que se levantou numa reunião e jurou que não se ia barbear nem cortar o cabelo enquanto os Liberais não subissem ao poder, e vocês mesmos viram o resultado. O Marshall cumpriu a palavra."

"E o que é que a mulher dele pensa disso?" perguntou Anne.

"Ele é solteiro. Mas mesmo que tivesse mulher parece-me que ela não o fazia quebrar a promessa. Aqueles Elliots sempre foram mais teimosos do que é natural.

O irmão do Marshall, o Alexander, tinha um cão em grande estimação, e quando o cão morreu ele queria que fosse enterrado no cemitério juntamente com os outros cristãos, dizia ele. Claro que não permitiram, por isso ele enterrou-o do lado de fora da vedação, e nunca mais apareceu na igreja. Mas nos Domingos ele levava a família á igreja, e sentava-se ao pé da sepultura do cão a ler a bíblia enquanto durava o serviço. Dizem que quando estava a morrer pediu á mulher que o enterrasse ao pé do cão; ela era muito calma, mas parece que explodiu com a ideia. Ela disse que ela não ia ser enterrada ao lado de nenhum cão, e que se ele preferisse ser enterrado ao lado dele do que ao lado dela era só dizer. O Alexander Elliot era teimoso como uma mula, mas gostava muito da mulher, por isso desistiu e disse, 'Pois que diabo, enterra-me onde quiseres. Mas quando soar a trompa de Gabriel eu espero que o meu cão se levante com o resto de nós, porque ele tinha tanta alma como qualquer Elliot, ou Crawford ou MacAllister que já viveu'. E foram as suas últimas palavras. Quanto ao Marshall, nós todos já nos habituámos a ele, mas ele deve parecer muito estranho aos olhos de quem não o conhece. Eu conheço-o desde os dez anos - ele agora tem cinquenta - e gosto bastante dele. Ele e eu andámos hoje á pesca do bacalhau. É só para o que sirvo agora, para apanhar trutas e bacalhau de vez em quando. Mas não foi sempre assim, de maneira nenhuma. Eu costumava fazer muitas outras coisas, como ia poder ver se lesse o livro da minha vida."

Anne ia perguntar o que era o livro da vida dele quando o First Mate criou uma diversão ao saltar para os joelhos do Capitão Jim. Ele era um bicho espantoso, com uma cara redonda como a lua cheia, uns vivos olhos verdes e patas imensas e brancas. O Capitão Jim passou-lhe a mão suavemente pelas costas aveludadas.

"Eu nunca gostei muito de gatos até ter encontrado o First Mate," comentou, acompanhado pelo potente ronronar do gato. "Eu salvei-lhe a vida, e quando salvamos a vida de uma criatura somos obrigados a gostar dela. É a coisa mais próxima a dar vida, senhora Blythe. Algumas das pessoas da cidade que tem casas de férias lá em cima são tão inconscientes que se tornam cruéis. É o pior tipo de crueldade, a crueldade inconsciente. Não se consegue ultrapassar. Eles têm gatos no Verão, e alimentam-nos e



mimam-nos, arranjam-nos como se fossem bonecas com fitas e coleiras. E quando chega o Outono vão-se embora e deixa-nos cá para passar fome e gelarem. Faz-me ferver o sangue, senhora Blythe. Um dia no Inverno passado encontrei uma pobre gata mãe morta na costa, deitada ao pé dos corpos de pele e osso dos três gatinhos. Morreu a abrigá-los. Ela tinha as pobres patas hirtas á volta deles. Senhor, vieram-me as lágrimas aos olhos! Depois praguejei.

Depois levei os pobres gatinhos para casa, alimentei-os e arranjei-lhes bons donos. Eu conhecia a mulher que deixou a gata e quando ela veio outra vez este Verão eu fui lá acima e disse-lhe a minha opinião dela. Eu não tinha nada que me meter, mas eu adoro meter-me numa boa causa."

"Como é que ela reagiu?" perguntou Gilbert.

"Chorou e disse que 'não tinha pensado nisso'. Eu disse-lhe assim 'Acha que vai ser uma boa desculpa no dia do julgamento final, quando tiver que dar contas da vida daquela pobre mãe? O Senhor vai-lhe perguntar para que é que lhe deu miolos senão foi para pensar, parece-me bem'. Eu acho que ela não vai deixar cá mais gatos abandonados para passarem fome."

"O First Mate foi um dos abandonados?" perguntou Anne, enquanto lhe fazia festas, a que ele reagia com agrado e condescendência.

"Sim. Encontrei-o num dia frio de Inverno, preso a uma árvore por uma porcaria de coleira de fita que trazia. Estava a morrer de fome. Se visse os olhos dele, senhora Blythe! Ele não era mais que um gatinho, e tinha tratado da vida dele desde que tinha sido abandonado. Quando o soltei ele deu-me uma lambidela na mão com a linguinha vermelha. Ele não era o marinheiro capaz que agora vê. Era fraquinho como um Moisés no cesto. Isso foi há nove anos. Tem tido uma vida longa na terra para um gato. Ele é um bom companheiro, o First Mate, é sim senhor."

"Eu teria esperado que o senhor tivesse um cão," disse Gilbert.

O Capitão Jim abanou a cabeça.

"Eu tive um cão, uma vez. Eu tinha tão boa opinião dele quando morreu que nunca consegui imaginar outro no lugar dele. Ele era um amigo, percebe, senhora Blythe? O Matey é só um companheiro. Eu gosto do Matey, ainda mais por causa do demónio que há dentro dele, como em todos os gatos. Mas eu amava o meu cão. Eu tive sempre uma certa afinidade pelo Alexander Elliot e o cão dele. Não há demónio nenhum num bom cão. É por isso que são mais amáveis que os gatos, parece-me.

Mas não são tão interessantes. E cá estou eu, a falar demais. Porque é que não me chamam a atenção? Quando tenho oportunidade de falar com alguém nunca mais me calo. Se já acabaram o chá tenho algumas coisas que gostava de lhes mostrar, apanhadas nos cantos estranhos onde eu costumava meter o nariz."

As coisas que o Capitão Jim tinha para mostrar revelaram-se uma colecção interessantíssima de curiosidades, umas horripilantes, outras pitorescas e outras lindas. E quase todas tinham uma história ligada a elas.

Anne nunca esqueceu a satisfação com que ouviu aquelas histórias antigas, naquela noite cheia de luar perto do lume encantado, enquanto o mar prateado os chamava através da janela aberta e soluçava contra as rochas por debaixo deles.

O Capitão Jim nunca se gabou de nada, mas era impossível deixar de ver o herói que aquele homem tinha sido, corajoso, verdadeiro, altruísta e engenhoso. Ele sentava-se naquele espaço pequeno e tornava todas as coisas vivas de novo para os seus ouvintes. Por um trejeito da sobrancelha ou um encurvar dos lábios, um gesto, uma palavra, ele pintava toda uma cena ou personagem de forma que o viam tal como fora. Algumas das aventuras do Capitão Jim tinha um toque de maravilhoso, pelo que Gilbert e Anne se perguntaram secretamente se ele não estava a aproveitar-se da credulidade deles. Mas neste aspecto, como descobririam mais tarde, estavam a injustiçá-lo. As suas histórias eram todas literalmente verdade. O capitão Jim tinha o dom do contador de histórias nato, pelo qual 'coisas infelizes e distantes' podem ser trazidas perante os ouvintes com toda a sua pungência inicial.

Anne e Gilbert riram-se e tremeram perante as suas histórias, e Anne deu por si a chorar numa ocasião. O Capitão Jim reparou nas suas lágrimas com a satisfação espelhada no rosto.

"Eu gosto de ver as pessoas chorarem assim," comentou. "É um elogio. Mas eu não consigo fazer justiça às coisas que vi ou que ajudei a fazer. Eu tenho-as todas anotadas no livro da minha vida, mas não tenho jeito para as escrever como deve ser. Se eu conseguisse encontrar as palavras certas e juntá-las no papel eu podia fazer um grande livro. Ia bater o 'Louco Amor' aos pontos, e acho que o Joe ia gostar tanto dele como das histórias de piratas. Sim, eu tive algumas aventuras no meu tempo, e, sabe, senhora Blythe, eu ainda sonho com elas. Sim, velho e sem préstimo como sou,

ainda tenho muitas crises de desejo de navegar lá para fora, para sempre, para todo o sempre."

"Como Ulisses, você 'Navegaria para lá do pôr-do-sol e dos leitos de todas as estrelas do ocidente até morrer,'" disse Anne de forma sonhadora.

"Ulisses? Eu li sobre ele. Sim, é mesmo assim que me sinto, como todos os velhos marinheiros se sentem, parece-me bem. Então,... o que for será. Havia cá o velho William Ford no Glen que nunca tinha posto um pé dentro de água na vida porque tinha medo de se afogar. Uma mulher que lhe leu a sina disse-lhe que ia ser a morte dele. E um dia desmaiou e caiu com a cabeça no barril da água que tinha no celeiro e afogou-se. Têm que ir? Bem, venham mais vezes, e em breve. O Doutor é que vai falar da próxima vez. Ele sabe uma data de coisas que eu quero descobrir. Eu estou muito sozinho aqui às vezes.

Tem sido pior desde que morreu a Elizabeth Russel. Eu e ela éramos grandes amigos."

O Capitão Jim falou com o pathos dos idosos, que vêm os seus velhos amigos afastando-se um a um, amigos cujo lugar não pode ser reocupado por outros de uma geração mais jovem, mesmo que sejam da raça que conhece José. Anne e Gilbert prometeram vir em breve, e muitas vezes. "Ele é um velhote invulgar, não é?" disse Gilbert, enquanto caminhavam de regresso a casa.

"Eu não consigo conciliar a personalidade simples e gentil dele com a vida de aventuras que viveu," reflectiu Anne.

"Não ias achar tão difícil se o tivesses visto na vila de pescadores como eu vi no outro dia. Um dos homens do barco do Peter Gautier fez uma observação desagradável sobre uma rapariga ao pé da costa. O Capitão Jim quase o trespassou com o olhar. Parecia um homem transformado. Ele não disse muita coisa, mas a maneira como o disse! Tu ias pensar que ia arrancar a carne dos ossos do homem. Percebi que o Capitão Jim nunca tolerou que se dissesse uma palavra desagradável contra uma mulher na sua presença."

"Pergunto-me porque nunca casou," disse Anne. "Ele devia ter filhos com navios no mar, e netos a treparem-lhe para o colo para ouvirem as histórias dele - é esse tipo de homem. Mas não tem nada a não ser um magnífico gato." Mas Anne estava enganada. O Capitão Jim tinha mais do que isso. Ele tinha uma memória.

## Capítulo 10

### Leslie Moore

**"Vou** dar um passeio na costa hoje," disse Anne a Gog e Magog numa tarde de Outubro. Não havia mais ninguém a quem dizer porque Gilbert estava fora do outro lado do porto. Anne tinha o seu pequeno domínio na ordem impecável que se esperaria de alguém que fora educado por Marilla Cuthbert, e sentiu que podia ir passear com a consciência tranquila. Muitos e encantadores tinham sido os seus passeios pela costa, umas vezes com Gilbert, outras com o Capitão Jim, outras ainda sozinha com os seus pensamentos, e novos e docemente penetrantes sonhos que começavam a espalhar luz com os seus arco-íris. Ela amava a suave e enevoadada costa do porto e a praia assombrada pelo vento no seu tom prateado, mas mais do que tudo ela amava a costa rochosa, com os seus penhascos e grutas e montes de rochas gastas pelo mar, e as suas covas onde os seixos brilhavam dentro das poças; e foi para esta costa que se dirigiu nessa tarde.

Tinha havido uma tempestade de Outono com vento e chuva, que durou três dias. Os choques das vagas nas rochas tinham sido ensurdecedores, o vento soprara selvagem por cima da barra espalhando espuma e perturbando a paz do porto azul de Four Winds, enevoadado e desfeito pela tempestade. Agora tinha terminado, e a costa jazia limpa após a tempestade; nem um ventinho soprava, mas havia ainda uma grande ondulação, que se lançava sobre a areia e as rochas num esplêndido remoinho branco - a única inquietude na grande envolvente de silêncio e paz.

"Oh, este é um momento que justifica três semanas de tempestade e angústia," exclamou Anne, olhando deliciada para as águas turbulentas lá ao longe do topo do penhasco onde se encontrava. Começou então a descer pelo caminho empinado para a pequena enseada lá em baixo, onde parecia fechada entre as rochas, o mar e o céu.

"Vou dançar e cantar," disse. "Aqui não há ninguém que me veja, e as gaivotas não vão comentar o assunto. Posso ser tão louca como me apetecer."

Ela apanhou a saia e girou sobre si mesma pela larga faixa de areia compactada, perto do alcance das ondas que quase lhe lambiam os pés com a sua espuma. Rodando uma e outra vez, rindo como uma criança, ela

chegou ao pequeno cabo que se prolongava para o leste da enseada, e então parou subitamente, corando embaraçada; ela não estava só, havia uma testemunha da sua dança e riso.

A rapariga do cabelo dourado e dos olhos azuis marinhos estava sentada numa rocha da orla, meia escondida por outra que se projectava. Estava a olhar directamente para Anne com uma expressão estranha, com uma parte de admiração, outra de empatia e outra ainda - seria? - de inveja. Estava com a cabeça descoberta, e o seu esplêndido cabelo mais do que nunca como a 'cobra fantástica' de Browning, estava enrolado á volta da sua cabeça com uma fita vermelha. Ela usava um vestido de um material escuro, feito de forma muito simples; mas apertando a sua cintura, revelando as suas belas formas, estava uma viva faixa de seda vermelha. As suas mãos, juntas sobre os joelhos, estavam morenas e endurecidas pelo trabalho; mas a pele do seu pescoço e rosto era clara como a neve. Um breve rasgo de luz do sol que se estava a pôr atravessou uma nuvem e pousou-lhe no cabelo. Por um momento pareceu-lhe uma personificação do espírito do mar, com todos os mistérios, todas as paixões, todo o seu charme encantador.

"Você...você deve pensar que sou louca," balbuciou Anne, tentando recuperar a compostura. Ser vista por esta rapariga tão séria num abandono tão infantil, a ela, à senhora Blythe, com toda a dignidade de uma matrona a defender, era muito mau!

"Não," disse a rapariga, "eu não acho."

Ela não disse mais nada; a voz dela não tinha expressão, mas havia algo nos seus olhos, desejosos mas tímidos, desafiantes mas implorantes, que impediu Anne de se ir embora. Em vez disso, sentou-se na pedra ao lado da jovem.

"Vamos apresentar-nos," disse, com o sorriso que até aí nunca deixara de atrair confiança e amizade. "Eu sou a senhora Blythe, e vivo naquela casa pequena na costa do porto."

"Sim, eu sei," disse a rapariga. "Eu sou a Leslie Moore, a senhora Dick Moore," acrescentou com rigidez.

Anne ficou em silêncio por um momento, em pura admiração. Nunca lhe tinha ocorrido que esta jovem fosse casada, não parecia nada o tipo de esposa. E ela devia ser a vizinha que Anne tinha imaginado a típica dona de casa de Four Winds! Anne não conseguia ajustar a sua imagem mental a esta mudança inesperada.

"Então...então vive naquela casa cinzenta perto do riacho," concluiu. "Sim. Eu devia ter ido visitá-la há muito tempo," disse a outra. Ela não deu nenhuma explicação ou desculpa para não o ter feito.

"Eu gostava que viesse," disse Anne, recuperando o raciocínio. "Somos vizinhas tão próximas que devíamos ser amigas. Esse é o único defeito de Four Winds, não há muitos vizinhos próximos. De resto é perfeito." "Gosta disto?"

"Se gosto! Eu adoro Four Winds. É o sítio mais bonito que já vi."

"Eu nunca cheguei a ver muito sítios," disse Leslie Moore lentamente, "mas sempre achei que isto era lindo. Eu também adoro Four Winds."

Ela falava, tal como olhava, timidamente mas com ansiedade. Anne tinha a estranha impressão que esta rapariga, e a palavra 'rapariga' persistia, poderia dizer muitas coisas se quisesse.

"Eu venho muito á costa," acrescentou.

"Eu também," disse Anne. "É estranho não nos termos encontrado antes." "Provavelmente você vem mais cedo que eu. Eu venho quando está quase escuro. E eu adoro vir cá depois de uma tempestade como esta. Eu não gosto tanto do mar quando está calmo e silencioso. Gosto da luta, do rebuliço e do barulho."

"Eu gosto dele de todas as formas," disse Anne. "O mar em Four Winds é para mim como a alameda dos apaixonados era em casa. Hoje parece-me tão livre tão indomável que qualquer coisa se soltou em mim também, por empatia. Foi por isso que dancei pela praia daquela maneira. Não pensei que alguém visse, claro. Se a miss Cornélia Bryant me tivesse visto teria temido um futuro muito negro para o pobre doutor Blythe." "Você conhece a miss Cornélia?" disse Leslie a rir. Ela tinha um riso delicado; borbilhava subitamente com qualquer coisa da qualidade deliciosa de um riso de bebé. Anne riu-se também.

"Oh, sim, ela tem ido várias vezes á minha casa de sonho."

"A sua casa de sonho?"

"Oh, sim, é um nome tonto e querido que o Gilbert e eu temos para a nossa casa. Nós chamamos-lhe assim entre nós. Saiu-me sem pensar." "Então a casinha branca da miss Russel é a vossa casa de sonho," disse Leslie de forma sonhadora. "Eu dantes também tinha uma casa de sonho, mas era um palácio," acrescentou, com uma risada, cuja doçura foi ensombrada com uma certa ironia.

"Oh, eu também costumava sonhar com um palácio," disse Anne. "Acho que todas as raparigas sonham. Depois parecemos assentar todas com a ideia de uma casa de oito divisões que preenche todos os requisitos do nosso coração porque o nosso príncipe está lá. Mas você devia ter mesmo o seu palácio, é tão bonita. Tem que me deixar dizer isto, tem que ser dito, estou praticamente a rebentar de admiração. Você é a pessoa mais bonita que eu já vi, senhora Moore."

"Se vamos ser amigas tem que me chamar Leslie," disse a outra com uma estranha emoção.

"Claro que chamo. E os meus amigos chamam-me Anne."

"Acho que sou bonita," continuou Leslie, olhando para o mar em frente. "Eu odeio a minha beleza. Eu só desejava ter nascido tão vulgar e escura como a rapariga mais vulgar da aldeia de pescadores lá em baixo. E então, o que achou da miss Cornélia?"

A mudança abrupta de tema de conversa cortou a possibilidade de mais confissões.

"A miss Cornélia é uma querida, não é?" disse Anne. "O Gilbert e eu fomos convidados para tomar chá em casa dela na semana passada. Já deve ter ouvido falar de mesas a abarrotar."

"Sim, lembro-me de ver a expressão nos relatos de casamentos dos jornais," disse Leslie sorrindo.

"Bem, a da miss Cornélia certamente estava a abarrotar, pelo menos tenho a certeza que rangia com aquele peso todo. Eu não podia acreditar que ela tivesse feito tanta comida só para duas pessoas. Ela tinha todos os tipos de tarte que consigo nomear, excepto parece-me, tarte de limão. Ela disse que tinha ganho um prémio pela tarte de limão na exposição de Charlottetown e nunca mais fez nenhuma com medo que não lhe saísse tão bem."

"E conseguiram comer o suficiente para lhe agradarem?"

"Eu não. O Gilbert ganhou a consideração dela por ter comido eu nem lhe digo quanto. Ela disse que nunca viu um homem que gostasse tanto da sua Bíblia como de uma boa tarte. Sabe que eu gosto muito da miss Cornélia."

"Eu também," disse Leslie. "Ela é a melhor amiga que tenho no mundo." Anne perguntou-se então porque é que, se era assim, a miss Cornélia nunca lhe tinha falado da senhora Dick Moore. A miss Cornélia

certamente tinha falado sem problemas de todas as outras pessoas de Four Winds e redondezas.

"Não é lindo?" perguntou Leslie, depois de um breve silêncio, apontando para um rasgo de luz que passava por um buraco numa rocha e atravessava uma poça esverdeada mais abaixo. "Se eu cá tivesse vindo e não tivesse visto mais nada teria ido satisfeita para casa."

"Os efeitos da luz e da sombra ao longo desta costa são extraordinários," concordou Anne. "O sítio onde eu costumo costurar dá para o porto, e eu sento-me muitas vezes á janela para deliciar os olhos. As cores e as sombras não são iguais dois minutos seguidos."

"E nunca se sente só?" perguntou Leslie abruptamente. "Nunca, quando está sozinha?"

"Não. Acho que nunca me senti só na vida," respondeu Anne. "Mesmo quando estou sozinha eu estou em boa companhia, com sonhos, imaginações e faz de conta. Eu gosto de estar sozinha de vez em quando, para pensar nas coisas e saboreá-las. Mas eu gosto de amizades, e de passar momentos alegres e agradáveis com as pessoas."

Oh, não me pode ir visitar? Por favor, vá. Eu acho," Anne acrescentou rindo-se, "que você ia gostar de mim se me conhecesse."

"Eu pergunto-me se você gostaria de mim," disse Leslie séria. Ela não estava á espera de um cumprimento. Olhou para as ondas que começavam a ficar engalanadas com pedaços de espuma brilhantes com reflexos de luar, e os seus olhos encheram-se de sombras.

"Eu tenho a certeza que sim," disse Anne. "E, por favor, não pense que eu sou completamente irresponsável porque me viu a dançar na costa ao pôr-do-sol. Eu vou tornar-me séria depois de uns tempos. Sabe, eu não estou casada há muito tempo. Sinto-me uma rapariga, muitas vezes uma criança ainda."

"Eu sou casada há doze anos," disse Leslie.

E essa era outra coisa inacreditável.

"Mas você não pode ser da minha idade!" exclamou Anne. "Deve ter casado uma criança."

"Tinha dezasseis anos," disse Leslie, levantando-se e apanhando o gorro e o casaco que tinha por trás de si. "Tenho vinte e oito anos. Bem, tenho que me ir embora."

"Eu também. O Gilbert já está em casa, provavelmente. Mas estou contente por termos vindo as duas á praia e ter-mo-nos encontrado." Leslie



não disse nada, e Anne sentiu-se esfriar um pouco. Ela tinha oferecido a sua amizade sincera mas não tinha sido aceite de uma forma aberta, se é que não fora recusada. Em silêncio subiram o penhasco e caminharam ao longo de um campo de pastagem, onde a penugem de ervas selvagens debotadas formavam uma tapete de veludo creme á luz da lua. Quando chegaram á alameda da costa a Leslie virou-se.

"Eu vou por aqui, senhora Blythe. Você vem cá ver-me um dia destes, não vem?"

Anne sentiu-se como se o convite lhe tivesse sido atirado. Sentiu que Leslie lho fizera com relutância.

"Eu vou, se você realmente quiser," disse um pouco friamente.

"Oh, mas quero, mas quero," exclamou Leslie com uma ansiedade que pareceu ter saído e anulado qualquer reserva que tivesse por detrás. "Então irei. Boa noite, Leslie."

Anne caminhou para casa com o espirito carregado e contou a história a Gilbert.

"Então a senhora Dick Moore não pertence á raça que conhece José?" disse ironicamente Gilbert.

"Não, não propriamente. Mas acho que ela pertenceu em tempos, só que foi-se embora ou foi exilada," disse Anne, entrando na brincadeira. "Ela é com certeza muito diferente das outras mulheres daqui. Não se pode falar de ovos e manteiga com ela. Só de pensar que eu a imaginei uma segunda senhora Lynde! Alguma vez viste o Dick Moore, Gilbert?" "Não. Eu vi vários homens a trabalhar nos campos da quinta, mas não sei qual seria o Dick Moore."

"Ela não falou nele. Eu sei que ela não é feliz."

"Por aquilo que disseste parece-me que ela casou nova demais para saber o que queria ou sentia, e descobriu tarde de mais que estava enganada. É uma tragédia muito comum, Anne. Uma mulher correcta teria tentado aproveitar as coisas boas. A senhora Moore deixou-se tornar amarga e ressentida."

"Não a julgues enquanto não a conhecermos melhor," pediu Anne. "Eu não acho que o caso dela seja tão vulgar. Tu vais compreender o fascínio que ela exerce quando a conheceres Gilbert. É uma coisa diferente, à parte da beleza dela. Eu sinto que ela tem uma personalidade rica, na qual um amigo poderá penetrar como num vasto reino mas por qualquer razão ela barra a entrada a toda a gente e fecha todas as possibilidades de si própria,

para que não possam desabrochar e desenvolverem-se. E ai está, desde que a deixei tenho tentado defini-la para mim própria, e é o mais próximo que consigo. Vou perguntar á miss Cornélia sobre ela."

## Capítulo 11

### A História de Leslie Moore

"**Sim,** o oitavo bebê já chegou há duas noites," disse a miss Cornélia, sentada numa cadeira de baloiço da pequena casa numa tarde fria de Outubro. "É uma rapariga. O Fred ficou louco, disse que queria um rapaz quando a verdade é que não o queria. Se fosse um rapaz tinha resmungado por não ser rapariga. Eles tinham três raparigas e quatro rapazes, por isso não vejo que diferença faz o sexo desta, mas claro que ele tinha que ser rabugento, típico de um homem. O bebê é muito bonito, vestidinho com aquelas roupas. Tem olhos pretos e umas mãozinhas lindas."

"Eu tenho que a ir ver. Eu adoro bebês," disse Anne, sorrindo para ela mesma com um pensamento demasiado íntimo e sagrado para ser posto em palavras.

"Eu também os acho queridos," admitiu a miss Cornélia. "Mas algumas pessoas têm muitos mais do precisam, acredite. A minha pobre prima Flora lá do Glen tem onze, e é uma escrava. O marido suicidou-se há três anos. Típico de homem!"

"E o que é que o levou a fazer isso?" perguntou Anne, um pouco chocada.

"Não levou a melhor em qualquer coisa, por isso saltou para dentro de um poço. Não deixou saudades! Ele era um tirano nato. Mas claro que estragou o poço. A Flora nunca mais pôde pensar em usá-lo, coitada. Por isso mandou cavar outro; foi uma despesa terrível, e a água é dura como pedras. Se ele se queria afogar havia bastante água na baía, não acha? Eu não tenho paciência para homens assim. Só tivemos dois suicidas em Four Winds, que eu me lembre. O outro foi o Frank West, o pai da Leslie Moore. Por falar nisso, a Leslie ainda não a veio visitar?"

"Não, mas eu conheci-a na praia há umas noites atrás, e fizemos as apresentações," disse Anne, afiando os ouvidos.

A miss Cornélia acenou com a cabeça.

"Ainda bem, querida. Eu tinha esperança que se encontrassem. O que achou dela?"

"Eu achei que ela é linda."

"Oh, claro. Não há ninguém em Four Winds que lhe chegue aos calcanhares. Já viu o cabelo dela? Chega-lhe quase aos pés quando o solta.

Mas eu quis perguntar se tinha gostado dela."

"Eu acho que iria gostar dela, se ela deixasse," disse Anne lentamente.

"Mas ela não deixou, empurrou-a até a afastar. Pobre Leslie. Você não se ia admirar se soubesse como tem sido a vida dela. Tem sido uma tragédia, uma tragédia!" repetiu a miss Cornélia enfaticamente.

"Eu gostava que me contasse tudo sobre ela, se o poder fazer sem lhe trair a confiança, claro."

"Oh, minha querida, toda a gente em Four Winds sabe a história da pobre Leslie. Não é segredo, a parte exterior, pelo menos. Ninguém sabe as partes mais íntimas a não ser a Leslie, e ela não confia nas pessoas. Eu sou a única amiga que ela tem, penso eu, e nunca me fez uma queixa. Já alguma vez viu o Dick Moore?"

"Não."

"Bem, então posso começar pelo principio e contar-lhe tudo de uma vez, para perceber. Como eu disse, o pai da Leslie era o Frank West. Ele era esperto e preguiçoso, um homem típico. Oh, ele era muito inteligente, e servia-lhe de muito! Foi para o colégio, e lá esteve dois anos, até que depois adoeceu. Os West têm tendência para a tuberculose. Por isso o Frank veio para casa e dedicou-se á agricultura. Casou com a Rose Elliot do outro lado do porto. A Rose era a beleza de Four Winds, aliás a Leslie parece-se com a mãe mas tem dez vezes o espirito e a desenvoltura que a Rose tinha, e é mais elegante. Sabe, Anne, que eu acho que nós mulheres temos que nos defender umas ás outras. Já temos sofrimento que chegue nas mãos dos homens, só Deus sabe, por isso eu acho que não devemos espicaçar-nos umas ás outras, e não me vai ouvir dizer mal de muitas mulheres. Mas eu nunca achei grande graça à Rose Elliot. Ela era mimada para começar, acredite, e não era mais que uma criatura egoísta, preguiçosa e queixosa. O Frank também não era grande trabalhador, por isso eram pobres como a galinha de Job. Pobres! Eles viviam de batatas e pouco mais, acredite. Tinham dois filhos, a Leslie e o Kenneth. A Leslie tinha o aspecto da mãe e a inteligência do pai, e outra coisa que não herdou de nenhum dos dois. Ela herdou isso da avó West, uma excelente senhora. Ela era a criança mais alegre, esperta e simpática quando era pequena, Anne. Toda a gente gostava dela. Era a preferida do pai e gostava muito dele. Eles eram grandes companheiros, como ela costumava dizer. Ela não lhe via defeitos nenhuns, e ele era um homem encantador em certas coisas.

Bem, quando a Leslie tinha doze anos aconteceu a primeira coisa horrível. Ela adorava o pequeno Kenneth, ele era quatro anos mais novo que ela, e era um miudinho adorável. E morreu, um dia caiu de um monte de feno que estavam a levar para o celeiro e a roda passou-lhe por cima e matou-o. E imagine só, Anne, a Leslie viu. Ela estava a olhar do sobrado. Ela deu um grito..., o homem que lá trabalhava disse que nunca tinha ouvido um som assim na vida, disse que lhe ia soar nos ouvidos até Gabriel o ultrapassar com a trompa. Mas nunca mais gritou ou chorou por isso. Saltou do sobrado para o monte de feno, do monte de feno para o chão, e apanhou o pequeno que sangrava. Anne, tiveram que lho arrancar dos braços porque ela não o largava. Mandaram-me chamar..., eu não consigo falar disto..."

A Miss Cornélia limpou as lágrimas dos seus doces olhos castanhos e coseu em silêncio durante um bocado.

"Bem," continuou, "lá acabaram por enterrar o pequeno Kenneth no cemitério lá de cima no porto, e depois de uns tempos a Leslie voltou á escola e aos estudos. Nunca mais mencionou o nome do Kenneth, eu nunca mais a ouvi falar dele desde esse dia. Eu acho que essa ferida ainda dói de tempos a tempos, mas ela era só uma criança e o tempo é bom para as crianças, Anne, querida. Depois de um bocado ela voltou a rir, ela tinha um riso lindo. Agora não se ouve muito."

"Eu ouvi-a na outra noite. E é mesmo um lindo riso."

"O Frank West começou a ir-se abaixo depois da morte do Kenneth. Ele não era forte e foi um choque para ele, porque gostava muito do filho, apesar de como já disse, a Leslie ser a preferida. Ficou mole e melancólico, e não podia ou não queria trabalhar. E um dia, quando a Leslie tinha catorze anos, ele enforcou-se, na sala de estar. Imagine só Anne, mesmo no meio da sala de estar do gancho da lâmpada do tecto! Não é típico de um homem? E era o aniversário de casamento dele, também. Uma altura mesmo apropriada, não acha? E claro que tinha que ser a pobre Leslie a ir dar com ele. Ela ia á sala de estar a cantar, para pôr uma flores, e lá estava o pai, pendurado do tecto, com a cara negra como carvão. Foi horrível, acredite!"

"Oh, que horror!" disse Anne, a tremer. "Pobre, pobre criança!"

"A Leslie não chorou no funeral do pai, tal como não tinha chorado no do irmão. A Rose gritou e chorou pelas duas, e a Leslie não dava á conta a tentar acalmar e confortar a mãe. Eu fiquei chocada com a Rose, e toda a gente ficou, mas a Leslie nunca perdeu a paciência. Ela amava muito a mãe.

A Leslie é muito apegada á familia, nunca viu defeitos nos seus. Bem, enterraram o Frank West ao lado do Kenneth, e a Rose mandou fazer uma grande lápide para ele. Era maior que o carácter dele, acredite! De qualquer forma era maior do que aquilo que a Rose podia pagar, porque a quinta estava hipotecada por um valor mais alto do que valia. Mas pouco tempo depois a avó da Leslie morreu e deixou-lhe um dinheirinho, o suficiente para ela ir para Queens durante um ano. A Leslie tinha pensado em estudar para professora se pudesse, e depois ganhar o suficiente para ir para Redmond. Essa era a ideia do pai, ele queria que ela conseguisse o que ele tinha falhado. A Leslie tinha muita ambição, e era muito inteligente. Foi para Queen's e tirou a licença de professora de primeira num ano, e quando voltou ficou com a escola do Glen. Estava tão feliz, tão cheia de esperança e de vida! Quando penso no que ela era nessa altura e no que é agora, malvado homem!"

A miss Cornélia amaldiçoou-o com tanta convicção como se pudesse cortar o pescoço da humanidade, estilo Nero, de um só gesto.

"O Dick Moore entrou na vida dela nesse Verão. O pai dele, o Abner Moore, tinha uma loja no Glen, mas o Dick tinha sangue de marinheiro da parte da mãe; costumava navegar no Verão e vendia na loja do pai no Inverno. Ele era um tipo grande e bonito, com uma alma feia e pequena. Queria sempre qualquer coisa até a conseguir, e depois deixava de a querer, típico de um homem. Oh, ele não resmungava com o tempo quando estava bom, e era muito agradável quando tudo corria bem. Mas bebia bastante, e contavam-se umas histórias sobre ele e uma rapariga da aldeia de pescadores. Ele não servia para a Leslie limpar os pés, é o que interessa.

E era metodista! Mas era doido por ela, porque ela era bonita em primeiro lugar, e porque não se interessava por ele em segundo. Ele jurou que a havia de ter, e conseguiu!"

"E como foi isso?"

"Oh, foi uma coisa iniqua! Nunca perdoarei á Rose West. Sabe, Anne, querida, o Abner Moore tinha a hipoteca da quinta dos West, que já tinha acumulado juros de vários anos, e o Dick foi lá um dia e disse á senhora West que se a Leslie não casasse com ele, ele dizia ao pai dele que executasse a hipoteca e vendesse a quinta. A Rose teve um ataque, desmaiou e chorou, e implorou á Leslie que não a deixasse sem casa. Ela dizia que a ia destroçar ter que deixar a casa para onde entrara como noiva. Eu não a culpo por se sentir mal por isso, mas eu nunca pensei que ela fosse

egoísta ao ponto de sacrificar a própria filha por causa disso, não acha? Pois, mas era.

E a Leslie cedeu, ela gostava muito da mãe e teria feito qualquer coisa para lhe poupar um desgosto. Casou com o Dick Moore. Nenhum de nós percebeu porquê, na altura. Só muito mais tarde descobri que tinha sido a mãe dela que a convenceu. Eu tinha a certeza que havia qualquer coisa de errado, porque eu sabia que ela o tinha recusado mais que uma vez, e não era normal na Leslie mudar de ideias dessa maneira. Para além disso, eu sabia que o Dick Moore era o tipo de homem que não interessava á Leslie, apesar de ser bonito, e de ter aquele jeito agradável. Claro que não houve festa de casamento, mas a Rose pediu-me que fosse á cerimónia. Eu fui, e bastante me arrependi. Eu tinha visto a cara da Leslie no funeral do irmão, e do pai, e parecia-me que a estava a ver no dela. Mas a Rose sorria com quantos dentes tinha, acredite!

A Leslie e o Dick foram viver para a quinta dos West, a Rose não podia separar-se da filha, e aí ficaram todo o Inverno. Na Primavera a Rose apanhou pneumonia e morreu, com um ano de atraso! A Leslie ficou destruçadada com isso. Não é terrível que algumas pessoas sejam amadas, enquanto outras que merecem muito mais nunca têm grande afecto? E o Dick já tinha tido tempo suficiente de vida de casado, típico de um homem. Foi-se embora.

Foi para Nova Escócia visitar uns parentes, o pai dele tinha vindo de Nova Escócia, e escreveu á Leslie a dizer que o primo dele George Moore ia de viagem a Havana e que ele também ia. O nome do barco era Four Sisters e iam estar fora nove semanas.

Deve ter sido um alívio para a Leslie, mas ela nunca disse nada. Desde o dia do casamento que ela está assim, fria e altiva, pondo toda a gente á distância, menos eu. Eu não deixo que me mantenham á distância, acredite! Eu agarrei-me á Leslie tanto quanto podia, apesar de tudo."

"Ela disse-me que você era a melhor amiga que ela tinha." Disse Anne. "Foi?" exclamou encantada a Miss Cornélia. "Bem, pois fico contente por ouvir isso. Por vezes penso se ela me quer realmente ver, como ela nunca mo mostra. Você deve ter-lhe agradado mais do que pensou, ou ela não lhe tinha contado tanta coisa. Oh, aquela pobre rapariga de coração despedaçado! Eu pouco vejo o Dick Moore, mas apetece-me trespassá-lo com uma faca de cada vez que penso nele."

A Miss Cornélia limpou os olhos outra vez e tendo-se aliviado com aquele último pensamento sangrento retomou o seu conto.

"Bem, a Leslie ficou aqui sozinha. O Dick tinha tratado da colheita antes de partir, e o velho Abner tomou conta do resto. O Verão passou-se e o Four Sisters não voltou. Os Moores de Nova Escócia investigaram e descobriram que o barco tinha chegado a Havana e descarregado, carregado outra carga e partido de volta; e foi tudo o que conseguiram descobrir. Aos poucos as pessoas começaram a falar do Dick Moore como se estivesse morto. Quase toda a gente achava que estava, apesar de não terem a certeza, porque já houve homens que voltaram aqui ao porto depois de estarem anos desaparecidos. A Leslie nunca achou que ele estivesse morto, e tinha razão, infelizmente!

No Verão seguinte o Capitão Jim foi a Havana - isto foi antes de ele deixar o mar, claro. Ele pensou que podia fazer umas perguntas, o Capitão Jim sempre foi um bocado intrometido, típico de um homem, e foi perguntando nas pensões de marinheiros e outros lugares assim, para ver se podia descobrir qualquer coisa sobre a tripulação do Four Sisters. Mais valia ter estado calado, na minha opinião. Bem, chegou a um sítio mais longe e viu lá um homem que lhe pareceu o Dick Moore, mas que usava barba. O Capitão Jim mandou-lha cortar e não ficaram dúvidas, era o Dick Moore, pelo menos o corpo. O espírito já lá não estava, e quanto á alma ele nunca teve nenhuma!"

"O que é que lhe tinha acontecido?"

"Ninguém sabe de certeza. Tudo o que as pessoas da pensão sabiam era que o tinham encontrado certa manhã deitado no degrau de entrada num estado horrível, com a cabeça moída de pancada. Eles acharam que ele se tinha ferido nalguma briga de bêbados e provavelmente era o que tinha acontecido. Acolheram-no, nunca pensando que sobrevivesse. Mas sobreviveu, e ficou como uma criança quando recuperou. Não tinha memória, nem inteligência, nem senso. Tentaram descobrir quem era mas não conseguiram. Ele nem sequer sabia dizer o nome, só conseguia dizer algumas palavras. Ele tinha com ele uma carta que começava por 'Querido Dick', e assinada 'Leslie', mas não havia nenhuma morada, nem envelope. Deixaram-no ficar, ele aprendeu a fazer alguns serviços no sítio, e foi então que o Capitão Jim o encontrou. Ele trouxe-o para casa, e eu sempre disse que tinha sido uma triste ideia, mas o que é que ele podia fazer? Ele pensou que quando o Dick voltasse para casa e visse os sítios que lhe eram



familiares a memória voltasse. Mas não resultou. Ali tem estado na casa do riacho desde essa altura. É como se fosse uma criança, nem mais nem menos. Às vezes faz umas birras, mas na maior parte do tempo está alheio, bem-humorado e inofensivo. Às vezes foge se não for vigiado. E este é o fardo que a Leslie carrega há onze anos. O velho Abner morreu pouco tempo depois de terem encontrado do Dick e estava quase falido.

Quando trataram de tudo não restou nada para a Leslie e para o Dick a não ser a quinta dos West. A Leslie arrendou-a ao John Ward, e é só o que tem para viver.

Às vezes no Verão recebe um hóspede para ajudar. Mas os visitantes preferem o outro lado do porto onde estão os hotéis.

A casa da Leslie é muito longe da praia onde vão a banhos.

Ela tem tomado conta do Dick e não o deixou uma vez durante estes onze anos, está presa àquele imbecil para o resto da vida. E depois de todos os sonhos e esperanças que tinha!

Você consegue imaginar como é que a vida tem sido para ela, Anne, querida, com a sua beleza e inteligência e espírito e altivez. Tem sido uma morta viva."

"Pobre, pobre rapariga!" disse Anne novamente. A sua própria felicidade parecia reprovável. Que direito tinha ela de ser tão feliz quando outro ser humano era tão desgraçado?

"Pode dizer-me o que é que a Leslie disse e como é que agiu na noite em que a encontrou na costa?" pediu Miss Cornélia.

E ouviu com muita atenção, e acenava afirmativamente com satisfação. "Você achou que ela tinha sido fria e rígida, Anne querida, mas eu devo dizer-lhe que ela até se portou muito bem. Ela deve ter gostado muito de si. Fico contente. Você é capaz de a ajudar bastante. Eu fiquei feliz de saber que um casal jovem vinha para esta casa, porque esperei que viessem a ser amigos da Leslie, especialmente se pertencessem á raça que conhece José. Você vai ser amiga dela, não vai, Anne querida?"

"Com certeza que vou, se ela me permitir," disse Anne, com toda a sua sinceridade impulsiva e afectuosa.

"Não, você tem que ser amiga dela quer ela permita quer não," disse Miss Cornélia com resolução. "Não ligue se ela for fria por vezes, nem repare. Lembre-se do que foi a vida dela, e é, e sempre será, penso eu, porque as criaturas como o Dick Moore vivem para sempre, parece.

Você devia ver como ele engordou desde que veio para casa. Ele costumava ser elegante. Obrigue-a a ser sua amiga, você consegue, tem jeito para isso. Mas não deve ser melindrosa. E não se importe se lhe parecer que ela não quer que vá muitas vezes lá a casa. Ela sabe que algumas mulheres não gostam de estar ao pé do Dick, queixam-se que ele lhes dá calafrios. Convide-a a vir tantas vezes quanto possa. Ela não pode vir muito, não pode deixar o Dick por muito tempo, porque sabe Deus o que ele podia fazer, queimar a casa, ou qualquer coisa assim. À noite, depois dele estar deitado, é a única altura em que ela está livre. Ele vai sempre cedo para a cama e dorme como um morto até de manhã. Foi por isso que a viu na praia àquela hora, provavelmente. Ela vai muito lá."

"Eu vou fazer tudo o que possa por ela," disse Anne. O interesse dela pela Leslie Moore, que tinha sido bastante desde que a vira com os gansos, intensificara-se mil vezes pela história da Miss Cornélia. A beleza da rapariga, a mágoa e a solidão levavam-na a uma atracção irresistível. Ela nunca conhecera ninguém como ela; as suas amigas eram geralmente raparigas saudáveis, normais e alegres como ela, com preocupações e desgostos dentro da média para ensombrar os seus sonhos de raparigas. A Leslie distinguia-se como uma figura trágica e apelativa, de feminilidade desiludida. Anne decidiu que ganharia a entrada no reino daquela alma solitária e que lá encontraria a rica camaradagem que tinha para dar, se não fossem as grades que a sustinham numa prisão que não fora por ela construída.

"E tome atenção, Anne, querida," disse Miss Cornélia, que ainda não se sentia aliviada, "Você não deve pensar que ela é atea só porque ela não vai á igreja, ou que é metodista. Ela não pode levar o Dick á igreja, até porque ele nunca ligou á igreja quando estava bem. Mas você deve lembrar-se que ela é uma verdadeira presbiteriana no coração, Anne querida."

## Capítulo 12

### Leslie faz uma visita

**A Leslie** foi á casa de sonho numa noite gelada de Outubro, quando as névoas iluminadas pela lua penetravam o porto e se encaracolavam como fitas prateadas á volta dos prados junto ao mar. Pareceu arrepender-se de ter vindo quando o Gilbert atendeu a porta, mas Anne adiantou-se, abraçou-a e puxou-a para dentro.

"Fico tão contente por ter escolhido esta noite para nos visitar," disse contente. "Eu fiz uma grande quantidade de doce esta tarde e precisávamos de alguém que nos ajudasse a comê-lo em frente à lareira, enquanto contamos histórias. Talvez o Capitão Jim também venha. Esta é a noite dele."

"Não. O capitão Jim está na minha casa," disse a Leslie. "Ele fez-me vir cá," acrescentou com ar de desafio.

"Vou-lhe agradecer quando o vir," disse Anne, puxando os cadeirões para o pé do lume.

"Oh, eu não quis dizer que não quisesse vir," protestou Leslie, corando um pouco. "Eu tenho querido vir, mas não me é muito fácil sair."

"Claro que deve ser complicado para si deixar o senhor Moore," disse Anne num tom coloquial. Ela tinha decidido que seria melhor mencionar o Dick Moore ocasionalmente como um facto aceite, e não dar uma morbidez excessiva ao assunto evitando-o. E tinha razão, porque o ar de constrangimento de Leslie desapareceu subitamente. Evidentemente que ela se tinha interrogado se Anne conhecia as condições da sua vida, e ficou aliviada por não ter que dar mais explicações. Deixou que lhe tirassem o gorro e o casaco e sentou-se com um ar infantil no grande cadeirão ao pé do Magog. Estava vestida de forma bonita e cuidadosa, com o tom colorido habitual dado por um gerânio vermelho no decote. O lindo cabelo dela brilhava como ouro derretido á luz da lareira. Os olhos azuis marinhos estavam cheios de riso e encanto. De momento, sob a influência da casa de sonho, ela era de novo uma rapariga, uma rapariga esquecida do passado e da sua amargura. A atmosfera de muitos amores que tinha santificado a pequena casa estava á sua volta; a companhia de dois jovens saudáveis e felizes da sua geração circundava-a; e ela sentiu e cedeu á magia do ambiente, de forma que Miss Cornélia e o Capitão Jim não a teriam

reconhecido; Anne achou difícil acreditar que esta era a mulher fria e distante que encontrara na costa, esta rapariga animada que conversava e ouvia com a sofreguidão de uma alma esfomeada. E como os olhos de Leslie se pousavam na estante de livros entre as janelas!

"A nossa biblioteca não é muito extensa," disse Anne, "mas cada livro nela é um amigo. Nós fomos escolhendo os livros através dos anos, aqui e ali, nunca comprando antes de o termos lido e sabermos que pertencia à raça que conhece José."

A Leslie riu-se, com um lindo riso que parecia relacionado com a alegria que reinou sempre na pequena casa em anos passados.

"Eu tenho alguns livros do meu pai, não muitos," disse. "Li-os até quase os saber de cor. Eu não tenho acesso a muitos livros. Há uma livraria ambulante na loja do Glen, mas não acho que o comité que escolhe os livros para o senhor Parker saiba quais pertencem à raça que conhece José, ou talvez nem se importem. Eu encontrava tão poucos livros que gostasse que desisti de os ir buscar."

"Espero que considere a nossa estante como se fosse sua," disse Anne. "É completamente e sinceramente livre de pedir emprestado qualquer um dos livros que lá estão."

oh, gostei tanto delas, "Vocês estão a banquetear-me com coisas demasiado ricas para mim," disse Leslie alegremente. Então, quando o relógio deu as dez ela levantou-se meia contrariada. "Tenho que ir. Não me apercebi que era tão tarde. O Capitão Jim está sempre a dizer que não custa muito a demorar uma hora. Mas eu fiquei duas, acrescentou com franqueza.

e Gilbert. Eles tinham-se com o brilho da lareira por esperança e felizes, tipificando tudo o que ela perdera para sempre. A luz morreu-lhe nos "Venha muitas vezes," disseram Anne levantado e estavam ao lado um do outro detrás. Leslie olhou para eles, jovens cheios foi a mulher enganada e de forma fria e que se olhos e no rosto; a rapariga desapareceu; cheia de mágoas que respondeu ao convite retirou apressada.

enevoada. sua própria Anne observou-a até desaparecer nas sombras da noite fria e Então virou-se lentamente para trás para lareira.

"Não é maravilhosa, Gilbert? O cabelo dela fascina-me. A Miss Cornélia diz que lhe chega aos pés. A Ruby Gillis tem um cabelo bonito, mas o da Leslie é vivo, é como se cada fio fosse ouro puro."

"Ela é muito bonita," concordou Gilbert, com tanta sinceridade que Anne desejou que ele tivesse sido um pouco menos entusiástico.

"Gilbert, gostavas mais se o meu cabelo fosse como o da Leslie?" perguntou.

"Eu não ia querer o teu cabelo de qualquer outra cor que não fosse a tua, por nada deste mundo," disse Gilbert, com um ou dois acompanhamentos convincentes. "Tu não serias a minha Anne se tivesses cabelo loiro, ou de qualquer outra cor que não fosse..."

"Vermelho," disse Anne, com uma satisfação ensombrada.

"Sim, vermelho, para dar calor á tua pele branca como leite e a esses olhos verdes brilhantes que tens. Cabelo dourado não te ficaria nada bem, rainha Anne, minha rainha Anne, rainha do meu coração, da minha vida e da minha casa."

"Então podes admirar a Leslie á vontade," disse Anne magnânime.

## Capítulo 13

### Uma noite assombrada

**Num fim** de tarde, uma semana mais tarde, Anne decidiu atravessar os campos até á casa perto do riacho para fazer uma visita informal. Era um entardecer de nevoeiro denso que tinha vindo do golfo, invadiu o porto e encheu as charneças e os vales, agarrando-se firmemente aos prados outonais.

Através dele o mar soluçava e tremia. Anne viu o farol de Four Winds de uma nova perspectiva, e achou-o misterioso, estranho e fascinante; mas também lhe deu uma certa sensação de solidão. O Gilbert estava fora e estaria até amanhã, numa reunião de médicos em Charlottetown. Anne ansiava por uma hora de conversa com uma amiga. O Capitão Jim e a Miss Cornélia eram boas pessoas, cada um á sua maneira, mas a juventude procurava juventude.

"Se a Diana ou a Phill ou a Pris, ou a Stella pudessem cá vir para conversarmos," disse para si mesma, "seria tão bom! Esta noite é tão fantasmagórica. Tenho a certeza que todos os barcos que saíram de Four Winds para a sua desgraça se conseguiram ver esta noite a navegar no porto com a tripulação afogada no convés, se o nevoeiro levantasse. Sinto como se escondesse mistérios sem fim, como se estivesse rodeada pelos espectros de gerações passadas de pessoas de Four Winds que me espreitam por detrás deste véu. Se alguma vez as queridas velhas senhoras desta casinha voltarem para a visitar vai ser numa noite tal e qual como esta. Se aqui ficar mais tempo vou acabar por ver uma delas sentada ali, do outro lado na cadeira do Gilbert. Este sitio não é propriamente pacifico esta noite. Até o Gog e o Magog estão com as orelhas afitadas, como se ouvissem os passos de convidados invisíveis. Eu vou ver a Leslie antes que me assuste com as minhas próprias fantasias, como aconteceu há tanto tempo com a história do bosque assombrado. Vou deixar a minha casa de sonho receber os seus velhos habitantes. O meu lume vai-lhes mostrar a minha boa vontade e transmitir as minhas saudações, eles vão partir antes de eu chegar, e a minha casa vai ser minha outra vez. Esta noite tenho a certeza que está a comunicar com o passado."

Rindo-se um pouco da sua ideia, mas com uma sensação de arrepio na zona da espinha, Anne mandou um beijo a Gog e a Magog e saiu para o

nevoeiro, com algumas revistas novas debaixo do braço para Leslie.

"A Leslie adora livros e revistas," tinha-lhe dito a Miss Cornélia, "e quase nunca os tem. Não tem dinheiro para os comprar ou assinar. Ela é realmente pobre, Anne. Eu nem imagino como é que ela se arranja para viver da renda daquela velha quinta. Ela nunca se queixa por isso, mas eu sei como deve ser. Ela tem sido restringida por isso toda a vida. Não se aborrecia quando era livre e ambiciosa, mas agora deve ser irritante, acredite. Fiquei muito contente por ela ter estado tão contente naquela noite que passou consigo. O capitão Jim disse-me que quase que lhe tinha enfiado o gorro, vestido o casaco e empurrado porta fora. Não demore muito tempo a ir vê-la também. Se demorar ela vai pensar que é porque não quer ver o Dick, e vai voltar para dentro da concha outra vez. O Dick é um bebé grande e inofensivo, mas aquele sorriso estúpido e as gargalhadas dele mexem com os nervos de algumas pessoas. Eu graças a Deus não tenho nervos. Eu até gosto mais do Dick Moore agora do que quando ele estava no seu juízo perfeito, apesar do bom Deus saber que esse também não era grande coisa.

Eu estive lá uma vez em altura de limpezas e a Leslie estava a fritar doughnuts. O Dick andava por ali para ver se apanhava um, como de costume, e de repente apanhou um a escaldar que eu tinha acabado de tirar e deitou-mo para cima do pescoço quando me inclinei. Depois fartou-se de rir. Acredite, Anne, que precisei de toda a graça divina no meu coração para não agarrar na panela de óleo a ferver e lha enfiar cabeça abaixo."

Anne riu-se com a ira da Miss Cornélia enquanto se apressava pela escuridão. Mas o riso não combinava com aquela noite. Ela estava muito séria quando chegou á casa entre os salgueiros. Estava tudo muito silencioso.

A parte da frente da casa parecia escura e deserta, por isso Anne rodeou a casa até á porta do lado, que dava do alpendre para uma pequena salinha de estar. E aí parou em silêncio.

A porta estava aberta. Lá dentro, na divisão pouco iluminada, estava sentada a Leslie com os braços estendidos sobre a mesa e a cabeça apoiada sobre eles. Estava a chorar imenso, com soluços sufocados, fortes e baixos, como se uma dor na sua alma estivesse a tentar sair. Um velho cão preto estava ao lado dela, com o nariz no colo, e os seus grandes olhos de cão cheios de devoção e pena implorante. Anne recuou de surpresa. Sentiu que não se podia intrometer nesta amargura. O seu coração sofria com uma

empatia que não conseguia descrever. Entrar agora seria fechar a porta para sempre a qualquer ajuda ou amizade possível entre elas. Um qualquer instinto avisou a Anne que aquela rapariga altiva e amarga nunca perdoaria quem a surpreendesse no seu abandono ao desespero.

Anne retirou-se em silêncio do alpendre e procurou o caminho através do pátio. Mais á frente, ouviu vozes no escuro e viu o brilho de uma luz. Ao portão encontrou o Capitão Jim com uma lanterna, e outro homem que ela calculou ser o Dick Moore, um homem alto e gordo, com uma cara ampla e redonda e olhos ausentes. Mesmo com a escassa luz, Anne ficou com a impressão que havia algo de invulgar nos olhos dele.

"É você, senhora Blythe?" disse o Capitão Jim. "Mas não devia andar á deriva por aqui numa noite destas. Podia perder-se no nevoeiro. Deixe-me lá pôr o Dick a salvo dentro de casa que eu já a acompanho a casa. Eu não quero que o doutor Blythe chegue a casa para ouvir dizer que a senhora caiu do cabo Leforce com o nevoeiro. Uma mulher caiu, há quarenta anos atrás."

"Então, foi ver a Leslie," disse, depois de se juntar a ela.

"Eu não cheguei a ir," disse Anne, e depois contou-lhe o que vira. O Capitão Jim suspirou.

"Pobre, pobre rapariga! Ela não chora muitas vezes, senhora Blythe, é muito rija para isso. Estas noites são difíceis para as pessoas que têm desgostos. Há qualquer coisa nelas que arrasta tudo o que sofremos ou tememos."

"Está cheia de fantasmas," disse Anne com um arrepio. "Foi por isso que eu cá vim, precisava de agarrar uma mão humana e de ouvir a voz de alguém. Parecem haver tantas presenças não humanas por aí... Até a minha própria casa estava cheia delas. Quase me puseram na rua. Por isso vim para cá, á procura de companhia da minha espécie."

"Mas teve razão em não entrar, senhora Blythe. A Leslie não teria gostado. Ela não teria gostado que eu entrasse com o Dick, como teria feito se não a tivesse encontrado. Eu tive o Dick comigo todo o dia. Eu ando com ele tanto quanto posso para a ajudar um bocado."

"Não há qualquer coisa de estranho com os olhos dele?" perguntou Anne. "Você reparou? Sim, um é azul e o outro é castanho, o pai dele também os tinha assim, é uma particularidade dos Moore. Foi isso que me chamou a atenção quando o vi em Cuba. Se não fossem os olhos eu não o tinha reconhecido, gordo e de barba.



Você sabe, com certeza, que fui eu que o trouxe para casa. A Miss Cornélia diz sempre que eu não o devia ter feito, mas não posso concordar com ela. Era a coisa mais acertada a fazer, e por isso foi a única coisa que pude fazer. Não tenho a mais pequena dúvida sobre isso. Mas o meu coração sofre pela Leslie. Ela só tem vinte e oito anos, e já comeu mais pão com lágrimas do que a maioria das mulheres de oitenta."

Caminharam em silêncio por uns momentos.

Então Anne disse, "Sabe, Capitão Jim, eu nunca gostei de andar com uma lanterna. Tenho sempre a sensação estranha que fora do círculo de luz, mesmo no limiar da escuridão, sou rodeada por um anel de coisas furtivas e sinistras, que me observam das sombras com olhos hostis. Tenho esta sensação desde criança. Porque será? Eu nunca sinto isto quando estou realmente no escuro, quando estou rodeada por ele não fico nada assustada."

"Eu também tenho uma sensação parecida," admitiu o capitão Jim. "Penso que é porque quando a escuridão está próxima de nós é como se fosse amiga. Mas quando a empurramos, nos divorcamos dela, por assim dizer, com a lanterna, se torna uma inimiga. Mas o nevoeiro está a levantar. Começa a levantar-se vento a oeste, se reparar. As estrelas vão estar á vista quando chegar a casa."

E lá estavam; quando Anne entrou na sua casa de sonho o lume vermelho ainda brilhava na lareira, e todas as presenças assombradas tinham desaparecido.

## Capítulo 14

### Dias de Novembro

**O esplendor** de cores que brilhara durante semanas nas costas do porto de Four Winds tinha-se dissolvido num suave azul dos últimos montes outonais. Vieram muito dias em que os campos e as costas estavam escurecidos por chuva miudinha, ou tremendo ante o resfolgar de melancólicas noites com ventos vindos do mar, e também de tempestades, quando Anne acordava às vezes para rezar e pedir que nenhum barco viesse bater na severa costa norte, pois se assim fosse nem o grande e fiel farol rodando sem medo através da escuridão o poderia guiar até porto seguro.

"Em Novembro parece-me muitas vezes que a Primavera pode nunca vai voltar," suspirou, entristecida pela visão dos seus canteiros desolados, gelados e descompostos. O alegre pequeno jardim da noiva do mestre-escola era agora um sitio triste, e as bétulas e os álamos estavam fechadas em postes nus, como dizia o Capitão Jim. Mas o bosque de pinheiros por detrás da pequena casa estava sempre verde e forte, e mesmo em Novembro e Dezembro houve dias bonitos de sol e nevoeiros púrpura, quando o porto dançava e brilhava tão encandeante como no pino do Verão, e o golfo estava tão azul claro e suave que a tempestade e o vento selvagem pareciam coisas de um pesadelo distante. Anne e Gilbert passaram muitas noites de Outono no farol. Era sempre um lugar animado. Mesmo quando o vento de este cantava em dó menor, e o mar parecia morto e azul, raios de luz do sol habitavam à sua volta. Talvez fosse porque o First Mate andava sempre por lá, exibindo a sua panóplia de tons dourados. Ele era tão grande e vistoso que mal se dava pela falta do sol, e os seus ronrons ressonantes formavam um acompanhamento agradável ao riso e conversa que se passavam á volta da lareira do Capitão Jim. O Capitão Jim tinham muitas longas discussões e conversas elaboradas sobre assuntos para além da compreensão de gatos ou reis.

"Eu gosto de me debruçar sobre todos os tipos de problemas, mesmo quando não os posso resolver," disse o Capitão Jim. "O meu pai achava que nunca devíamos falar de coisas que não compreendíamos, mas se fosse assim, doutor, tínhamos muito poucos assuntos para conversar.

Parece-me que os deuses se riem bastantes vezes de nos ouvir, mas o que é que isso tem, enquanto nos lembrarmos que somos apenas homens e

não começarmos a pensar que somos deuses também, conhecendo o bem e o mal. Parece-me que as nossas conversas não nos vão fazer muito mal, nem a nós nem a ninguém, por isso bem podemos cavaquear esta noite, doutor."

Enquanto eles cavaqueavam, Anne ouvia ou sonhava. Às vezes, a Leslie ia ao farol com eles, e ela e Anne passeavam pela costa ao anoitecer, ou sentava-se nas rochas ao pé do farol até que a escuridão as levasse de volta á alegria do lume de chão. Então o Capitão Jim fazia-lhes um chá e contava-lhes "Contos da terra e do mar e do que mais possa ocultar O grande mundo esquecido lá fora"

A Leslie parecia sempre gostar muito daquelas reuniões no farol, e desabrochava com um riso encantador e respostas rápidas, ou para um silêncio de olhos brilhantes. Havia um certo tom e sabor na conversa quando a Leslie estava presente de que eles sentiam a falta quando ela não estava. Mesmo quando não falava, ela parecia inspirar os outros. O Capitão Jim contava melhor as suas histórias, o Gilbert argumentava melhor e Anne sentia pequenos surtos de fantasia e imaginação que se lhe assomavam aos lábios sobre a influência da personalidade de Leslie.

"Esta rapariga nasceu para sobressair em círculos sociais e intelectuais, longe de Four Winds," disse para Gilbert quando iam para casa certa noite. "Ela desperdiça-se aqui."

"Não ouviste o Capitão Jim e este teu criado noutra noite, quando discutíamos esse assunto? Chegámos á reconfortante conclusão que o Criador provavelmente sabe organizar as coisas tão bem como nós e que afinal não há vidas desperdiçadas, ou coisa que tal, a não ser quando um indivíduo deliberadamente desbarata e desperdiça a sua própria vida, o que não é certamente o caso da Leslie Moore. E algumas pessoas podem até achar que uma bacharel de Redmond, a quem os editores começam a dar crédito, é um desperdício como esposa de um médico da comunidade rural de Four Winds."

"Gilbert!"

"Mas se tu te tivesses casado com o Roy Gardner," continuou Gilbert sem piedade, "podias agora ser uma líder em círculos intelectuais e sociais, longe de Four Winds."

"Gilbert Blythe!"

"Tu sabes que estiveste apaixonada por ele a dada altura, Anne." "Gilbert, que maldade, que grande maldade, típico de um homem, como diz

a Miss Cornélia. Eu nunca estive apaixonada por ele. Eu só imaginei que estava. Tu sabes isso. Tu sabes que eu prefiro ser a tua esposa na nossa casa de sonho do que uma rainha num palácio."

A resposta de Gilbert não foi dada em palavras, mas ambos se esqueceram da pobre Leslie que regressava a casa sozinha por entre os campos, para uma casa que não era nem um palácio nem a realização de um sonho.

A Lua erguia-se sobre o triste e escuro mar por detrás deles, e transfigurava-o. A luz dela ainda não chegava ao porto, e o lado mais afastado estava ensombrado e sugestivo, com reentrâncias escuras e ricos brilhos e luzes reluzentes.

"Como brilham hoje as luzes das casas!" disse Anne. Aquele círculo delas lá em baixo parece um colar. E que profusão lá em cima no Glen! Oh, olha Gilbert, ali está a nossa. Estou tão contente por termos deixado o lume aceso. Eu não gosto nada de voltar para uma casa escura e fria. A luz da nossa casa, Gilbert! Não é linda de se ver?"

"É só uma entre milhões de casas, miúda-Anne, mas é a nossa, a nossa luz 'num mundo cruel'. Quando um homem tem uma casa e uma querida mulher ruiva lá dentro, o que mais pode desejar na vida?"

"Bem, sempre pode ir desejando mais uma coisa," segredou Anne feliz. "Oh, Gilbert, parece que nem consigo esperar pela Primavera."

## Capítulo 15

### O Natal em Four Winds

**No início,** Anne e Gilbert falavam em ir passar o Natal a Avonlea, mas acabaram por decidir passá-lo em Four Winds.

"Eu quero passar o primeiro Natal da nossa vida juntos na nossa casa," disse Anne.

E assim, Marilla, a senhora Rachel Lynde e os gémeos acabaram por vir passar o Natal a Four Winds. A Marilla tinha o aspecto de uma mulher que tivesse feito a circum-navegação do globo. Ela nunca se tinha afastado noventa quilômetros de casa, e nunca tinha comido um jantar de Natal a não ser em Green Gables.

A senhora Rachel tinha feito e trazido com ela um enorme pudim de ameixa. Nada poderia convencer a senhora Rachel que uma bacharel da nova geração pudesse fazer um pudim de ameixa em condições; mas manifestou a sua aprovação sobre a casa de Anne.

"A Anne é uma boa dona de casa," disse a Marilla no quarto de hóspedes na noite da sua chegada. Olhei para a caixa do pão e para o balde dos restos. Eu avalio sempre uma dona de casa por isso. Não há nada no balde que não devesse ter sido deitado fora, e não há pão velho na caixa do pão. Claro que ela foi educada por ti, mas depois foi para o colégio. Já vi que tem a minha colcha de folha de tabaco no quarto de hóspedes, e o tapete redondo na sala ao pé da lareira. Faz-me sentir em casa."

O primeiro Natal de Anne na sua casa foi tão agradável como ela poderia ter desejado. O dia esteve limpo e brilhante; a primeira camada de neve caiu na véspera de Natal e tornou o mundo maravilhoso; o porto continuava aberto e brilhante.

O Capitão Jim e a Miss Cornélia vieram jantar. A Leslie e o Dick também foram convidados mas a Leslie desculpou-se; iam sempre para casa do seu tio Isaac West passar o Natal.

"Ela prefere assim," disse Miss Cornélia a Anne. "Ela não suporta levar o Dick para onde há desconhecidos. O Natal é sempre uma altura difícil para a Leslie. Ela e o pai costumavam gostar muito do Natal."

A Miss Cornélia e a senhora Rachel não gostaram muito intensamente uma da outra. 'Dois sóis não se mantêm á volta da mesma órbita.' Mas elas não tiveram oportunidade de chocar, porque a senhora Rachel esteve na

cozinha a ajudar a Anne e a Marilla, e o Gilbert acabou por entreter o Capitão Jim e a Miss Cornélia, ou a ser entretido por eles, porque um diálogo entre os dois velhos amigos e antagonistas era certamente tudo menos monótono.

"Já há muitos anos que não havia aqui um jantar de Natal, senhora Blythe," disse o Capitão Jim. "A Miss Russel ia sempre passar o Natal com uns amigos da cidade. Mas eu estive cá no primeiro jantar de Natal que se comeu nesta casa, e foi cozinhado pela esposa do mestre-escola. Foi há sessenta anos, senhora Blythe, e num dia como este, com a neve suficiente para tornar os montes brancos e o porto azul como em Junho. Eu era só um rapaz, nunca tinha sido convidado para jantar fora, e tive vergonha de comer o suficiente. Mas já ultrapassei esse problema."

"A maioria dos homens ultrapassam-no," disse a Miss Cornélia, cozendo furiosamente. A Miss Cornélia não se sentava na ociosidade, nem mesmo na noite de Natal.

Os bebés aparecem sem qualquer consideração pelas festividades, e estava um previsto para uma casa atingida pela pobreza em Glen St.

Mary. A Miss Cornélia tinha enviado a essa casa um jantar substancial para os pequenos, e por isso pretendia comer de consciência tranquila. "Bem, tu sabes que o coração de um homem se ganha pelo estômago, Cornélia," explicou o Capitão Jim.

"Eu acredito, quando o homem tem coração," respondeu a Miss Cornélia. "Deve ser por isso que muitas mulheres se matam a cozinhar, como a pobre Amélia Baxter. Morreu na última manhã de Natal, e disse que tinha sido o primeiro Natal desde que se casou que não tinha tido que cozinhar um jantar de vinte pratos. Deve ter sido uma mudança agradável para ela. Bem, mas ela já morreu há um ano, por isso devemos estar por aí a ter notícias do Horace Baxter."

"Eu já ouvi notícias dele," disse o Capitão Jim, piscando o olho ao Gilbert. "Não foi a tua casa á pouco tempo num domingo, com o fato preto e um colarinho engomado?"

"Não, não foi. E nem precisa de ir. Eu podia ter ficado com ele há muitos anos quando ainda era fresco. Eu não quero bens em segunda mão, acredite. E no que diz respeito ao Horace Baxter, ele estava com dificuldades financeiras no ano passado pelo Verão, e pediu a Deus que o ajudasse. Quando a mulher dele morreu e ele ficou com o dinheiro do

seguro de vida dela, achou que era a resposta às preces dele. Não é típico de um homem?"

"Mas tu tens provas que ele tenha dito isso, Cornélia?"

"Eu tenho a palavra do pastor Metodista, se podemos tomar isso como prova. O Robert Baxter também me disse a mesma coisa, mas admito que não seja tão certo. O Robert Baxter não é muito conhecido por dizer a verdade."

"Então, então Cornélia, eu acho que ele costuma até dizer a verdade, mas muda de opinião com tanta facilidade que muitas vezes parece que não."

"Parece ser com mesmo muita frequência, acreditem. Mas acreditem num homem para desculpar outro. Eu não estou interessada no Robert Baxter. Ele tornou-se metodista só porque o coro Presbiteriano cantou o 'Behold the bridegroom cometh' na altura do peditório, quando ele e a Margareth entraram na igreja no domingo em que casaram. Bem feita para ele por ter chegado atrasado! Ele insistiu sempre que o coro tinha feito isso para o insultar, como se ele fosse muito importante. Mas aquela família teve sempre a impressão de ser mais importante do que eram. O irmão dele, Eliphalet imaginava que o demónio andava sempre atrás dele, mas eu nunca acreditei que o demónio desperdiçasse tempo com ele."

"Eu não sei," disse o Capitão Jim pensativo. "O Eliphalet Baxter vivia muito sozinho, nem tinha um cão nem um gato para o manterem humano. Quando um homem está sozinho é muito provável que esteja com o demónio, se não estiver com Deus. Tem que se escolher que companhia prefere, penso eu. Se o demónio andou sempre com o Life Baxter, então era porque o Life o gostava de o ter atrás."

"Típico..." disse Miss Cornélia, e retomou o trabalho em silêncio, às voltas com um intrincado arranjo de folhos até que o Capitão Jim a instigou deliberadamente fazendo o seguinte comentário de uma forma casual:

"Eu fui á igreja metodista no Domingo passado."

"Mais valia teres ficado em casa a ler a Bíblia," foi a resposta da Miss Cornélia.

"Então Cornélia, eu não vejo mal nenhum em ir á igreja metodista quando não há ninguém que pregue na tua. Eu sou presbiteriano há setenta e seis anos e não é provável que deixe de ser já com esta idade."

"Estás a dar um mau exemplo," disse muito séria a Miss Cornélia.

"Além disso," continuou o Capitão Jim a implicar, "Eu queria ouvir cantar bem. Os metodistas têm um bom coro, e não podes negar, Cornélia, que o coro na tua igreja é péssimo desde que o dividiram."

"Mas que diferença faz se não é bom? Eles dão o seu melhor, e Deus não faz distinção entre a voz de um corvo e de um rouxinol."

"Então, então, Cornélia," disse suavemente o Capitão Jim, "Eu tenho melhor opinião do ouvido do Todo-poderoso."

"E o que é que causou os problemas no nosso coro?" perguntou Gilbert, quase sufocado de reprimir o riso.

"O problema vem desde que fizeram a igreja nova, há três anos," respondeu o Capitão Jim. "Nós tivemos imensos problemas para construir esta igreja, por causa do local. Os dois locais possíveis não estavam a mais de duas jardas de distância, mas poderíamos pensar que estavam a milhas pela intensidade da discussão. Havia três facções, uma queria o lado este, outra o sul e outra queria a igreja no mesmo sítio da antiga. Discutia-se na cama, a bordo dos barcos, na igreja e no mercado. Todos os escândalos de três gerações foram desenterrados e arejados. E as reuniões que fizemos por causa disso! Cornélia, alguma vez te vais esquecer do velho Luther Burns se ter levantado e feito aquele discurso? Ele deu a conhecer as suas opiniões á força." "Chama-lhe o que quiseres, Capitão. Ele ficou furioso e descompô-los a todos, de um lado a outro. E eles mereceram, bando de incapazes. Mas o que é que poderia esperar de um comité de homens? Aquele comité reuniu vinte e sete vezes e no fim dessas reuniões não estavam mais próximos de decidir o local da igreja do que quando começaram, quer dizer, estávamos ainda mais longe, porque na pressa de decidirem as coisas puseram-se ao trabalho e deitaram a velha abaixo, e lá ficámos nós, sem igreja e nenhum sítio para fazer os cultos a não ser o salão da vila."

"Os metodistas ofereceram-nos a igreja deles, Cornélia."

"A igreja de Glen St. Mary não teria sido construída até este dia," continuou Miss Cornélia, ignorando o Capitão Jim, "se nós mulheres não tivéssemos tomado conta do assunto. Nós dissemos que queríamos ter uma igreja mesmo se os homens pretendessem discutir até ao dia do juízo final e que estávamos fartas de ser motivo de risota para os metodistas. Fizemos uma reunião e elegemos um comité e fizemos um peditório. Pedimos-lhe a eles também. Quando algum dos homens nos dizia alguma coisa nós respondíamos que eles tinham tentado durante dois anos e que agora era a



nossa vez. Metemo-los no seu lugar, e dali por seis meses tínhamos a nossa igreja. Claro que quando os homens viram que estávamos determinadas pararam de discutir e começaram a trabalhar, tipicamente, assim que viram que tinham que o fazer ou deixar de se armar aos cucos. Oh, as mulheres não podem pregar ou ser conselheiros, mas conseguem construir igrejas e juntar o dinheiro para elas."

"Os metodistas permitem que as mulheres preguem," disse o Capitão Jim.

A Miss Cornélia olhou agressivamente para ele.

"Eu nunca disse que os metodistas não tinham senso comum, Capitão. O que eu digo é que acho que eles têm pouca religião."

"Suponho que seja a favor do voto para as mulheres, Miss Cornélia," disse Gilbert.

"Eu não faço campanha pelo voto, acredite," disse Miss Cornélia com desdém. "Eu sei como é remendar as asneiras dos homens. Mas um destes dias, quando os homens se aperceberem que fizeram uma trapalhada tal que não se conseguem livrar dela, vão ficar muito contentes por nos dar o voto, e deitar os problemas para cima de nós. É essa a ideia deles. Oh, ainda bem que as mulheres têm tanta paciência, acreditem." "Então e Job?" sugeriu o Capitão Jim.

"Job! É uma coisa tão rara encontrar um homem com paciência que quando se descobre um ficam determinados a que não caia no esquecimento," respondeu triunfante a Miss Cornélia. "De qualquer maneira, a virtude não está no nome. Nunca se viu homem tão impaciente como o velho Job Taylor lá de cima do porto."

"Sim, mas tu sabes que ele tinha uma grande provação Cornélia. Nem tu consegues defender a mulher dele. Eu lembro-me sempre do que disse o velho William MacAllister no funeral dela, 'Não há dúvida que ela era uma mulher cristã, mas tinha um temperamento dos diabos'."

"Sim, penso que ela era difícil," admitiu relutante Miss Cornélia. "Mas isso não justifica o que o Job disse quando ela morreu. Ele voltou para casa na carroça com o meu pai. Ele não disse uma palavra até que chegaram a casa. Depois, deu um grande suspiro e disse, 'podes não acreditar, Stephen, mas este é o dia mais feliz da minha vida!' Não é típico de um homem?"

"Parece-me que a velha senhora lhe tornou a vida um pouco difícil," reflectiu o capitão Jim.

"Sim, mas há um mínimo de decência, não acha? Mesmo se um homem está exultante por dentro porque a mulher morreu, ele não deve andar a proclamar isso aos quatro ventos. E dia feliz ou não, o Job Taylor não tardou a casar novamente, se reparares. A segunda mulher é que o pôs na linha. A primeira coisa que fez foi mandá-lo fazer uma lápide para a primeira senhora Job, e deixou um espaço lá para o nome dela. Ela disse que não ia haver ninguém que o obrigasse a fazer uma lápide para ela."

"Falando dos Taylors, como é que anda a senhora Lewis Taylor lá do Glen, doutor?" perguntou o Capitão Jim.

"Está a melhorar lentamente, mas tem tanto trabalho," respondeu Gilbert.

"O marido dela também trabalha muito, a criar porcos campeões," disse a Miss Cornélia. "Ele é conhecido por ter uns belos porcos. Tem muito mais orgulho dos porcos do que dos filhos. Bem, também os porcos deles são do melhor que há, enquanto os filhos não são grande coisa. Ele escolheu-lhes uma pobre mãe, e matou-a de fome enquanto os carregava e criava. Os porcos dele ficaram com as natas, enquanto os filhos ficaram com o leite magro."

"Há alturas, Cornélia, em que tenho que concordar contigo, apesar de me custar," disse o capitão Jim. "Disseste exactamente a verdade sobre o Lewis Taylor. Quando vejo aquelas pobres crianças miseráveis dele, privadas de tudo o que as crianças deviam ter, estraga-me o dia e outros tantos a seguir."

Gilbert foi á cozinha em resposta a um chamamento de Anne. Ela fechou a porta e deu-lhe um raspanete.

"Gilbert, tu e o Capitão Jim têm que parar de aborrecer a Miss Cornélia. Oh, eu tenho-te estado a ouvir e não to permito."

"Anne, a Miss Cornélia está-se a divertir. Tu sabes como ela é."

"Bem, isso não interessa. Vocês os dois não têm nada que a provocar dessa maneira. O jantar está pronto, e Gilbert, não deixes a senhora Lynde cortar o peru. Eu sei que ela se quer oferecer para isso porque acha que tu não o sabes fazer em condições. Mostra-lhe que sabes."

"Eu devo ser capaz. Tenho andado a estudar uns diagramas pormenorizados no último mês," disse Gilbert. "Mas não digas nada enquanto eu o estiver a fazer, Anne, porque se me baralhares o esquema vou ficar mais confundido do que tu quando te mudavam as letras dos problemas de geometria."

O Gilbert cortou lindamente o peru. Até a senhora Rachel o teve que admitir. E toda a gente comeu e gostou. O primeiro jantar de Natal da Anne foi um enorme sucesso, e ela cintilava de orgulho doméstico.

Alegre e longo foi o festim; e quando terminou reuniram-se á volta da lareira de chamas vermelhas, e o Capitão Jim contou-lhes histórias até que o sol se pôs sobre o porto de Four Winds, e as longas sombras dos álamos caíram sobre a neve da alameda.

"Eu tenho que ir andando para o farol," disse finalmente. "Vou chegar mesmo antes de escurecer. Obrigada por este maravilhoso Natal, senhora Blythe. Tem que levar o menino Davy ao farol uma noite destas antes de ele ir para casa."

, "Eu quero ver aqueles deuses de pedra disse Davy fascinado.

## Capítulo 16

### Véspera de Ano Novo no farol

**Os convidados** de Green Gables foram para casa depois do Natal, tendo Marilla prometido solenemente vir passar um mês na Primavera. Caiu mais neve antes do Ano Novo, e o porto gelou, mas o golfo continuava livre para além dos campos brancos e aprisionados. O último dia do ano foi um daqueles dias de Inverno brilhante, frio e encantador, que nos bombardeiam de luz e ordenam admiração, mas não amor. O céu estava definido e azul, os diamantes de neve brilhavam com insistência, as árvores estavam despidas e sem vergonha, com uma espécie de beleza descarada; os montes disparavam incisivos golpes de cristal. Mesmo as sombras eram aguçadas, firmes e recortadas, como nenhuma sombra séria deveria ser. Tudo o que era belo parecia dez vezes mais belo e atraente no esplendor brilhante, tudo o que era feio parecia dez vezes mais feio, e tudo era ou belo ou feio. Não haviam suaves misturas, obscuridades simpáticas ou névoas misteriosas nesse brilho penetrante. As únicas coisas que mantinham a sua individualidade eram os pinheiros, porque o pinheiro é a árvore do mistério e da sombra, e nunca se dobra às exigências da pura radiância.

Mas finalmente o dia começou a compreender que estava a ficar velho. Então, um certo ar sonhador abateu-se sobre a sua beleza que ensombrando-se engrandeceu; os ângulos aguçados, as pontas brilhantes derreteram em curvas e brilhos encantadores. O porto alvo vestiu-se de suaves cinzentos e rosa, montes longínquos tornaram-se cor de ametista.

"O ano velho está-se a ir embora de uma forma linda," disse Anne.

Ela, Leslie e Gilbert estavam a caminho do cabo de Four Winds, tendo combinado passar o ano novo com o Capitão Jim no farol. O sol tinha-se posto e no céu de sudoeste aparecia Vénus, gloriosa e dourada, aproximando-se tanto da sua irmã terra quanto lhe fora possível. Pela primeira vez, Anne e Gilbert viram a sombra produzida por essa brilhante estrela do anoitecer, aquela sombra ténue e misteriosa, que não se vê a não ser que haja neve a revelá-la, e mesmo assim só indirectamente, desaparecendo quando se olha de frente.

"É como o espírito de uma sombra, não é?" sussurrou Anne. "Vimo-la tão bem ao nosso lado quando olhamos em frente, mas quando nos viramos para a ver desaparece."

"Eu já ouvi dizer que só vimos a sombra de Vénus uma vez na vida, e que no espaço de um ano de a termos visto recebemos a dádiva mais importante das nossas vidas," disse Leslie. Mas ela falou de uma forma dura, talvez por pensar que nem a sombra de Vénus lhe poderia trazer uma dádiva especial. Anne sorriu no suave entardecer; ela tinha a certeza do que lhe prometera a sombra mística.

Encontraram o Marshall Elliot no farol. De início Anne sentiu-se incomodada pela intrusão deste excêntrico de barba e cabelo comprido no seu círculo familiar. Mas o Marshall Elliot depressa se provou um legítimo membro da casa de José. Ele era um homem inteligente, perspicaz e letrado, rivalizando com o Capitão Jim no jeito para contar uma boa história. Ficaram todos contentes quando ele concordou em passar o ano com eles.

O pequeno sobrinho do Capitão Jim tinha vindo passar o ano com o tio, e adormecera no sofá com o First Mate enrolado numa enorme bola dourada aos seus pés.

"Não é um homenzinho querido?" disse orgulhoso o Capitão Jim. "Eu gosto mesmo de ver dormir uma criança pequena, senhora Blythe. Parece-me que é a coisa mais bonita do mundo. O Joe adora vir cá passar a noite, porque eu o deixo dormir comigo. Em casa tem que dormir com os outros dois irmãos, e ele não gosta. 'Porque é que não posso dormir com o pai, Tio Jim,' diz ele. 'Toda a gente da Bíblia dormia com os pais.' Às perguntas dele nem o pastor lhe consegue responder. A mim confundem-me.

'Tio Jim, se eu não fosse eu, quem era? E Tio Jim, o que é que acontecia se Deus morresse? Ele disparou-mas esta noite, antes de adormecer. Quanto á imaginação, ele navega em todas as águas. Conta as histórias mais incríveis, e a mãe fecha-o no armário por dizer mentiras. E ele senta-se e inventa outras, e está pronto a contar-lhas assim que ela o deixa sair. Ele tinha uma para me contar quando para cá veio ontem á noite. 'Tio Jim', disse, solene como uma estátua, 'eu tive uma "ventura" hoje no Glen'. 'Sim, e qual foi?' digo eu, á espera de qualquer coisa estranha, mas sem estar preparado para o que ele ia dizer. 'Eu encontrei um lobo na rua,' disse ele. 'Um lobo enorme, com uma grande boca vermelha e uns dentes muito grandes, Tio Jim'. 'Eu não sabia que haviam lobos no Glen' disse eu. 'Oh, ele veio de muito longe, ' disse o Joe, 'e eu matei o lobo, Tio Jim, mesmo morto, e depois ele foi para o céu e mordeu Deus, ' disse ele. Bem, eu fiquei bastante espantado, senhora Blythe."

As horas passaram num instante á volta do lume. O Capitão Jim contou histórias, e o Marshall Elliot cantou velhas baladas escocesas com uma bela voz de tenor; finalmente o Capitão Jim pegou na sua velha rabeca castanha que estava pendurada na parede e começou a tocar. Ele tinha muito jeito para tocar, e toda a gente gostou menos o First Mate, que fugiu do sofá como se tivesse sido baleado, emitindo um grito de protesto, e subiu rapidamente as escadas.

"Não consigo cultivar o ouvido daquele gato de maneira nenhuma," disse o Capitão Jim. "Ele não fica tempo suficiente para começar a gostar. Quando pusemos o órgão na igreja do Glen o velho conselheiro Richards saiu do lugar no minuto que o organista começou a tocar e passou pelo corredor para fora da igreja a uma velocidade incalculável. Lembrou-me tanto o First Mate a fugir quando eu toco Rabeca que nunca tinha estado tão perto de um ataque de riso dentro da igreja."

Havia qualquer coisa de tão contagiante nas músicas que o capitão Jim tocava que logo o Marshall Elliot começou a bater o pé. Ele tinha sido um dançarino afamado na sua juventude. Levantou-se e estendeu as mãos a Leslie. Ela respondeu imediatamente. Rodaram e rodaram pela sala iluminada pelo lume com uma graça encantadora. A Leslie dançava com bastante inspiração; a entrega doce e selvagem á música parecia tê-la possuído.

Anne observava-a com uma admiração fascinada. Nunca a tinha visto assim antes. Toda a riqueza inata, toda a cor e encanto da sua natureza pareciam ter tomado rédea solta e transbordavam nas faces rosadas, nos olhos brilhantes, e na graça dos seus movimentos. Mesmo o aspecto do Marshall Elliot, com a sua grande barba e cabelo, não conseguia estragar a imagem. Pelo contrário, parecia acentuá-la. O Marshall Elliot parecia um viking dos tempos antigos, dançando com uma filha loira das terras do norte.

"A dança mais bonita que já vi, e já vi bastantes," declarou o Capitão Jim, quando por fim o arco lhe caiu das suas mãos cansadas. Leslie deixou-se cair para uma cadeira, rindo sem fôlego.

"Eu adoro dançar," disse para Anne. "Eu não danço desde os dezasseis anos, mas adoro dançar. A música parece correr-me nas veias, e esqueço-me de tudo, tudo menos a delícia de acompanhar o ritmo. Não há chão abaixo de mim, nem paredes nem tecto, estou a flutuar entre as estrelas."

O Capitão Jim pendurou a rabeça no seu lugar, ao lado de uma moldura que exibia várias notas de banco.

"Conhecem alguém que possa pendurar notas nas paredes?" perguntou. "Estão aqui vinte notas de dez dólares, que não valem o vidro que têm por cima. São notas do velho Banco da Ilha do Príncipe Eduardo. Tinha-as quando o banco faliu, e mandei-as emoldurar e pendurar, em parte para me lembrar que não se deve confiar nos bancos, e em parte para me dar uma sensação de luxo, como um milionário. Então Matey, não estejas assustado. Podes voltar agora. A música e o bailarico estão terminados por hoje. O ano velho já só tem uma hora para estar connosco. Eu já vi setenta e seis anos novos a chegarem por esse golfo que aí tem, senhora Blythe."

"Ainda vais ver cem," disse o Marshall Elliot.

O Capitão Jim abanou a cabeça.

"Não, e não quero, ou pelo menos penso que não quero. A morte torna-se mais amigável quanto ficamos mais velhos. Mas não é que a gente queira mesmo morrer, Marshall. O Tennison falou a verdade quando disse isso. Tens a velha senhora Wallace lá do Glen. Tem tido tantos problemas toda a vida, pobre alma, e perdeu quase todas as pessoas de quem gostava. Ela está sempre a dizer que vai ficar contente quando a morte chegar, e que não quer ficar mais tempo neste vale de lágrimas. Mas quando piora faz cá uma confusão! Vêm médicos da cidade, e enfermeiras, e medicamentos suficientes para matar um cão. A vida pode ser um vale de lágrimas, sim senhor, mas algumas pessoas parecem gostar de chorar."

Passaram o resto da última hora do ano á volta do lume. Uns minutos antes da meia-noite o Capitão Jim levantou-se e abriu a porta.

"Temos que deixar entrar o ano novo," disse.

Lá fora estava uma bela noite. Um reflexo brilhante da lua engalanava o porto. Dentro da barra o porto brilhava como um passeio de pérolas. Ficaram ao pé da porta e esperaram, o Capitão Jim com a sua imensa experiência, o Marshall Elliot com a sua meia-idade um pouco vazia, Gilbert e Anne com as suas memórias preciosas e esperanças delicadas, Leslie com a sua conta de anos miseráveis e um futuro sem esperança. O relógio na pequena prateleira por cima da lareira deu as doze. "Bem-vindo, Ano Novo," disse o Capitão Jim, fazendo uma grande vénia enquanto morria a última badalada. Desejo-vos a todos o melhor ano das vossas vidas, companheiros. Penso que o que quer que seja que o Ano Novo nos

vai trazer vai ser o melhor que o Grande Capitão tem para nós, e de uma maneira ou de outra vamos chegar a bom porto."



## Capítulo 17

### Um Inverno em Four Winds

**O Inverno** instalou-se vigorosamente depois do Ano Novo. Grandes nevões brancos apinharam-se sobre a pequena casa, e palmos de geada cobriam as janelas. O gelo do porto ficou mais duro e espesso, até que as pessoas de Four Winds começaram as suas habituais caminhadas sobre ele. Os caminhos seguros foram assinalados pelo Governo benevolente, e de noite e de dia ouvia-se o alegre tilintar dos sininhos dos trenós. Em noites de luar Anne ouvia-os na sua casa de sonho como sinos de fadas. O golfo gelou, e o farol de Four Winds deixou de brilhar. Durante os meses em que a navegação era interrompida, o escritório do Capitão Jim tornava-se uma sinecure.

"O First Mate e eu não temos mais nada que fazer até à Primavera, a não ser manter-nos quentes e divertirmo-nos. O último faroleiro costumava ir para o Glen no Inverno, mas eu prefiro ficar no cabo. O First Mate pode ser envenenado ou mordido por cães no Glen. É um bocadinho solitário, isso é, sem a água e a luz para nos fazerem companhia, mas se os amigos nos vierem ver nós vamos passar bem."

O Capitão Jim tinha um barco para o gelo, e muitas e gloriosas voltas deram a Anne, o Gilbert e a Leslie pelo gelo escorregadio do porto com ele. Anne e Leslie também davam grandes passeios de botas de neve, sobre os campos ou sobre o porto depois das tempestades, ou através dos bosques para lá do Glen. Elas eram muito boas companheiras nas suas saídas e reuniões á volta da lareira. Cada uma tinha algo a dar á outra, cada uma sentia que a vida se tornava mais rica pela sua amigável troca de opiniões ou de silêncios, cada uma delas olhava para o campo branco entre as suas casas com a agradável consciência de ter uma amiga do outro lado. Mas apesar disto tudo, Anne sentia sempre uma barreira entre Leslie e ela, um constrangimento que nunca desaparecia completamente.

"Eu não sei porque é que não me consigo aproximar mais dela," disse numa noite para o capitão Jim. "Eu gosto tanto dela, admiro-a tanto, quero que ela entre no meu coração e me deixe entrar no dela. Mas não consigo atravessar a barreira."

"Você tem sido muito feliz toda a vida, senhora Blythe," disse o Capitão Jim pensativo. "Penso que é por isso que você e a Leslie não se

conseguem aproximar completamente. A barreira entre vocês é a experiência dela de mágoa e tristeza. Nem ela é responsável por ela, nem você, mas está lá e nenhuma a pode atravessar."

"A minha infância não foi muito feliz antes de eu ter chegado a Green Gables," disse Anne, olhando muito séria lá para fora, para a beleza triste da paisagem, parada, morta, de sombras de árvores sem folhas na neve iluminada pela lua.

"Talvez não, mas era a infelicidade normal de uma criança que não tem quem olhe por ela nas condições. Não houve tragédia nenhuma na sua vida, senhora Blythe. E a pobre Leslie tem tido quase todas as tragédias. Ela sente, penso eu, se bem que talvez nem saiba que o sente, que há uma grande parte da vida dela onde você não pode entrar nem compreender, e então tem que a manter afastada disso, de a proteger por assim falar, de se magoar. Sabe que se temos qualquer coisa que nos dói nós afastamo-nos de quem possa tocar nisso, ou perto disso.

Pega-se às nossas almas, tal como aos nossos corpos, penso eu. A alma da Leslie deve estar em carne viva, não admira que ela se esconda."

"Se fosse só isso, eu não me importava, Capitão Jim. Eu ia perceber. Mas há alturas, de vez em quando, não é sempre, em que eu acho que a Leslie não gosta de mim. Às vezes surpreendo-lhe um olhar que parece mostrar ressentimento e raiva, é só um instante, capitão Jim, mas já o vi, tenho a certeza disso. E magoa-me Capitão Jim. Eu não estou habituada a que não gostem de mim, tenho tentado tanto ser amiga da Leslie."

"Mas você já ganhou a amizade dela, senhora Blythe. Não alimente a ideia que a Leslie não gosta de si. Se não gostasse não queria ter nada a ver consigo, muito menos andava consigo como anda. Eu conheço muito bem a Leslie para ter a certeza que não era assim."

"A primeira vez que a vi, a levar os gansos pelo monte abaixo no dia que cheguei a Four Winds, ela olhou para mim com essa expressão," insistiu Anne. "Eu senti-o, mesmo no meio da minha admiração pela beleza dela. Ela olhou para mim com ressentimento, Capitão Jim, olhou sim."

"Esse ressentimento devia ser por outra coisa qualquer, senhora Blythe, e você apanhou um bocado dele porque ia a passar. A Leslie tem realmente crises de vez em quando, pobre rapariga. E não a posso recriminar, quando sei o que tem que aturar. Não sei porque é que é possível. O doutor e eu temos falado muito sobre a origem do mal, mas ainda não a descobrimos. Há muitas coisas incompreensíveis na vida, não é,

senhora Blythe? Algumas vezes as coisas parecem correr mesmo bem, como com a senhora e o doutor Blythe. E de outras vezes parecem ir de mal a pior. Ali está a Leslie, tão inteligente e bonita que podíamos achar que estava destinada a ser uma rainha, mas em vez disso está enfiada aqui, privada de quase tudo o que uma mulher gosta, com nenhuma perspectiva a não ser tomar conta do Dick Moore toda a vida. Mas, apesar disso, senhora Blythe, acho que ela prefere a vida dela agora tal como é do que a vida que tinha antes do Dick Moore ter ficado assim. Isso é um assunto onde a língua de um velho marinheiro não se deve meter. Mas você tem ajudado muito a Leslie, ela está muito diferente desde que você veio para Four Winds. Nós que somos velhos amigos vimos a diferença, você não consegue. A Miss Cornélia e eu estávamos a falar disso no outro dia, e é das coisas mais evidentes que vimos. Por isso deite pela borda fora qualquer ideia que tenha sobre ela não gosta de si."

Anne não conseguia deixar de pensar nisso, porque havia sem dúvida alturas em que ela sentia, com um instinto que não conseguia combater pela razão, que a Leslie escondia um ressentimento estranho e indefinido contra ela. Às vezes esta consciência estranha embotava o prazer que tinha na sua companhia, outras vezes quase o esquecia, mas Anne sentiu sempre que o velho espinho estava lá, e a podia picar a qualquer momento. Sentiu uma ferroada cruel no dia em que disse a Leslie o que é que ela esperava que a Primavera trouxesse á pequena casa de sonho.

Leslie olhou-a com olhos duros, frios e pouco amigáveis.

"Então vais ter isso também," respondeu-lhe numa voz abafada. E sem outra palavra foi-se embora através dos campos em direcção a casa. Anne ficou profundamente magoada; de momento sentiu que nunca mais podia gostar de Leslie. Mas ela voltou umas noites mais tarde e estava tão agradável, tão amigável, tão franca, esperta e alegre que Anne foi impelida a perdoar e a esquecer. Mas nunca mais falou na sua esperança querida a Leslie, nem Leslie se referiu a ela. Mas numa noite, quando o fim do Inverno escutava já uma palavra da Primavera, ela veio á pequena casa de sonho para uma conversa ao anoitecer; e quando partiu deixou uma caixa pequena e branca em cima da mesa. Anne encontrou-a mais tarde e abriu-a curiosa. Era um pequeno vestido branco de trabalho muito delicado, bordado, com lindos folhinhos e perfeitamente lindo. Cada ponto era feito á mão, e os pequenos folhinhos de renda na gola eram de renda de Valência autêntica. Lá dentro estava um cartão: 'Com o amor de Leslie'.

disse Anne. "E o tecido podia gastar. Foi mesmo "Quantas horas de trabalho terá ela gasto," deve ter-lhe custado muito mais do que ela muito amorosa."

Mas a Leslie foi brusca e despachada quando Anne lhe agradeceu, e mais uma vez esta se sentiu rejeitada.

O presente de Leslie não estava sozinho na pequena casa. A Miss Cornélia tinha, de momento, deixado de coser para oitavos bebês indesejados e começara a coser para um primeiro muito desejado, cujas boas vindas não deixariam nada a desejar. A Phillipa Blake e a Diana Wright tinham cada uma enviado uma vestimenta maravilhosa, e a senhora Rachel Lynde tinha mandado várias, em que o bom material e o trabalho perfeito substituíam folhos e fitas. Anne fez ela própria muitos, inviolados por toque de máquina, e as horas que passou a fazê-los foram das mais felizes daquele ditoso Inverno.

O Capitão Jim era o convidado mais frequente da pequena casa, e nenhum era mais bem-vindo. Cada dia Anne gostava mais do velho marinheiro de alma simples e coração sincero. Era tão refrescante como a brisa do mar, e interessante como uma história antiga. Nunca se cansava de ouvir as suas aventuras, e os seus comentários pitorescos eram uma delícia permanente. O Capitão Jim era uma dessas pessoas raras e interessantes que nunca falam se não tiverem algo a dizer. O gérmen da generosidade humana e a sabedoria da serpente misturavam-se na sua composição em proporções fascinantes.

Nada parecia deprimir o Capitão Jim, ou esmorecê-lo de alguma forma.

"Eu ganhei o hábito de apreciar as coisas," comentou certa vez, em que Anne falara da sua invariável alegria. "Tornou-se tão crónico que acho que até aprecio as coisas desagradáveis. É muito bom pensarmos que não podem durar. 'Velho reumatismo', digo eu, quando me dá com força, 'vais ter que deixar de doer, mais cedo ou mais tarde. Quanto mais doeres, mais cedo páras. Estou habituado a levar a melhor no fim de contas, seja no corpo, seja fora dele.'"

Numa noite, no farol á lareira, Anne viu o livro da vida do Capitão Jim. Ele não precisou que o desafiassem para o mostrar, e deu-o a ler á Anne com orgulho.

"Eu escrevo-o para deixar ao pequeno Joe," disse. "Não gosto da ideia que tudo o que vi e passei seja esquecido depois de partir para a minha

última viagem. O Joe, ele vai-se lembrar, e contar as histórias aos filhos dele."

Era um velho caderno de capa em pele, cheio de relatos das suas viagens e aventuras. Anne pensou no tesouro que seria para um escritor. Cada frase era uma peça. Em si, o livro não tinha mérito literário; o jeito para contar histórias do Capitão Jim terminava quando se tratava de papel e tinta, só conseguia esboçar o contorno dos seus contos famosos e quer a gramática quer a ortografia eram tristemente distorcidas. Mas Anne sentiu que se alguém que possuísse o dom pudesse pegar no simples relato daquela vida aventureira e corajosa, lendo nas entrelinhas os contos de perigos enfrentados sem receio e de um dever plenamente cumprido, uma história maravilhosa podia sair dali. Tanto a comédia como a tragédia estavam presentes no livro da vida do capitão Jim, aguardando o toque de um mestre para acordarem o riso, a tristeza e o horror de milhares.

Anne comentou isso com Gilbert quando regressavam a casa.

"Porque é que não tentas escrevê-lo tu, Anne?"

Anne abanou a cabeça.

"Não. Eu gostava de conseguir. Mas não é o meu dom. Tu sabes o que é o meu forte, Gilbert, os contos de fadas, as fantasias, coisinhas bonitas. Para escrever uma história como a da vida do Capitão Jim como deve ser escrita, a pessoa tem que ser um mestre de estilo vigoroso e subtil, um retratista aguçado e um humorista nato, um trágico de nascença. É preciso uma combinação muito rara de talentos. O Paul poderia servir, se fosse mais velho. De qualquer forma, vou dizer-lhe que venha cá no Verão para conhecer o capitão Jim."

"Vem a esta costa", escreveu Anne a Paul. "Receio que aqui não encontres Nora, a Senhora Dourada ou os Marinheiros Gémeos, mas vais encontrar um velho marinheiro que te pode contar histórias maravilhosas."

Paul, no entanto, escreveu-lhe dizendo que com muita pena dele não podia ir neste ano. Ia para fora estudar por dois anos.

"Quando regressar vou a Four Winds, querida Professora," escreveu.

"Mas entretanto, o Capitão Jim está a ficar cada vez mais velho," disse Anne, com muita pena, "e não há ninguém que escreva o livro da vida dele."

## Capítulo 18

### Dias de Primavera

**O gelo** no porto ficou negro e incerto ao sol de Março; em Abril haviam águas azuis e um golfo ventoso e coberto de branco novamente; e mais uma vez o farol de Four Winds iluminava a escuridão.

"Fico tão contente por o ver novamente," disse Anne, na primeira noite da sua reaparição. "Senti tanto a falta dele no Inverno. O céu de noroeste parece vazio e solitário sem ele."

A terra estava macia com folhinhas bebês de um verde dourado. Havia uma névoa esmeralda nos bosques para além do Glen. Os vales próximos do mar estavam cobertos de nevoeiros encantados ao nascer do sol.

Ventos vibrantes iam e vinham com espuma de sal na aragem. O mar ria e brilhava, limpava-se e atraía, como uma mulher linda e coquete. A aldeia de pescadores voltou á vida.

O porto estava novamente vivo com velas brancas dirigindo-se para o canal. Os barcos começaram a navegar para dentro e para fora novamente.

"Num dia de Primavera como este," disse Anne, "eu sei exactamente como a minha alma se vai sentir na manhã da ressurreição."

"Há alturas na Primavera em que eu sinto que me podia ter tornado um poeta se tivesse sido apanhado em pequeno," comentou o capitão Jim. "Dou comigo a magiciar em velhas rimas e versos que ouvi o mestre- escola recitar há sessenta anos. Não me lembro deles noutras alturas. Agora sinto como se tivesse que sair para as rochas, para os campos ou para a água e gritá-los."

O Capitão Jim tinha vindo nessa tarde para trazer a Anne uma carga de conchas para o jardim dela, e um pequeno ramo de erva de cheiro que tinha encontrado entre as dunas.

"Está a ficar cada vez mais rara nesta costa," disse. "Quando eu era rapaz havia muita. Mas agora só de vez em quando é que se encontra, e não é quando se vai á procura. Temos que dar com ela, vamos a caminhar entre as dunas de areia, sem pensar em erva de cheiro e de repente o ar está perfumado e ali está a erva debaixo dos nossos pés. Faz-me sempre lembrar a minha mãe."

"Ela gostava do cheiro?" perguntou Anne.

"Não que eu saiba. Nem sei se ela alguma vez viu erva de cheiro. Não, é porque é um perfume de mãe, não muito novo, sabe, um cheiro temperado e fiável e completo, mesmo como uma mãe. A noiva do mestre- escola tinha-a sempre entre os lenços. Pode pôr esse raminho entre os seus, senhora Blythe. Eu não gosto desses cheiros de compra, mas um aroma de erva de cheiro está sempre bem onde quer que esteja uma senhora."

Anne não tinha ficado muito entusiasmada com a ideia de rodear os canteiros com conchas, como decoração não a cativaram á primeira. Mas ela não ia magoar os sentimentos do capitão Jim por nada, e reconheceu uma virtude que de início não viu, e agradeceu-lhe de todo o coração. E quando o Capitão Jim rodeou cada canteiro com uma fila das grandes conchas brancas, Anne descobriu surpreendida que gostava do efeito. No relvado de uma casa de cidade, ou mesmo no Glen, não seriam adequadas, mas aqui, na casinha antiquada e ligada ao mar, elas pertenciam.

"Ficam mesmo bem," disse sinceramente.

"A noiva do mestre-escola tinha sempre conchas á volta dos canteiros," disse o Capitão Jim. "Ela tinha uma mão de ouro para as flores. Ela olhava para elas e tocava-lhes, e elas cresciam como doidas. Algumas pessoas têm esse jeito, e parece-me que você também o tem, senhora Blythe."

"Oh, não sei, mas eu adoro o meu jardim, e gosto muito de trabalhar nele. Trabalhar com coisa verdes, vivas e em crescimento, vendo-as todos os dias deitar novos rebentos é como tomar a Criação na nossa mão, penso eu. Agora o meu jardim é como a fé, a substância das coisas que se esperam."

"Surpreende-me sempre um bocadinho ver as pequenas sementes castanhas e pensar nos arco-íris que têm," disse o capitão Jim. "Quando eu penso nas sementes não me custa a crer que tenham almas que vivem em outros mundos. Não acreditaríamos que havia vida nesses pedaços pequenos, algumas pouco maiores que grãos de areia, quanto mais cor e cheiro, se não tivéssemos visto o milagre, não é?"

Anne, que agora contava os dias como contas de prata num rosário, não podia ir ao farol nem ir pela estrada até ao Glen. Mas a Miss Cornélia e o Capitão Jim vinham muitas vezes á pequena casa. A Miss Cornélia era a alegria da existência de Anne e Gilbert.

Quando ela e o Capitão Jim calhavam a visitar a casa ao mesmo tempo havia muito a ouvir. Eles discutiam intrincadamente, ela atacando e ele

defendendo. Anne chegou a recriminar o Capitão por picar tanto a Miss Cornélia.

"Oh, mas eu adoro vê-la responder, senhora Blythe," riu-se o pecador impenitente. "É o maior divertimento que tenho na vida. Aquela lingua dela furava uma pedra. E você e o seu doutor gostam tanto de a ouvir como eu."

O Capitão Jim veio numa noite trazer maios a Anne. O jardim estava cheio do aroma húmido de um entardecer marítimo de Primavera. Havia uma névoa de um branco leitoso na orla do mar, com uma jovem lua a beijá-lo, e uma felicidade prateada de estrelas sobre o Glen. O sino da igreja do outro lado do porto tocava docemente. O som suave ia á deriva através da escuridão para se misturar com o suave murmúrio do mar. Os maios do capitão Jim adicionaram o toque final ao encanto da noite. "

"Ainda não tinha visto nenhuns esta Primavera e estava com saudades," disse Anne, enterrando o rosto neles.

"Eles não crescem em Four Winds, só nas terras baixas lá por trás do Glen. Eu hoje fui numa pequena viagem á terra do Nada P'ra Fazer e cacei estes para si. Devem ser os últimos que vai ver nesta Primavera, estão quase a desaparecer."

"Que simpático e atencioso, Capitão Jim. Mais ninguém, nem o Gilbert" - com um aceno de cabeça para ele - " se lembrou que eu tinha tantas saudades dos maios na Primavera."

"Bem, eu hoje tinha outro recado, queria mandar ao Sr.Howard lá de cima um jantar de truta. Ele gosta de uma de vez em quando, e é tudo o que posso fazer por uma gentileza que ele me fez há muito tempo. Eu fiquei lá toda a tarde a falar com ele.

Ele gosta de falar comigo, apesar de ser um homem de educação elevada e eu ser só um velho marinheiro ignorante, porque ele é um desses tipos que têm que falar ou ficam infelizes, e ele tem poucos ouvintes por aqui.

As pessoas do Glen não falam com ele porque acham que ele é um infiel{2}. Ele não é exactamente, poucos homens são, parece-me, ele é o que você pode chamar um herege. Os hereges são malvados, mas pode-se dizer que são muito interessantes.

É porque eles deixaram de procurar Deus, por terem a impressão que Ele é difícil de encontrar, coisa que Ele não é nunca. A maior parte deles regressam a Ele depois de algum tempo. Eu não acho que ouvir os argumentos do senhor Howard me possa fazer muito mal. Sabem, eu acho



que fui educado para acreditar. Isso poupa-me uma série de aborrecimentos, e além disso, Deus é bom. O problema com o senhor Howard é que ele é um bocadinho esperto demais. Ele acha que tem a obrigação de viver á altura da esperteza dele, e que é mais inteligente encontrar uma forma nova de ir para o céu em vez de ir pelo caminho que tomam os ignorantes comuns.

Mas ele vai lá parar um dia destes, e vai-se fartar de rir dele próprio.

"O senhor Howard era metodista logo para começar," disse a Miss Cornélia, como se isso só por si não estivesse muito longe da heresia. "Sabes, Cornélia," disse o Capitão Jim com seriedade, "eu penso muitas vezes que se não fosse presbiteriano seria metodista."

"Oh, sim," disse Miss Cornélia. "Mas também se não fosses presbiteriano não ia interessar muito aquilo que eras. Falando de heresia fez-me lembrar, doutor, trouxe-lhe aquele livro que me emprestou, Lei Natural no Mundo Espiritual, eu não li mais do que um terço. Eu consigo ler coisas com senso e coisas sem senso, mas aquele livro não é nem uma coisa nem outra."

"É considerado herético em alguns círculos," admitiu Gilbert, "mas eu disse-lhe isso antes de o levar, Miss Cornélia."

"Oh, eu não me teria importado se fosse herético. Eu suporto bem o mal, mas não aguento parvoíces," disse a Miss Cornélia calmamente, com o ar de ter feito o comentário final á Lei Natural.

"Falando de livros, o Louco Amor chegou ao fim há duas semanas," comentou o Capitão Jim. "Chegou aos cento e três capítulos. Quando casaram o livro parou imediatamente, por isso penso que os problemas deles terminaram por aí. É muito bom que isso aconteça nos livros, não é, mesmo que não seja assim em mais lado nenhum."

"Eu nunca leio novelas," disse a Miss Cornélia. "Soube como estava hoje o Geordie Russel, Capitão Jim?"

"Sim, passei por lá a caminho de casa para o ver. Ele está a melhorar, mas continua metido em sarilhos até ao pescoço, pobre homem. Claro que é ele se mete na maioria deles, mas penso que isso não os torna mais fáceis de suportar."

"Ele é terrivelmente pessimista," disse a Miss Cornélia.

"Bem, ele não é exactamente pessimista, Cornélia. Ele só nunca acha nada que lhe agrade."

"E isso não é ser pessimista?"

"Não, não, um pessimista acha que nunca vai encontrar nada que lhe agrade. O Geordie ainda não chegou a esse ponto."

"Tu ias encontrar qualquer coisa boa no próprio demónio, Jim Boyd." "Bem, tu conheces a história da velha senhora que disse que ele era persistente. Mas não, Cornélia, eu não encontro nada de bom no demónio."

"Mas acreditas nele, pelo menos?" perguntou Miss Cornélia muito séria. "Como é que podes perguntar uma coisa dessas quando sabes como sou um bom presbiteriano, Cornélia? Como é que um bom presbiteriano podia passar sem o demónio?"

"Mas acreditas?" insistiu Miss Cornélia.

O Capitão Jim ficou subitamente muito sério.

"Eu acredito no que ouvi um dia um pastor referir como 'um poder maligno e inteligente que trabalha no universo'" disse solenemente. "Acredito nisso, Cornélia. Podes chamar-lhe demónio, ou o princípio do mal, ou qualquer nome que queiras. Ele existe, e nem todos os infiéis e hereges do mundo o podem fazer deixar de existir com os seus argumentos, como não podem fazer deixar de existir Deus. Está lá, e trabalha. Mas ouve o que te digo, Cornélia, eu acho que não vai levar a melhor no fim."

"Eu certamente espero que não," disse a Miss Cornélia, não muito esperançada. "Mas falando do demónio, eu tenho a certeza que o Billy Booth está possuído por ele. Já ouviste a última habilidade dele?"

"Não, o que foi?"

"Queimou o vestido novo da mulher, aquele que lhe custou vinte e cinco dólares em Charlottetown, porque diz que os homens olharam com admiração demais para ela quando o usou na igreja pela primeira vez. Não é típico de um homem?"

"A senhora Booth é muito bonita, e o castanho fica-lhe muito bem," disse o Capitão Jim com ar de reflexão.

"Mas isso é razão para deitar o vestido novo dela para dentro do fogão da cozinha? O Billy Booth é um sujeito ciumento, e faz a vida da mulher num inferno. Ela tem chorado toda a semana por causa do vestido. Oh Anne, eu só desejava saber escrever como você, acredite. Como eu ia desancar alguns homens daqui!"

"Esses Booth são todos um bocado esquisitos," disse o Capitão Jim. O Billy parecia o mais normal de todos até que casou e essa faceta estranha dos ciúmes o apanhou. O irmão dele, o Daniel, foi sempre estranho."

"Tinha birras dia sim, dia não, e não saia da cama," disse a Miss Cornélia com prazer. "A mulher dele tinha que tratar de todo trabalho do celeiro até lhe ter passado o ataque. Quando ele morreu as pessoas escreveram-lhe cartas de condolências, mas se eu tivesse escrito alguma tinha sido de parabéns. O pai deles, o velho Abram Booth, era um tipo detestável. Estava bêbado no funeral da mulher, e não parava de andar às voltas e soluçar: 'eu não bebi muito mas sinto-me tão estranho'. Eu dê-lhe uma boa pancada nas costas com o guarda-chuva quando ele se aproximou de mim, e ficou um bocado mais sóbrio até que tiraram o caixão de dentro de casa. O Johnny Booth devia ter casado ontem, mas não pôde porque apanhou papeira. Não é típico de um homem?" "Mas como é que o desgraçado podia ter evitado apanhar papeira?"

"Eu lhe dava o pobre desgraçado, se fosse a Kate Sterns. Eu não sei como é que ele podia ter evitado apanhar a papeira, mas sei que o jantar do casamento estava preparado e vai-se estragar tudo antes de ele estar em condições outra vez. Que desperdício! Ele devia ter tido papeira em pequeno."

"Então, Cornélia, então, não achas que estás a ser pouco razoável?"

A Miss Cornélia não se dignou responder e virou-se para Susan Baker, uma solteirona do Glen de cara redonda e bom coração, que tinha sido instalada como criada para todo o serviço na pequena casa há algumas semanas. A Susan tinha estado no Glen a visitar um doente, e acabava de regressar.

"E como está a pobre tia Mandy esta noite?" perguntou a Miss Cornélia.

A Susan suspirou.

"Muito mal, muito mal, Cornélia. Receio que em breve esteja no céu, pobrezinha!"

"Oh, com certeza não é assim tão mau!" exclamou Miss Cornélia.

O Capitão Jim e o Gilbert olharam um para o outro. Então levantaram-se de repente e saíram.

"Há alturas," disse o capitão Jim entre gargalhadas, "em que seria um pecado não nos rir-mos. Aquelas excelentes mulheres!"

## Capítulo 19

### A madrugada e o anoitecer

**No início** de Junho, quando as dunas eram uma glória de rosas selvagens, e o Glen estava coberto de flores de macieira, Marilla chegou á pequena casa acompanhada por uma arca de pele de cavalo, enfeitada de cravos de cobre, que repousava imperturbada há meio século no sótão de Green Gables. Susan Baker, que durante as suas poucas semanas de estadia na pequena casa tinha começado a idolatrar a jovem senhora do doutor, como ela chamava a Anne, com um fervor cego, olhou de início para Marilla com uma certa reserva invejosa. Mas como Marilla não tentou interferir na cozinha e não tinha desejo de interromper os cuidados que Susan ministrava á jovem senhora, a boa criada reconciliou-se com a sua presença, e disse ás suas amigas do Glen que a Miss Cuthbert era uma boa senhora e conhecia o seu lugar. Numa noite, quando a concavidade do céu se encheu de glória vermelha e os pintarroxos cantavam no anoitecer dourado com hinos jubilantes ás estrelas da noite, deu-se uma súbita comoção na pequena casa de sonho. Mensagens telefónicas foram enviadas para o Glen, e o velho doutor Dave e uma enfermeira de touca branca vieram apressadamente, enquanto Marilla caminhava no jardim entre os canteiros de conchas murmurando orações entre os lábios hirtos, e Susan sentada na cozinha, permanecia com os ouvidos cheios de algodão e a cabeça debaixo do avental.

A Leslie, olhando da casa dela, viu que toda a casa estava iluminada, e não dormiu nessa noite. A noite de Junho foi curta, mas pareceu uma eternidade para aqueles que esperavam.

"Oh, nunca irá terminar?" disse Marilla; e viu como a enfermeira e o doutor estavam sérios, e não se atreveu a fazer mais perguntas. Se Anne... - mas Marilla não se atrevia a fazer suposições.

"Não me diga," disse Susan ferozmente, respondendo á angústia nos olhos de Marilla, " que Deus seria tão cruel que levasse aquele querido cordeiro do pé de nós que a amamos tanto."

"Ele já levou outros tão bem amados," disse Marilla secamente.

Mas de madrugada, quando o sol se levantava entre as brumas que se suspendiam sobre a pequena casa e as transformava em arco-íris, a alegria chegou à casa de sonho. Anne estava a salvo, e uma pequena menina muito

branca, com os grandes olhos da mãe, estava deitada ao seu lado. Gilbert, com o rosto azulado e hirto do sofrimento da noite, veio dizê-lo a Susan e a Marilla lá em baixo.

"Graças a Deus," suspirou Marilla.

Susan levantou-se e retirou o algodão dos ouvidos.

"E agora o pequeno-almoço," disse rapidamente. "Eu acho que todos vamos gostar de comer e beber qualquer coisa. Diga á jovem senhora que não se preocupe com nada, a Susan está ao leme. Diga-lhe que pense só na bebé."

O Gilbert sorriu de uma forma um pouco triste quando regressou lá acima. Anne, com o rosto branco pelo seu baptismo de dor e olhos brilhantes com a paixão sagrada da maternidade, não precisava que lhe dissessem que pensasse só no seu bebé. Ela não pensava em mais nada. Por algumas horas saboreou uma felicidade tão delicada que se perguntava se os anjos do céu não a invejavam.

"Pequena Joyce," murmurou, quando Marilla veio ver a bebé. "Pensámos chamá-la assim se fosse uma menina. Havia tantos nomes que gostávamos para ela, não conseguíamos escolher, por isso decidimos chamá-la Joyce, podemos chamar-lhe Joy {3} como diminutivo, Joy fica tão bem.

Oh, Marilla, eu achava que era feliz antes. Agora sei que eu só sonhava um sonho de felicidade. Isto é a realidade."

"Tu não deves falar tanto, Anne, espera até estares mais forte," recomendou Marilla.

"Você sabe como é difícil para mim não falar," riu-se Anne.

De início ela estava muito fraca e muito feliz para ver que o Gilbert e a enfermeira estavam sérios e Marilla parecia triste. Então, súbita e friamente, sem remorsos tal como uma névoa do mar que se dirige para terra, o medo penetrou no seu coração. Porque é que o Gilbert não estava mais feliz? Porque é que ele não falava da bebé? Porque é que não a deixaram ficar com ela mais tempo do que aquela primeira hora? Será...será que havia qualquer coisa de errado?

"Gilbert," murmurou Anne implorando, "a bebé...a bebé está bem, não está? Diz-me, diz-me."

Gilbert demorou algum tempo a virar-se; então inclinou-se sobre Anne e olhou-a nos olhos. Marilla, que ouvia a medo do outro lado da porta,

ouviu um grito lancinante de dor, e fugiu para a cozinha onde Susan estava a chorar.

"Oh, a pobre querida, a pobre querida! Como é que ela vai aguentar, Miss Cuthbert? Eu tenho medo que a mate. Ela estava tão feliz, desejou tanto aquele bebê, esperou tanto por ele. Não há nada a fazer, Miss Cuthbert?"

"Receio bem que não, Susan. O Gilbert diz que não há esperança. Ele viu logo que a pobrezinha não ia sobreviver."

"E é um bebê tão bonito," soluçava Susan. "Eu nunca vi um tão branquinho, são sempre vermelhos ou amarelados. E abriu os olhos como se tivesse meses. A pequenina... Oh, a pobre jovem senhora!"

Ao pôr-do-sol a pequena alma que tinha vindo com a manhã partiu, deixando o desgosto atrás de si. A miss Cornélia levou a pequena menina branca dos braços cuidadosos mas estranhos da enfermeira, e vestiu-a com o lindo vestido que Leslie lhe tinha feito. A própria Leslie lho tinha pedido. Então levou-a de volta e pô-la ao lado da sua pobre mãe destrozada pelo desgosto.

"O Senhor a deu e o Senhor a levou, querida," disse através das suas próprias lágrimas. "Abençoado seja o nome do Senhor."

E então saiu, deixando Anne e Gilbert sozinhos com a sua filha.

No dia seguinte, a pequena Joy foi deitada num caixão de veludo que Leslie tinha forrado de flores de macieira, e levaram-na para o cemitério da igreja ao pé do porto. A miss Cornélia e a Marilla guardaram todos os fatinhos feitos com tanto amor, juntamente com o cestinho que tinha sido forrado a rendas e cheio de laços para receber um rechonchudo ocupante; mas este tinha ido ocupar uma cama mais fria e estreita.

"Isto foi uma desilusão horrível para mim, " suspirou miss Cornélia.

"Eu estava tão desejosa por este bebê , e até queria que fosse uma menina."

"Eu só posso estar grata que a vida de Anne tenha sido poupada," disse Marilla, lembrando as horas amargas que passou quando a rapariga que tanto amava passava pelo vale das sombras.

"Pobre, pobre jovem senhora! O coração dela está desfeito," disse Susan.

"Eu invejo a Anne," disse Leslie, súbita e agressivamente,"e tinha-a invejado mesmo se tivesse morrido! Ela foi mãe por um lindo dia. Eu dava certamente a minha vida por isso!"

"Eu não falaria assim, Leslie, querida," disse a Miss Cornélia entristecida. Ela tinha medo que a digna Miss Cuthbert achasse que a Leslie era terrível.

A convalescença de Anne foi longa, e amargurada por muitas coisas. O renascimento e o sol do mundo de Four Winds irritavam-na bastante, mas quando a chuva caía de uma forma mais pesada, ela imaginava-a a bater sem mercê na pequena campa do outro lado do porto; e quando o vento soprava nas telhas ela ouvia vozes tristes que nunca antes tinha ouvido.

As visitas condoídas magoavam-na também, com a placidez bem intencionada com que procuravam cobrir a crueza da perda. Uma carta da Phill foi mais um espinho. Ela soubera do nascimento da bebé mas não da sua morte, e escreveu a Anne uma carta de parabéns com uma alegria tão sincera que magoou terrivelmente a Anne.

"Eu teria rido com esta carta, tão feliz, se tivesse a minha bebé," soluçou com Marilla. "Mas como não a tenho parece uma crueldade gratuita, apesar de eu saber que a Phill não me magoaria por nada deste mundo. Oh, Marilla, eu não vejo como é que vou poder ser feliz outra vez, tudo me vai magoar para o resto da minha vida."

"O tempo vai ajudar-te," disse Marilla, que estava devastada pela pena, mas não se conseguia exprimir sem ser por fórmulas gastas pelo tempo.

"Não me parece justo," disse Anne rebelde. "Os bebés nascem e sobrevivem onde não são desejados, onde são negligenciados, onde não têm hipóteses. Eu teria amado tanto o meu bebé, teria tratado dele com tanto carinho, teria tentado dar-lhe todas as hipóteses de ser boa. Mas eu não pude ficar com ela."

"Foi a vontade de Deus, Anne," disse Marilla, impotente perante o enigma do universo, o porque da dor não merecida. "E a pequena Joy está melhor com Ele."

"Eu não posso acreditar nisso," gritou Anne amargamente. Então, vendo que Marilla parecia chocada, acrescentou enfaticamente. "Porque é que ela nasceu, se estava melhor com ele? Eu não acredito que seja melhor uma criança morrer ao nascer do que viver a sua vida e ser amada, e desfrutar e sofrer, e trabalhar e construir um carácter que lhe daria uma personalidade na eternidade. E como é que sabe que foi a vontade de Deus? Talvez tenha sido uma contradição á vontade Dele pelos poderes do mal. Nós não nos podemos resignar com isso."

"Oh, Anne, não fales assim," disse Marilla, genuinamente alarmada achando que Anne se aproximava de terrenos perigosos. "Nós não compreendemos, mas temos que ter fé, temos que acreditar que foi pelo melhor. Eu sei que é difícil para ti acreditar nisso agora. Mas tenta ser corajosa, por causa do Gilbert. Ele está tão preocupado contigo. Tu não estás a melhorar tão depressa como devias."

"Oh, eu sei que tenho sido muito egoísta," suspirou Anne. "Eu amo o Gilbert mais que nunca, e quero viver por causa dele. Mas parece que uma parte de mim está enterrada naquele cemitério, e magoa-me tanto que tenho medo da vida."

"Não vai doer sempre assim tanto, Anne."

"A ideia que possa deixar de doer às vezes dói-me mais que tudo o resto, Marilla."

"Sim, eu sei, eu também me senti assim por outras coisas. Mas todos nós te amamos, Anne. O Capitão Jim tem cá vindo todos os dias para perguntar por ti, e a senhora Moore não sai daqui, a Miss Bryant passa cá a maior parte do tempo, penso eu, a cozinhar coisas boas para ti. Á Susan isso não agrada muito. Ela acha que cozinha tão bem como a Miss Bryant."

"Querida Susan! Oh, todas as pessoas têm sido tão queridas e tão boas para mim, Marilla. Eu não sou ingrata, e talvez quando esta dor terrível acalme um bocadinho, eu descubra que consigo continuar a viver."



## Capítulo 20

### A Margaret perdida

**Anne** descobriu que conseguia continuar a viver; e chegou um dia em que sorriu novamente por causa de um discurso da Miss Cornélia. Mas havia algo no seu sorriso que nunca antes tinha estado no sorriso de Anne, e que nunca mais estaria ausente.

No primeiro dia em que se sentiu capaz de ir passear, Gilbert levou-a ao Cabo de Four Winds, e deixou-a ai enquanto ele ia ver um doente na aldeia dos pescadores. Um vento suave passava pelo porto e pelas dunas, batendo na água até formar espuma e enchendo a linha da costa com longas linhas de rebentação prateada.

"Estou muito orgulhoso por a ver aqui outra vez, senhora Blythe," disse o capitão Jim. "Sente-se, sente-se. Isto está um bocadinho empoeirado, mas não vale a pena perdermos tempo a olhar para o pó quando temos esta linda vista, não é?"

"Eu não me incomodo com o pó," disse Anne, "mas o Gilbert diz que eu devo andar ao ar. Acho que vou ali para baixo sentar-me nas rochas." "Gostava de companhia ou prefere estar sozinha?"

"Se a companhia for a sua, prefiro muito mais a companhia," disse Anne sorrindo. Depois suspirou.

Ela nunca antes se tinha importado de estar sozinha. Agora tinha um medo terrível. Quando estava sozinha agora sentia-se terrivelmente só. "Aqui está um cantinho onde o vento não a incomoda," disse o Capitão Jim quando chegaram às rochas. "Eu sento-me aqui muitas vezes. É um belo sitio para nos sentarmos a sonhar."

"Oh, sonhos," suspirou Anne. "Eu não consigo sonhar agora, Capitão Jim, acho que deixei de sonhar."

"Oh, não, não deixou, Senhora Blythe, não deixou, não," disse o Capitão Jim pensativo. "Eu sei como se sente agora, mas se continuar a viver vai ficar contente de novo, e sem dar por isso vai sonhar outra vez, graças a Deus! Se não fossem os nossos sonhos mais valia enterrarem-nos."

Como é que suportaríamos a vida se não fosse o nosso sonho de imortalidade? E esse é um sonho que está destinado a realizar-se, senhora Blythe. Você vai ver a sua pequena Joyce outra vez, um dia." "Mas ela não vai ser o meu bebé," disse Anne com lábios trémulos. "Oh, ela pode ser,

como diz Longfellow, 'uma bela donzela vestida de graça celestial', mas vai ser uma estranha para mim."

"Acredito que Deus vai tratar das coisas melhor do que isso," disse o Capitão Jim.

Ficaram ambos em silêncio durante um certo tempo. Então, o capitão Jim disse-lhe muito suavemente:

"Senhora Blythe, posso contar-lhe sobre a Margaret perdida?"

"Claro," disse Anne gentilmente. Ela não sabia quem era a Margaret perdida, mas sentiu que ia ouvir o romance da vida do Capitão Jim.

"Quis muitas vezes contar-lhe sobre ela," continuou o Capitão Jim. "Sabe, senhora Blythe? É porque quero que alguém se lembre e pense nela depois de eu partir. Eu não consigo pensar que o nome dela vai ser esquecido por todas as almas vivas. E agora ninguém mais se lembra da Margaret perdida a não ser eu."

Então o Capitão Jim contou a história, uma velha história esquecida porque fora há mais de cinquenta anos que a Margaret tinha adormecido um dia no barco do pai e partido á deriva, - ou foi o que se supôs, porque nunca mais se soube nada do destino dela -, para o lado de fora do canal, para além da barra, para perecer na negra tempestade de trovões que se levantou tão subitamente naquela tarde de há tantos anos. Mas para o capitão Jim, aqueles cinquenta anos eram como o dia de ontem que passou.

"Eu andei pela costa durante meses depois disso, "disse tristemente," á procura do seu corpo tão querido; mas o mar nunca ma devolveu. Mas eu vou encontrá-la um dia, Senhora Blythe, eu vou encontrá-la um dia. Ela está á minha espera. Eu gostava de lhe conseguir dizer como ela era, mas não consigo. Tenho visto uma névoa fina e prateada por cima da barra ao nascer do sol que se parece com ela, e já tenho visto uma bétula branca nos bosques lá de trás que me faz pensar nela. Ela tinha cabelo castanho claro e um rosto pequeno e branco, e dedos longos e finos como os seus, senhora Blythe, mas mais morenos porque ela era uma rapariga da costa. Ás vezes acordo a meio da noite, oiço o mar a chamar-me como antigamente, e é como se a minha Margaret perdida me chamasse.

E quando há uma tempestade e as ondas soluçam e gemem eu oiço-a lamentar-se entre elas. E quando se riem num dia bom é o riso dela, o riso doce e puro da minha Margaret perdida. O mar levou-a de mim, senhora Blythe, mas um dia vou encontrá-la. Senhora Blythe, ele não nos pode manter afastados para sempre."

"Fico muito contente por me ter contado sobre ela," disse Anne. "Eu pensava muitas vezes porque é que você tinha vivido sempre sozinho."

"Eu não conseguia gostar de mais ninguém. A Margaret perdida levou o meu coração com ela, lá para fora," disse o velho apaixonado, que tinha sido fiel durante cinquenta anos á sua namorada afogada. "Não se importa que eu fale dela, pois não, senhora Blythe? É um prazer para mim, porque todo o desgosto desapareceu da minha memória, e fiquei apenas com a benção. Eu sei que você nunca a vai esquecer, senhora Blythe. E se os anos trouxerem outros pequenos á sua casa, eu quero que me prometa que lhes vai contar a história da minha Margaret perdida no mar, para que o seu nome não seja esquecido da humanidade."

## Capítulo 21

### Barreiras que se afastam

**"Anne,** " disse Leslie, quebrando abruptamente um curto silêncio, "tu não sabes como é bom estar aqui sentada contigo outra vez, a trabalhar, a conversar, e a estar juntas em silêncio."

apesar de lhe trazer pensamentos que tinha posto a costura de lado Elas estavam sentadas entre as flores azuladas da margem do riacho do jardim de Anne. A água brilhava enquanto passava por elas, as bétulas lançavam sombras manchadas sobre elas; as rosas floresciam em volta dos pequenos caminhos do jardim. O sol começava a baixar, e o ar estava cheio de músicas que se entreteciam. Havia a música do vento nos pinheiros por detrás da casa, e outra das ondas na barra, e ainda outra do sino distante da igreja ao pé da qual a pequena menina dormia. Anne gostava daquele sino, tristes.

Ela olhou curiosamente para Leslie, e falava com uma abertura que lhe era muito pouco comum.

"Naquela noite horrível em que estiveste tão mal," continuou Leslie, "eu não parei de pensar que talvez não tivéssemos mais conversas, nem passeios, nem trabalhos juntas. E percebi o que a tua amizade tinha começado a significar para mim, aquilo que tu significas, e como eu tinha sido uma bestinha odiosa."

"Leslie! Leslie! Eu nunca admito a ninguém que chamem nomes aos meus amigos."

"Mas é verdade. É exactamente aquilo que sou, uma bestinha odiosa. Há uma coisa que tenho que te dizer, Anne. Pode ser que tu me venhas a desprezar por isso, mas eu tenho que confessar. Anne, houve alturas neste último Inverno e Primavera em que te odiei."

"Eu sei, Leslie," disse Anne calmamente.

"Tu sabes?"

"Sim, eu via-o nos teus olhos."

"Mas continuaste a gostar de mim, e a ser minha amiga."

Leslie. Entre sempre lá, a escondido, ás "Sim, mas era só de vez em quando que tu me odiavas, essas alturas tu gostavas realmente de mim, penso eu."

"É verdade. Mas aquele sentimento horrível estava estragar tudo, no fundo do meu coração. Eu mantinha-o vezes esquecia-me dele, mas outras vezes surgia de repente e tomava conta de mim. Eu odiava-te porque te invejava, oh, eu estava doente de inveja de ti às vezes. Tu tinhas uma casinha querida, e amor, e felicidade, e sonhos felizes, tudo o que eu desejava e nunca, nunca pude ter. Era esse o espinho. Eu não te teria invejado se eu tivesse alguma esperança que a minha vida viesse a mudar. Mas eu não tinha, não tinha e não me parecia justo. Tornava-me rebelde e magoava-me, e por isso odiava-te por vezes. Oh, estou tão envergonhada, estou morta de vergonha agora, mas eu não consegui vencer isso.

Naquela noite, quando temi que não sobrevivesses, pensei que estava a ser castigada pela minha maldade, e gostei tanto de ti nessa altura. Anne, Anne, eu nunca mais tive ninguém a quem amar desde que a minha mãe morreu, excepto o velho cão do Dick, e é tão horrível não ter nada para amar, a vida é tão vazia, e não há nada pior que o vazio, e eu podia ter-te amado tanto, e aquela coisa horrível tinha estragado tudo."

A Leslie tremia e estava quase incoerente com a violência das suas emoções.

"Não, Leslie," implorou Anne. "Oh, não. Eu compreendo, não fales mais disso."

"Mas eu preciso, eu preciso. Quando eu vi que tu ias sobreviver eu jurei a mim mesma que te ia dizer assim que ficasses bem que eu não ia continuar a aceitar a tua amizade e companhia sem te dizer como era indigna dela. E tenho tido tanto medo que isso te voltasse contra mim."

"Tu não precisas de ter medo disso, Leslie."

"Oh, fico tão feliz, Anne, tão feliz." Leslie juntou as suas mãos morenas e endurecidas pelo trabalho, com muita força para parar o tremor. "Mas eu quero dizer-te tudo, agora que comecei. Tu não te lembras concerteza da primeira vez que te vi, não foi aquela noite na costa -"

"Não, foi na noite em que o Gilbert e eu viemos para casa. Tu estavas a levar os teus gansos monte abaixo. Eu lembro-me muito bem disso. Eu achei-te tão bonita, e desejei durante semanas saber quem tu eras."

"Eu sabia quem tu eras, apesar de não ter visto nenhum de vocês antes. Eu tinha ouvido falar do médico novo e da noiva que vinham viver na casinha da senhora Russel. Eu, eu odiei-te desde esse momento Anne."

"Eu senti o ressentimento nos teus olhos, e depois duvidei, pensei que devia ser impressão, porque não havia razão."

"Era porque parecias tão feliz. Oh, tu agora vais concordar comigo, eu sou uma besta odienta, odiar outra mulher só porque ela é feliz, e quando não me tirou nada a mim! Foi por isso que nunca te fui ver. Eu sabia muito bem que devia ter ido, até os nossos costumes simples em Four Winds o exigiam.

Mas eu não era capaz. Eu costumava observar-te da minha janela, e via- te a ti e ao teu marido a passear no jardim ao entardecer, ou tu a correres pela alameda para ires ter com ele quando chegava. E magoava-me. Mas por outro lado eu queria ir. Eu sentia que se eu não fosse tão infeliz eu podia gostar de ti e encontrar em ti o que nunca tive na vida, uma amiga íntima e verdadeira da minha idade. E lembras-te da noite na costa? Tu tiveste medo que eu achasse que tu eras maluca? Deves ter pensado que eu era."

"Não, mas não te consegui compreender Leslie. Num momento aproximavas- te, mas no outro afastavas-me."

"Eu estava muito infeliz naquela noite. Tinha tido um dia difícil. O Dick tinha sido muito difícil naquele dia. Ele normalmente é bastante bem humorado, e fácil de controlar, sabes Anne. Mas nalguns dias ele é muito diferente. Eu estava tão desgastada, corri para a costa assim que ele adormeceu. Era o meu único refúgio. Fiquei ali a pensar como o meu pobre pai tinha terminado com a vida dele, e a pensar se eu não poderia chegar a isso um dia destes. Oh, o meu coração estava cheio de pensamentos negros. E apareceste tu a dançar pela costa como uma criança alegre e despreocupada. E odiei-te ainda mais. Mas mesmo assim, desejava a tua amizade. Um sentimento invadia-me numa altura, o outro noutra. Quando cheguei a casa nessa noite chorei de vergonha por imaginar o que terias pensado de mim. Mas é sempre a mesma coisa quando cá venho. Às vezes sou feliz e gosto da visita. E outras vezes esse sentimento horrível estraga tudo.

Há alturas em que tudo na tua casa e em ti me magoa. Tu tens tantas coisinhas queridas que eu não pude ter. Sabes, é ridículo, mas eu tinha uma raiva especial por aqueles teus cães de porcelana. Houve alturas em que quis apanhar o Gog e o Magog e atirá-los um contra o outro! Oh, tu ris-te Anne, mas eu nunca achei piada a isto. Eu vinha cá e via-te a ti e ao Gilbert com os vossos livros e as vossas flores, e as coisas da vossa casa, as vossas piadas familiares, o vosso amor um pelo outro a aparecer em cada olhar e palavra, mesmo quando não notavam, e eu tinha que ir para casa para...tu

sabes para o que é que eu ia para casa! Oh, Anne, eu não acredito que seja invejosa por natureza. Quando era rapariguinha faltavam-me tantas coisas que as minhas colegas tinham, mas nunca me importei, e nunca deixei de gostar delas por isso. Mas eu tornei-me tão rancorosa..."

"Leslie, minha querida, pára de te culpar por isso. Tu não és rancorosa, nem invejosa. A vida que tens tido amargurou-te um pouco talvez, mas teria estragado completamente uma pessoa menos boa e nobre que tu. Eu só te estou a deixar continuar isto porque acho que é melhor para ti falares e tirares esse peso da tua alma. Mas não te culpes mais."

"Então não o vou fazer. Eu só queria que me conhecesses como eu sou. Naquela vez que tu me contaste da tua esperança para a Primavera foi a pior de todas, Anne. Eu nunca me vou perdoar pela maneira como me portei naquele dia. Arrependi-me entre lágrimas. E eu pus muito amor e carinho no vestidinho que fiz. Mas eu já devia saber que qualquer coisa que eu faça só se pode tornar numa mortalha."

"Então, Leslie, isso é mórbido e amargo, põe esses pensamentos de lado. Eu fiquei tão contente quando tu trouxeste o vestidinho; e uma vez que tinha que perder a pequena Joyce gosto de pensar que o vestido que levou foi o que tu fizeste para ela quando te deixaste gostar de mim."

"Anne, sabes, acredito que depois disto vou gostar de ti para sempre. Eu não acho que vá sentir aquele sentimento horrível outra vez. Falar sobre ele parece tê-lo levado para longe, de certa forma. É muito estranho, eu achei-o tão amargo e real. É como se abrisse a porta de um quarto escuro que temos a certeza que contém um criatura horrível lá dentro, e quando a luz entra o nosso monstro parece ser só uma sombra que desaparece com a luz. Nunca mais virá colocar-se entre nós."

"Não, nós somos amigas verdadeiras agora Leslie, e eu fico muito contente por isso."

"Eu espero que tu não me interpretes mal se eu te disser mais uma coisa, Anne. Eu fiquei triste do fundo do coração quando tu perdeste a tua bebé; e se te tivesse poupado cortando uma das mãos eu tê-lo-ia feito. Mas a tua mágoa aproximou-nos. A tua felicidade perfeita já não é uma barreira. Oh, não me interpretes mal, minha querida, eu não estou contente por a tua felicidade já não ser perfeita, posso-o dizer com sinceridade, mas uma vez que não o é, já não há um golfo de distância entre nós."

"Eu também compreendo isso, Leslie. Agora vamos fechar o passado e esquecer o que teve de desagradável. Vai tudo ser diferente. Agora somos as

duas da raça de José. Eu acho que tu tens sido maravilhosa, maravilhosa. E Leslie, eu não consigo deixar de acreditar que a vida ainda tem qualquer coisa boa e bonita guardada para ti."

Leslie abanou a cabeça.

"Não," disse tristemente. "Não há esperança. O Dick nunca vai melhorar, e mesmo que ele recuperasse a memória... Oh Anne, seria pior, muito pior do que é agora! Isso é qualquer coisa que tu não podes compreender, como noiva feliz. Anne, a miss Cornélia contou-te como é que casei com o Dick?"

"Sim."

"Ainda bem. Eu gostava que tu soubesses, mas não te conseguiria contar se não soubesses. Anne parece que desde os doze anos que a minha vida tem sido amarga. Antes disso tive uma infância tão feliz. Nós éramos muito pobres, mas não nos importávamos. O pai era tão esplêndido, tão esperto e bom e compreensivo. Nós éramos companheiros desde que me lembro. E a mãe era tão amorosa. Ela era muito, muito bonita. Eu pareço-me com ela, mas não sou tão bonita."

"A miss Cornélia diz que és muito mais bonita que ela."

"Ela está enganada, ou influenciada. Eu acho que o meu corpo é mais elegante, a mãe era magra e curvada pelos trabalhos pesados que fazia, mas ela tinha o rosto de um anjo. Eu costumava olhar para ela em adoração. Todos nós a adorávamos, o pai, o Kenneth e eu."

Anne lembrou-se da versão que a Miss Cornélia tinha dado da mãe da Leslie. Mas o amor não traria a visão mais verdadeira? Ainda assim, fora uma atitude egoísta da Rose West ter feito a filha casar com o Dick Moore.

"O Kenneth era o meu irmão," continuou Leslie. "oh, não te consigo dizer como gostava dele. E ele morreu de uma forma tão cruel. Sabes como foi?"

"Sim."

"Anne, eu vi a cara dele quando a roda lhe passou por cima. Ele caiu de costas... Anne - Anne, eu consigo vê-la agora. Eu vou vê-la sempre. Anne, tudo o que eu peço ao céu é que essa recordação se apague da minha memória. Oh, meu Deus!"

"Leslie, não fales disso. Eu sei a história, não entres em detalhes que só te vão martirizar mais ainda. Tu vais esquecer."

Depois de uns momentos de luta, Leslie ganhou algum autocontrole. "Então, a saúde do meu pai piorou e ele ficou desequilibrado, a mente dele



degradou-se, já ouviste isso tudo, não foi?"

"Sim."

"Depois disso eu só tinha a minha mãe para quem viver. Mas eu era muito ambiciosa. Eu queria dar aulas e sustentar-me até sair do colégio. Eu queria chegar ao topo... Oh, não vou falar disso também. Não vale a pena. Sabes o que aconteceu. Eu não podia ver o sofrimento da minha pobre mãe destruída, que tinha sido uma escrava toda a vida, a ter que sair da casa dela. Claro que eu podia ter ganho o suficiente para nos sustentar às duas. Mas a mãe não podia deixar a casa dela. Ela tinha lá entrado como noiva, e ela amava tanto o pai, e todas as recordações dela estavam lá. Mesmo agora, Anne, quando penso que tornei o último ano de vida dela num ano feliz, não me arrependo do que fiz. Quanto ao Dick, eu não o odiava no início quando casei com ele, só sentia a amizade indiferente que sentia pela maioria dos meus colegas de escola. Eu sabia que ele bebia, mas eu nunca tinha ouvido a história da rapariga da aldeia dos pescadores. Se a tivesse ouvido nunca me teria casado com ele, nem por causa da mãe. E depois, aí odiei-o, mas a minha mãe nunca soube. Ela morreu, e eu fiquei sozinha. O Dick tinha-se ido embora no Four Sisters. Eu desejava que ele não passasse muito tempo em casa. O mar estava-lhe no sangue. Não tinha outra esperança. Bem, depois o Capitão Jim trouxe-o para casa como sabes, e é tudo. Tu conheces-me agora, Anne, o pior de mim, as barreiras estão afastadas. Ainda queres ser minha amiga?"

Anne olhou para cima através das bétulas, para o branco pálido de uma lua que se dirigia para o pôr-do-sol no golfo. O rosto dela estava meigo e calmo.

"Eu sou tua amiga e tu és minha, para sempre," disse. "Uma amiga como nunca tive antes. Eu tenho muitas amigas próximas e queridas, mas tu tens qualquer coisa Leslie, que nunca encontrei em mais ninguém. Tu tens mais para me oferecer com essa tua natureza tão rica, e eu tenho mais para te dar do que tinha na minha juventude despreocupada. Nós somos ambas mulheres, e amigas para sempre."

Elas deram as mãos e sorriram uma para a outra através das lágrimas que encheram os olhos azuis e a melancolia.

## Capítulo 22

### A Miss Cornélia resolve uns assuntos

**O Gilbert** insistiu que a Susan devia ficar na pequena casa durante o Verão. Anne protestou de início.

"A vida aqui só com nós os dois era tão boa, Gilbert. Estraga um bocadinho ter cá mais alguém. A Susan é uma pessoa muito querida, mas é uma estranha. Eu posso muito bem fazer o trabalho de casa."

"Tu tens que seguir as recomendações do médico," disse o Gilbert. "Há um velho provérbio que diz que as mulheres dos sapateiros andam descalças e as dos médicos morrem cedo. Eu não quero que isso se verifique na minha casa. Tu vais manter a Susan cá até voltares a ter o mesmo desembaraço e as tuas bochechas se encherem mais um bocadinho."

"Tem que levar as coisas com calma, minha querida senhora," disse a Susan, entrando abruptamente. "Descanse e divirta-se e não se preocupe com a despesa. A Susan está ao leme. Não vale a pena termos um cão se tivermos que ser nós a ladrar. Eu vou levar-lhe o pequeno-almoço á cama todos os dias."

"Concerteza que não," riu-se Anne. "Eu concordo com a miss Cornélia quando ela diz que é um escândalo que uma mulher que não está doente tome o pequeno-almoço na cama, um escândalo que quase se aproxima das enormidades dos homens."

"Oh, a Cornélia!" disse Susan, com desdém. "Eu acho que a minha querida senhora tem tacto suficiente para não ligar ao que diz a Cornélia Bryant. Eu não vejo porque é que ela tem sempre que criticar os homens, mesmo se é uma velha solteirona. Eu sou uma velha solteirona e ninguém me ouve criticar os homens. Eu gosto deles. Tinha-me casado com um se pudesse. Não é engraçado que nenhum me tenha pedido, minha senhora? Eu não sou nenhuma beleza, mas sou tão bonita como a maioria das mulheres casadas que se vêem por ai. Mas nunca tive um noivo. Porque é que acha que foi?"

"Pode ser uma questão de predestinação," sugeriu Anne com grande solenidade.

Susan acenou afirmativamente.

"É o que penso muitas vezes, minha senhora querida, e é-me de grande conforto. Eu não me importo que ninguém me tenha querido se o Todo

Poderosos assim decidiu pelos Seus sábios propósitos. Mas às vezes surge a dúvida, minha querida senhora, e eu pergunto-me se talvez o velho mafarrico não tenha mais a ver com isto que o outro. E aí não me sinto nada resignada. Mas talvez," acrescentou Susan, alegrando-se, "eu ainda vá ter oportunidade de casar. Eu penso muitas vezes numa história que a minha tia costumava repetir:

'Nunca se tinha visto uma gansa tão azul mas mais tarde ou mais cedo...

Um ganso honesto apareceu-lhe no caminho e levou-a para companheira!' Uma mulher não pode ter a certeza de não se vir casar enquanto não for enterrada, minha querida senhora, e entretanto vou fazer umas poucas de tartes de cereja. Eu já reparei que o doutor as aprecia, e eu gosto de cozinhar para um homem que goste de comer."

A miss Cornélia apareceu lá nessa tarde, um bocado ofegante.

"Eu não me incomodo muito nem com o Mundo nem com o Demónio, mas a Carne incomoda-me um bocado," admitiu. "Você está sempre fresca como uma alface, Anne querida. Será que me cheira a tarte de cereja? Se cheirar, por favor convidem-me para lanchar. Eu não provei uma cereja este Verão, as minhas foram todas roubadas pelos patifes dos irmãos Gilman do Glen."

"Então, então Cornélia," repreendeu-a o Capitão Jim, que estava a ler uma novela ao canto da sala. "Tu não devias dizer essas coisas desses dois pobres rapazes sem mãe, a não ser que tenhas uma prova. Só porque o pai deles não é honesto demais não é razão para lhes chamares ladrões. É mais provável que tenham sido os pintarroxos a roubarem-te as cerejas. Eles são tantos este ano."

"Pintarroxos!" disse desdenhosa a miss Cornélia. "Humpf! Pintarroxos de duas pernas, acreditem!"

"Bem a maioria dos pintarroxos de Four Winds são construídos sobre esse principio," disse o Capitão Jim com gravidade.

A miss Cornélia ficou a olhar para ele por um momento. Depois inclinou-se na cadeira de balaço e riu-se durante um bom bocado.

"Bem, por fim apanhaste-me Jim Boyd, admito. Olha só que deliciado que ele está, Anne. E quando às pernas dos pintarroxos, se eles têm pernas grandes, nuas, queimadas do sol e vestidas de farrapos como as que eu vi na minha cerejeira uma manhã ao nascer do sol na semana passada, eu vou pedir desculpa aos miúdos do Gilman. Quando lá cheguei abaixo tinham

desaparecido. Eu não percebi como é que tinham desaparecido tão depressa, mas o Capitão Jim esclareceu-me. É claro que voaram."

O Capitão Jim riu-se e foi-se embora, recusando com pesar o convite para lanchar e partilhar a tarte de cereja.

"Eu vou a casa da Leslie perguntar-lhe se ela aceita um hóspede,"

disse miss Cornélia. "Recebi ontem uma carta de uma senhora Daly de Toronto, que se hospedou por uns tempos na minha casa. Ela queria que eu recebesse um amigo dela no Verão. O nome dele é Owen Ford, e ele é jornalista, e parece que é neto do mestre-escola que construiu esta casa. A filha mais velha do John Selwin casou com um homem de Ontario chamado Ford e é este o filho dela. Ele quer ver a casa onde viveram os avós. Ele teve doente com febre tifóide na Primavera e ainda não está bem, por isso o médico recomendou-lhe que fosse para o pé do mar. Ele não quer ir para o Hotel, prefere uma casa sossegada. Eu não o posso receber porque vou sair em Agosto. Eu fui nomeada delegada para uma convenção da W.F.M.S em Kingsport e vou. Não sei se a Leslie pode hospedá-lo, mas não me lembro de mais ninguém. Se ela não o puder receber vai ter que ficar do outro lado do porto."

"Quando acabar de falar com ela venha cá ajudar-nos a comer as tartes de cereja," disse Anne. "E traga a Leslie e o Dick também, se puderem vir. E quer dizer que vai a Kingsport? Que agradável. Tenho que lhe dar uma carta para entregar a uma amiga minha de lá, a senhora Jonas Blake."

"Consegui convencer a senhora Thomas Holt a vir comigo," disse complacente a Miss Cornélia. "Já é tempo de ela ter umas férias, acreditem. Ela tem-se praticamente matado a trabalhar. O Tom Holt faz crochet que é uma maravilha, mas não consegue sustentar a família. Ele nunca é capaz de se levantar suficientemente cedo para ir trabalhar, mas já reparei que ele se levanta sempre muito cedo quando é para ir à pesca. Não é típico de um homem?"

Anne sorriu. Ela tinha aprendido a dar um grande desconto aos comentários da miss Cornélia acerca dos homens de Four Winds. Se assim não fosse, acreditaria que eram o mais reprovável conjunto de preguiçosos e destemperados, com verdadeiras escravas e mártires como esposas. Este John Holt, por exemplo, ela sabia ser um marido atencioso, um pai muito amado e um excelente vizinho. Se ele tinha mais inclinação para a pesca do que para a agricultura, e se tinha a excentricidade inofensiva de gostar de fazer crochet, ninguém a não ser a miss Cornélia o recriminava por isso. A

mulher dele era uma lutadora, e gabava-se disso, a família dele tinha uma vida confortável proporcionada pela agricultura, e os seus filhos e filhas tinham herdado a energia da mãe, estavam todos em bom caminho para se saírem bem na vida. Não havia família no Glen St. Mary mais feliz que os Holts.

A miss Cornélia voltou da casa do riacho bastante satisfeita.

"A Leslie recebe-o," anunciou. "Ela ficou toda satisfeita com a ideia. Queria arranjar um dinheiro extra para pôr telhas novas no telhado da casa este Outono, e não sabia como. Eu acho que o Capitão Jim também vai ficar interessado quando souber que vem cá um neto do Selwyn. A Leslie disse-me para lhes dizer que ela não pode vir tomar chá porque tem que ir procurar os perus dela que fugiram. Mas ela disse que se sobrasse um pedaço lho guardassem porque ela vem cá buscá-lo quando anoitecer. Você não sabe, Anne querida, como é bom ouvir a Leslie a mandar-lhe uma mensagem assim, a rir-se como costumava há tantos anos. Ela está muito mudada ultimamente. Ri-se e brinca como uma rapariguinha e pela conversa dela vejo que vem cá muitas vezes."

"Todos os dias, ou então vou eu lá," disse Anne. "Eu não sei o que é que fazia sem a Leslie, especialmente agora que o Gilbert tem sempre tanto trabalho. Ele mal vem a casa a não ser umas horas para dormir. Está a matar-se com trabalho. Há tanta gente do outro lado do porto que o manda chamar, agora."

"Mais valia que se contentassem com o médico deles," disse a Miss Cornélia. "Mas também não os censuro, ele é metodista. Desde que o Doutor Blythe trouxe a senhora Allomby de volta, as pessoas acham que ele consegue ressuscitar os mortos. Eu até acho que o velho doutor Dave anda um bocado invejoso, típico de um homem. Ele acha que o doutor Blythe tem muitas ideias modernas! 'Bem' disse-lhe eu, 'foi uma ideia moderna que trouxe de volta a Rhoda Allonby. Se fosse o senhor a assisti-la ela tinha morrido, e na campa dela ia haver uma lápide a dizer que Deus a tinha querido levar'. Oh, como eu gosto de dizer as minhas opiniões ao doutor Dave! Ele tem mandado no Glen há anos, e acha que esqueceu mais do que muitas pessoas sabem. Por falar em médicos, eu gostava que o Doutor Blythe fosse dar uma vista de olhos naquele carbúnculo do pescoço do Dick Moore. Não tem melhorado com os tratamentos da Leslie. Mas também não sei porque raio havia o Dick Moore de ter arranjado um carbúnculo no pescoço, como se não tivesse já problemas suficientes!"

"Sabe que o Dick se afeiçoou muito a mim," disse Anne. "Ele segue-me para todo o lado como um cãozinho, e ri-se como uma criança satisfeita quando eu lhe dou atenção."

"Não lhe dá calafrios?"

"Não. Eu até gosto do pobre Dick Moore. Ele é tão inofensivo e apelativo, de certa forma."

"Não o ia achar muito apelativo se o visse num dia de perturbação, acredite-me. Mas fico contente por ele não a incomodar, é ainda melhor para a Leslie. Ela vai ter muito trabalho quando o hóspede vier. Espero quer ele seja boa pessoa. Você vai gostar dele concerteza, é escritor."

"Porque é que será que as pessoas partem do principio que por duas pessoas serem escritores têm que ter grandes afinidades?" disse Anne, um pouco irónica. "Ninguém esperaria que dois ferreiros se fossem sentir muito próximos um do outro só porque eram ambos ferreiros."

Mas mesmo assim, Anne olhava a vinda do Owen Ford com uma agradável expectativa. Se ele fosse jovem e simpático seria uma boa aquisição para a pequena sociedade de Four Winds. A pequena casa estava sempre em busca da raça de José.

## Capítulo 23

### Chega Owen Ford

**Certa** noite Miss Cornélia telefonou a Anne.

"O escritor acabou de chegar. Eu vou levá-lo até á tua casa, e tu leva-lo á da Leslie. É mais fácil para mim do que dar a volta pela outra estrada, e eu estou com uma pressa terrível. O bebé dos Reese caiu para dentro de uma panela de água a ferver lá no Glen e quase morreu escaldado, e eles querem que eu lá vá pôr uma pele nova á criança, só pode ser. A senhora Reese é sempre tão descuidada, e espera que as outras pessoas emendem os erros dela. Não te importas, pois não, querida? A bagagem dele pode ir amanhã."

"Muito bem," disse Anne. "E como é que ele é, miss Cornélia?"

"Vais ver como ele é por fora quando eu to levar. Quanto a como ele é por dentro, só o bom Deus que o fez sabe. Eu não vou dizer mais nada, porque há aqui um problema com os telefones."

"A miss Cornélia evidentemente não conseguiu encontrar nenhum defeito no aspecto do senhor Ford, ou tê-lo-ia dito apesar dos problemas do telefone," disse Anne. "Por isso posso concluir, Susan, que o senhor Ford deve ser muito bonito."

"Bem, minha querida senhora, eu posso dizer que gosto de ver um homem bonito," disse a Susan candidamente. "Não seria melhor preparar-lhe um lanche? Tenho ali uma tarte de morango que se derrete na boca."

"Não. A Leslie está á espera dele e deve ter o jantar pronto. Além disso, eu quero guardar a tarte de morango para o meu pobre homem. Ele só vai chegar tarde, por isso deixe a tarte e um copo de leite para ele, Susan."

"Fique descansada, minha querida senhora. A Susan está ao leme. E além disso, é bem melhor darmos tarte aos nossos homens do que a estranhos, que podem apenas querer devora-las, e o doutor é um homem tão bem parecido como qualquer outro."

Quando Owen Ford chegou, Anne admitiu secretamente que como indiciado pela miss Cornélia, ele era um homem muito bem parecido. Era alto e largo de ombros, com um cabelo castanho forte e espesso, um nariz muito bem desenhado e olhos azuis grandes e brilhantes.

"E reparou nas orelhas e nos dentes dele, minha querida senhora?" perguntou Susan mais tarde. "Ele tem as orelhas mais bem feitas que eu já vi numa cabeça de homem. Eu gosto muito de orelhas. Quando era pequena

tinha medo de vir a casar com um homem com orelhas de abano. Mas não preciso de me preocupar, nunca me calharam orelhas de tipo nenhum."

Anne não tinha reparado nas orelhas do Owen Ford, mas reparara nos dentes, quando os lábios dele se separaram num sorriso franco e amistoso. Sem sorrir, o rosto dele era de certa forma triste e ausente, semelhante ao herói melancólico e inescrutável dos sonhos de adolescência de Anne; mas o humor, o encanto e a alegria iluminavam-se quando ele sorria. Certamente que, como tinha dito miss Cornélia, no exterior o Owen Ford era um homem muito apresentável.

"A senhora não imagina como estou encantado por estar aqui," disse, olhando á sua volta com olhos interessados. "Eu tenho a estranha sensação de estar a voltar a casa. A minha mãe nasceu aqui e passou cá a infância, sabe. Ela costumava falar-me muito da sua velha casa. Eu conheço-a tão bem como se cá tivesse vivido, e claro, ela contou-me a história da construção da casa e do Royal William. Eu pensei que uma velha casa como esta tivesse desaparecido há anos atrás."

"As casas velhas não desaparecem assim com tanta facilidade nesta costa encantada," sorriu Anne. "Esta é 'uma terra onde todas as coisas parecem sempre iguais', quase sempre, pelo menos. A casa do John Selwin não mudou muito, e lá fora as roseiras que o seu avô plantou para a sua noiva florescem neste mesmo minuto."

"Como a ideia me liga a elas! Com a sua licença tenho que explorar todo o lugar em breve."

"A nossa casa estará sempre aberta para si," prometeu Anne. "E sabe que o velho capitão que guarda do farol de Four Winds conheceu bem o John Selwin e a sua noiva na sua infância? Ele contou-me a história deles na noite em que cá cheguei, a terceira noiva desta velha casa." "Será possível? Isso é uma descoberta. Tenho que o encontrar."

"Não vai ser difícil; nós somos todos amigos do Capitão Jim. Ele vai estar tão ansioso como você para o ver. A sua avó brilha como uma estrela na memória dele. Mas eu acho que a senhora Moore está á sua espera. Eu vou mostrar-lhe o nosso atalho."

Anne caminhou com ele desde a casa até ao riacho, por um campo que estava branco como a neve com margaridas. Um barco cheio de pessoas passava lá ao longe no porto, e ouviam-se cantar. O som vinha á deriva pela água como uma música ténue e etérea através de um mar iluminado pelas



estrelas. O grande farol brilhava e girava. Owen Ford olhou para ele com satisfação.

"E então isto é Four Winds," disse. "Eu não estava preparado para o achar tão bonito, apesar de todos os elogios da minha mãe. Que cor, que cenário, que encanto! Eu vou ficar forte como um cavalo num instante. E se a inspiração se alimentar da beleza, conseguir começar a minha grande novela canadiana aqui.

concerteza vou "Ainda não a começou?" perguntou Anne.

"Infelizmente não. Nunca consegui encontrar a ideia central para ela. Ela jaz para além de mim, atrai-me e seduz-me, e recua - quase a apanho e depois vai-se embora. Talvez entre esta paz e beleza eu a consiga capturar. A miss Bryant diz-me que você escreve."

"Oh, eu faço umas coisas para crianças. Não tenho feito grande coisa desde que casei. E não tenho perspectivas de fazer uma grande novela canadiana," riu-se Anne. "Isso ultrapassa-me bastante."

Owen Ford riu também.

"Atrevo-me a dizer que me ultrapassa a mim também. Mas mesmo assim, penso dedicar-me a isso um dia destes, se conseguir ter tempo. Um jornalista não tem grande possibilidade de o fazer. Eu tenho feito bastantes histórias curtas para revistas, mas nunca tive a calma necessária para escrever um livro. Com três meses de liberdade devo conseguir começar, se conseguir encontrar o motivo necessário, a alma do livro."

Uma ideia insinuou-se na mente de Anne tão subitamente que a fez saltar. Mas ela não a exprimiu, porque tinham chegado á casa dos Moore. Quando entraram no jardim a Leslie veio do alpendre pela porta do lado, onde esperara através da escuridão por algum sinal do seu hóspede. Ali ficou, onde a luz amarela e morna a banhava vinda da porta aberta. Usava um vestido simples de voile de algodão tingido de creme, com a usual faixa vermelha. Leslie não passava sem o seu toque de carmim. Ela tinha dito a Anne que não se sentia satisfeita antes de ter qualquer coisa vermelha sobre ela, nem que fosse uma flor. Para Anne, isso parecia simbolizar sempre o brilho da personalidade escondida de Leslie, cuja expressão era totalmente negada excepto naquele toque flamejante.

O vestido de Leslie era cortado um pouco abaixo do pescoço, e tinha mangas curtas. Os braços dela brilhavam como mármore branco. Cada curva delicada das suas formas estava delineada na suave escuridão em

contra luz. O cabelo dela brilhava como uma chama. Para lá da casa havia um céu púrpura, florescendo com estrelas por cima do porto.

Anne ouviu o companheiro dela dar um suspiro. Mesmo no escuro conseguia ver a admiração e o espanto no seu rosto.

"Quem é esta criatura magnífica?" perguntou.

"Essa é a senhora Moore," disse Anne. "Ela é muito bonita, não é?" "Eu...nunca vi nada como ela," respondeu, um pouco confuso. "Eu não estava á espera, eu não vinha preparado para...Deus do céu, uma deusa para senhoria. Se ela estivesse vestida com um vestido de púrpura marinho e um diadema de ametistas no cabelo ela seria uma verdadeira rainha do mar. E recebe hóspedes!"

"Todas as deusas têm que sobreviver," disse Anne. "E a Leslie não é uma deusa. Ela é só uma mulher muito bela, tão humana como qualquer um de nós. A miss Bryant contou-lhe sobre o senhor Moore?"

"Sim, ele é deficiente mental, ou qualquer coisa do género, não é? Mas ela não disse nada sobre a senhora Moore, e eu achei que ela era a mulher trabalhadora normal no campo, que recebe homens para ganhar mais uns tostões honestamente."

"Sim, e é só isso que a Leslie está a fazer," disse Anne duramente. "E não lhe é muito agradável, também. Eu espero que não se incomode com o Dick. Se o incomodar, por favor não deixe que a Leslie se aperceba. Iria magoá-la terrivelmente. Ele é só um bebé grande, e ás vezes um bocado aborrecido."

"Oh, eu não me vou impressionar. Penso que ele não está muito em casa, a não ser ás refeições. Mas é mesmo uma pena! A vida dela deve ser muito dura."

"E é. Mas a Leslie não gosta que tenham pena dela."

A Leslie tinha entrado em casa e agora recebia-os na porta da frente. Ela cumprimentou Owen Ford de uma forma educada e fria, e disse-lhe num tom de negócios que tinha o jantar pronto para ele. Dick, com um sorriso agradável, subiu as escadas com a mala e Owen Ford ficou instalado como hóspede da velha casa entre os salgueiros.

## Capítulo 24

### O Livro da Vida do Capitão Jim

**"Eu tenho** uma ideia pequena como uma sementinha castanha que se pode transformar numa grande árvore de realização," disse Anne a Gilbert quando chegou a casa.

Ele tinha regressado mais cedo do que ela esperava, e estava a deliciar-se com a tarte de morangos da Susan. A própria Susan estava um pouco atrás, um pouco séria mas com um ar benemérito, e via-se que tinha tanto prazer em ver o Gilbert comer a tarte como ele próprio tinha ao comê-la.

"Qual é a tua ideia?" perguntou.

"Eu não te vou dizer já, não enquanto não vir que sou capaz de a levar até ao fim."

"E que tipo de pessoa é o Ford?"

"Oh, bastante simpático, e muito bem parecido."

"E que lindas orelhas, minha querida senhora," interrompeu Susan com deleite.

"Ele tem trinta ou trinta e cinco anos, penso eu, e pensa escrever uma novela. A voz dele é agradável e o sorriso delicioso, e sabe vestir-se bem. Parece que a vida dele não terá sido muito fácil, por qualquer razão."

O Owen Ford veio na noite seguinte com uma nota de Leslie para Anne; passaram o entardecer no jardim e foram dar uma volta de barco ao luar pelo porto, num pequeno barco que Gilbert tinha arranjado para as saídas de Verão. Eles gostaram muito do Owen Ford e ficaram com a sensação de o conhecer há muitos anos, o que o distinguia como pertencente á irmandade da casa de José.

"Ele é tão agradável como as orelhas, minha querida senhora," disse Susan, quando ele se foi embora. Ele tinha-lhe dito que nunca provara nada como o bolo de morango dela, e o coração susceptível de Susan foi ganho para sempre.

"Ele tem muito charme." Reflectiu enquanto retirava a mesa do jantar. "É muito estranho que nunca tenha casado, porque um homem daqueles teria a mulher que quisesse. Bem, talvez seja como eu e nunca tenha encontrado a pessoa certa."

A Susan ficou de facto muito romântica nos seus pensamentos enquanto lavava a loiça do jantar.

Duas noites depois Anne levou Owen Ford ao Farol de Four Winds para o apresentar ao Capitão Jim. Os campos de trevo em volta do porto estavam esbranquiçados pelo vento de oeste, e o Capitão Jim tinha um dos melhores pôr-do-sol em exibição. Ele próprio tinha acabado de regressar de um passeio em volta do porto.

"Eu tive que ir lá abaixo dizer ao Henry Pollack que estava a morrer. Toda a gente tinha medo de lhe dizer. Eles estavam á espera que ele reagisse muito mal, porque tem uma grande determinação em viver, e tem feito imensos planos para o Outono. A mulher dele achava que ele devia saber, e que eu seria a melhor pessoa para lhe dizer que não ia melhorar. O Henry e eu somos velhos amigos, navegámos no Grey Gull durante anos juntos. Bem, eu fui lá e sentei-me ao lado dele na cama e disse-lhe, simples e claro, que se uma coisa tem que ser dita mais vale ser dita no principio que no fim, e disse 'Amigo, parece-me que tens ordem de navegar desta vez,' eu estava a tremer um bocado por dentro, porque é uma coisa horrível, ter que dizer a um homem que está a morrer quando ele não sabe. Mas imagine só, senhora Blythe, o Henry olhou para mim com aqueles olhos pretos e brilhantes dele e a cara engelhada e disse-me assim, 'Diz-me qualquer coisa que eu não saiba, Jim Boyd, se me queres dar uma informação. Eu sei isso há uma semana.' Eu fiquei admirado demais para falar, e o Henry riu-se. 'Ver-te vir aqui,' disse, 'com a cara tão solene como um túmulo e sentares-te aí com as mãos agarradas ao estômago, para me dares uma noticia velha e bolorenta como essa! Fazias rir um gato, Jim Boyd,' disse ele. 'Quem te disse?' perguntei eu, feito parvo. 'Ninguém,' disse ele. 'Na semana passada estava aqui deitado a dormir, acordei, e percebi. Eu já andava desconfiado, mas nessa altura fiquei a saber. Tenho andado a disfarçar por acusa da mulher. E gostava mesmo de construir o celeiro, porque o Eben nunca o vai fazer como deve ser.

Mas de qualquer forma, agora que te aliviaste, Jim, põe uma cara mais alegre e conta-me uma novidade,' bem, e assim foi. Eles com tanto medo de lhe dizerem e ele já sabia. É estranho como a natureza nos encontra, não é, e nos diz o que temos que saber quando chega a altura. Alguma vez lhe contei daquela vez que o Henry ficou com o anzol preso no nariz, senhora Blythe?"

"Não."

"Pois, eu e ele ainda nos rimos por causa disso hoje. Aconteceu há trinta anos. Ele e eu, e outros mais fomos um dia á pesca de mackerel.

Estava um belo dia, nunca tinha visto um cardume tão grande de mackerel no golfo, e com o entusiasmo geral o Henry ficou excitado e acabou por enfiar um anzol mesmo a meio do nariz. Bem, ali estava ele, com o fio de um lado e um grande pedaço de chumbo do outro, por isso não se conseguia tirar. Nós quisemos logo levá-lo para a costa, mas o Henry estava fulo, disse que ia ser gozado se deixasse uma carga daquelas, fosse por que fosse, e então continuou a pescar, a gemer e a gritar de vez em quando. Então o cardume passou e nós regressámos com uma grande carga, eu tentei cortar o anzol. Eu tentei fazer aquilo com tanto cuidado como podia, mas vocês deviam ter ouvido o Henry, quer dizer, não deviam, realmente. Ainda bem que não haviam senhoras por perto. O Henry não era homem de dizer muitos palavrões, mas ele já tinha ouvido alguns pela costa durante o seu tempo de marinheiro e lembrou-se deles todos para nos gritar. Finalmente disse que não conseguia suportar aquilo e eu também já não tinha estômago. Por isso agarrámos nele e levamo-lo a um médico de Charlottetown, a trinta milhas, não havia nenhum mais perto nessa altura, e com o maldito anzol ainda pendurado do nariz. Quando lá chegámos o velho doutor Crabb pegou num alicate e agarrou naquele anzol exactamente como eu tinha tentado fazer, só que ele não teve grande preocupação em ser cuidadoso!"

A visita do Capitão Jim ao seu velho amigo tinha reavivado muitas recordações e ele estava em plena maré de reminiscências.

"O Henry perguntava-me hoje se eu me lembrava daquela vez em que o velho Padre Chiniquy abençoou o barco do Alexander MacAllister. Outra história estranha, e tão verdadeira como os evangelhos, eu estava lá no barco. Nós fomos á pesca numa manhã ao nascer do sol, no barco do Alexander MacAllister. Também havia um rapaz francês no barco, Católico, claro.

Vocês sabem que o velho padre Chiniquy se tinha tornado protestante, por isso os católicos não iam muito á baila com ele. Bem, nós estivemos sentados no golfo debaixo de um sol abrasador até ao meio-dia, e nem um peixe apanhámos. Quando fomos á costa o velho padre Chiniquy tinha que se ir embora, e disse daquela forma educada que ele tinha sempre, 'tenho muita pena, senhor MacAllister mas não posso ir consigo esta tarde. Mas deixo-lhe a minha benção, vai apanhar um milhar esta tarde.' Bem, nós não apanhámos um milhar, mas apanhámos exactamente novecentos e noventa e nove, a maior pescaria de um barco tão pequeno em toda a costa norte nesse Verão.

Curioso, não é? O Alexander MacAllister disse para o Andrew Peters, 'Então, e o que é que achas do padre Chiniquy agora?', 'Bom,' resmungou o Andrew, 'parece que ainda restava uma benção ao velho diabo.' E como o Henry se riu dessa parte hoje!"

"Sabe quem é o senhor Ford, Capitão Jim?" perguntou Anne, vendo que a torrente de recordações tinha parado de momento. "Eu gostava que tentasse adivinhar."

O Capitão Jim abanou a cabeça.

"Eu nunca tive jeito para adivinhas, senhora Blythe... mas agora que penso nisso, onde é que eu já vi esses olhos?... Sim, porque eu já os vi."

"Lembre-se de uma manhã de Setembro há muitos anos atrás," disse Anne. "Pense num navio a entrar pelo porto, um navio muito esperado e já desesperado. Lembre-se do dia em que o Royal William entrou no porto e da primeira vez que viu a noiva do mestre-escola."

O Capitão Jim levantou-se.

"São os olhos da Persis Selwin," quase gritou. "Você não pode ser filho dela, deve ser -"

"Neto, sim, sou o filho da Alice Selwyn."

O Capitão Jim dirigiu-se para o Owen Ford e apertou-lhe a mão mais uma vez.

"Filho da Alice Selwyn! Senhor, mas é muito bem-vindo! Pensei tantas vezes onde viveriam os descendentes do mestre-escola. Eu sabia que não havia nenhum na ilha. A Alice, o primeiro bebé nascido naquela casa. Nunca um bebé trouxe tanta alegria! Eu embalei-a centenas de vezes. Foi do meu colo que ela começou a andar sozinha. Vejo a cara da mãe dela a olhar para ela, como se fosse hoje, e foi há sessenta anos. Ela ainda é viva?"

"Não, morreu quando eu era rapazinho."

"Oh, nem parece bem que eu esteja vivo para ouvir uma coisa dessas," suspirou o capitão Jim. "Mas estou mesmo contente de o ver. Trouxe-me a juventude de volta por um bocado. Você não sabe a sensação que dá. A senhora Blythe aqui tem jeito para isso, ela também me faz sentir assim muitas vezes."

O Capitão Jim ficou ainda mais entusiasmado quando descobriu que o Owen Ford era o que ele chamava um 'escritor de verdade'. Olhou-o como se se tratasse de um ser superior. O Capitão Jim sabia que a Anne escrevia mas nunca tinha levado o facto muito a sério. O Capitão Jim achava que as mulheres eram criaturas deliciosas e que deviam poder votar e tudo o mais

que elas quisessem, Deus as abençoe, mas ele não acreditava que conseguissem escrever.

"Vejam só o 'Louco Amor'," protestava. "Foi uma mulher que o escreveu e olhem só para aquilo, cento e três capítulos quando se podia ter contado em dez. Uma mulher a escrever não sabe quando deve parar, é esse o problema. O segredo de uma boa história é saber quando parar."

"O senhor Ford quer conhecer as suas histórias, Capitão Jim," disse Anne. "Conte-lhe aquela do capitão que ficou maluco e achava que era o Holandês Voador."

Essa era a melhor história do Capitão Jim. Era um misto de horror e humor, e apesar de a Anne já a ter ouvido várias vezes dava-lhe tanta graça e tantos arrepios como ao senhor Ford. Outras histórias se seguiram, porque o Capitão Jim tinha uma audiência que lhe enchia as medidas. Contou-lhes como o barco dele tinha sido abalroado por um barco a vapor, como tinha sido hospedado por piratas malaios, como o barco dele tinha pegado fogo, como tinha ajudado um prisioneiro político a escapar de uma república sul-africana, como tinha naufragado nas Ilhas Madalenas num Outono e tinha passado lá o Inverno; como um tigre se tinha soltado no convés do seu navio, como a sua tripulação se tinha amotinado e o tinha abandonado numa ilha deserta, estes e muitos outros episódios, trágicos, humorísticos ou grotescos foram relatados pelo Capitão Jim. O mistério do mar, o fascínio por terras longínquas, o desejo de aventura, o riso do mundo, os seus ouvintes sentiram e imaginaram tudo. Owen Ford ouvia com a cabeça apoiada na mão, e o First Mate a ronronar no joelho, os olhos brilhantes postos no rosto eloquente e enrugado do Capitão Jim.

"Não vai deixar o senhor Ford ver o livro da sua Vida, Capitão Jim?" perguntou Anne, quando ele deu as suas histórias por encerradas.

"Oh, ele não deve querer incomodar-se a ler isso," protestou o Capitão Jim, que estava secretamente a morrer de vontade de lho mostrar.

"Eu ia gostar imenso de o ver, capitão Boyd," disse Owen. "Se é parecido com as suas histórias vai valer a pena ser lido."

Com uma pretensa relutância o Capitão Jim desenterrou o Livro da sua Vida de uma velha arca e entregou-o a Owen.

"Não me parece que vá gastar muito tempo com os escritos da minha velha mão. Eu nunca tive muita instrução." comentou despreocupadamente. "Só escrevo essas coisas para o meu sobrinho Joe. Ele está sempre a pedir-me histórias. Veio cá ontem e disse-me, tipo descompostura, quando eu

estava a tirar um bacalhau de 12 quilos do meu barco, 'Tio Jim, o bacalhau não é uma animal parvo? Eu tinha-lhe andado a dizer, sabe, que temos que ser bons para os animais estúpidos e nunca os magoar de nenhuma forma. Eu safei-me porque lhe disse que um bacalhau era bastante estúpido mas não era um animal, e o Joe não me pareceu muito satisfeito, nem eu fiquei com a resposta. Nós temos que ter muito cuidado com o que dizemos aos pequenos. Eles percebem tudo."

Enquanto falava, o capitão Jim olhava pelo canto do olho para Owen Ford enquanto este examinava o livro da sua vida; e ao aperceber-se que o seu convidado estava absorto nas suas páginas dirigiu-se ao seu louceiro e começou a fazer um chá. Owen Ford acabou por se separar do livro com tanta relutância como um avarento ao se separar do seu ouro, o tempo suficiente para tomar o seu chá, e depois voltou a embrenhar-se na leitura.

"Oh, o senhor pode levá-lo para casa se quiser," disse o Capitão Jim, como se não se tratasse do seu objecto mais precioso. "Eu tenho que ir lá abaixo subir o meu barco um bocado. Vem aí vento. Não repararam no céu esta noite? 'Céu cavado e caudas de éguas, fazem os grandes barcos baixar as velas'.

Owen Ford aceitou a oferta do Livro da Vida com bastante agrado. A caminho de casa Anne contou-lhe sobre a Margaret perdida no mar.

"Este velho Capitão é um tipo maravilhoso," disse. "Que vida que teve! Este homem viveu mais aventuras numa semana do que a maior parte das pessoas numa vida inteira. Acha realmente que as histórias são todas verdadeiras?"

"Concerteza que sim. Tenho a certeza que o Capitão Jim era incapaz de mentir, e além disso, todas as pessoas daqui dizem que se passou tudo como ele conta. Haviam cá muitos companheiros antigos dele para o confirmarem.

Ele é um dos últimos capitães do mar da 'velha guarda' da Ilha do Príncipe Eduardo. Estão quase extintos, hoje em dia."



## Capítulo 25

### Escreve-se o Livro

**Owen** Ford chegou á pequena casa na manhã seguinte num estado de grande entusiasmo.

"Senhora Blythe, este livro é maravilhoso, absolutamente maravilhoso. Se eu o pudesse usar para retirar material, de certeza que fazia a novela do ano com ele. Acha que o Capitão Jim me deixava?"

"Se deixava! Tenho a certeza que ele ficava encantado," respondeu Anne. "Eu admito que foi o que pensei quando lá o levei na noite passada. O Capitão Jim sempre desejou ter alguém que lhe escrevesse bem o Livro da Vida dele."

"Pode ir comigo ao cabo esta noite, senhora Blythe? Eu vou perguntar-lhe isso pessoalmente, mas eu quero que lhe diga que me contou sobre a Margaret e que lhe pergunte se me deixa usar essa história como o fio de romance que tece todas as histórias do livro num todo harmonioso."

O Capitão Jim ficou ainda mais excitado quando o Owen Ford lhe contou o que pensava fazer. Finalmente o seu sonho ia realizar-se e o Livro da sua Vida ser dado ao mundo. Ele também ficou satisfeito por a história da Margaret ser incluída nele.

"Vai fazer com que não seja esquecida," disse pensativo. "É por isso que quero que esteja lá."

"Vamos fazer isto em conjunto," disse entusiasmado Owen Ford. "O senhor dá a alma e eu o corpo. Oh, vamos escrever um livro famoso entre os dois, capitão Jim. E vamos já deitar mãos á obra."

"E pensar que o meu livro vai ser escrito pelo neto do mestre-escola!" exclamou o capitão Jim. "Rapaz, o teu avô era o meu melhor amigo. Eu achava que não havia ninguém como ele. Agora vejo porque é que tive que esperar tanto. Tinha que ser a pessoa certa. Tu pertences aqui, tens a alma desta costa norte em ti, és o único que o podia escrever."

E combinou-se que a pequena divisão ao lado da sala de estar do farol seria o escritório de Owen Ford. Era necessário que o capitão Jim estivesse ao pé dele enquanto ele escrevia, para o consultar em muitos assuntos das lides do mar das quais Owen ignorava quase tudo. Começou a escrever o livro na manhã seguinte, e atirou-se ao trabalho de alma e coração. Quanto ao capitão Jim, foi um homem feliz nesse Verão. Olhava para o pequeno

quarto onde Owen trabalhava como um local sagrado. Owen falava de tudo com o capitão Jim, mas não o deixava ver o manuscrito.

"Tem que esperar até que seja publicado," disse-lhe. "Então vai vê-lo da melhor forma.

Ele embrenhou-se nos tesouros do livro, e usou-os da melhor forma. Sonhou e imaginou a Margaret perdida até que ela se tornou numa realidade para ele e ganhou vida nas suas páginas. À medida que o livro progredia tomou posse dele e trabalhava com um afico febril. Deixava Anne e Leslie lerem o manuscrito e criticá-lo; e o capítulo conclusivo do livro, que os críticos mais tarde consideraram idílico, foi modelado com base numa sugestão de Leslie.

Anne sentia-se bastante inchada com o sucesso da sua ideia.

"Eu soube assim que vi o Owen Ford que ele era o homem certo para isto," disse a Gilbert. "Tanto o humor como a paixão são a cara dele, e isso juntamente com a arte da expressão era o que fazia falta para se escrever este livro. Como diria a senhora Rachel, ele estava predestinado para o papel."

Owen Ford escrevia de manhã. As tardes eram geralmente passadas em saídas alegres com os Blythe.

Leslie também ia bastantes vezes, porque o Capitão Jim tomava muitas vezes conta do Dick para a deixar mais liberta. Passeavam de barco pelo porto e por alguns rios bonitos que lá afluíam; faziam petiscos de amêijoas na barra e churrascos nas rochas; apanhavam morangos nas dunas, e iam ao bacalhau com o Capitão Jim; caçavam patos bravos nos campos da costa, pelo menos os homens. À noite passeavam pelos campos repletos de margaridas debaixo de uma lua dourada, ou sentavam-se na sala da pequena casa onde muitas vezes a frescura da brisa marinha justificava o lume aceso, e falavam das mil e uma coisas interessantes que as pessoas inteligentes, alegres e jovens sempre têm para falar.

Desde o dia em que fizera a sua confissão a Anne, Leslie era uma pessoa diferente. Não havia rasto da sua antiga frieza e reserva, nem sombras da sua velha amargura. A mocidade que lhe tinha sido negada parecia ter voltado com a riqueza da idade adulta; expandia-se como uma flor de chama e perfume; nenhum riso era mais rápido que o dela, nenhuma observação mais pronta, nas reuniões ao serão daquele Verão encantado. Quando não podia estar com eles, todos sentiam que faltava um sabor delicado nos seus relacionamentos.

A sua beleza era iluminada pela alma que acordava lá dentro, como uma luz que brilha através de uma jarra de alabastro. Houve alturas em que os olhos de Anne quase lhe doíam com o esplendor dela. Quanto a Owen Ford, a Margaret do seu livro, apesar de ter o cabelo castanho claro e o rosto élfico da rapariga desaparecida há tantos anos, 'jazendo onde dorme a Atlântida perdida', tinha a personalidade de Leslie Moore, tal como esta se revelou nesses dias pacíficos de Four Winds Harbour.

No final, foi um Verão inesquecível, um desses verões que raramente se dão em qualquer vida, mas deixam uma rica herança de memórias ao passar, com uma combinação feliz de bom tempo, amigos deliciosos e deliciosas ocupações, tão próximas da perfeição como qualquer coisa pode ser neste mundo.

"Bom demais para durar," disse Anne a si própria com um pequeno suspiro, no dia de Setembro em que um certo tom do vento e uma certa sombra no azul intenso na água do golfo lhe disseram que o Outono não tardava.

Nessa noite Owen Ford disse-lhes que tinha terminado o seu livro e que as suas férias tinham chegado ao fim.

"Eu ainda tenho bastantes coisas a fazer, revê-lo e arranjá-lo," disse, "mas o principal está feito. Escrevi a última frase esta manhã. Se conseguir encontrar quem o publique vai provavelmente sair no próximo Verão ou Outono."

Owen não tinha muitas dúvidas que iria encontrar publicador. Ele sabia que tinha escrito um grande livro, um livro que marcaria um grande sucesso, um livro que iria perdurar. Ele sabia que o facto de o ter escrito lhe traria fama e fortuna, mas quando escreveu a última linha baixou a cabeça sobre o manuscrito e assim ficou bastante tempo. E não pensava no bom trabalho que tinha feito.

## Capítulo 26

### A confissão de Owen Ford

**"Tenho** tanta pena que o Gilbert cá não esteja," disse Anne. "Ele teve que sair, o Alan Lyons do Glen teve um acidente grave. Ele não vai chegar tão cedo. Mas ele pediu-me que lhe dissesse que vai despedir-se de si amanhã quando partir. É mesmo uma pena. A Susan e eu tínhamos preparado uma festinha para a sua última noite cá."

Ela estava sentada ao lado do riacho no jardim, num banco rústico que o Gilbert tinha feito para ela. Owen Ford estava á frente dela, encostado ao tronco cor de bronze de uma bétula. Ele estava muito pálido, e no seu rosto liam-se os vestígios de uma noite sem sono. Anne, olhando de baixo para cima, perguntava-se se afinal o Verão não lhe tinha proporcionado o descanso que deveria. Teria trabalhado demais no livro? Ela reparou que há uma semana que ele não parecia estar bem.

"Eu até fico contente por o Doutor estar fora," disse Owen lentamente. "Eu queria falar consigo a sós, senhora Blythe."

Eu tenho que contar isto a alguém, ou acho que vou endoidecer. Há uma semana que estou a tentar enfrentar isto e não sou capaz. Eu sei que posso confiar em si, e que você vai compreender. Uma mulher com olhos como os seus compreende sempre. A senhora é uma dessas pessoas a quem as outras contam instintivamente as coisas. Senhora Blythe, eu amo a Leslie, amo-a! E parece-me uma palavra pouco forte!"

A voz dele quebrou subitamente com as palavras suprimidas da sua paixão. Voltou o rosto para o outro lado e escondeu-o no braço. Todo o seu corpo tremia. Sentada, Anne olhava para ele, pálida e chocada. Ela nunca tinha pensado nisto! Mas ao mesmo tempo, como é que não tinha pensado? Agora parecia-lhe uma coisa tão natural e inevitável. Mas...mas coisas deste género não acontecem em Four Winds. Noutra lado qualquer do mundo as paixões humanas podem desafiar as convenções e as leis, mas aqui não, certamente. A Leslie recebia hóspedes no Verão há dez anos e nada disto tinha alguma vez acontecido. Mas talvez eles não fossem como Owen Ford; e a Leslie viva e presente deste Verão não fosse a rapariga revoltada de outros anos. Oh, alguém devia ter pensado nisto! Porque é que a Miss Cornélia não pensou nisto? Ela estava sempre tão pronta a tocar o alarme quando se tratava de homens. Anne sentiu um pequeno ressentimento

contra Miss Cornélia. E depois deu um pequeno gemido abafado. Não valia a pena encontrar culpados, o mal estava feito. E a Leslie, o que seria da Leslie? Era o maior receio de Anne. "A Leslie sabe disto, Senhor Ford?" perguntou Anne muito calmamente.

"Não, não...a não ser que tenha adivinhado. Conserteza não acha que eu ia ser descarado ao ponto de lhe dizer, senhora Blythe. Eu não consegui evitar amá-la, e o meu sofrimento é superior ao que posso suportar."

"E é correspondido?" perguntou Anne, e no momento que a questão lhe saiu dos lábios pensou que não a devia ter colocado. Owen Ford respondeu-lhe com um protesto exaltado.

"Não, não, claro que não. Mas eu podia fazê-la corresponder, se ela fosse livre, eu sei que conseguia."

"Ela ama-o, e ele sabe disso," pensou Anne. Acabou por dizer com delicadeza mas com firmeza: "Mas ela não é livre, senhor Ford. E a única coisa que o senhor pode fazer é ir-se embora em silêncio e deixá-la viver a vida dela."

"Eu sei, eu sei," gemeu Owen. Sentou-se na relva da margem, e olhou perdido para a água que corria abaixo dele. "Eu sei que não há nada a fazer, nada a não ser dizer convencionalmente 'Adeus senhora Moore. Obrigado por toda a sua gentileza,' como teria dito á dona de casa trabalhadora e vulgar que pensava que ela era quando vim. Então vou pagar a minha estadia como qualquer hóspede honesto e vou-me embora. Oh, é tudo muito simples! Não há dúvidas, perplexidades, uma estrada direita até ao fim do mundo! E eu vou percorrê-la, não precisa recear, senhora Blythe. Mas seria mais fácil caminhar sobre o fogo."

Anne tremeu com a dor contida na voz dele. E havia tão pouco a dizer para suavizar a situação. A culpa estava fora de questão, o conselho não era necessário, a piedade era ultrapassada pela agonia do homem. Ela só conseguia senti-la com ele numa espiral de compaixão e pena. O coração dela sofria por Leslie. A pobre rapariga não tinha já sofrimento que bastasse sem isto?

"Não me seria tão difícil deixá-la se ela fosse feliz," concluiu Owen Ford apaixonadamente. "Mas pensar na vida dela, pensar em para o que é que a deixo! É o pior de tudo! Eu daria a minha vida para a fazer feliz, e nada posso fazer para a ajudar, nada. Ela está ligada para sempre àquele pobre desgraçado, sem nenhuma perspectiva a não ser envelhecer numa sucessão de anos vazios e sem sentido. Fico louco só de pensar nisso. Mas

eu tenho que seguir com a minha vida, sem nunca mais a ver, mas sabendo sempre aquilo que ela sofre. É monstruoso, monstruoso!"

"É muito duro," disse Anne com uma pena imensa. "Nós, todos os amigos dela sabemos como é duro."

"E ela é uma pessoa tão rica," disse Owen. "A beleza dela é o menor dote que tem, e eu nunca vi uma mulher mais bela. O riso dela! Todo o Verão desejei evocar esse riso, só pelo prazer de o ouvir. E os olhos dela, tão azuis e profundos como o golfo lá fora. Eu nunca vi um azul assim, e ouro! Já alguma vez viu o cabelo dela solto, senhora Blythe?"

Eu vi, uma vez. Eu tinha ido ao cabo pescar com o Capitão Jim, mas o mar estava muito bravo para sair e regresssei. Ela tinha aproveitado a oportunidade do que pensava ser uma tarde sozinha para lavar o cabelo e estava na varanda ao sol para ele secar. Caia-lhe quase até aos pés como uma fonte de ouro vivo. Quando me viu entrou á pressa para dentro, e o vento apanhou-lhe o cabelo e enrolou-o á volta dela, como Danae na sua nuvem. Foi nessa altura que me apercebi que a amava, e apercebi-me que a amava desde o momento em que a vi pela primeira vez na escuridão com aquela torrente de luz por trás. E ela tem que continuar a viver aqui, a cuidar e acalmar o Dick, a trabalhar e a poupar para sobreviver, enquanto eu passo a minha vida a desejá-la e privado por esse mesmo facto de lhe dar a assistência que um amigo lhe poderia dar. Eu andei pela costa a noite toda, quase até de madrugada, e debati isto uma e outra vez. Mas mesmo assim, não consigo estar arrependido de ter vindo passar o Verão a Four Winds. Parece-me que apesar de ser tudo tão mau, ainda seria pior se eu não tivesse conhecido a Leslie. Isto deve parecer-lhe uma loucura, todas estas emoções parecem loucas quando as exprimimos com as nossas palavras tão limitadas. Elas não existem para ser faladas, mas sentidas e sofridas. Eu não devia ter falado, mas ajudou-me de qualquer forma. Pelo menos deu-me força para partir respeitosamente amanhã de manhã, sem fazer uma cena. Você vai-me escrever de vez em quando, não vai, senhora Blythe, e dar-me noticias dela?"

"Sim," disse Anne, "Oh, tenho tanta pena que se vá embora, vamos sentir tanto a sua falta, temos sido tão bons amigos! Se não fosse por isso você podia voltar noutros verões. Talvez, mesmo assim, quando esquecer, talvez..."

"Eu nunca esquecerei - e nunca vou regressar a Four Winds," disse bruscamente Owen.

O silêncio e o anoitecer caíram sobre o jardim. Lá ao longe, o mar batia monótona e suavemente na barra. O vento da noite nos álamos parecia uma música antiga, lenta e triste, um sonho desfeito de velhas memórias. Uma jovem e elegante aspen erguia-se perante eles contra o emaranhado de rosa pálido e esmeralda do céu de oeste, que transformava cada folha e ramo em belezas escuras, trémulas, élficas. "Não é lindo?" disse Owen, apontando-a com o ar de quem põe um ponto final a uma determinada conversa.

"É tão bonito que dói," disse Anne suavemente. "As coisas assim perfeitas sempre me doeram, lembro-me de lhe chamar 'a dor estranha' quando era pequena. Porque é que esta dor parece inseparável da perfeição? É a dor da realização final, quando percebemos que não há mais nada para além, não ser retrocesso."

"Talvez," disse Owen de forma sonhadora, "seja o infinito aprisionado em nós chamando o infinito afim que se expressa nessa perfeição visível."

"O senhor deve ter apanhado muito sol na cabeça. Tem que esfregar óleo de menta debaixo do nariz quando se for deitar," disse Miss Cornélia, que tinha acabado de chegar pelo portão do jardim a tempo de ouvir o último comentário de Owen.

Miss Cornélia gostava de Owen, mas por uma questão de principio ela tinha sempre que secundar uma linguagem mais complicada por parte de um homem com uma observação desdenhosa.

A Miss Cornélia representava a comédia que sempre espreita a um canto em cada tragédia da vida. Anne, num estado de bastante tensão, riu histericamente, e até Owen Ford sorriu. Concerteza que o sentimento e a paixão tinham tendência a esconder-se na presença de Miss Cornélia.

E para Anne nada pareceu tão desesperado, escuro e doloroso como parecera momentos atrás. Mas o sono manteve-se á distância nessa noite.

## Capítulo 27

### Na barra de areia

**Owen** Ford deixou Four Winds na manhã seguinte. Nessa noite Anne foi ver Leslie, mas não encontrou ninguém. A casa estava fechada e não se via nenhuma luz nas janelas. Parecia uma casa sem alma. A Leslie não foi vê-la no dia seguinte, o que Anne considerou um mau sinal. Uma vez que Gilbert ao entardecer foi à aldeia de pescadores, Anne acompanhou-o até ao farol com a intenção de passar um bocado com o Capitão Jim. Mas o grande farol, cortando a escuridão e o nevoeiro na noite de Outono, estava a cargo de Alec Boyd e o Capitão Jim não estava.

"O que é que vais fazer?" perguntou Gilbert. "Vens comigo?"

"Não me apetece ir lá abaixo, mas vou até ao canal contigo e fico no areal até voltares. A costa cá de cima parece-me muito escorregadia e perigosa hoje."

Sozinha na areia da barra Anne entregou-se ao charme etéreo da noite. Estava um tempo ameno para Setembro, e o fim de tarde estava enevoado; mas a lua cheia atenuava o nevoeiro e transformava o porto, o golfo e as costas que o rodeavam num mundo estranho e surreal de pálidas névoas prateadas, através das quais tudo parecia fantasmagórico. O batelão negro do Capitão Josiah Crawford que navegava carregado de batatas dos portos de Bluenose através do canal, parecia um navio espectral rumo a uma terra desconhecida, afastando-se para sempre, nunca se deixando alcançar.

Os chamamentos de gaivotas invisíveis eram como gritos de almas dos marinheiros perdidos. Os pequenos caracóis de espuma que sopravam por cima da areia eram como objectos élficos roubados de cavernas marinhas. As grandes e redondas dunas de areia eram gigantes adormecidos de uma qualquer lenda nórdica. As luzes que brilhavam palidamente através do porto eram faróis enganadores de uma costa encantada. Anne entreteve-se com milhares de fantasias enquanto deambulou pela névoa. Era delicioso, místico, romântico estar sozinha nesta costa encantada.

Mas estaria sozinha? Qualquer coisa na escuridão perante ela tomou forma e moveu-se na sua direcção através da areia ondulada pelas marés.

"Leslie!" Exclamou Anne admirada. "O que é que estás a fazer aqui esta noite?"



"E tu, o que estás a fazer aqui?" disse Leslie, tentando rir. O esforço redundou em fracasso. Ela estava muito pálida e cansada; mas os caracóis debaixo do seu gorro vermelho encaracolavam-se à volta do seu rosto e olhos como pequenos anéis de ouro brilhante.

"Estou á espera do Gilbert, ele foi lá abaixo á aldeia. Eu tinha pensado ficar no farol, mas o Capitão Jim está fora."

"Bem, e eu vim aqui porque queria andar, andar, andar," disse inquieta. "Eu não podia na costa de rochedos porque a maré estava muito alta e as rochas me faziam sentir presa. Eu tive que vir para aqui, ou teria ficado louca, penso eu. Vim pelo canal no barco do capitão Jim. Estou aqui há uma hora. Vamos, vamos andar. Eu não consigo estar parada. Oh, Anne!"

"Leslie, minha querida, o que é que se passa?" perguntou Anne apesar de já saber o que era.

"Eu não te posso dizer, não mo peças. Eu não me importava que soubesses, gostava que soubesses, mas não te posso dizer, não posso dizer a ninguém. Tenho sido tão palerma, Anne, e oh..., magoa tanto quando somos palermas. Não há nada mais doloroso no mundo."

Ela riu-se amargamente. Anne passou-lhe o braço em volta.

"Leslie, será porque começaste a gostar do senhor Ford?"

Leslie virou-se rapidamente.

"Como soubeste?" gritou. "Anne, como soubeste? Oh, estará escrito na minha cara para toda a gente saber? É assim tão simples?"

"Não, não, eu não te posso dizer como soube. Cheguei a essa conclusão, só isso. Leslie, não olhes assim para mim!"

"Tu desprezas-me?" perguntou Leslie, num tom de voz baixo e feroz.

"Achas que sou maldosa, descarada? Ou achas que sou só palerma?"

"Eu não acho nenhuma dessas coisas. Então, querida, vamos lá falar disto com sensatez, como podemos falar de qualquer outra das grandes crises da vida. Tu tens alimentado disso e deixaste-te envolver numa visão demasiado mórbida do assunto. Tu sabes que tens tendência para fazer isso quando as coisas correm mal, e prometeste-me que ias lutar contra isso."

"Mas, oh, estou tão envergonhada," murmurou Leslie. "Amá-lo assim, quando não sou livre de amar ninguém."

"Não há nisso nada que te envergonhe. Mas tenho muita pena que tenhas começado a gostar do Owen, porque como as coisas são apenas te vai tornar mais infeliz."

"Eu não comecei a gostar dele," disse Leslie, caminhando e falando apaixonadamente. "Se fosse assim eu podia tê-lo evitado. Eu nunca sonhei com tal coisa até á semana passada, quando ele me disse que tinha acabado o livro e que se ia embora em breve. Então...então soube. Senti-me como se me tivessem desferido um golpe terrível. Eu não disse nada, não conseguia falar, mas não sei como fiquei. Tenho receio que o meu rosto me tenha traído. Oh, eu ia morrer de vergonha se ele soubesse, ou suspeitasse."

Anne estava tristemente em silêncio, esmagada pelas deduções que tirara da sua conversa com Owen. Leslie continuou febrilmente, como se aliviasse falando.

"Eu estive tão feliz todo o Verão, Anne, mais feliz do alguma vez estive na vida. Eu achei que era porque tudo se tinha esclarecido entre nós, e que era a nossa amizade que tornava a vida bela e cheia novamente. E era, em parte, mas não era tudo, oh, não era tudo. Eu sei agora porque é que tudo era diferente. E agora acabou tudo e ele foi- se embora. Como é que eu posso continuar a viver, Anne? Quando voltei a casa esta manhã depois dele se ter ido embora a solidão atingiu-me como um golpe na cara."

"Não te vai sempre parecer tão mau, querida," disse Anne, que sentia sempre tanto a dor dos seus amigos que não conseguia dizer palavras fáceis e fluentes de consolo. Para além disso, ela recordava como certos discursos bem intencionados a tinham magoado no seu próprio desgosto, e receava-os.

"Oh, mas parece que vai ser cada vez pior," disse Leslie infeliz. "Eu não tenho nada a esperar. As manhãs vão aparecer umas trás das outras e ele não vai voltar, não vai voltar nunca. Oh, quando penso que nunca mais o vou ver sinto-me como se uma enorme mão brutal me arrancasse o coração. Dantes, há muitos anos, eu sonhava com o amor, achava que devia ser belo e agora é assim. Quando ele se foi embora ontem estava tão frio e indiferente. Ele disse 'Adeus senhora Moore' com o tom mais frio do mundo, como se nem sequer fossemos amigos, como se eu não significasse absolutamente nada para ele. Eu sei que não significo, mas ele podia ter sido um bocadinho mais gentil."

"Oh, como desejava que o Gilbert chegasse," pensou Anne. Ela estava presa entre a pena de Leslie e a necessidade de evitar qualquer coisa que traisse a confiança de Owen. Ela sabia porque é que a sua despedida tinha sido tão fria, porque é que não pode ter a cordialidade que a sua camaradagem exigia, mas não podia dizer tal coisa a Leslie.

"Eu não consegui evitar Anne, não consegui," disse a pobre Leslie.

"Eu sei."

"Culpas-me muito?"

"Eu não te culpo de todo."

"E não vais...não vais dizer ao Gilbert?"

"Leslie! Porque é que achas que eu ia fazer uma coisa dessas?"

"Oh, não sei, como tu e o Gilbert são tão próximos. Não vejo como é que consegues evitar dizer-lhe alguma coisa."

"Coisas que me digam respeito não, claro. Mas eu não conto os segredos dos meus amigos."

"Eu não suportava que ele soubesse. Mas fico contente por tu saberes. Eu ia sentir-me culpada se houvesse alguma coisa que eu tivesse vergonha de te dizer. Espero que a Miss Cornélia não descubra. Às vezes parece-me que aqueles olhos castanhos terríveis me penetram até á alma. Oh, desejava que esta névoa nunca levantasse, desejava poder ficar nela para sempre, escondida de todos os seres humanos. Não vejo como posso continuar a viver. Este Verão foi tão pleno. Eu não me senti um momento sozinha. Antes do Owen vir eu tinha certos momentos horríveis, quando tinha estado contigo e com o Gilbert, e tinha que me vir embora. Vocês os dois iam juntos, e eu tinha que me ir embora sozinha. Quando o Owen veio ele estava sempre lá para me acompanhar até casa, e nós ríamos e conversávamos como tu e o Gilbert, e não haviam mais momentos solitários ou invejosos para mim. Mas agora! Oh, sim, estou a ser palerma. Vou parar de falar da minha palermice. Nunca mais te vou aborrecer com ela."

"Cá está o Gilbert, e tu vens connosco," disse Anne, que não queria deixar Leslie sozinha a vaguear na barra de areia numa noite daqueles e com uma disposição como a que tinha. "Há muito espaço no nosso barco para ti, e vamos prender o barco do capitão Jim lá atrás."

"Oh, tenho que me habituar a ser a estranha outra vez," disse a pobre Leslie com mais uma risada amarga. "Perdoa-me Anne, foi uma coisa horrível de dizer. Eu devia estar agradecida, e estou, de ter dois amigos que ficam contentes por me ter com eles. Não liguês aos meus discursos amargos. Eu pareço um desgosto pegado, e tudo me magoa."

"A Leslie estava muito calada esta noite, não estava?" disse Gilbert, quando ele e Anne chegaram a casa. "E o que é que estava a fazer na barra de areia sozinha?"

"Oh, ela estava cansada, e sabes como gosta de ir á costa no final de um dia mau do Dick."

"É uma pena que ela não tenha conhecido um tipo como o Owen há muitos anos," reflectiu Gilbert. "Eles teriam feito um casal ideal, não achas?"

"Por amor de Deus, Gilbert, não te transformes em casamenteiro. É uma profissão abominável para um homem," exclamou Anne de forma brusca, temendo que Gilbert acabasse por tropeçar na verdade se continuasse naquele caminho."

"Por favor, Anne, eu não estou a fazer de casamenteiro," protestou Gilbert, um pouco surpreendido com o tom de voz dela. "Eu só estava a pensar no que poderia ter acontecido."

"Pois então não faças isso. É uma perda de tempo," disse Anne. E depois acrescentou subitamente: "Oh, Gilbert, eu desejava tanto que todos fossem tão felizes como nós."

## Capítulo 28

### Princípios e fins

**"Tenho** andado a ler os obituários," disse a Miss Cornélia, deixando o Daily Enterprise e retomando a sua costura.

O porto estava escuro e triste debaixo de um céu pesado de Novembro; as folhas mortas e molhadas colava-se às janelas; mas a pequena casa estava alegre com a lareira acesa e primaveril com os gerânios e fetos que Anne dispusera.

"Aqui é sempre Verão, Anne," tinha Leslie dito certa vez; e todos os que eram convidados naquela casa sentiam o mesmo.

"O Enterprise parece estar dedicado aos obituários," comentou Miss Cornélia. "Tem sempre um par de colunas deles, e eu leio-as todas. É uma das minhas diversões, especialmente quando tem poesia original incluída. Oiça aqui uma amostra:

'Ela foi ter com o Criador Nunca mais vagueará Costumava cantar e tocar com alegria A canção do Lar Doce Lar.' Já alguma vez É uma pena. Há dez Aqui está o de amigos a o homem tinha homens.

Quem disse que não tínhamos talentos poéticos na ilha! reparou quantas pessoas boas morrem, queridinha? obituários e são todos santos e modelos, até os velho Peter Stimson, que 'deixou um grande circulo chorarem a sua perda precoce'. Bendito seja Deus, Anne, oitenta anos e toda a gente que o conhecia desejava que ele tivesse morrido há trinta anos. Leia obituários quando estiver em baixo, Anne querida, e vai ficar melhor, acredite. Eu só gostava de poder escrever os obituários de algumas pessoas. Obituário é uma palavra tão feia, não é? Este Peter Stimson de que eu estava a falar tinha uma cara mesmo assim, nunca o via que não me lembrasse da palavra. Só há uma mais feia que eu conheça, que é relíquia. Anne, queridinha, eu posso ser uma velha solteirona, mas se há coisa que me dê conforto é o facto de não vir a ser relíquia de homem nenhum."

"É realmente uma palavra feia," disse Anne, rindo. "O cemitério de Avonlea estava cheio de lápides antigas que diziam 'Sagrada Memória de', 'Relíquias de'. Fazia-me sempre pensar em qualquer coisa gasta e comida pelas traças. Porque é que será que as palavras ligadas á morte são tão desagradáveis? Eu gostava que o costume de chamar ao corpo do morto 'os restos mortais' fosse abolido. Eu tremo cada vez que oiço o coveiro dizer no

funeral, 'Todos os que querem ver os restos mortais venham para este lado'.  
Dá-me sempre a horrível sensação de ir assistir a um festim canibal."

"Bem, eu só espero," disse calmamente Miss Cornélia, "que quando eu morrer ninguém me chame 'a nossa irmã que partiu'. Eu dei uma descompostura por causa desta mania das irmãs e dos irmãos há cinco anos atrás, quando cá estava um evangelista a fazer reuniões no Glen. Eu não lhe achei grande graça desde o princípio. Senti logo que havia qualquer coisa de errado com ele. E havia! Sabe que ele fingia ser presbiteriano, Presbiteriano, intitulava-se ele, e foi sempre metodista. Ele tratava toda a gente por irmão e irmã. Tinha uma grande família, o homem. Ele agarrou-me a mão fervorosamente numa noite e disse-me 'Minha querida irmã Bryant, você é cristã?' Eu olhei um bocado para ele e depois disse-lhe calmamente: 'O único irmão que tive, senhor Fiske, foi enterrado há quinze anos e não adoptei nenhum desde essa altura. No que diz respeito a ser cristã, eu sou-o, acredito e espero, desde a altura que você gatinhava em cueiros'. Isso acabou com ele, acredite. E veja bem, Anne, eu não sou contra todos os evangelistas. Já cá tivemos homens honestos e competentes, que faziam o bem e assustavam os velhos pecadores. Mas este homem Fiske não era desses. Eu fartei-me de rir numa noite por causa dele. O Fiske pediu a todos os bons cristãos que se levantassem. Eu não me levantei, acredite! Eu nunca engracei com esse tipo de coisas. Mas a maior parte das pessoas levantaram-se, e depois ele pediu a todos os que queriam ser cristãos que se levantassem. Ninguém se mexeu por um bocado, por isso o Fiske começou a cantar um hino a plenos pulmões. Mesmo á minha frente o pobre Ikey Baker estava sentado no lugar dos Millison. Ele era um rapaz do orfanato, de dez anos, e o Millison matava-o a trabalhar. A pobre criatura estava sempre tão cansado que ferrava a dormir de cada vez que ia á igreja ou noutra sitio qualquer onde pudesse estar sentado cinco minutos. Ele estava a dormir desde o principio da reunião, e eu até estava a gostar de ver a criança a descansar, acredite. Bem, a voz do Fiske começou a subir, e os outros acompanharam-no, e o pobre Ikey acordou de repente. Pensou que era uma canção normal e que todos deviam estar de pé e levantou-se, já a pensar que ia levar uma sova da Maria Millison por estar a dormir na igreja. O Fiske viu-o, parou de cantar e gritou, 'salvou-se outra alma! Glória Aleluia!' E ali ficou o pobre Ikey, meio a dormir e a bocejar, sem saber nada da alma dele. O pobre desgraçado não tinha tempo para pensar em mais nada, a não ser no seu pobre corpo cansado.

A Leslie foi lá uma noite e o homem foi logo atrás dela, porque ele era especialmente cuidadoso com as almas das raparigas bonitas e novas, acredite! E magoou-lhe os sentimentos de tal maneira que ela nunca mais lá foi. E a partir daí, sempre que rezava, pedia a Deus em público que o Senhor amaciasse o seu duro coração. Finalmente eu fui ter com o senhor Leavitt, o nosso pastor na altura, e disse-lhe que se não pusesse um fim àquilo eu me levantava na próxima noite e lhe atirava com o livro dos hinos acima quando ele mencionasse a 'linda jovem impenitente'. E tinha-o feito, acredite. O senhor Leavitt acabou com aquilo, mas o Fiske continuou a fazer reuniões até que o Charley Douglas pôs um ponto final na carreira dele no Glen. A senhora Charley tinha estado na Califórnia todo o Inverno. Ela tinha estado muito deprimida no Outono, uma depressão religiosa, era de família. O pai dela preocupava-se tanto com o facto de ter cometido um pecado imperdoável que morreu num asilo para loucos. Por isso quando a Rose ficou assim o Charley mandou-a passar o Inverno a casa da irmã em Los Angeles. Ela ficou boa e voltou a casa quando o Fiske estava na ribalta. Saiu do comboio no Glen, sorridente e bem disposta, e a primeira coisa que viu foi uma pergunta pintada no telhado preto do armazém da estação com umas grandes letras brancas; 'Para onde ides - para o Inferno ou para o Céu?' Essa tinha sido uma das ideias do Fiske, e tinha pedido ao Henry Hammond que a pintasse. A Rose deu um grito e desmaiou, e quando chegou a casa estava pior que nunca. O Charley Douglas foi ter com o senhor Leavitt e disse-lhe que toda a família dele ia sair da igreja se aquele Fiske continuasse lá. O senhor Leavitt teve que ceder, porque os Douglas pagavam metade do salário dele, o Fiske foi-se embora, e nós tivemos que confiar nas nossas biblias outra vez, se queríamos instruções sobre como chegar ao Céu. Depois de se ter ido embora, o senhor Leavitt descobriu que ele era um metodista que se fazia passar por presbiteriano, e sentiu-se muito mal. O senhor Leavitt podia ser fraco nalguns aspectos, mas era um bom presbiteriano."

"Lembrei-me agora, recebi uma carta do senhor Ford ontem," disse Anne. "Ele pediu-me que lhe mandasse cumprimentos."

"Eu não quero os cumprimentos dele," disse secamente Miss Cornélia. "Porquê?" perguntou Anne admirada. "Eu pensei que gostasse dele."

"Pois, eu também, de certa maneira. Mas nunca o vou perdoar pelo que fez á Leslie. Ali ficou a pobre criança a sofrer por causa dele, como se não

tivesse problemas suficientes, e ele foi divertir-se para Toronto, como se não fosse nada. Típico de um homem!"

"Oh, Miss Cornélia, como é que descobriu?"

"Oh, Anne, queridinha, eu tenho olhos, não tenho? E conheço a Leslie desde que ela era bebê. Ela tem um desgosto novo nos olhos este Outono, e eu sei que esse escritor está por detrás dele. Eu nunca me vou perdoar por tê-lo trazido aqui. Mas eu não pensei que ele fosse como é. Pensei que fosse como os outros homens que Leslie hospedou, jovens convencidos e parvos, todos eles, a quem ela nunca achou piada nenhuma. Um deles ainda tentou meter-se com ela, mas ela deu-lhe para trás de uma forma tão fria que acho que ele nunca mais se emproou. Por isso não achei que houvesse problemas."

"Não deixe a Leslie suspeitar que sabe o segredo dela," disse Anne apressadamente. "Acho que a ia magoar muito."

"Confie em mim, Anne queridinha. Eu não nasci ontem. Oh, uma praga sobre todos os homens! Um que arruinou a vida de Leslie logo no principio, e agora outro da tribo que vem fazê-la ainda pior. Anne, este mundo é um lugar horrível, acredite."

"Há algo que falta no mundo E será revelado a pouco e pouco"

Citou Anne de forma sonhadora.

"Se for, vai ser num mundo onde não hajam homens," disse tristemente Miss Cornélia.

"E o que é que os homens andaram agora a fazer?" perguntou o Gilbert ao entrar.

"Sarilhos, sarilhos! E o que é que fazem para além disso?"

"Foi a Eva que comeu a maçã, Miss Cornélia."

"Foi uma serpente macho que a tentou," respondeu triunfante Miss Cornélia.

A Leslie, depois do primeiro impacto ter passado, conseguiu retomar a vida dela, como acontece com a maior parte de nós, seja qual for a forma particular de tormento que sofremos. Até é possível que tivesse apreciado certos momentos, quando estava no alegre círculo de amigos, na pequena casa de sonho. Mas se Anne alguma vez teve esperanças que ela esquecesse Owen Ford, teria sido enganada pela ansiedade furtiva que se via nos olhos de Leslie sempre que se mencionava o nome dele. E devido a essa ansiedade, Anne contava sempre ao Capitão Jim e a Gilbert as novidades que tinha de Owen quando Leslie estava presente. A palidez da rapariga



nesses momentos falavam de forma demasiado eloquente das emoções que lhe enchiam a lama. Mas nunca mais falou dele a Anne, ou do que se passara na barra de areia.

Certo dia morreu o velho cão dela, e ela chorou-o amargamente. "Ele era meu amigo há tanto tempo," disse tristemente a Anne. "Ele era o velho cão do Dick, sabes, o Dick tinha-o á cerca de um ano antes de casarmos. Deixou-o cá quando partiu no Four Sisters. O Carlo afeiçãoou-se muito a mim, e o carinho dele ajudou-me naqueles primeiros meses depois da minha mãe ter morrido e eu ter ficado sozinha. Quando ouvi dizer que o Dick ia voltar tive medo que o Carlo não voltasse a ser tão meu. Mas ele não ligou nada ao Dick, apesar de gostar tanto dele antes. Ele até lhe rosnava e mordia como se fosse um estranho. Eu fiquei contente. Era bom ter uma coisa que gostava só de mim. Aquele velho cão foi um consolo tão grande para mim, Anne. Ele ficou tão fraco no Outono que eu tive medo que ele não sobrevivesse, mas eu sempre pensei que o podia tratar durante o Inverno. Ele parecia tão bem esta manhã. Estava deitado ao lume em cima do tapete, e de repente levantou-se e veio ter comigo, pôs a cabeça no meu colo e olhou para mim com aqueles olhos meigos, castanhos, e depois tremeu e morreu. Vou sentir tanto a falta dele!"

Deixa-me dar-te outro cão, Leslie," disse Anne. "Eu vou receber um lindo setter de prenda de Natal do Gilbert. Deixa-me dar-te também um."

Leslie abanou a cabeça.

"Por enquanto não, Anne. Não me sinto capaz de ter outro cão já. Não tenho afecto que chegue para outro. Talvez com o tempo, eu te deixe dar-me um. E eu preciso de um como guarda. Mas o Carlo tinha qualquer coisa de humano, não seria decente preencher o lugar dele á pressa, meu querido velho amigo."

Anne foi para Avonlea uma semana antes do Natal, e ficou lá até depois das festas. O Gilbert foi lá buscá-la, e houve uma alegre festa de Ano Novo em Green Gables, com os Barry, os Blythe e os Wrigths e que levou a Marilla e a senhora Rachel a grandes preparativos e planificações. Quando eles regressaram a Four Winds a pequena casa quase tinha ido de água abaixo, porque a terceira tempestade do Inverno tinha sido particularmente tempestuosa e tinha envolvido o porto, despejando montanhas enormes de neve em todo o lado. Mas o capitão Jim tinha desimpedido as portas e as entradas, e Miss Cornélia tinha lá ido acender o lume.

"É tão bom vê-la outra vez, Anne queridinha! Mas já alguma vez tinha visto uma tempestade destas? Não se consegue ver a casa dos Moore a não ser do primeiro andar. A Leslie vai ficar tão contente por a ter de volta. Ela está quase enterrada lá. Ainda bem que o Dick consegue cavar neve, e acha muito divertido. A Susan pediu-me que lhe dissesse que está disponível amanhã. Para onde vai agora, Capitão?"

"Parece-me que vou lá abaixo ao Glen passar um bocado com o velho Martin Strong. Ele não está muito longe do fim e sente-se sozinho. Ele não tem muitos amigos, esteve sempre muito ocupado para os arranjar. Mas ganhou muito dinheiro."

"Pois, se achou que não conseguia servir Deus e Mammon, mais valia servir a Mammon," disse rispidamente Miss Cornélia. "Por isso não se deve queixar por Mammon não ser grande companhia."

O Capitão Jim saiu, mas lembrou-se de qualquer coisa no jardim e voltou.

"Recebi uma carta do senhor Ford, senhora Blythe, e ele diz que o livro da minha vida foi aceite e vai ser publicado no próximo Outono. Eu fiquei muito animado com a novidade. Acho que sempre o vou ver impresso."

"Aquele homem é praticamente maluco no que diz respeito ao livro da vida dele," disse Miss Cornélia. "Pela parte que me toca, acho que já há livros suficientes no mundo."

## Capítulo 29

### Gilbert e Anne discordam

**Gilbert** pôs de lado o grande livro de medicina que o tinha ocupado até que a falta de luz do entardecer de Março o fez desistir. Encostou-se na sua cadeira e olhou meditativamente pela janela. Era o início da Primavera, provavelmente a altura mais feia do ano. Nem mesmo o pôr-do-sol redimia a paisagem morta e suja, e o gelo enegrecido do porto para onde ele olhava. Não havia qualquer sinal de vida, excepto um corvo grande que voava através de um campo solitário.

Gilbert dedicou-se a especular a respeito do corvo. Seria um corvo de família, com uma esposa preta e vulgar á sua espera no bosque para além do Glen? Ou seria um corvo jovem e galante, com pensamentos de corte e galanteio? Ou seria um cínico solteirão, acreditando que quem viaja sozinho voa mais veloz?

Fosse o que fosse, depressa desapareceu na escuridão, e Gilbert voltou-se para a vista interior, mais alegre.

O lume brilhava de uma ponta á outra da lareira, reflectindo-se nos cascos brancos e verdes de Gog e Magog, na cabeça castanha e pequena do belo setter deitado no tapete, nas molduras penduradas na parede, no vaso cheio de narcisos, na própria Anne sentada na sua mesinha, com a costura de um lado e as mãos juntas sobre um joelho enquanto voava por castelos imaginários cujas torres trespassavam nuvens iluminadas pela lua e barcos que partiam ao pôr-do-sol do Porto da Boa Esperança até Four Winds Harbour carregados com uma carga preciosa. Porque Anne sonhava de novo, apesar das formas tristes que assumia o medo que a acompanhava de noite e de dia e lhe escurecia os sonhos.

Gilbert costumava referir-se a ele próprio como 'um velho homem casado'. Mas continuava a olhar para Anne com os olhos incrédulos de um amante. Ainda não acreditava completamente que ela fosse sua. Poderia ser só um sonho, afinal, uma parte desta mágica casa de sonho. A sua alma ainda andava em bicos de pés perto dela, com receio que o encanto se quebrasse e o sonho se desvanecesse.

"Anne," disse lentamente. "Dá-me um bocadinho de atenção. Preciso de falar contigo sobre uma coisa."

Anne olhou para ele através do brilho da lareira.

"O que foi?" perguntou alegre. "Tu estás tão solene, Gilbert. Eu hoje não fiz nada de mal, pergunta á Susan."

"Não é sobre ti, ou sobre nós que quero falar. É sobre o Dick Moore."

"O Dick Moore?" repetiu Anne sentando-se alerta. "Mas o que é que me podes queres dizer sobre o Dick Moore?"

"Eu tenho pensado bastante sobre ele ultimamente. Lembras-te da última vez que eu o tratei daqueles carbúnculos do pescoço?"

"Sim, sim."

"Eu aproveitei para lhe examinar as cicatrizes da cabeça com atenção. Eu sempre achei que o Dick Moore era um caso muito interessante do ponto de vista médico. Ultimamente tenho andado a estudar a história das operações ao crânio e dos casos em que foram usadas. Anne, eu cheguei á conclusão que se o Dick Moore fosse levado a um bom hospital e lhe fizessem uma operação a vários pontos do crânio, a memória e as capacidades dele podiam recuperar-se."

"Gilbert!" a voz de Anne estava inflamada pelo protesto. "Concerteza não o pensas fazer?!"

"De facto sim, tenciono. E também decidi que é o meu dever falar nisso a Leslie."

"Gilbert Blythe, tu não vais fazer tal coisa," exclamou Anne com veemência. "Oh, Gilbert, não vais, pois não? Não podias ser tão cruel. Promete-me que não vais."

"Mas miúda Anne, não pensei que fosses encarar isto assim. Sê razoável // "Eu não vou ser razoável, não posso ser mais razoável. És tu que não estás a ser razoável, Gilbert, tu já pensaste no que iria significar para a Leslie se o Dick ficasse no seu juízo perfeito? Pára um bocado para pensar! Ela já é suficientemente infeliz como está, mas a vida como enfermeira e empregada do Dick Moore é mil vezes mais fácil do que a vida como esposa dele. Eu sei, eu sei! É impensável. Não te metas no assunto. Deixa-o como está!"

"Eu pensei muito cuidadosamente nesse aspecto do caso, Anne. Mas eu acho que um médico tem que colocar a saúde do corpo e da mente de um paciente acima de todas as coisas, sejam quais forem as consequências. Eu acredito que é o meu dever tentar restaurar a saúde e a sanidade, se existe esperança de o conseguir."

"Mas o Dick não é teu doente," disse Anne, tentando outro argumento. "Se a Leslie te tivesse perguntado se havia alguma coisa que se pudesse

fazer por ele então talvez fosse o teu dever dizer-lhe o que realmente achavas. Mas não tens o direito de te intrometer."

"Eu não acho que seja intrometer-me. O tio Dave disse á Leslie há doze anos que não se podia fazer nada pelo Dick. Ela acredita nisso, claro."

"E porque é que o tio Dave disse isso, se não era verdade?" exclamou Anne em triunfo. "Ele não sabe tanto como tu?"

"Eu não acho que saiba, apesar de parecer presunçoso ao dizê-lo. E tu sabes tão bem como eu que ele tem imensos preconceitos relativamente ás 'manias modernas de cortar e coser'. Ele até se opõe á operação do apêndice.

"Ele tem razão," exclamou Anne, com uma mudança completa curso. "Eu também acho que os médicos gostam muito de fazer experiências com o corpo e sangue das pessoas."

"A Rhonda Allonby não seria viva hoje se eu tivesse medo de fazer uma certa experiência," respondeu Gilbert. "Eu corri o risco e salvei-lhe a vida."

"Eu estou farta de ouvir falar da Rhonda Allonby," protestou Anne, muito injustamente porque o Gilbert nunca falou da Rhonda Allonby desde o dia em que contou a Anne do sucesso que tinha tido com ela. E ele não podia ser responsabilizado pelas conversas que outras pessoas tinham sobre o assunto.

Gilbert sentiu-se bastante magoado.

"Eu não estava á espera que visses o assunto dessa forma, Anne," disse um pouco duro, levantando-se e dirigindo-se á porta do escritório. Era a primeira aproximação deles a uma briga. Mas Anne correu para ele e arrastou-o de volta.

"Então, Gilbert, não te vais embora zangado. Senta-te aqui e eu vou desculpar-me maravilhosamente, eu não devia ter dito aquelas coisas. Mas, oh, se tu soubesses -" Anne controlou-se mesmo a tempo. Ela estivera a ponto de quebrar o segredo de Leslie. "Se soubesses o que uma mulher sente sobre o assunto," concluiu.

"Eu acho que sei. Já vi o assunto sob todos os pontos de vista e cheguei á conclusão que é meu dever dizer á Leslie que eu acredito que é possível devolver a memória e o raciocínio a Dick, e aí termina a minha responsabilidade. Vai ficar a cargo dela decidir o que vai fazer."

"Eu não acho que tenhas o direito de deitar uma responsabilidade dessas sobre ela. Ela já tem coisas suficientes a perturbá-la. Além disso ela

é pobre, como é que vai pagar uma operação dessas?"

"Isso é ela que tem que decidir," persistiu Gilbert teimosamente.

"Tu dizes que achas que o Dick pode ser curado. Mas tens a certeza disso?"

"Concerteza que não. Ninguém pode ter a certeza de uma coisa dessas. Podem haver lesões no próprio cérebro, que não podem ser tratadas. Mas se, como acredito, a perda de memória e faculdades dele se devem só á pressão sobre os centros de certas áreas comprimidas pelo osso, então ele pode ser curado."

"Mas é só uma possibilidade!" insistiu Anne. "Agora supõe que dizes á Leslie e ela decide fazer a operação. Vai-lhe custar muito dinheiro. Ela vai ter que o pedir emprestado, ou vender a propriedade dela. E supõe que a operação não resulta e o Dick continua na mesma. Como é que ela vai pagar o dinheiro que pedir, ou sustentar-se a ela e a ele se vender a quinta?"

"Oh, eu sei, eu sei. Mas é o meu dever dizer-lhe. Eu não posso fugir a essa convicção."

"Oh, eu conheço a teimosia dos Blythe," resmungou Anne. "Mas não faças isto só pela tua responsabilidade. Consulta o Doutor Dave."

"Eu já o fiz." Disse Gilbert com relutância.

"E o que é que ele disse?"

"Resumidamente o que tu dizes, que deixe o assunto como está. Á parte dos preconceitos que tem em relação á cirurgia, acho que ele vê o assunto como tu, do ponto de vista da Leslie."

"Então," disse Anne triunfante. "Eu acho Gilbert, que tu devias seguir o conselho de um homem de quase oitenta anos, que já viu muitas coisas e salvou muitas vidas, certamente que a opinião dele deve valer mais do que a de um rapaz."

"Obrigado."

"Não te rias. Isto é muito sério."

"Mas é precisamente o que te estou a tentar dizer. É muito sério. Aqui temos um homem que é um fardo considerável e que pode ser recuperado..."

"Ele era muito útil antes," ironizou Anne.

"Mas pode aproveitar a hipótese de fazer as coisas bem e redimir-se pelo passado. A mulher dele não sabe disso. Eu sei. É o meu dever dizer-lhe que existe essa possibilidade. E essa é a minha decisão."

"Não digas decisão ainda, Gilbert. Consulta mais alguém. Pergunta ao Capitão Jim o que é que ele acha do assunto."

"Muito bem. Mas não prometo seguir a opinião dele. A minha consciência não fica tranquila se mantiver o silêncio sobre o assunto."

"Oh, a tua consciência!" resmungou Anne. "O tio Dave também deve ter uma consciência, ou não achas que tenha?"

"Sim. Mas eu não sou responsável pela dele. Então Anne, se este assunto não envolvesse a Leslie, se fosse um caso puramente abstracto, tu ias concordar comigo, eu sei que ias."

"Não ia," insistiu Anne, tentando acreditar nela própria. "OH, tu podes tentar toda a noite, Gilbert, mas não me vais convencer. Pergunta á Miss Cornélia o que ela pensa do assunto."

"Chegaste ao fim dos teus argumentos, Anne, se vais buscar a Miss Cornélia para te reforçar. Ela vai dizer 'Tipico de um homem', e zangar-se furiosamente. Não interessa. Isto não é assunto para a Miss Cornélia. A Leslie é que tem que decidir."

"Tu sabes muito bem o que é que ela via decidir," disse Anne á beira das lágrimas. "Ela também tem noção do dever. Eu não sei como é que podes tomar uma responsabilidade destas nos ombros. Eu não conseguia." "Porque o correcto é fazer o correcto Pondo a sabedoria sobre as consequências,"

Citou Gilbert.

"Oh, tu achas que um par de versos são um argumento convincente!" escarneceu Anne. "Isso é tão tipico de um homem."

E riu-se apesar de tudo. Pareceu-lhe um eco da Miss Cornélia.

"Bem, se não aceitas Tennison como autoridade, talvez acredites nas palavras de Alguém acima dele," disse Gilbert seriamente. "'Vós conhecereis a verdade, e a verdade libertá-los-á'. Eu acredito nisto, Anne de todo o meu coração. É o maior versículo da Biblia, ou de qualquer outra literatura, e o mais verdadeiro, se há graus comparativos de verdade. E o primeiro dever de um homem é dizer a verdade, como a vê e acredita."

"Neste caso, a verdade não vai libertar a pobre Leslie," suspirou Anne. "Vai tornar-se num fardo ainda mais amargo para ela. Oh, Gilbert, não posso aceitar que tenhas razão."

## Capítulo 30

### Leslie Decide

**Uma epidemia** súbita de um tipo virulento de gripe no Glen e na aldeia dos pescadores manteve o Gilbert tão ocupado na semana seguinte que não teve tempo de fazer a visita prometida ao Capitão Jim. Anne esperava que ele tivesse abandonado a ideia acerca de Dick Moore, e resolvida a não o recordar não falou mais no assunto. Mas pensou incessantemente nele.

"Será que seria correcto se eu lhe dissesse que a Leslie gosta do Owen," pensou. "Ele nunca a deixaria suspeitar que sabia, por isso ela não sofreria, e podia convencê-lo que devia deixar o Dick Moore como está. Mas devo fazê-lo? Não, acho que não posso. Uma promessa é sagrada, e eu não tenho o direito de trair o segredo de Leslie. Mas, oh, nunca me senti tão arreliada com seja o que for da minha vida como me sinto com isto. Está a estragar a Primavera, a estragar tudo."

Numa noite Gilbert propôs abruptamente que fossem ver o Capitão Jim. Com um coração pequenino, Anne concordou e foram. Duas semanas de sol tinham feito milagres na paisagem desolada sobre a qual voara o corvo de Gilbert. Os montes e campos estavam mornos e acastanhados, prontos a encherem-se de rebentos, o porto estava preenchido pelo riso novamente, a comprida estrada do porto era como uma faixa vermelha brilhante; lá em baixo nas dunas um grupo de rapazes pescavam e queimavam a grossa erva do Verão precedente. As chamas subiam as dunas cintilando como faixas escarlates contra o escuro golfo mais á frente, e iluminavam o canal e a aldeia de pescadores. Era uma cena pitoresca que noutra ocasião teria deliciado Anne, mas ela não estava a desfrutar do passeio. Nem Gilbert. A sua habitual camaradagem e comunhão de gostos e pontos de vista estava em falta. A desaprovação de Anne em relação a todo o projecto mostrava-se na forma como levantava a cabeça e respondia brevemente a todas as observações. A boca de Gilbert exprimia toda a obstinação dos Blythe, mas os olhos dele estavam perturbados. Ele tinha intenção de fazer o que acreditava ser o seu dever, mas ir contra Anne era um alto preço a pagar. No entanto, ambos ficaram contentes quando chegaram ao farol, e um pouco culpados por estarem contentes.



O Capitão Jim pôs de lado a rede na qual estava a trabalhar, e deu-lhes umas alegres boas vindas. Na luz de fim de tarde daquela Primavera, pareceu a Anne mais velho do que alguma vez lhe tinha parecido. O seu cabelo estava mais grisalho, e a mão forte tremia um pouco. Mas os seus olhos azuis estavam limpos e vivos, e a alma forte brilhava através deles, galante e destemida.

O Capitão Jim escutou num silêncio assombrado tudo o que o Gilbert tinha vindo dizer. Anne, que sabia que o velho homem adorava Leslie, sentia-se segura que ele tomaria o partido dela, apesar de não ter muita esperança que isto influenciasse Gilbert. Ficou assim profundamente surpreendida quando o Capitão Jim, de forma lenta e penosa mas sem hesitação, lhe deu como opinião que Leslie deveria saber.

"Oh, Capitão Jim, eu nunca pensei que dissesse isso," exclamou de forma reprovadora. "Eu achei que não queria que ela fosse mais incomodada."

O Capitão Jim abanou a cabeça.

"Eu não quero. Eu compreendo o que a senhora pensa, senhora Blythe, é como eu também me sinto. Mas não são os nossos sentimentos que nos devem guiar pela vida, não senhor, e teríamos bastantes naufrágios se assim fosse. Só há uma bússola certa quanto ao que fazer, e é fazer o que é correcto. Eu concordo com o Doutor. Se há uma hipótese para o Dick, a Leslie deve saber. Não há duas maneiras de ver o assunto, na minha opinião."

"Bem," disse Anne desistindo finalmente, "esperem só até a Miss Cornélia saber disto. Ela vai persegui-los."

"A Cornélia vai descompor-nos de cima abaixo, não há dúvida disso," concordou o capitão Jim. "Vocês mulheres são criaturas adoráveis, senhora Blythe, mas são só um bocadinho ilógicas. A senhora é uma pessoa com uma educação superior, e a Cornélia não é, mas são tal e qual quando se trata disso. A lógica é uma coisa dura e impiedosa, penso eu. Bem, então agora vou fazer um chá e vamos falar de coisas agradáveis para nos acalmar o espírito". Pelo menos o chá e a conversa do Capitão Jim acalmaram a Anne ao ponto de ela não fazer o Gilbert sofrer tanto quanto tencionara quando chegaram a casa. Apesar de não falar no assunto polémico, foi conversando amigavelmente de outras coisas, e o Gilbert percebeu que estava perdoado sob protesto.

"O Capitão Jim pareceu-me frágil e curvado esta Primavera. O Inverno envelheceu-o," disse Anne tristemente. "Receio que em breve vá ter com a Margaret perdida. Não consigo suportar a ideia."

"Four Winds não vai ser o mesmo lugar quando o Capitão Jim partir."

Na noite seguinte ele foi á casa ao pé do riacho. Anne andou tristemente ás voltas até ao seu regresso.

"Então, o que te disse a Leslie?" perguntou quando ele entrou.

"Muito pouco. Eu acho que ela ficou um pouco confusa."

"E ela vai querer a operação?"

"Ela vai pensar no assunto e decidir muito em breve."

Gilbert atirou-se para uma cadeira perto do lume. Parecia cansado. Não tinha sido fácil para ele dizer a Leslie. E o terror que lhe passou pelos olhos quando a compreensão do que ele lhe dizia a atingiu não era uma coisa agradável de recordar. Agora que estava feito, ele estava perturbado por dúvidas relativamente á sua sabedoria e sensatez.

Anne olhou para ele com remorsos; e depois sentou-se no tapete ao lado dele e apoiou a cabeça brilhante no braço.

"Gilbert, eu tenho sido um bocado má por causa disto. Não vou voltar a ser. Por favor, chama-me cabeça encarnada e perdoa-me."

E por isto Gilbert percebeu que não ia haver 'eu bem te disses'. Mas não ficou completamente consolado. O dever abstracto é uma coisa mas no concreto é outra muito diferente, especialmente quando somos confrontados com os olhos magoados de uma mulher.

Um certo instinto manteve Anne afastada de Leslie nos três dias seguintes. Na terceira noite Leslie foi á pequena casa e disse a Gilbert que tinha decidido: levaria Dick a Montreal para fazer a operação.

Estava muito pálida e parecia embrulhada num manto de frieza. Mas os olhos dela tinham perdido o olhar que assombrara Gilbert; estavam frios e brilhantes, e começou a discutir os pormenores com ele de uma forma impessoal e prática. Havia planos a fazer e muitas coisas a pensar. Quando Leslie obteve a informação de que precisava foi para casa. Anne quis acompanhá-la um bocado.

"É melhor não," disse Leslie secamente. "A chuva de hoje deixou o chão muito sujo. Boa noite."

"Será que perdi a minha amiga?" disse Anne com um suspiro. "Se a operação for um sucesso e o Dick Moore voltar ao que era a Leslie vai

voltar a um jejum de alma em que nenhum de nós a vai poder encontrar."  
"Talvez ela o deixe." Disse Gilbert.

"A Leslie nunca faria isso, Gilbert. O sentido do dever dela é muito forte. Ela disse-me um dia que a avó West sempre lhe tinha frisado que quando ela assumia uma responsabilidade nunca a devia escamotear, fossem quais fossem as consequências. Essa é uma das suas regras mais fortes. Talvez esteja um pouco fora de moda..."

"Não sejas amarga, miúda-Anne. Tu sabes que não a achas antiquada, e sabes que também tens essa ideia sobre as responsabilidades assumidas. E tens razão. A falta de responsabilidade é a maldição dos dias de hoje, o segredo de toda a insatisfação e descontentamento que se está a instalar no mundo."

"Assim fala o pregador," gozou Anne. Mas debaixo do gozo ela sentiu que ele tinha razão; e inquietou-se muito por Leslie.

Uma semana mais tarde a Miss Cornélia abateu-se sobre a pequena casa como uma avalanche. O Gilbert não estava e Anne viu-se obrigada a suportar o impacto sozinha.

A Miss Cornélia mal esperou para se ver livre do chapéu antes de começar.

"Anne, vais-me dizer se é verdade o que me disseram, que o doutor disse á Leslie que o Dick pode ser curado e que ela o vai levar a Montreal para ser operado?"

"Sim, é realmente verdade, Miss Cornélia," disse Anne corajosamente. "Então é uma crueldade desumana, é o que é." Disse violentamente Miss Cornélia. "Eu achava que o doutor Blythe era um homem decente. Nunca achei que fosse ser culpado disto."

"O doutor Blythe achou que era o seu dever dizer a Leslie que havia essa hipótese para o Dick," disse Anne, "e", acrescentou com a lealdade a ultrapassá-la, "eu concordo com ele."

"Oh, não, não pode ser, querida," disse Miss Cornélia. "Nenhuma pessoa com sentido da compaixão poderia concordar."

"O Capitão Jim concorda."

"Não me fales desse velho palerma," exclamou Miss Cornélia. "E eu não estou interessada em saber quem concorda com ele. Pense, pense no que isso significa para a pobre rapariga."

"Nós pensámos muito nisso. O Gilbert acha que um medico deve pôr o bem-estar fisico e mental de um paciente acima de todas as considerações."

luta, mas a Miss Cornélia É o que é, uma o lado do Dick?" insistiu merece. É um membro muito Pois se ele era um bêbado, "Típico de um homem. Mas eu esperava melhor de si, Anne," disse Miss Cornélia, mais com pena que com raiva; e depois começou a bombardear Anne com exactamente os mesmos argumentos com que esta bombardeara Gilbert; e Anne defendeu-o valentemente com os mesmos argumentos que o marido usara para sua defesa. Árdua foi a acabou por terminar.

"É uma vergonha infame," afirmou, quase em lágrimas. vergonha infame. Pobre, pobre Leslie."

"Não acha que se tem que considerar também Anne.

"Dick! Dick Moore! Ele é mais feliz do que melhor da sociedade agora do que era antes. e talvez pior. Vão soltá-lo de novo para vaguar e devorar?"

"Ele pode reabilitar-se," disse a pobre Anne, entre o inimigo externo e a traidora interna.

'Reabilitar-se na ova!' respondeu Miss Cornélia. "O Dick Moore recebeu os golpes que o deixaram neste estado numa briga de bêbados. Ele merece o destino dele. Foi-lhe enviado como uma punição. Eu não acredito que o doutor deva mexer numa decisão divina."

"Ninguém sabe como é que o Dick ficou naquele estado, Miss Cornélia. Pode não ter sido numa briga de bêbados. Pode ter sido agredido e roubado."

"Os porcos também podem andar de bicicleta," disse Miss Cornélia. "Bem, pelo que me diz o assunto está resolvido e não há nada a fazer. Se assim for, vou ficar calada. Quando uma coisa está decidida, eu conformo-me com ela. Mas vou dedicar todas as minhas energias a confortar a Leslie. E depois," concluiu Miss Cornélia, animando-se com esperança, "Talvez nada possa ser feito pelo Dick Moore."

## Capítulo 31

### A verdade liberta

**A Leslie,** assim que decidiu o que fazer, começou a fazê-lo com a sua rapidez e resolução características. A limpeza da casa tinha que ser terminada quanto antes, fossem quais fossem os assuntos de vida ou morte que a esperassem mais adiante. A casinha cinzenta ao pé do riacho foi posta numa ordem impecável com a assistência de Miss Cornélia.

Esta, que tendo dito o que pensava a Anne, e mais tarde a Gilbert e ao Capitão Jim, e não poupando nenhum deles, nunca falou do assunto a Leslie. Ela aceitou o facto de Dick vir a ser operado, referindo-se a ele de uma forma casual quando necessário e ignorando-o quando não o era. Leslie nunca tentou discutir o assunto. Ela estava muito fria e calada durante esses lindos dias de Primavera. Poucas vezes visitou Anne, e apesar de ser invariavelmente cortês e amigável, essa mesma cortesia era uma barreira inultrapassável entre ela e as pessoas da pequena casa. As velhas piadas, o riso e companheirismo das coisas comuns não a conseguiam ultrapassar. Anne recusava sentir-se magoada.

Ela sabia que Leslie estava prisioneira de um medo terrível, um medo que a afastava de todos os pequenos vislumbres de felicidade e horas de prazer. Quando uma grande emoção toma conta da alma de alguém, todos os outros sentimentos são postos de lado. Nunca em toda a sua vida tinha Leslie tremido diante do futuro com um terror tão intolerável. Mas continuou tão destemida naquele caminho que escolhera como os mártires de antigamente caminharam o seu, sabendo a agonia que tinham por fim.

A questão financeira resolveu-se com mais facilidade do que Anne temera. Leslie pediu o dinheiro emprestado ao Capitão Jim, e por insistência dela ele ficou com a hipoteca da sua pequena quinta.

"Então isso é menos um peso sobre cabeça da pobre rapariga," disse Miss Cornélia a Anne, "e da minha também. Agora, se o Dick melhorar o suficiente ele vai ser capaz de trabalhar para a pagar, e se não melhorar o Capitão Jim vai encontrar uma maneira de a Leslie não lhos pagar. Ele disse-me isso. 'Estou a ficar velho, Cornélia,' disse-me, 'e não tenho filho nem filha. A Leslie não vai aceitar um presente de um homem vivo, mas talvez aceite de um morto.' Por isso vai ficar tudo bem nesse capítulo. Gostava que tudo o resto se resolvesse assim tão bem. Quanto àquele patife

do Dick, tem sido horrível nestes últimos dias. Tem o diabo no corpo, acredite! A Leslie e eu quase não conseguíamos trabalhar com todas as partidas que fez. Perseguiu os patos dela todo o dia á volta do quintal, até que uma boa parte deles morreu. E nem uma coisa foi capaz de fazer para nos ajudar.

Às vezes, sabe, ele faz-se muito prestável e traz baldes de água e lenha. Mas esta semana se o mandássemos ao poço ele tentava mandar-se lá para dentro. Eu ainda pensei, 'se te lembrasses de te mandar de cabeça para baixo tínhamos o problema resolvido'."

"Oh, miss Cornélia!"

"Ah, não vale a pena estar com Miss Cornélias para mim, Anne queridinha. Qualquer pessoa pensava o mesmo. Se os médicos de Montreal conseguirem fazer do Dick uma criatura racional fazem maravilhas."

A Leslie levou o Dick no principio de Maio. O Gilbert foi com ela para a ajudar e tratar das coisas necessárias. Voltou então a casa sabendo que o cirurgião de Montreal dissera que havia de facto uma boa hipótese de o Dick ficar melhor."

"Muito reconfortante," foi o comentário sarcástico de Miss Cornélia. Anne limitou-se a suspirar. A Leslie tinha sido muito seca ao despedir-se. Mas tinha prometido escrever. Dez dias depois do Gilbert, chegou uma carta. Leslie contava que a operação fora um sucesso e que Dick estava a ter uma boa recuperação.

"O que é que ela quer dizer com 'um sucesso'?" perguntou Anne. "Quer dizer que o Dick recuperou a memória?"

"Não é provável, uma vez que não fala disso," disse Gilbert. "Ela usa o termo 'sucesso' do ponto de vista do cirurgião. A operação foi feita e seguiram-se os resultados normais. Mas é muito cedo para saber se as faculdades do Dick ficarão recuperadas, de todo ou em parte. A memória dele não vai provavelmente regressar toda de uma vez. O processo vai ser gradual, se ocorrer. É tudo o que ela diz?"

"Sim. Ai tens a carta. É muito curta. Pobre rapariga, deve estar sobre uma pressão terrível. Gilbert Blythe, há montes de coisas que eu te queria dizer, mas seria má."

que o Para a "Se a médico cama a "A Miss Cornélia já mas disse por ti," disse o Gilbert com um sorriso triste. "Ela descompõe-me cada vez que a vejo. Deixou muito claro que me considera pouco mais que um assassino, e que foi uma pena que o doutor Dave me tenha pedido que o viesse

substituir. Ela até me disse médico Metodista do outro lado do porto era preferível a mim. Miss Cornélia não há pior condenação."

doutor Dave ou o "Ia arrancá-lo da Cornélia Bryant estivesse doente não era o metodista que ia chamar," resmungou Susan.

meio da noite, senhor doutor, se tivesse um ataque se verdade, era o que fazia. E depois ainda ia dizer que a sua conta não era razoável. Mas não lhe ligue, senhor doutor. É preciso todo o tipo de gente para fazer um mundo."

Não se ouviu mais nada da Leslie durante um tempo. Os dias de Maio passaram numa sucessão e as costas de Four Winds floresceram de verdes, azuis e púrpuras. Um dia Gilbert chegou em casa para encontrar Susan á sua espera no pátio do estábulo.

"Estou com receio que qualquer coisa tenha perturbado a senhora, senhor Doutor," disse misteriosamente. "Ela recebeu uma carta esta tarde e desde então tem andado ás voltas no jardim a falar sozinha. O senhor sabe que não é bom ela estar tanto tempo de pé, senhor doutor. Ela não me disse o que vinha na carta, e eu não sou intrometida, senhor doutor, nem nunca fui, mas qualquer coisa a perturbou. E não é nada bom que ela fique assim."

Gilbert apressou-se um pouco ansioso em direcção ao jardim. Será que tinha acontecido alguma coisa em Green Gables? Mas Anne, sentada no banco ao pé do riacho não parecia perturbada, apesar de estar muito entusiasmada. Os olhos dela estavam muito cinzentos, e tinha as faces rosadas.

"O que é que aconteceu, Anne?"

Anne deu um riso estranho.

"Eu acho que tu nem vais acreditar quando eu te disser, Gilbert. Eu ainda não acredito. Como disse a Susan no outro dia, sinto-me como um...É tão incrível. Já li a carta umas poucas de vezes e de cada vez que a leio acontece-me o mesmo, não acredito nos meus olhos. Oh, Gilbert, tu tinhas razão, tanta razão. Eu agora consigo ver tudo, e estou tão envergonhada, alguma vez me vais perdoar?"

"Anne, eu vou abanar-te se não fizeres sentido. O colégio de Redmond teria ficado envergonhado de ti. O que é que aconteceu?"

"Tu não vais acreditar, não vais acreditar..."

"Eu vou lá dentro telefonar ao doutor Dave," disse Gilbert, fingindo dirigir-se a casa.

"Senta-te Gilbert. Vou tentar dizer-te. Recebi uma carta, e oh, Gilbert, é tão extraordinário, tão incrivelmente extraordinário, nunca pensei, nem sonhei..."

"Parece-me," disse Gilbert sentando-se com ar resignado, "que a única coisa a fazer num caso destes é ter paciência e abordar o assunto por categorias. De quem é a carta?"

"Da Leslie, e oh, Gilbert..."

"Da Leslie! E o que é que ela diz? Como está o Dick?"

Anne levantou a carta e mostrou-lha, calmamente por um momento.

"Não há nenhum Dick! O homem que pensavam que fosse o Dick, que toda a gente em Four Winds pensou ser o Dick durante doze anos, é o primo dele George Moore de Nova Escócia, que parece, sempre se pareceu muito com ele. O Dick Moore morreu de febre-amarela há treze anos em Cuba."



## Capítulo 32

### Miss Cornélia discute o assunto

**"E quer** você dizer, Anne queridinha, que o Dick Moore não é o Dick Moore mas outra pessoa? Foi por isso que me telefonou hoje?"

"Sim, Miss Cornélia. É extraordinário, não é?"

"É...é típico de um homem," disse Miss Cornélia desorientada. Tirou o chapéu com mãos trémulas. Por uma vez na vida, Miss Cornélia estava espantada.

"Eu não consigo perceber, Anne," disse. "Eu ouvi-a dizê-lo, e acredito em si, mas não percebo. O Dick Moore morreu, esteve morto estes anos todos, e a Leslie é livre?"

"Sim. A verdade libertou-a. O Gilbert tinha razão quando disse que esse versículo era o mais importante da Bíblia."

"Conte-me tudo, querida. Desde que recebi o seu telefonema que estou desorientada, acredite. Cornélia Bryant nunca esteve tão perplexa."

"Não há grande coisa a dizer. A carta da Leslie foi curta. Ela não entrou em pormenores. Este homem, o George Moore, recuperou a memória e lembrou-se de quem é. Ela disse que o Dick apanhou febre-amarela em Cuba e que o Four Sisters teve que partir sem ele. O George ficou para tratar dele. Mas ele morreu pouco tempo depois. O George não escreveu á Leslie porque pensava voltar logo e dizer-lhe pessoalmente."

"E porque não disse?"

"Deve ter sido por causa do acidente. O Gilbert diz que é provável que o George não se lembre de nada do acidente, ou do que lhe deu origem, e que pode nunca se vir a lembrar. Provavelmente foi pouco tempo depois da morte do Dick. Podemos saber os pormenores quando a Leslie escrever novamente."

"E ela disse quando é que vai escrever? Quando volta para casa?"

"Ela diz que vai ficar com o George Moore até que ele possa voltar a casa. Ela escreveu á família dele de Nova Escócia. Parece que a única família que o George tem é uma irmã casada muito mais velha que ele. Ela era viva quando ele partiu no Four Sisters, mas ninguém sabe o que lhe aconteceu entretanto. Alguma vez viu o George Moore, Miss Cornélia.?"

"Vi. Estou-me agora a lembrar. Ele veio de visita ao tio há dezoito anos, quando ele e o Dick tinham á volta de dezassete anos. Eles eram

primos duas vezes, sabe. Os pais eram irmãos e as mães eram irmãs gémeas, e eles pareciam-se muito. Claro," continuou Miss Cornélia desdenhosamente," que não era nenhuma parecência como se lê nas novelas, em que duas pessoas são tão parecidas que podem trocar de lugares e ninguém percebe. Naquele tempo era fácil dizer qual era o Dick e qual era o George, se os víssemos juntos. Quando não estavam, era mais difícil. Eles faziam imensas partidas e achavam-nas muito divertidas, os palermas. O George era um pouco mais alto e bem mais forte que o Dick, apesar de nenhum ser gordo. O Dick era mais moreno que o George, e tinha o cabelo mais claro. Mas as feições eram muito parecidas, e os dois tinham os olhos assim, um castanho e outro azul.

De resto não se pareciam muito. O George era um tipo simpático, apesar de se doido por partidas, e alguns diziam que já nessa altura ele se metia nos copos. Mas toda a gente gostava mais dele que do Dick. Ele ficou aqui cerca de um mês. A Leslie nunca o viu, ela tinha oito ou nove anos e lembro-me agora que passou todo o Inverno do outro lado do porto com a avó West. O Capitão Jim também cá não estava, foi nesse Inverno que naufragou nas Madalenas. Acho que nem ele nem a Leslie sabiam do primo de Nova Escócia que se parecia tanto com o Dick. Ninguém se lembrou disso quando o Capitão Jim trouxe o Dick, ou melhor, o George para casa. Claro que todos achámos que o Dick tinha mudado muito, tinha ficado tão gordo. Mas atribuímos isso ao que se tinha passado com ele, e não há dúvida que foi o que se passou, porque o George também nunca foi gordo. E não havia outra maneira de descobrirmos porque o homem tinha perdido o sentido. Não vejo qual a admiração de nos termos enganado todos. Mas é uma coisa espantosa. E a Leslie a sacrificar os melhores anos da vida dela por um homem com quem não tinha nenhum laço! Oh, malditos sejam os homens! Seja o que for que façam, é a coisa errada. E quem quer que sejam, é alguém que não deviam ser. Irritam-me."

"O Gilbert e o Capitão Jim são homens, e foi através deles que a verdade se descobriu por fim," disse Anne.

"Pois, admito que sim," concedeu Miss Cornélia com relutância. "Tenho pena de ter dito tanta coisa ao doutor. É a primeira vez na vida que me arrependo de qualquer coisa que disse a um homem. Mas não sei se lho devo dizer. Ele vai ter que depreender. Bem, Anne, queridinha, é muito bom que o Senhor não responda a todas as nossas orações. Eu tenho andado a

rezar para que a operação não curasse o Dick. Claro que não pus as coisas assim. Mas era o que eu pensava, e concerteza que Deus o sabia."

"Bem, ele concedeu-lhe o sentido da oração. A senhora desejou realmente que as coisas não fossem mais duras para a Leslie. Receio que no fundo do meu coração também tivesse desejado que a operação não resultasse, e envergonho-me disso."

"E como é que a Leslie encarou o assunto?"

"Ela escreve como se estivesse baralhada. Eu acho que, como nós, ela ainda não percebeu o que isto significa. Ela diz 'Isto parece-me um sonho estranho, Anne'. E é a única referência que faz a ela própria." "Pobre criança! Penso que até um prisioneiro se deve sentir estranho e perdido quando lhe tiram as correntes. Anne, queridinha, um pensamento não pára de me vir á cabeça. E o Owen Ford? Nós sabemos as duas que a Leslie gosta dele. Alguma vez pensou que ele pudesse gostar dela?"

"Sim, uma vez," admitiu Anne, temendo falar demais.

"Bem, eu não tenho nenhuma razão para pensar que gostasse, mas parece-me que gosta. E Deus sabe que não sou casamenteira, e que costume zombar dessas coisas. Mas se eu fosse a si, escrevia ao Owen Ford casualmente e contava-lhe o que se passou aqui. Era o que fazia."

"Claro que vou falar nisto quando lhe escrever," disse Anne, um pouco distante. Isto era uma coisa que não podia discutir com Miss Cornélia. Mas tinha que admitir que o pensamento também lhe ocorrera, desde que soubera da liberdade de Leslie. Mas ela não podia desrespeitá-lo falando.

si. Deve ser muito desde o acidente não "Claro que não há pressa, queridinha. Mas o Dick Moore já está morto há treze anos e a Leslie já desperdiçou tempo suficiente da vida dela por causa dele. E quanto a este George, que morreu e voltou quando toda a gente pensava que ele estava morto e enterrado, típico de um homem, tenho muita pena dele. Não se vai sentir bem em lugar nenhum." "Ele é um homem jovem ainda, e se recuperar completamente, como parece, vai conseguir conquistar um lugar para estranho para ele, pobre tipo. Estes anos todos devem ter existido para ele."

## Capítulo 33

### Leslie regressa

**Umas** noites depois, Leslie regressou sozinha á casa onde passara tantos anos amargos. No anoitecer de Junho foi através dos campos a casa de Anne, e apareceu com uma rapidez fantasmagórica no jardim perfumado.

"Leslie," exclamou Anne admirada. "De onde saíste? Nós não sabíamos que estavas para chegar. Porque não escreveste? Nós podíamos ter-te ido esperar."

"Eu não consegui escrever, Anne. Parecia tão fútil pôr fosse o que fosse no papel. Eu queria voltar sossegada e sem ser observada."

Anne pôs os braços á volta de Leslie e beijou-a. Leslie respondeu-lhe com doçura. Parecia pálida e cansada, e deu um pequeno suspiro quando se sentou na relva, ao lado de um grande canteiro de narcisos que brilhavam através da noite como estrelas douradas.

"E voltaste sozinha para casa, Leslie?"

"Sim. A irmã do George Moore veio a Montreal e levou-o para casa com ela. Pobre homem, teve pena de se separar de mim apesar de eu ser uma estranha quando lhe voltou a memória. Ele agarrou-se muito a mim naqueles primeiros dias, quando percebeu que a morte do Dick não era tão recente como lhe parecia.

Foi tudo muito duro para ele. Eu ajudei-o como pude. Quando a irmã dele o veio buscar foi mais fácil, porque lhe parecia que se tinha separado dela havia pouco tempo. Felizmente ela não tinha mudado muito, e isso também ajudou."

"É tudo tão estranho e maravilhoso, Leslie. Eu acho que nenhum de nós ainda se apercebeu bem de tudo."

"Eu não consigo. Quando entrei em casa há uma hora senti que tinha que ser um sonho, que o Dick ia lá estar com o seu sorriso infantil, como estava há tanto tempo. Anne, eu ainda estou abismada. Não estou contente, nem triste, nada. Sinto como se algo tivesse sido arrancado da minha vida e tivesse deixado um vazio enorme."

Sinto como se eu não fosse eu, como se me tivesse tornado noutra pessoa e não me consigo habituar.

Dá-me uma sensação horrível de solidão, confusão e desamparo. É muito bom ver-te outra vez, pareces ser uma espécie de âncora para a minha alma á deriva. Oh, Anne, estou aterrorizada com tudo, com os mexericos, os comentários e as perguntas. Quando penso nisso só desejava não ter que voltar a casa. O doutor Dave estava na estação quando cheguei e trouxe-me a casa. Pobre velhote, ele sente-se muito mal porque me disse há tantos anos que não se podia fazer nada pelo Dick. 'Eu pensava honestamente que não, Leslie,' disse-me hoje. 'Mas eu devia ter-te dito que consultasses um especialista, que não te ficasses só pela minha opinião. Se eu to tivesse dito, talvez te poupasse uns anos amargos, e ao pobre George uns anos desperdiçados. Eu culpo-me tanto, Leslie.' Eu disse-lhe que não valia a pena, que ele tinha feito o que achava estar certo. Ele foi sempre tão atencioso comigo, custou-me imenso vê-lo assim preocupado."

"E o Dick, quer dizer, o George? A memória dele recuperou completamente?"

"Praticamente. Claro que ainda há muitos pormenores de que ele não se recorda, mas lembra-se de mais coisas cada dia que passa. Ele foi dar um passeio na noite depois do Dick ter sido enterrado. Ele tinha o dinheiro do Dick e o relógio dele; pensava trazer-mos quando voltasse para casa, juntamente com a minha carta. Ele admite que tenha ido a um sitio onde os marinheiros costumavam ir, e que bebeu, mas não se lembra de mais nada. Anne, eu nunca me vou esquecer do momento em que ele se lembrou do nome dele. Eu vi-o olhar para mim com uma expressão inteligente mas intrigada. Eu perguntei-lhe, 'Conheces-me Dick?' e ele respondeu 'Nunca te vi antes. Quem és tu? O meu nome não é Dick. Eu sou George Moore, e o Dick morreu ontem de febre-amarela! Onde estou? O que é que me aconteceu?' Eu desmaiei, Anne. E desde então que parece que vivo num sonho."

"Tu vais ajustar-te depressa a este novo estado de coisas, Leslie. E és jovem, tens a vida toda pela frente, ainda vais ter muitos anos bonitos e cheios."

"Talvez eu consiga ver as coisas dessa maneira daqui por uns tempos, Anne. Agora sinto-me só cansada e indiferente em relação ao futuro. Eu sinto-me sozinha, Anne. Sinto a falta do Dick. Não é tudo tão estranho?"

Sabes, eu gostava mesmo do Dick-George, quero dizer, como teria gostado de uma criança indefesa que dependesse de mim para tudo. Eu nunca o teria admitido, aliás até teria vergonha disso, porque eu odiava

tanto o Dick antes dele ter partido. Quando ouvi dizer que o Capitão Jim o ia trazer de volta eu esperei sentir o mesmo por ele.

Mas não aconteceu, apesar de continuar a detestar a lembrança dele antes. Desde a altura em que veio que ficou só a pena, uma pena que me magoava. Na altura pensava que era porque o acidente o tinha mudado tanto. Mas o Carlo sabia, Anne eu sei agora que o Carlo sabia. Eu achei sempre estranho que o Carlo não tivesse reconhecido o Dick. Os cães costumam ser tão fiéis. Mas ele sabia que não era o dono que tinha voltado, apesar de mais ninguém saber. Eu lembrei-me depois que o Dick me tinha falado de um primo da Nova Escócia que se parecia com ele como se fosse gémeo, mas tinha-me esquecido e de qualquer maneira não achei que fosse muito importante. Sabes, nunca me ocorreu questionar a identidade do Dick. As mudanças dele pareciam resultar do acidente.

Oh Anne, aquela noite em que o Gilbert me disse que o Dick podia ser curado! Não me posso esquecer. Pareceu-me que tinha estado prisioneira de uma câmara de tortura, e que a porta se tinha aberto. Eu ainda estava presa á câmara, mas não estava lá. E naquela noite senti que uma mão impiedosa me queria meter lá dentro outra vez, para uma tortura ainda maior do que a que tinha tido. Eu não culpei o Gilbert. Eu achei que ele tinha razão. E ele disse-me que uma vez que a operação era incerta e os riscos elevados ele ia compreender se eu não o quisesse operar. Mas eu sabia o que devia decidir, e não conseguia encarar a decisão. Nessa noite andei pela casa como louca, a tentar encarar o assunto. Eu não conseguia, Anne, ei achei que não conseguia, e quando chegou amanhã eu resolvi que não o ia fazer. Eu ia deixar as coisas como estavam. Eu fui muito má, eu sei. E seria justo se eu fosse castigada por essa maldade, se tivesse mantido essa decisão. Eu mantive-a todo o dia. Nessa tarde tive que ir ao Glen fazer umas compras. Foi um dia sossegado do Dick, e deixei-o sozinho. Eu fiquei fora um pouco mais do que tinha pensado, e ele sentiu-se sozinho. E quando voltei a casa correu para mim como uma criança com um sorriso feliz. E nessa altura cedi, Anne. Aquele sorriso naquela cara ausente foi mais do que eu podia suportar. Senti que estava a negar a uma criança a oportunidade de crescer e desenvolver-se. Sabia que lhe tinha que dar essa oportunidade, fosse o que fosse que viesse a acontecer. Por isso vim cá dizer ao Gilbert. Oh, Anne, não debes pensar mal de mim por ter desaparecido nessas semanas antes de ter ido para Montreal. Eu não tive intenção, mas eu não conseguia pensar em mais nada, e tudo e todos eram como sombras para mim. "

"Eu sei, eu compreendi, Leslie. E agora terminou tudo, a tua corrente quebrou-se e não há câmara de tortura."

"Não há câmara...," repetiu Leslie de forma vaga, agarrando a relva com as suas mãos morenas. "Mas não parece haver mais nada, Anne. Lembras-te,...o que te disse da minha loucura naquela noite na barra de areia? Descobri que não conseguimos deixar de ser loucos tão depressa.- Às vezes acho que há pessoas que são loucos para sempre. E ser essa espécie de louco é quase pior do que ser um cão preso numa corrente."

"Tu vais-te sentir muito diferente depois de ter passado o cansaço e a estranheza," disse Anne, que sabendo uma certa coisa que Leslie não sabia, não se sentiu muito impelida a ter pena dela.

Leslie deitou a esplêndida cabeça dourada sobre o joelho de Anne.

"De qualquer forma, tenho-te a ti," disse. "A vida não pode ser completamente vazia com um amigo. Anne, faz-me festas na cabeça, como se eu fosse uma menina pequena, faz de conta que és minha mãe, e deixa-me dizer-te agora que tenho a língua solta o que tem sido a tua amizade para mim desde aquela noite na costa rochosa."

## Capítulo 34

### O barco dos sonhos chega ao porto

**Numa** manhã em que o nascer do sol se erguia sobre o golfo em ondas de luz, uma certa cegonha cansada voou sobre a barra do porto de Four Winds vinda da Terra das Estrelas da Noite. Debaixo da asa trazia aninhada uma criatura sonolenta e de olhos muito abertos. A cegonha estava cansada, e olhou ansiosa á sua volta. Ela sabia estar perto do destino, mas ainda não o conseguia ver. O grande farol branco no penhasco vermelho tinha muito bom aspecto, mas nenhuma cegonha provida de senso iria ali deixar um bebé aveludado, novinho em folha. Uma velha casa cinzenta, rodeada de salgueiros, num vale cortado por um alegre riacho parecia mais prometedora, mas também não era bem essa. Então a cegonha animou-se. Tinha avistado o sitio ideal, uma casinha branca aninhada num grande pinhal sussurrante, com uma espiral de fumo azul a soltar-se da chaminé, uma casa que parecia feita para bebés. A cegonha deu um suspiro de satisfação e pousou suavemente na cumeeira do telhado.

Meia hora depois, Gilbert correu até ao corredor e bateu na porta do quarto de hóspedes. Uma voz ensonada respondeu-lhe e logo o rosto pálido e assustado de Marilla apareceu por detrás da porta.

"Marilla, a Anne pediu-me que lhe dissesse que um certo cavalheiro chegou cá a casa. Ele não trouxe muita bagagem, mas acho que veio para ficar."

"Por amor de Deus!" disse Marilla surpreendida. "Não queres dizer, Gilbert, que já terminou? Porque é que não me chamaram?"

"A Anne não quis que eu a incomodasse sem necessidade. Não chamámos ninguém até há duas horas atrás. Não houve nenhuma passagem perigosa desta vez."

"E...e Gilbert, este bebé vai sobreviver?"

"Concerteza que vai. Pesa três quilos e oitocentas e oiça só... Está muito bem de pulmões, não está?"

A enfermeira disse que tinha cabelo ruivo. A Anne ficou furiosa com ela, e eu estou morto de riso."

E foi um dia maravilhoso na pequena casa de sonho.

"O melhor sonho de todos realizou-se," disse Anne, pálida e deliciada. "Oh, Marilla, eu mal me atrevo a acreditar, depois daquele horrível dia no



Verão passado. Tenho uma dor no coração desde então, mas agora desapareceu."

"Este bebê vai ocupar o lugar da Joyce," disse Marilla.

"Oh, não, não, não Marilla. Ele não pode, nada pode fazer isso. Ele tem o seu próprio lugar, o meu querido pequeno homenzinho. Mas a pequena Joy tem o seu, e vai tê-lo sempre. Se ela tivesse sobrevivido teria agora um ano. Ia andar por aí nas suas perninhas e ia saber dizer algumas palavras. Eu consigo vê-la tão bem, Marilla. Oh, eu sei que o Capitão Jim tinha razão quando disse que Deus resolveria as coisas melhor do que eu pensava, e que o meu bebê não me seria estranho no Além. Eu segui o desenvolvimento dela dia a dia, semana a semana, e vou fazê-lo sempre. Eu vou saber como ela cresce de um ano a outro, e quando a encontrar vou conhecê-la, não vai ser uma estranha. Oh, Marilla, olhe para os dedinhos do pé dele! Não é estranho serem tão perfeitos?"

"Era mais estranho se não fossem," disse Marilla secamente. Agora que o pior tinha passado, Marilla era ela própria novamente.

"Oh, eu sei, mas parece que não podiam estar completamente acabados, percebe, e estão, até nas unhas. E a mãozinha, olhe só para as mãos dele, Marilla."

"Parecem-se bastante com mãos," respondeu Marilla.

"Veja como se agarra ao meu dedo. Tenho a certeza que já me conhece. Ele chora quando a enfermeira o leva. Oh, Marilla, acha...não acha que o cabelo dele vá ser vermelho?"

"Eu não vejo grande cabelo, seja de que cor for," disse Marilla. "Eu não me preocupava com isso, se fosse a ti, antes de ser visível." "Marilla, mas ele tem cabelo, olhe para este finhinho aqui á volta da cabeça. De qualquer maneira a enfermeira disse que ele vai ter olhos cor de avelã, e que a testa é tal e qual a do Gilbert."

"E ele tem uma orelhas muito bonitas, minha querida senhora," disse Susan. "A primeira coisa que fiz foi olhar para as orelhas dele. O cabelo engana e os olhos e os narizes mudam, não se pode saber como vão ficar, mas as orelhas são as mesmas do início ao fim, e sabemos sempre como vão ser. Olhe só para a forma delas, e estão bem coladinhas á cabecinha dele. Nunca vi ter vergonha das orelhas dele, minha querida senhora."

A convalescença de Anne foi rápida e feliz. As pessoas vinham adorar o bebê, como têm adorado o reinado dos recém nascidos desde que os três reis magos do oeste se ajoelharam frente ao Bebê Real da manjedoura de

Belém. A Leslie, descobrindo-se lentamente a si mesma nas suas novas condições de vida, debruçava-se sobre ele como uma Madona dourada. A Miss Cornélia tratava dele com tanto jeito como qualquer mãe de Israel. O Capitão Jim pegou na pequena criatura com as suas enormes mãos morenas, e olhou para ele ternamente, com olhos que viam a criança que nunca tinha nascido para si.

"O que lhe vão chamar?" perguntou Miss Cornélia.

"A Anne decidiu o nome," respondeu Gilbert.

"James Matthew, como os dois melhores senhores que conheci, mesmo estando tu presente, Gilbert." Disse Anne, com um olhar provocante a Gilbert.

Gilbert sorriu.

"Eu nunca conheci muito bem o Matthew, ele era tão tímido que nem os rapazes se relacionavam com ele, mas concordo que o Capitão Jim é uma das almas mais raras que Deus já fabricou. Ele está tão deliciado por termos dado o nome dele ao nosso pequeno rapaz. Até parece que não tem mais homônimos."

"Bem, James Matthew é um bom nome, vai ser sempre digno de usar e não se vai desgastar com o tempo," disse Miss Cornélia. "Ainda bem que não o carregou com um nome estranho e romântico que o envergonharia quando fosse avô. A senhora William Drew do Glen chamou ao filho dela Bertie Shakespeare. Que combinação, não acham? E ainda bem que não demoraram muito tempo a escolhe-lo. Algumas pessoas têm imensos problemas. Quando o primeiro filho do Stanley Flagg nasceu houve tanta rivalidade em relação a quem é que ia dar o nome á criança que o pobre esteve dois anos sem nome. Então veio um irmão e um era o Bebê grande e o outro o Bebê pequeno. Finalmente concordaram em chamar ao bebê grande Peter e ao Bebê pequeno Isaac, como os dois avôs, e foram batizados ao mesmo tempo. E os dois gritaram o tempo todo ao desafio. Conhece aquela família de escoceses, os MacNab lá do Glen? Têm doze rapazes, e o mais velho e o mais novo chamam-se Neil, o Neil Grande e o Neil pequeno. Bem, devem ter ficado sem nomes."

"Eu li uma vez," riu-se Anne, "que o primeiro filho é um poema, mas o décimo é uma prosa muito séria. Talvez a senhora Macnab tenha achado que o décimo segundo era uma velha história contada outra vez."

"Bem, há sempre uma história qualquer a contar nas famílias grandes," disse Miss Cornélia com um suspiro. "Eu fui filha única durante oito anos e

desejei muito um irmão ou uma irmã. A mãe dizia-me para rezar por um, e eu rezava, acreditem. Bem, um dia a tia Nellie veio ter comigo e disse-me, 'Cornélia, está um irmãozinho para ti lá em cima no quarto da tua mãe. Podes lá ir vê-lo.' Eu fiquei tão excitada e contente que voei lá acima. E a velha senhora Flagg levantou o bebé para eu ver. E Senhor, Anne, queridinha, nunca tinha tido tal desilusão na vida. Sabem, é que eu andava a rezar para ter um irmão dois anos mais velho que eu."

"Quanto tempo levou a ultrapassar a desilusão?" perguntou Anne entre risos.

"Bem, eu fiquei um pouco zangada com a Providência, e durante semanas nem sequer olhei para o bebé. Ninguém percebia porquê, porque eu não contei a ninguém. Então ele começou a ficar muito querido, e a levantar os bracinhos para mim, e eu comecei a gostar muito dele. Mas não me reconciliei completamente até que um dia na escola uma miúda veio ter comigo e me disse que ele era muito pequeno para a idade. Eu fiquei furiosa, e disse-lhe que ela não sabia distinguir um bebé bonito quando o via, e que o nosso era o bebé mais bonito do mundo. E depois disso eu adorava-o. A mãe morreu quando ele tinha três anos, e eu fui como uma mãe para ele. Pobre rapaz, ele nunca foi muito forte, e morreu pouco depois dos vinte anos. Parece-me que tinha dado tudo na vida para que ele tivesse vivido."

Miss Cornélia suspirou. O Gilbert tinha ido para baixo e a Leslie, que tinha estado a adorar o menino ao pé da janela do quarto, pô-lo a dormir no cestinho e foi-se embora. Assim que ela saiu, Miss Cornélia inclinou-se e disse num murmúrio conspirador: "Anne, queridinha, tive ontem uma carta do Owen Ford. Está em Vancouver, mas quer saber se o posso hospedar daqui a um mês. Sabe o que isso quer dizer. Bem, espero que estejamos certas."

"Nós não tivemos nada a ver com isso, não o podíamos impedir de vir a Four Winds se ele quisesse," disse Anne rapidamente. Ela não gostou muito da sensação de coscuvilhice que os murmúrios da Miss Cornélia lhe davam, mas sucumbiu a eles.

"Não deixe que a Leslie saiba que ele está para vir," disse. "Se ela descobre tenho a certeza que se vai embora. Ela quer ir-se embora no Outono de qualquer forma, já me disse. Ela vai para Montreal estudar para enfermeira, e fazer o que puder da vida dela."

"Oh, bem, Anne, queridinha," disse Miss Cornélia acenando com a cabeça, "será o que Deus quiser. Eu e você fizemos o nosso papel, e agora temos que deixar o resto nas mãos Dele."

## Capítulo 35

### Política em Four Winds

**Quando** Anne voltou do primeiro andar, a Ilha tal como todo o Canadá estava imerso numa campanha precedendo uma eleição geral. Gilbert, que era um ardente Conservador, viu-se apanhado pelo turbilhão, sendo muito requisitado para fazer discursos nos diversos debates da zona. A Miss Cornélia não aprovou que ele se metesse na política e disse-o a Anne.

"O doutor Dave nunca o fez. O doutor Blythe vai ver que cometeu um erro, acredite. A política é algo em que um homem decente nunca se deve meter."

"Mas então acha que o governo de um país deve ser deixado nas mãos dos patifes?" perguntou Anne.

"Sim, desde que sejam patifes conservadores," disse Miss Cornélia. "Os homens e os políticos todos os mesmos defeitos. Os Liberais tiveram uma carga maior do que os Conservadores, bastante maior. Mas liberal ou conservador, o doutor Blythe não se devia meter no assunto. Quando der por isso está ele a concorrer, a correr para Ottawa metade do ano e a deixar o consultório ao abandono."

"Oh, mas não vamos antecipar problemas antes de se colocarem," disse Anne. "Vamos antes dar uma vista de olhos ao pequeno Jem. Devia escrever-se com G{4}. Não é perfeitamente lindo? Veja só as covinhas dos cotovelos. Vamos educá-lo para ser um bom Conservador, nós as duas." "Vamos educá-lo para ser um bom homem," disse Miss Cornélia. "São raros e valiosos; apesar de admitir que não gostava de o ver tornar-se Liberal. Quanto á eleição, temos que dar graças por não vivermos do outro lado do porto. O ar tem estado azul por ali nestes dias. Qualquer Elliot e Crawford e MacAllister anda carregado de pólvora. Este lado é pacífico e calmo, como há poucos homens. O Capitão Jim é liberal, mas penso que deve ter vergonha porque nunca fala do assunto. Não há dúvida que os conservadores vão ganhar com a maioria outra vez.

Miss Cornélia estava enganada. Na manhã seguinte ás eleições o Capitão Jim foi á pequena casa contar as novidades. Tão virulento era o bichinho da politica mesmo num velhote, que o Capitão Jim tinha as bochechas coradas e os olhos faiscantes de entusiasmo.

"Senhora Blythe, os Liberais estão em grande maioria. Depois de dezoito anos de governo conservador este país vai pela primeira vez ter uma oportunidade de crescer."

"Eu nunca o ouvi fazer um discurso desse gênero, Capitão Jim. Nunca achei que tivesse veia política," riu-se Anne, que não estava muito satisfeita com as notícias. O pequeno Jem tinha dito "Uou-ga" nessa manhã. O que eram os poderes e governos, as quedas e ascensões de dinastias, a derrota dos conservadores às mãos dos liberais, comparados com esse acontecimento miraculoso?

"Tenho isto acumulado há tanto tempo," disse o Capitão Jim com um sorriso depreciativo. "Eu pensava que era só um Liberal moderado, mas quando chegaram as novidades vi que não era verdade."

"O senhor sabe que eu e o doutor somos conservadores?"

"Ah, sim, é o único defeito que lhes encontro em qualquer um dos dois, senhora Blythe. A Cornélia também é. Eu fui lá na vinda do Glen para contar as novidades."

"Não sabe que arriscou a sua vida?"

"Sim, mas não consegui resistir á tentação."

"E como é que ela reagiu?"

"Relativamente calma, senhora Blythe, relativamente calma. Ela disse 'Bem, a providência manda tempos de humilhação aos países, como manda ás pessoas. Vocês liberais têm estado esfomeados e desabrigados há tanto tempo. Apressem-se a alimentar-se e a abrigarem-se, porque isto não vai durar muito tempo.' 'Bem, Cornélia,' respondi-lhe eu, 'talvez a providência ache que o Canadá precisa de um grande período de humilhação.' Ah, Susan, já ouviu as novidades? Os Liberais ganharam." Susan tinha acabado de chegar da cozinha, seguida do cheiro de loiça lavada que parecia segui-la para onde quer que fosse.

"De verdade?" disse, com uma admirável despreocupação. "Bem, eu sempre achei que o meu pão levedava tão bem com os conservadores como com os liberais. E se algum partido, minha querida senhora, conseguir fazer chover antes que a semana termine, e salve o nosso jardim da ruína completa, é esse que leva o meu voto. Entretanto podia chegar aqui e dar-me a sua opinião sobre o que devo fazer para o almoço? Eu acho a carne muito dura, e parece-me que temos que mudar de talho, já que mudamos de governo."

Numa noite, uma semana mais tarde, Anne foi a pé até ao farol para ver se conseguia que o Capitão Jim lhe arranjasse peixe fresco, deixando o pequeno Jem sozinho pela primeira vez. Era quase uma tragédia. E se ele chorasse? E se Susan não soubesse do que é que ele precisava? A Susan estava calma e serena.

"Eu tenho tanta experiência com ele como a senhora, o não acha que tenho?"

"Sim, com ele, mas não com outros bebés. Eu tratei de três pares de gémeos quando era criança, Susan. Quando eles choravam eu dava-lhes óleo de hortelã-pimenta ou óleo de castor com bastante frieza. É muito curioso lembrar-me como eu encarava os choros e os bebés com tanta despreocupação."

"Oh, sim, se o pequeno Jem chorar eu ponho-lhe uma botija de água quente na barriguinha."

"Não demasiado quente," disse Anne ansiosamente. Oh, seria mesmo boa ideia sair?

"Não se preocupe, minha querida senhora. A Susan não é mulher para queimar um bebézinho. Ele nem pensa em chorar, benza-o Deus."

Anne acabou por se meter ao caminho, e desfrutou do seu passeio até ao farol apesar de tudo, com as longas sombras do sol que se punha por trás de si. O Capitão Jim não estava na sala do farol, mas estava lá outro homem, um homem muito bem parecido, de meia-idade, com um queixo bem delineado e bem barbeado, que era desconhecido a Anne. Apesar disso, o homem começou a falar com ela com a confiança de um velho conhecido. Não houve nada de indelicado no que disse, ou na forma como o fez, mas ela encarou tal à vontade com alguma irritação.

As respostas que deu foram frias, e tão poucas como a educação permitia. Apesar disso, o seu companheiro falou durante uns minutos, depois pediu licença e foi-se embora. Anne podia jurar que lhe tinha piscado olho, e isso aborreceu-a ainda mais. Quem era a criatura? Tinha qualquer coisa de vagamente familiar, mas ela tinha a certeza que nunca o tinha visto antes.

"Capitão Jim, quem era o homem que acabou de sair?" perguntou, assim que o Capitão Jim entrou.

"O Marshall Elliot," respondeu o Capitão.

"O Marshall Elliot!" exclamou Anne. "Oh, capitão Jim, não era,... oh, sim, era a voz dele, Oh, Capitão Jim, eu não o reconheci, e fui tão mal

educada para ele! Porque é que ele não me disse? Ele deve ter reparado que eu não o reconheci."

"Ele não ia dizer nada, estava a apreciar a situação. Não se preocupe com o que lhe disse, ele vai-se divertir com isso. Sim, o Marshall fez a barba e cortou o cabelo, finalmente. O partido dele ganhou, sabe. Eu também não o reconheci da primeira vez que o vi. Ele estava na loja do Carter Flagg lá no Glen na noite depois da eleição, com um grupo, á espera dos resultados. Ás doze o telefone tocou, os liberais tinham ganho. O Marshall levantou-se e saiu, ele nem gritou, nem deu vivas, deixou os outros fazerem isso, e quase levantaram o telhado da loja. Claro que todos os conservadores estavam na loja do Raymond Russel. Não houve grande agitação por lá. O Marshall foi rua abaixo até á barbearia do Augustus Palmer. O Augustus estava a dormir, mas o Marshall bateu á porta até que ele se levantou, para saber porque diabo era aquela barulheira.

'Vem cá abaixo fazer o melhor trabalho da tua vida, Gus.' Disse o Marshall. 'Os liberais ganharam e tu vais barbear um deles antes que o sol se levante.' O Gus ficou maluco, por um lado porque o tinham acordado e por outro porque é conservador. Ele disse que não barbeava ninguém depois da meia-noite.

'Vais fazer o que te digo, filho,' disse o Marshall,' ou eu dou-te a sova que a tua mãe nunca deu.' E tinha-o feito, e o Gus sabia-o, porque o Marshall é forte como um cavalo e o Gus é um homem pequeno. Por isso desistiu, deixou-o entrar na loja e meteu mãos á obra.

'Pois eu vou barbeá-lo, sim senhor,' disse-lhe ele, 'mas se me diz uma palavra sobre os conservadores enquanto eu estiver a trabalhar corto- lhe a garganta com a navalha.' Disse-lhe.

Nunca pensou que o pequeno Gus podia ser tão agressivo, pois não? É o que a politica faz aos homens. O Marshall ficou calado, deixou que lhe cortassem o cabelo e a barba e foi para casa.

Quando chegou a velha governanta dele espreitou para ver se era ele ou o rapaz de lavoura a subir as escadas. Quando viu um homem estranho dentro de casa com uma vela na mão desmaiou. Tiveram que chamar o médico para ela vir a si, e levou uns dias até que conseguiu olhar para o Marshall sem tremer."

O Capitão Jim não tinha peixe. Ele raramente saíra de barco nesse Verão, e as suas longas expedições a colocar armadilhas tinham terminado. Passava a maior parte do tempo sentado ao pé da janela que dava para o



mar, olhando o golfo com a sua cabeça embranquecida apoiada na mão. Tinha-se aí sentado esta noite durante alguns minutos em silêncio, evocando uma ligação ao passado, que Anne não quis perturbar. De momento apontava ao circulo sobre o oeste: "É lindo, não é, senhora Blythe? Mas eu gostava que tivesse visto o nascer do sol esta manhã. Foi uma coisa linda, maravilhosa. Eu tenho visto todo o tipo de nascer do sol sobre esse golfo. Eu estive em todos os lugares do mundo, senhora Blythe, mas acredite que nunca vi uma vista mais bonita que um nascer do sol sobre o golfo. Um homem não pode escolher a altura em que quer morrer, senhora Blythe, tem que ir quando o Grande Capitão lhe dá a ordem de navegar. Mas se eu pudesse escolher, queria ir quando a manhã chega do lado de lá da água. Tenho-o visto muitas vezes e pensado como devia ser, passar através da grande glória brilhante para o que quer que esteja do lado de lá, num mar que não tem mapas em nenhum sitio da terra. Eu acho, senhora Blythe, que ia lá encontrar a minha Margaret perdida."

O Capitão Jim falava bastantes vezes da sua Margaret desde que contara a história a Anne. O seu amor por ela transparecia em cada tom de voz, um amor que nunca tinha enfraquecido ou sido esquecido.

"De qualquer forma, espero que quando chegar a minha vez eu vá depressa. Eu não me acho covarde, senhora Blythe, vi muitas vezes a morte á minha frente sem perder a cor. Mas pensar numa morte lenta dá-me uma sensação estranha de horror."

"Por favor, não fale em deixar-nos, querido capitão Jim," pediu Anne, com uma voz abafada, batendo na velha mão morena, antes tão forte, mas agora bastante frágil. "O que é que iamos fazer sem si?"

O Capitão Jim fez um lindo sorriso.

"Oh, vocês ficam bem, muito bem, mas não esqueçam o velhote, senhora Blythe, não, acho que nunca o vão esquecer. A raça de José lembra-se sempre. Mas vai ser uma memória que não magoa, eu quero pensar que a minha memória não vai magoar os amigos, que vai ser agradável para eles, é o que espero. Eu vou estar pronto. Só falei nisto porque há um pequeno favor que quero pedir-lhe. Aqui o meu pobre velho Matey," o Capitão Jim estendeu a mão e afagou o grande gato morno e aveludado que dormia enrolado no sofá. O First Mate estendeu-se como uma mola com um som agradável, meio ronronado meio miado, esticou as patas no ar, virou-se e enrolou-se novamente. "Ele vai sentir a minha falta quando eu for de viagem. Eu não consigo pensar que a pobre criatura cá fica a passar fome,

como já ficou antes. Se me acontecer alguma coisa vai dar ao Matey um cantinho ao pé da lareira e uma tigela, não vai, senhora Blythe?"

"Claro que vou."

"Então era tudo o que tinha em mente. O seu pequeno Jem fica com as curiosidades que apanhei, já tratei disso. E não quero ver lágrimas nesses olhos bonitos, senhora Blythe. Talvez ainda cá fique um bocado. Eu ouvi-a ler um poema de Tennyson um dia no Inverno passado. Gostava de o ouvir outra vez, se mo pudesse recitar."

Suavemente, enquanto a brisa do mar soprava sobre eles, Anne repetiu os versos da maravilhosa canção dos cisnes de Tennyson, "Atravessando a Barra". O velho Capitão marcava o ritmo com a sua mão enrugada. "Sim, senhora Blythe," disse quando ela terminou, "é isso mesmo, é isso mesmo. Ele não era marinheiro, já me disse, não sei como é que pôde por os sentimentos de um velho marinheiro em palavras, se não era. Ele não queria tristezas nem adeus, e eu também não, senhora Blythe, porque tudo vai ficar bem comigo e com os meus para lá da barra."

## Capítulo 36

### Beleza em cinzas

**"Algumas** novidades em Green Gables, Anne?"

"Nada de especial," respondeu Anne, dobrando a carta de Marilla. "O Jake Donnell esteve lá a arranjar o telhado. Ele é um carpinteiro muito bom, e parece que levou a melhor na escolha da profissão. Lembras-te que a mãe dele queria que ele fosse professor na faculdade.

Nunca me vou esquecer do dia em que ela lá foi chamar-me a atenção por que eu não o tratava por St. Clair."

"Será que alguém o trata assim agora?"

"Evidentemente que não. Parece que já ultrapassou esse problema. Até a mãe dele já desistiu. Eu sempre achei que um rapaz com o queixo e a boca do Jake ia acabar por vencer. A Diana escreveu-me a dizer que a Dora tem um namorado. Imagina só, a criança!"

"A Dora tem dezassete anos," disse Gilbert. "O Charlie Sloane e eu estávamos os dois doidos por ti quando tínhamos dezassete anos." "Realmente, Gilbert, devemos estar a ficar velhos," disse Anne com um sorriso um pouco triste, "quando crianças que tinham seis anos quando nós já nos achávamos crescidos começam a namorar. O da Dora é o Ralph Andrews, irmão da Jane. Lembro-me dele gordo, pequeno e de cabelo quase branco, e estava sempre no fim da classe. Mas parece que agora é um rapaz muito bonito."

"A Dora deve casar nova. Ela é do mesmo tipo da Charlotta a Quarta, não vai perder a primeira oportunidade que tiver de casar com medo de não voltar a ter outra."

"Bem, se ela se casar com o Ralph espero que ele seja um pouco mais desenrascado do que o irmão Billy," comentou Anne.

"Sim," disse Gilbert rindo, "esperemos que ele seja capaz de se declarar sozinho. Anne, terias casado com o Billy se ele te tivesse pedido, em vez de mandar recado pela Jane?"

"Talvez tivesse." Anne teve um ataque de riso graças á recordação da sua primeira declaração de amor. "O choque podia ter-me hipnotizado a ponto de fazer uma coisa assim disparatada e impulsiva. Fiquemos gratos por ter sido por interposta pessoa."

"Eu recebi uma carta do George Moore ontem," disse Leslie, do canto onde estava a ler.

"Oh, e como está ele?" perguntou Anne interessada, com a sensação estranha de estar a perguntar por uma pessoa que não conhecia.

"Ele está bem, mas tem muita dificuldade em se adaptar a todas as mudanças nos amigos e na casa. Ele vai de novo para o mar. Está-lhe no sangue, como ele diz, e é o que deseja. Mas disse-me uma coisa que me fez ficar contente por ele, pobre homem. Antes de ter partido no Four Sisters estava noivo de uma rapariga lá da terra. Ele não me falou dela lá em Montreal porque pensou que ela o tivesse esquecido e tivesse casado com outra pessoa, e para ele o noivado e o amor eram ainda uma coisa do presente. Sofreu um bocado, mas quando voltou descobriu que ela não tinha casado e que ainda gostava dele. E vão casar este Outono. Eu vou pedir-lhe que a traga cá, ele diz que tem curiosidade de conhecer a casa onde viveu tantos anos sem saber.

"Que romance tão simpático," disse Anne, cujo amor pelo romantismo era imortal. "E imaginar," acrescentou com um suspiro de arrependimento, "que se as coisas se tivessem passado como eu queria o George Moore nunca teria saído do túmulo onde se escondia a identidade dele. Como lutei contra a sugestão do Gilbert! Bem, fui castigada: nunca mais vou poder discordar dele! Se tentar, ele vai atirar-me o caso do George Moore!"

"Como se eu fosse capaz de atirar fosse o que fosse a uma mulher!" brincou Gilbert. "Pelo menos não te tornes o meu eco, Anne. Um pouco de oposição dá um certo sabor á vida. Eu não quero uma mulher como a do John MacAllister do outro lado do porto. Seja o que for que ele diga, ela responde com aquela vozinha apagada dela, 'É isso mesmo, John, querido!'"

Anne e Leslie riram-se. O riso de Anne era como prata, e o de Leslie como ouro, a combinação dos dois resultava tão satisfatória como um coro de música.

Susan, que entrava ouvindo rir, ecoou-o com um grande suspiro.

"Então Susan, o que é que se passou?" perguntou Gilbert.

"Não é nada com o pequeno Jem, pois não?" exclamou Anne, levantando-se alarmada.

"Não, não, tenha calma, minha querida senhora. Mas aconteceu uma coisa, sim. Valha-me Deus, aconteceu tudo esta semana. Eu estraguei o pão, e queimei a melhor camisa do doutor no peito, e parti a sua travessa grande.

E agora, ainda por cima, disseram-me que a minha irmã Matilda partiu a perna e precisa que eu lá vá ficar com ela uns tempos."

"Oh, que pena, que pena que a sua irmã tenha tido um acidente desses, quero dizer," exclamou Anne.

"Oh, o homem foi feito para penar, minha querida senhora. Parece uma frase da Bíblia, mas penso que foi um homem chamado Burns que escreveu. E não há dúvida que nascemos para ter problemas, da mesma maneira que a água corre para baixo. Quanto á Matilda, não sei o que pensar dela. Ninguém da nossa família alguma vez partiu uma perna. Mas seja o que for que tenha feito, continua a ser minha irmã, e acho que é o meu dever ir lá cuidar dela, se puder dispensar-me por umas semanas, minha querida senhora."

"Claro, Susan, claro. Eu posso encontrar quem me ajude enquanto você estiver fora."

"Se não puder eu não vou, minha querida senhora. Eu não a quero preocupar e àquela abençoada criança, seja por que pernas forem."

"Oh, mas tem que ir ter com a sua irmã quanto antes, Susan. Eu posso arranjar uma miúda da aldeia de pescadores, vai servir entretanto." "Anne, deixas-me vir ficar contigo enquanto a Susan estiver fora?" exclamou Leslie. "Por favor! Eu ia gostar tanto, e seria um acto de caridade da tua parte. Estou tão terrivelmente sozinha naquela casa que mais parece um celeiro. Há tão pouca coisa a fazer, e á noite estou mais que sozinha, estou nervosa e assustada, apesar de ter as portas trancadas. Andou por lá um vagabundo há dois dias."

Anne concordou alegremente, e no dia seguinte a Leslie instalou-se na pequena casa de sonho. A Miss Cornélia aprovou com agrado a solução. "Parece providencial," confidenciou a Anne. "Tenho muita pena da Matilda Clow, mas já que tinha que partir a perna não o podia ter feito em melhor altura. A Leslie vai cá estar enquanto o Owen Ford está em Four Winds, e aquelas gatas velhas do Glen não vão ter hipótese de miar, como teriam se ela estivesse a viver sozinha e o Owen a fosse ver. Elas já falaram bastante por ela não ter posto luto. Eu disse-lhes, 'Se acha que ela devia ter posto luto pelo George Moore, eu acho mais caso de ressurreição que de funeral. Se é pelo Dick, confesso que não vejo razão para usar luto por um homem que morreu há treze anos e não deixou saudades!' E quando a velha Louisa Baldwin comentou que achava muito estranho que ela nunca tivesse desconfiado que ele não era o marido dela, eu disse-lhe, 'Também você não

desconfiou, e foi toda a vida vizinha dele, e dez vezes mais desconfiada que a Leslie.' Mas não conseguimos parar as línguas de algumas pessoas, Anne queridinha, e ainda bem que a Leslie vai estar debaixo do seu tecto enquanto o Owen Ford cá estiver."

Owen Ford chegou á pequena casa num fim de tarde de Agosto quando Leslie e Anne estavam distraídas a adorar o bebé. Ele parou á porta aberta da casa de estar, sem ser visto, e olhou encantado para a cena. Leslie estava sentada no chão com o bebé no colo, fazendo barulhos extáticos para as mãozinhas rechonchudas enquanto as agitava no ar.

"Oh, querido bebé adorado!" dizia, agarrando uma pequena mão e cobrindo-a com beijos.

"Não é a coisinha mais fofinha," continuou Anne, debruçada sobre o braço da cadeira. "Aqueles coisinhos fofinhos são as mãozinhas mais bonitas do mundo, não são, menino mais lindo da mãe?"

Anne, nos meses antes do pequeno Jem ter chegado, estudara diligentemente vários volumes doutos e sabedores, e agarrou-se a um em especial: "Senhor Oráculo do Cuidado e Treino de Crianças". O "Senhor Oráculo" implorava aos pais por tudo o que tinham de mais sagrado que nunca falassem de forma abébezada aos seus filhos. Deviam dirigir-se ás crianças com a mesma linguagem que utilizavam para os adultos desde o momento do nascimento. Assim eles iriam aprender a língua materna sem ser adulterada pelas primeiras experiências. "Como," perguntava o "Senhor Oráculo", "pode uma mãe esperar razoavelmente que o seu filho aprenda o discurso corrente se ela acostuma continuamente a sua impressionável matéria cinzenta a tais distorções e expressões absurdas da nossa nobre língua como muitas mães descuidadas infligem todo o dia ás indefesas criaturas que têm a cargo? Poderá uma criança constantemente chamada de 'fofinho quidinho da mamã' alguma vez tomar perfeita noção do seu próprio ser e das possibilidades do seu destino?"

Anne ficou tremendamente impressionada com isto, e informou Gilbert que ela ia ter sempre como regra inflexível nunca, fossem quais fossem as circunstâncias, usar linguagem abebézada para os seus filhos. O Gilbert concordou com ela, e fizeram um pacto solene relativamente ao assunto, um pacto que Anne violou vergonhosamente assim que lhe puseram o pequeno Jem nos braços. "Oh, que coixinha maix fofinha!", exclamou na altura. E continuou a violá-lo desde então. Quando Gilbert gozava com ela, ela ria-se do Senhor Oráculo até ás lágrimas.

"Ele nunca teve filhos, Gilbert, tenho a certeza absoluta ou não teria escrito aqueles disparates. Ninguém consegue evitar falar assim para um bebé. É natural, e é correcto. Seria desumano falar para aquelas criaturas fofinhas, aveludadas e pequeninas como se fossem rapazes e raparigas crescidos. Os bebés querem amor, e mimos e toda a conversa abébezada que consigam ouvir, e o pequeno Jem vai tê-los, benza-o Deus."

"Mas tu és a pior que eu já ouvi, Anne," protestou Gilbert, que não sendo mãe mas apenas pai, não estava completamente convencido que o Senhor Oráculo estivesse enganado. "Eu nunca ouvi ninguém falar da maneira que tu falas para essa criança."

"Se calhar não ouviste. Vai-te embora, vai-te embora. Eu não criei três pares de gémeos Hammond antes de ter onze anos? Tu e o Senhor Oráculo são pouco mais que teóricos de sangue frio. Gilbert, olha só para ele! Ele está-se a rir para mim, percebe do que estamos a falar. E, oh, ele concorda com tudo o que a mamã 'tá a dizer, não é, pequenino do meu coração?"

Gilbert pôs o braço á volta deles. "Oh, as mães!" disse. "As mães! Só Deus sabe no que estava a pensar quando as fez."

E o pequeno Jem foi amado, mimado e teve muitas conversas abébezadas, e assim floresceu enquanto criança da casa de sonho.

A Leslie também era tão disparatada com ele como Anne. Quando o trabalho estava feito e o Gilbert não estava por perto, elas entregavam-se a vergonhosas orgias de mimo e êxtases de adoração, como aquela em que foram surpreendidas por Owen Ford.

Leslie foi a primeira a aperceber-se dele. Mesmo com a pouca luz, Anne conseguiu ver a palidez que lhe subiu ao lindo rosto, realçando o vermelho dos lábios e das faces.

Owen aproximou-se, ansioso, por momentos cego para Anne. "Leslie!" disse, estendendo a mão. Foi a primeira vez que a chamou pelo nome; mas a mão que Leslie lhe estendeu era fria; e ela esteve muito calada toda a noite, enquanto Anne, Gilbert e Owen falavam e riam animados. Antes da visita dele terminar, ela pediu desculpa e retirou-se para o seu quarto. O espirito alegre de Owen esmoreceu, e ele foi-se embora pouco tempo depois com um ar cabisbaixo.

"Anne, o que é que andas a tramar? Passa-se qualquer coisa que eu não compreendo. O ar hoje parecia carregado de electricidade. A Leslie sentada como a musa de uma tragédia, Owen Ford a brincar e a rir superficialmente, e a olhar para a Leslie com um ar expectante. Tu pareceste engasgada o

tempo todo com uma excitação oprimida. Que segredos andas a guardar do teu marido enganado?"

"Não sejas palerma, Gilbert," foi a resposta conjugal de Anne. "Quanto á Leslie, ela está a ser absurda e eu vou dizer-lhe isso mesmo."

Anne foi encontrar Leslie no quarto. A pequena divisão estava repleta do barulho ritmico do mar. Leslie estava sentada com as mãos apertadas, iluminada apenas pelo luar enevoado, uma presença bela e acusadora.

"Anne," disse numa voz baixa e reprovadora, "sabias que o Owen Ford vinha a Four Winds?"

"Sim," respondeu directamente Anne.

"Oh, devias ter-me dito, Anne," exclamou Leslie. "Se eu tivesse sabido eu tinha-me ido embora, eu não tinha aqui ficado para o encontrar. Devias ter-me dito. Não foi justo, Anne, oh, não foi justo!"

Os lábios de Leslie tremiam, e todo o seu corpo estava tenso de emoção. Mas Anne riu-se sinceramente. Inclinou-se para ela e deu-lhe um beijo no rosto zangado.

"Leslie, tu és uma palerma adorável. O Owen Ford não veio a correr do Pacífico para o Atlântico para me ver a mim. Nem eu acredito que tenha sido inspirado por uma súbita paixão pela Miss Cornélia. Tira esses ares trágicos, minha querida amiga, dobra-os e guarda-os longe. Não vais precisar mais deles. A situação é evidente para toda a gente, mesmo que não seja para ti. Eu não sou profetisa, mas vou aventurar-me a fazer uma previsão. A amargura da vida terminou para ti. Depois disto tu vais ter as alegrias e as esperanças, e devo também dizer as mágoas, de uma mulher feliz. O pedido que fizeste a Vénus realizou-se mesmo, Leslie. O ano em que a viste trouxe-te o melhor presente da tua vida, o teu amor pelo Owen Ford. Agora mete-te na cama e dorme bem." Leslie obedeceu ás suas ordens no que respeitou a meter-se na cama, mas podemos duvidar se dormiu. Não me parece que se tenha atrevido a sonhar acordada, a vida tinha sido muito dura para esta pobre Leslie, o caminho em que se vira obrigada a caminhar muito estreito, e ela não conseguia sequer segredar ao seu coração as esperanças que tinha para o futuro. Mas observou a luz rotativa do farol cortando as horas daquela noite de Verão, e os seus olhos tornaram-se brilhantes, meigos e jovens de novo. E também não recusou, quando Owen Ford veio no dia seguinte e lhe pediu para irem dar um passeio pela praia.



## Capítulo 37

### Miss Cornélia faz um anúncio estrondoso

**Miss** Cornélia rumou á pequena casa numa tarde estremunhada, quando o golfo estava do azul desmaiado que o mar tem nos dias de Agosto, e os lírios cor de laranja do portão de Anne levantavam os seus cálices imperiais á luz dourada do sol. Não que Miss Cornélia se preocupasse com mares azulados ou lírios sedentos de sol. Sentou-se na sua cadeira de baloiço favorita numa indolência pouco comum. Nem coseu, nem dobou. Nem disse uma palavra em relação a fosse que porção fosse da humanidade. Resumindo, a conversa de Miss Cornélia estava de tal forma desprovida de tempero que Gilbert, que resolvera ficar em casa para a ouvir em vez de ir á pesca como tinha pensado, quase se sentiu defraudado. O que se passava com Miss Cornélia? Não parecia triste nem abatida. Pelo contrário, havia um ar de exultação nervosa á sua volta. "Onde está a Leslie?" perguntou, não que estivesse muito interessada na resposta.

"O Owen e ela fora colher framboesas para as traseiras da quinta dela," respondeu Anne. "Não vão voltar antes da hora do jantar, quanto muito."

"Não parecem ter ideia do que é um relógio," disse o Gilbert. "Eu ainda não percebi bem esse assunto. De certeza que vocês mulheres andaram a puxar uns cordelinhos. Mas a Anne, esposa negligente, não me quer contar. Não me conta você, Miss Cornélia?"

"Não, não conto. Mas," disse Miss Cornélia, com o ar de quem tem que despachar um assunto difícil, "vou-lhes contar outra coisa. Vim cá com o propósito de lhes contar. Eu vou casar."

Anne e Gilbert ficaram em silêncio. Se a Miss Cornélia lhes tivesse revelado intenções de se ir atirar ao canal para se afogar a coisa talvez fosse credível. Esta não era. Por isso esperaram. Claro que a Miss Cornélia se tinha enganado.

"Bem, vocês parecem um bocado perplexos," disse Miss Cornélia, com um piscar de olhos. Agora que o momento da revelação tinha passado, Miss Cornélia era ela própria outra vez. "Acham que sou muito jovem e inexperiente para o matrimônio?"

"A senhora compreende, é um pouco espantoso," disse Gilbert, tentando voltar a si. "Eu tenho-a ouvido umas poucas de vezes dizer que não se casava com o melhor homem do mundo."

"Mas eu não me vou casar com o melhor homem do mundo," respondeu Miss Cornélia. "O Marshall Elliot está muito longe de ser o melhor."

"A senhora vai casar com o Marshall Elliot?" exclamou Anne, recuperando a fala depois do segundo choque.

"Sim. Podia ter-me casado com ele quando eu quisesse nestes últimos vinte anos, bastava levantar um dedo. Mas acham que eu ia entrar na igreja ao lado de um fardo de feno ambulante como aquele?"

"Nós ficamos muito contentes, e desejamos-lhe as maiores felicidades," disse Anne, sentindo-se um pouco estranha. Ela não estava preparada para tal ocasião. Ela nunca se imaginara a oferecer felicitações nupciais a Miss Cornélia.

"Obrigada, eu sabia que iam ficar contentes," disse Miss Cornélia. "Vocês são os primeiros amigos a saber."

"Mas vamos ter muita pena de a perder, minha querida Miss Cornélia," disse Anne, começando a ficar triste e sentimental.

"Oh, mas não me vão perder," disse Miss Cornélia insensivelmente. "Não achavam que eu ia viver para o outro lado do porto com todos aqueles MacAllisters, e Elliots e Crawfords? 'Da mania dos Elliots, do orgulho dos MacAllisters e da vanglória dos Crawfords Deus nos livre e guarde.' O Marshall vem viver para a minha casa. Estou farta de homens de lavoura. Aquele Jim Hastings que contratei este Verão é sem dúvida o pior da espécie. Ele levava qualquer mulher a casar. O que é que acham? Ele mexeu no balde da nata ontem e entornou uma quantidade enorme no quintal. E nem se ralou minimamente com isso! Deu uma risada parva e disse que a nata fazia bem á terra. Não é tipico de um homem? Eu disse-lhe que não tinha o hábito de adubar o quintal das traseiras com natas."

"E eu desejo-lhe muitas felicidades também, Miss Cornélia," disse Gilbert, solenemente; "mas," acrescentou, incapaz de resistir á tentação de a picar, apesar dos olhos implorantes de Anne, "Eu temo que os seus dias de independência estejam a terminar. Como sabe, o Marshall Elliot é um homem muito determinado."

"Eu gosto de um homem que cumpra o que diz," respondeu Miss Cornélia. "O Amos Grant, que andou atrás de mim há muito tempo, não era capaz. Nunca se viu um cata-vento assim. Ele uma vez saltou para dentro do lago para se afogar, mas mudou de ideias e nadou de volta para terra. Não é tipico de um homem? O Marshall tinha-se afogado mesmo."

"E ele tem um certo mau gênio, já me disseram..." continuou Gilbert. "Não seria um Elliot, se assim não fosse. Ainda bem que tem. Vai ser muito divertido fazê-lo zangar. E consegue-se sempre qualquer coisa de um homem de gênio quando se arrepende. Mas não se faz nada de um homem que se mantém plácido e irritante."

"A senhora sabe que ele é Liberal, Miss Cornélia."

"Sim, é verdade," admitiu Miss Cornélia um pouco triste. "E claro que não há maneira de o tornar conservador. Mas pelo menos ele é presbiteriano. Por isso acho que tenho que me dar por satisfeita." "Casaria com ele se fosse metodista, Miss Cornélia?"

"Não, não casava. A politica é para este mundo, mas a religião é para os dois."

"E ainda pode ser uma relíquia, Miss Cornélia."

"Eu não. O Marshall vai viver mais do que eu. Os Elliot vivem até tarde, os Bryant não."

"E quando pensa casar?" perguntou Anne.

"Daqui a um mês. O meu vestido de noiva vai ser de seda azul escura. E eu queria perguntar-lhe, Anne, queridinha, se fica bem usar véu com um vestido de seda azul-marinho. Eu sempre pensei que ia gostar de usar véu, se me casasse. O Marshall diz que se gosto devo levar. Não é típico?"

"Mas porque é que não havia de usar, se era uma coisa que gostava?" perguntou Anne.

"Bem, eu acho que nós não devemos ser diferentes das outras pessoas," disse Miss Cornélia, que não se parecia de todo com mais ninguém á face da terra. "Como disse, eu gostava de um véu. Mas talvez não fique bem, com um vestido que não seja branco. Por favor, Anne, querida, diga-me o que acha. Vou seguir o seu conselho."

"Eu acho que os véus só se usam com vestidos brancos," admitiu Anne, "mas isso é só uma convenção; e eu sou da opinião do senhor Elliot, Miss Cornélia. Não vejo porque não pode levar véu, se gostava de o levar."

Mas Miss Cornélia, que fazia visitas de avental, abanou a cabeça.

"Se não for uma coisa normal não quero usar," disse, com um suspiro de pena por um sonho perdido.

"Uma vez que está determinada a casar, Miss Cornélia," disse Gilbert solenemente, "vou-lhe dizer as regras excelentes para o tratamento de um marido que a minha avó disse á minha mãe quando ela se casou com o meu pai."

"Bem, acho que talvez consiga tratar do Marshall Elliot," disse Miss Cornélia placidamente. "Mas diga lá as suas regras."

"A primeira é: apanhá-lo."

"Já está. Continue."

"A segunda é: alimente-o bem."

"Com bastantes tartes. A seguir?"

"A terceira e a quarta são: mantenha-o debaixo de olho."

"Acredito," disse enfaticamente Miss Cornélia.

## Capítulo 38

### Rosas vermelhas

**O jardim** da pequena casa era um lugar muito amado por abelhas e avermelhado pelas rosas tardias desse Agosto. As pessoas da pequena casa passavam lá muito tempo, e faziam piqueniques no canto relvado ao pé do riacho e deixando-se lá ficar sentados durante o anoitecer até as grandes mariposas começarem a cruzar o negro aveludado.

Certa noite Owen Ford foi ai encontrar Leslie sozinha. Anne e Gilbert tinham saído, e Susan, esperada nessa noite, ainda não regressara.

O céu do norte estava âmbar e verde pálido por cima dos pinheiros. O ar estava fresco, porque Agosto aproximava-se de Setembro e a Leslie usava uma encharpe vermelha por cima de um vestido branco. Juntos vaguearam pelos pequenos e amigáveis caminhos rodeados de flores em silêncio. Owen tinha que partir em breve. As suas férias estavam a chegar ao fim.

Leslie deu pelo seu coração a bater descompassado. Ela sabia que este querido jardim ia ser o cenário das palavras que deviam selar o seu compromisso ainda subentendido.

"Nalgumas noites um cheiro estranho sopra por este jardim, como um perfume fantasma," disse Owen. "Eu ainda não consegui descobrir a que flor pertence. É evasivo, assombroso e maravilhosamente doce. Eu gosto de imaginar que é a alma da avó Selwyn a visitar o velho lugar que tanto amou. Devem haver muitos fantasmas amigáveis nesta pequena casa antiga."

"Eu vivo aqui há apenas um mês," disse Leslie, "mas eu já a amo como á casa onde vivi toda a vida."

"Esta casa foi construída e consagrada pelo amor," disse Owen. "Estas casas têm que exercer influência sobre os que lá moram. E este jardim, tem mais de sessenta anos e a história de mil amores e alegrias está escrita nos seus rebentos. Algumas destas flores foram plantadas pela noiva do mestre-escola, e ela já morreu há trinta anos. Mas continuam a florescer todos os Verões. Olha para aquelas rosas vermelhas, Leslie, como reinam sobre todas as outras!"

"Eu gosto muito de rosas vermelhas," disse Leslie. "A Anne prefere as cor-de-rosa, e o Gilbert gosta das brancas. Mas eu prefiro as vermelhas."

Elas satisfazem um desejo qualquer em mim."

"Estas rosas são muito tardias, elas florescem depois de todas as outras, é como se representassem todo o calor e a alma do Verão," disse Owen apanhando alguns botões meio abertos e brilhantes. "A rosa é a flor do amor, o mundo aclamou-a assim durante séculos. As rosas cor-de-rosa são o amor expectante e esperançado, as brancas são um amor morto ou desolado, mas as vermelhas, oh, Leslie, o que são as rosas vermelhas?"

"Amor triunfante," disse Leslie em voz baixa.

"Sim, triunfante e perfeito. Leslie, tu sabes, tu compreendes. Eu amo-te desde o início. E eu sei que tu me amas a mim, não preciso de te perguntar. Mas quero ouvir-te dizê-lo - minha querida, minha querida!" Leslie disse qualquer coisa numa voz muito baixa e trémula. As suas mãos e os seus lábios uniram-se; era o supremo momento da vida para ambos e enquanto ali estavam, no velho jardim, com os seus muitos anos de amor e prazer, de mágoa e de glória, ele coroou-lhe o cabelo dourado com as rosas muito vermelhas de um amor triunfante.

Anne e Gilbert regressaram entretanto, acompanhados pelo capitão Jim. Anne pôs alguns paus de madeira trazida pelo mar no lume, por puro gosto pelas chamas, e sentaram-se á volta delas durante umas horas de boa camaradagem.

"Quando me sento á volta de um lume destes é fácil imaginar que sou jovem outra vez," disse o Capitão Jim.

"Consegue ler o futuro nas chamas, capitão Jim?" perguntou Owen Ford.

O Capitão olhos afectuosamente para eles e depois de novo para o rosto animado e olhos brilhantes de Leslie.

"Eu não preciso do fogo para ler os vossos futuros," disse. "Eu vejo a felicidade para todos vós, todos vós, para Leslie e para o senhor Ford, e aqui o doutor e a senhora Blythe, e o pequeno Jem, e crianças que ainda não nasceram mas que vão nascer. Felicidade para todos, apesar de me parecer que vão ter as vossas preocupações, problemas e mágoas também. Eles têm que vir, e casa nenhuma seja palácio ou pequena casa de sonho os pode impedir. Mas não lhes vão levar a melhor, se os enfrentarem juntos com amor e confiança. Consegue-se ultrapassar qualquer tempestade com esses dois como bússola e piloto."

O velho capitão levantou-se subitamente e colocou uma mão em cima da cabeça de Leslie e outra em cima da cabeça de Anne.

"Duas mulheres boas e meigas," disse. "Verdadeiras e leais, em quem podemos confiar. Os vossos maridos terão a honra aos seus portões por vossa causa, as vossas crianças vão crescer e chamá-las abençoadas nos anos que estão para vir."

Houve uma estranha solenidade na cena. Anne e Leslie baixaram a cabeça como se recebessem uma benção. Gilbert subitamente levou as mãos aos olhos; Owen Ford estava absorto como alguém que vê visões. A pequena casa de sonho teve outro momento inesquecível e profundo a juntar á sua colecção de memórias.

"Eu tenho que ir andando," disse o Capitão Jim finalmente. Apanhou o chapéu e olhou em volta para a divisão. "Boa noite a todos," disse, enquanto saía.

Anne, inquieta pela melancolia pouco habitual da despedida, correu para a porta atrás dele. "Volte depressa, Capitão Jim," gritou, enquanto ele passava pelo pequeno portão entre os pinheiros.

"Sim, sim," respondeu-lhe alegremente. Mas o Capitão Jim tinha-se sentado á lareira da pequena casa de sonho pela última vez.

Anne voltou lentamente para junto dos outros.

"É uma pena, pensar nele a voltar sozinho para o farol," disse. "E não tem ninguém lá á espera dele."

"O Capitão Jim é tão boa companhia para os outros que não o imagino a ser outra coisa senão boa companhia para ele próprio," disse Owen. "Mas ele deve sentir-se muitas vezes sozinho. Houve qualquer coisa de estranho nele esta noite, ele falou como alguém a quem tinha sido pedido que falasse. Bem, eu também tenho que ir andando."

"Anne e Gilbert saíram discretamente, mas quando Owen se foi embora Anne voltou, e encontrou Leslie de pé ao lado da lareira.

"Oh, Leslie, eu sei, estou tão feliz, querida," disse, abraçando-a. "Anne, a minha felicidade assusta-me," sussurrou Leslie. "Parece-me grande demais para ser real, tenho medo de falar dela, de pensar nela. Parece-me outro sonho desta casa de sonho e que vai desaparecer quando sair daqui."

"Bem, tu não vais sair enquanto o Owen não te levar. Vais ficar comigo até essa altura chegar. Achas que te deixava ir para aquele sítio triste, sozinha outra vez?"

"Obrigada, querida. Eu queria perguntar-te se podia cá ficar mais esta noite. Eu não queria voltar para lá, seria como voltar para o frio e desespero

da minha vida antiga. Anne, Anne, que amiga tens sido para mim, uma mulher boa e carinhosa, verdadeira e leal, em quem se pode confiar, como disse o Capitão Jim."

"Ele disse mulheres, " sorriu Anne. "Talvez o Capitão Jim nos veja às duas colorida pelas lentes cor-de-rosa do seu amor por nós. Mas nós podemos sempre tentar estar á altura da fé que ele tem em nós." "Lembraste, Anne," disse Leslie lentamente, "do que eu te disse naquela noite na costa, que odiava a minha beleza? Era verdade, naquela altura. Pareceu-me sempre que se eu fosse feia o Dick nunca teria pensado em mim. Eu odiava a minha beleza porque o tinha atraído, mas agora... Oh, estou tão feliz por ela. É tudo o que tenho a oferecer ao Owen, a alma de artista dele delicia-se com ela. Não me sinto a ir para ele tão desprovida de tudo."

"O Owen ama a tua beleza, Leslie. Quem não amaria? Mas é uma palermice dizeres que é só o que tens para lhe dar. Ele vai-te dizer isso, não preciso de ser eu. E agora tenho que fechar a casa. Eu esperava a Susan esta noite, mas não voltou."

"Oh, sim, estou aqui, minha querida senhora," disse Susan, entrando inesperadamente pela cozinha," e a deitar os bofes pela boca! É um grande caminho do Glen até aqui."

"Ainda bem que veio, Susan. E como está a sua irmã?"

"Ela já se consegue sentar, mas claro que ainda não pode andar. Mas já pode passar sem mim, porque a filha dela veio para casa passar as férias. E eu estou contente por estar de volta, minha querida senhora. A perna da Matilda estava mesmo partida, mas a língua dela não. Ela fala pelos cotovelos, é verdade, minha querida senhora, apesar de me custar dizer isto de uma irmã. Ela sempre foi muito faladora, e foi a primeira da família a casar. Ela não queria assim lá muito casar com o James Clow, mas não foi capaz de quebrar o compromisso. Não que o John seja mau rapaz, o único defeito que tem é começar sempre a dar as graças com um grunhido tão incorrecto. Tira-me sempre o apetite. E falando de casamentos, minha senhora, é verdade que a Miss Cornélia se vai casar com o Marshall Elliot?"

"Sim, é mesmo verdade, Susan."

"Bem, minha querida senhora, não me parece justo. Aqui estou eu, que nunca disse uma palavra contra os homens, e não me consigo casar. E a Cornélia Bryant, que nunca se farta de os achincalhar, tudo o que teve que fazer foi estender a mão e escolher um, é o que é. É um mundo muito estranho, minha Senhora."



"Mas há outro, sabe, Susan."

"Sim," disse Susan com um grande suspiro, "mas, minha querida senhora, nesse não nos podemos casar."

## Capítulo 39

### O Capitão Jim atravessa a barra

**Certo** dia no final de Setembro o Livro de Owen Ford chegou finalmente. O Capitão Jim tinha ido aos correios todos os dias há um mês, na esperança de o receber. Neste dia não tinha ido, e Leslie trouxe a cópia dele para casa juntamente com a da Anne.

"Vamos lá levar-lhe esta noite," disse Anne, excitada como uma menina de escola.

A grande caminhada até ao cabo nesse fim de tarde limpo e encantador através da estrada vermelha que levava ao porto foi muito agradável. Então o sol declinou por detrás dos montes a oeste a caminho de um vale cheio de pôr-do-sol perdidos, e nesse mesmo instante acendeu-se a luz da torre branca do farol.

"O Capitão Jim nunca se atrasa um segundo," disse Leslie.

Nem Anne nem Leslie alguma vez esqueceram a cara do capitão Jim quando lhe entregaram o livro, o Livro dele, transfigurada e glorificada. As faces empalidecidas ultimamente inflamaram-se de súbito com as cores de um rapaz, os olhos brilharam com todo o fogo da juventude, mas as mãos tremiam-lhe quando o abriu. Chamava-se simplesmente O Livro da Vida do Capitão Jim, e na capa os nomes de Owen Ford e James Boyd estavam impressos como colaboradores. Havia ainda uma fotografia do próprio capitão Jim, á porta do farol, olhando através do golfo. O Owen Ford tinha tirado a fotografia enquanto andava a escrever o livro. O capitão Jim sabia disto, mas não sabia que a fotografia ia ser incluída no livro.

"Imaginem só," disse, "o velho marinheiro aqui, num livro impresso de verdade. Este é o dia mais orgulhoso da minha vida. Quase rebento, raparigas. Não vou conseguir dormir esta noite. Vou ler o livro do principio ao fim antes do nascer do sol.

"Então vamos já embora para o deixar começar," disse Anne.

O Capitão Jim tinha mexido no livro com uma admiração muito reverente. Mas nesta altura fechou-o decididamente e pô-lo de lado.

"Não, não, vocês não se vão embora sem tomarem um chá com o velhote,"

protestou. "Eu não ia consentir, pois não, Matey? O livro da minha vida pode esperar. Esperei tantos anos por ele. Posso esperar mais um

bocado enquanto convivo com os amigos."

O Capitão Jim começou a pôr a chaleira ao lume, e a pôr na mesa o pão e a manteiga. Apesar de toda a excitação, não se mexia com a rapidez de antigamente. Os seus movimentos eram lentos, e por vezes parava. Mas as raparigas não se ofereceram para o ajudar. Sabiam que o magoariam.

"Vocês escolheram mesmo bem o dia para me virem visitar," disse, retirando um bolo do aparador. "A mãe do pequeno Joe mandou-me hoje um cesto cheio de bolos e tartes. Uma benção para todos os bons cozinheiros, digo eu. Olhem só para este lindo bolo, cheio de nozes e cobertura. Não é muitas vezes que posso receber os amigos com este estilo. Sentem-se raparigas, sentem-se! Vamos falar um bocado enquanto o chá se faz."

As raparigas sentaram-se alegremente. O chá estava esplendido. O bolo da mãe do Joe era do melhor em bolos, o Capitão Jim era um príncipe entre os anfitriões gentis, sem sequer permitir aos seus olhos que pousassem no canto onde esperava o livro, verde e dourado. Mas quando a sua porta finalmente se fechou atrás de Anne e de Leslie, elas perceberam que ele foi directo ao livro, e enquanto voltavam a casa imaginaram o prazer do velho capitão olhando para as páginas impressas onde a sua própria vida estava retratada com toda a cor e encanto da própria realidade.

"Como é que ele encarará o final, o final que eu sugeri?" disse Leslie.

Nunca viria a saber. Muito cedo na manhã seguinte Anne acordou com Gilbert inclinado sobre ela, completamente vestido e com uma expressão de ansiedade no rosto.

"Foste chamado para uma consulta?" perguntou ensonada.

"Não. Anne, parece-me que se passa qualquer coisa no farol. Já passou uma hora do nascer do sol e a luz ainda está acesa. Tu sabes como sempre foi um orgulho para o capitão Jim ligar a luz no momento em que o sol se põe e apagá-la assim que nasce."

Anne sentou-se desolada. Através da janela via a luz piscando palidamente através do céu azul da madrugada.

"Talvez tenha adormecido por causa do livro," disse ansiosa, "ou está tão distraído que se esqueceu da luz."

Gilbert abanou a cabeça.

"Isso não é coisa do Capitão Jim. De qualquer das formas, vou lá ver."

"Espera um minuto, eu vou contigo," exclamou Anne. "Oh, sim, eu também

vou, o pequeno Jem ainda vai dormir uma hora, e vou chamar a Susan. Podes precisar da minha ajuda se o capitão estiver doente."

Era uma linda manhã, cheia de cores e sons tão plenos e delicados. O porto brilhava como uma rapariga bonita, gaivotas brancas passavam sobre as dunas; para além da barra o mar estava brilhante e magnífico. Os longos campos perto da costa estavam orvalhados e cheios de névoas nessa primeira luz de cambiantes puros. O vento dançava pelo canal, substituindo o belo silêncio com uma música ainda mais bela. Se não fosse a pálida estrela no cimo do farol, o passeio teria sido delicioso para Gilbert e Anne. Mas eles iam muito calados com receio. Bateram á porta, mas não lhes responderam. Gilbert abriu-a e entraram.

A velha divisão estava muito silenciosa. Na mesa estavam os restos da refeição da noite. A lâmpada ainda ardia na mesa de canto. O First Mate estava a dormir num quadrado de sol ao pé do sofá. O Capitão Jim estava deitado no sofá, com o livro nas mãos aberto na última página e encostado ao peito. Tinha os olhos fechados, e no seu rosto lia-se uma paz imensa, o aspecto de alguém que encontrou algo há muito desejado. "Ele está a dormir," murmurou Anne trémula.

Gilbert foi até ao sofá e debruçou-se sobre ele por uns momentos. Então endireitou-se.

"Sim, ele dorme," acrescentou calmamente. "Anne, o Capitão Jim atravessou a barra."

Eles não podiam precisar a que hora terá morrido, mas Anne acreditou sempre que tinha tido o seu desejo realizado, e partira quando a manhã chegara através do golfo. Para lá dessa maré brilhante o seu espirito andou á deriva, para além do mar pérola e prata do nascer do sol, para o Céu onde a sua Margaret perdida o esperava, para lá das calmas e das tempestades.

## Capítulo 40

### Adeus á casa de sonho

**O Capitão** Jim foi enterrado no pequeno cemitério do outro lado do porto, muito perto do local onde descansava a pequena menina branca. A família dele mandou fazer-lhe um grande monumento, muito caro e muito feio, um monumento que o teria feito rir se o tivesse visto em vida. Mas o seu verdadeiro monumento estava nos corações daqueles que o conheciam, e no livro que havia de viver durante gerações. Leslie lamentava que o capitão Jim não tivesse vivido para assistir ao enorme sucesso que teve.

"Como se teria deliciado com as críticas, são quase todas tão gentis. E ter visto o livro da vida dele nas listas dos mais vendidos, Oh, ele devia ter vivido para ver, Anne!"

Mas Anne, apesar do seu desgosto, era mais sensata.

"Era do próprio livro que ele gostava, não da reacção das pessoas a ele, e ele teve-o. Leu-o todo de uma vez. A última noite dele deve ter sido uma das suas maiores felicidades, com o fim rápido e indolor que ele desejava de manhã. Fico muito contente pelo Owen e por ti que o livro seja um sucesso, mas o capitão Jim estava satisfeito, eu sei."

A estrela do farol ainda mantinha a vigília nocturna: um faroleiro substituto tinha sido mandado para o cabo, até que o governo decidisse quem era o melhor para o lugar, ou tinha melhores relações para o foi logo posto á vontade na pequena casa, e Leslie, e tolerado por Susan que não era conseguir. O First Mate amado por Anne, Gilbert apreciadora de gatos.

"Eu posso aguentá-lo por causa do Capitão Jim, minha querida senhora, porque gostava muito do velhote. E vou tratar das refeições dele, e dar-lhe todos os ratos que apanhar. Mas não me peça para fazer mais que isso, minha senhora. Gatos são gatos, e acredite na minha palavra, não são mais que isso. E pelo menos, minha querida senhora, mantenha-o longe do menino. Imagine como seria horrível se ele asfixiasse o bebé."

"Isso seria uma gatástrofe," disse Gilbert.

"Oh, o senhor pode rir-se, doutor, mas não vai ser coisa para isso."

"Os gatos não sufocam os bebés, Susan," disse o Gilbert. "É só uma velha superstição."

"Pois, bem, pode ser uma superstição, doutor. Tudo o que sei é que tem acontecido. O gato do sobrinho do marido da minha irmã sufocou o bebé

deles, e o pobre inocente estava morto quando deram por isso. E superstição ou não, se eu encontro aquele animal amarelo ao pé do bebé, dou-lhe com o atizador do lume, minha querida senhora."

O senhor e a senhora Marshall Elliot viviam confortavelmente e harmoniosamente na casa verde. A Leslie estava ocupada com a costura, porque ela e o Owen iam casar no Natal. Anne pensava muitas vezes no que ia fazer quando Leslie se fosse embora.

"As coisas estão sempre a mudar. Assim que começam a ficar agradáveis mudam," disse com um suspiro.

venda," disse Gilbert, "A casa dos Morgan lá no Glen está á propósito de nada em especial.

"Sim?" perguntou Anne indiferente.

senhora quer ir viver com negócio, porque uma casa o Glen não se vende com "Agora que o velho senhor Morgan morreu, a os filhos para Vancouver. Vai ser um bom assim tão grande numa aldeia pequena como muita facilidade."

"Sim, mas é um sítio muito bonito, por isso com certeza que encontra comprador," disse Anne distraída, pensando se devia rematar o vestido curto do Jem com ponto pena ou ponto festão. Ele ia deixar de usar vestidos compridos na próxima semana, e Anne estava capaz de chorar por causa disso.

"E se nós a comprássemos, Anne?" comentou Gilbert calmamente.

Anne deixou a costura e olhou muito séria para ele.

"Estás a falar a sério, Gilbert? "

"Estou, querida."

"E deixar esta querida casa, a nossa casa de sonho?" disse Anne incrédula. "Oh, Gilbert, é impensável!"

"Ouve-me com atenção, querida. Eu sei como te sentes por isso. Eu também sinto. Mas nós sempre soubemos que nos tínhamos que ir embora um dia."

"Oh, mas não tão cedo, Gilbert, não agora."

"Mas podemos não ter outra oportunidade como esta. Se não comprarmos a casa dos Morgan outra pessoa a vai comprar, e não há outra casa no Glen que nós gostássemos de ter, nem outro sitio tão bonito para a construir. Esta casinha é, quer dizer, tem sido o que nenhuma outra casa seria para nós, eu admito, mas isto é um bocado afastado para um médico.

Eu tenho sentido esse inconveniente, apesar de tentar aproveitar o resto ao máximo.

E é um bocadinho apertada para nós agora. Daqui por uns anos, quando o Jem precisar de um quarto para ele vai ser mesmo pequena demais."

"Oh, eu sei, eu sei," disse Anne, com lágrimas nos olhos. "Eu sei os contras todos que ela tem, mas eu gosto tanto dela, e isto é tão bonito aqui."

"Mas vais ficar muito sozinha depois da Leslie se ir embora, e o Capitão Jim também já cá não está. A casa dos Morgan é tão bonita, e com o tempo vamos gostar muito dela também. Tu sabes que sempre gostaste dela, Anne."

"Oh, sim, mas isto é tão repentino, Gilbert. Estou tonta. Á dez minutos nunca tinha pensado em deixar esta casinha. Eu andava a planear o que ia fazer na Primavera, o que ia plantar no jardim. E se nós a deixarmos quem fica com ela? É tão longe, com certeza fica para uma família pobre, negligente, que a vai estragar, e isso seria uma profanação. Ia magoar-me terrivelmente."

"Eu sei. Mas nós não podemos sacrificar os nossos interesses por esse tipo de considerações, miúda-Anne. A casa dos Morgan vai satisfazer-nos de todas as formas possíveis, não podemos dar-nos ao luxo de deixar passar a oportunidade. Pensa naquele relvado, com aquelas magníficas árvores antigas; e o esplendido bosque por trás, doze acres de terra. Que sitio para as nossas crianças brincarem! E também tem um belo pomar, e tu sempre gostaste do muro alto de tijolo á volta do jardim com o portão, sempre achaste que parecia um portão de uma história. E tem uma vista quase tão boa do porto e das dunas como temos aqui."

"Mas não conseguimos ver a luz do farol de lá."

"Sim, consegue-se ver das janelas do sótão. E essa é outra vantagem miúda-Anne, tu adoras sótãos grandes.

"Não tem nenhum riacho no jardim."

"Tens razão, mas há um que corre pelo bosque de aceres até ao lago do Glen. E o próprio lago não é muito longe. Vais poder imaginar que tens um lago das águas brilhantes outra vez."

"Pois, não me fales mais do assunto agora, Gilbert. Dá-me um tempo para pensar, para me habituar á ideia."

"Tudo bem. Não há grande pressa, claro. Mas se decidirmos comprá-la temos que nos mudar antes do Inverno."

Gilbert saiu, e Anne deixou de lado os vestidinhos curtos do Jem com mãos trémulas. Não conseguiu coser mais nada nesse dia. Com olhos marejados de lágrimas, percorreu cada canto do pequeno domínio onde reinara como uma rainha tão feliz. A casa dos Morgan era tudo o que Gilbert tinha dito. O espaço era maravilhoso, a casa suficientemente antiga para ter dignidade e tradição, e nova o suficiente para ser confortável e moderna. Anne sempre a admirou, mas admirar não é amar, e ela amava tanto esta casa de sonho. Ela amava tudo nela, o jardim que cuidara, e outras mulheres cuidaram antes dela, o brilho e o som do pequeno riacho que percorria o canto, o portão entre os pinheiros, o velho degrau de pedra vermelha, os álamos tão dignos, os dois pequenos louceiros com portas de vidro por cima da chaminé da sala de estar, a porta descaída da despensa na cozinha, as duas janelas estranhas do quarto lá em cima, a tábuia solta das escadas, todas estas coisas eram parte dela! Como é que as podia deixar?

E como esta pequena casa, já consagrada pelo amor e pela alegria, tinha sido renovada pela sua felicidade e mágoa! Aqui tinha passado a lua-de-mel, aqui a pequena Joyce tinha vivido o seu breve dia; aqui as delícias da maternidade tinham vindo de novo com o pequeno Jem, aqui ela tinha ouvido a delicada música do riso do seu bebé, aqui se tinham reunido á lareira tantos amigos queridos. Alegria e tristeza, nascimento e morte, tinham tornado esta pequena casa de sonho sagrada para sempre.

E agora tinha que a deixar. Ela sabia isso, mesmo tendo lutado contra a ideia com Gilbert. A pequena casa tinha-se tornado curta. Os interesses de Gilbert tornavam a mudança necessária; o seu trabalho, bem sucedido como tinha sido, estava prejudicado por esta localização. Anne apercebeu-se que o fim da sua vida neste querido lugar estava próximo, e que ela tinha que enfrentar o facto com bravura. Mas como lhe doía o coração!

"Vai ser como arrancar um bocado da minha vida," soluçava. "E oh, se eu ao menos pudesse esperar que pessoas simpáticas viessem para cá, ou que ficasse vazia. Isso seria melhor do que vê-la atravessada por hordas de gente sem ideia da geografia das terras de sonho, e nada da história que tinha dado a esta casa a sua alma e identidade. E se uma tribo assim para cá viesse o lugar ia tornar-se uma ruína em pouco tempo, uma casa antiga degrada-se tão depressa se não for bem cuidada. Vão arruinar o meu jardim, e deixarem estragar os álamos, e a cerca vai começar a parecer uma boca sem metade dos dentes, e o telhado começar a meter água, e o tecto depois



cai, e vão começar a enfiar almofadas e trapos pelas janelas partidas, e vai ficar tudo arruinado.

A imaginação de Anne retratou a degeneração prevista para a sua querida pequena casa de uma forma tão vívida que a magoou como se fosse um facto real. Sentou-se nas escadas e chorou por um bocado, um choro longo e amargo. Susan encontrou-a aí e perguntou com muita preocupação o que se passava.

"A senhora zangou-se com o doutor, não foi, minha querida senhora? Mas se zangou, não se preocupe. É uma coisa que acontece muito entre os casais, têm-me dito, não que eu tenha experiência no assunto. Ele vai arrepende-se, e com certeza pede-lhe desculpa."

"Não, não Susan, eu não me zanguei com o Gilbert. É só porque o Gilbert vai comprar a casa dos Morgan e eu vou ter que ir viver para o Glen. E vai partir-me o coração."

Susan não empatizou nada com os sentimentos de Anne. Ficou até muito contente com a perspectiva de ir viver para o Glen. O maior defeito que punha na pequena casa de sonho era a sua localização distante. "Então, minha querida senhora, vai ser esplêndido. A casa dos Morgan é tão grande e bonita."

"Eu odeio casas grandes," soluçava Anne.

"Oh, sim, mas não as vai odiar quando tiver meia dúzia de crianças," respondeu calmamente Susan. "E esta casa já é demasiado pequena para nós. Não temos quarto de hóspedes, desde que a senhora Moore cá está, e aquela despensa é o sítio mais irritante onde já tentei trabalhar. Tem cantos em todos os lados. Além disso está completamente fora do mundo. Não tem nada para além da paisagem."

"Talvez fora do seu, Susan, mas nunca fora do meu," disse Anne com um sorriso ténue.

"Eu não a consigo entender, minha querida senhora, mas claro que eu não sou uma mulher instruída. Mas se o doutor comprar a casa dos Morgan não vai fazer nenhuma asneira, disso pode ter a certeza. Têm muita água, e as despensas e armários são lindos, e não há nenhuma cave como a deles na Ilha do Príncipe Eduardo, ou pelo menos é o que dizem. A cave aqui foi uma grande desilusão para mim, como bem sabe."

"Oh, vá-se embora, Susan, vá-se embora," disse Anne tristemente. "As caves e as despensas não fazem um lar. Porque é que não me deixa chorar a minha casa?"

"Bem, eu nunca tive grande tendência para chorar, minha querida senhora. Eu costumo mais tentar animar as pessoas. Então, não chore, vai dar cabo dos seus lindos olhos. Esta casa tem sido muito boa, e serviu muito bem, mas agora é tempo de terem uma maior."

O ponto de vista de Susan parecia ser o de toda a gente. Leslie foi a única pessoa que compreendeu Anne. Ela também chorou, quando ouviu as novidades. Depois secaram as duas as lágrimas e começaram os preparativos para a mudança.

"Já que temos que ir, vamos tratar disso o mais depressa possível," disse a pobre Anne com amarga resignação.

"Tu sabes que vais gostar daquela casa tão bonita lá no Glen depois de lá teres vivido tempo suficiente para teres memórias queridas de lá," disse Leslie. "Os amigos irão lá, como vinham aqui, e a felicidade vai glorificá-la para ti. Agora é só uma casa para ti, mas os anos vão torná-la um lar."

Anne e Leslie tiveram outra crise de choro na semana seguinte quando vestiram o primeiro vestido curto a Jem. Anne sentiu a tragédia todo o dia até que lhe vestiu a camisa de noite comprida, e encontrou o seu querido bebé outra vez.

"Mas vão ser calções a seguir, e depois calças, e não tarda nada ele vai ser crescido,"

"Então, não queria que ele fosse bebé para sempre, ou queria, minha senhora?" disse Susan. "Abençoado seja, parece tão querido com o vestidinho curto a mostrar os pézinhos. E imagine no tempo que vamos poupar a passar a ferro, minha querida senhora."

"Anne, acabei de receber uma carta do Owen," disse Leslie, entrando com ar alegre. E, oh! Tenho tão boas notícias. Ele escreveu-me a dizer que vai comprar esta casa á igreja e mantê-la para cá passarmos as férias de Verão. Anne, não estás feliz?"

"Oh, Leslie, feliz não é palavra suficiente! Parece bom demais para ser verdade. Não me vou sentir nem metade de mal agora que sei que este querido lugar não vai ser destruído por uma tribo de vândalos, ou deixado abandonado. É tão bom, tão bom!"

E numa manhã de Outubro Anne apercebeu-se que tinha passado a última noite na sua pequena casa de sonho. O dia foi demasiado atarefado para se lamentar, e quando chegou o fim da tarde a casa estava vazia. Anne e Gilbert ficaram lá sozinhos para se despedirem. A Leslie, a Susan e o

pequeno Jem tinham ido para o Glen com a última carga de mobília. A luz do pôr-do-sol jorrava através das janelas sem cortinas.

"Tem um ar tão desolado, triste e reprovador, não é?" disse Anne. "Oh, vou ter tantas saudades da minha casa esta noite lá no Glen!"

"Nós fomos muito felizes aqui, não fomos, miúda-Anne?" disse Gilbert, cheio de sentimento na voz.

Anne sufocou, incapaz de responder. Gilbert esperou por ela ao pé do portão entre os pinheiros, enquanto ela percorria a casa para se despedir de cada divisão. Ela ia-se embora; mas a velha casa ficaria aqui, olhando para o mar através das suas janelas antiquadas. O vento outonal ia soprar á volta dela num lamento, a chuva cinzenta ia bater-lhe e névoas brancas viriam rodeá-la do mar; e o luar ia cair sobre ela e iluminar os velhos caminhos onde o mestre-escola e a sua noiva tinham caminhado. Lá na velha costa do porto o encanto da história ia permanecer; o vento ainda ia assobiar pelas dunas de areia prateada; as ondas ainda chamariam das covas de pedra vermelha.

"Mas nós já cá não vamos estar," disse Anne entre lágrimas.

Saiu, fechando e trancando a porta atrás dela. Gilbert esperava-a com um sorriso. A luz do farol brilhava a norte. O pequeno jardim onde ainda floresciam as dalias, já se escondia nas sombras.

Anne ajoelhou-se e beijou o degrau gasto que tinha atravessado como noiva.

"Adeus, querida pequena casa de sonho," disse.

- {1} Nazarita: membro de uma seita fundamentalista judaica, que pretendia retomar o modo de vida dos antigos hebreus.
- {2} Infiel: neste caso, em termos de religião, ímpio.
- {3} Joy: alegria, felicidade.
- {4} Jem é um diminutivo de James e por isso escreve-se com J, mas a sua palavra homófona escrita com G significa em inglês pedra preciosa.

# Table of Contents

- [1-No sótão de GREEN GABLES](#)
- [2-A casa de sonho](#)
- [3-A Terra dos Sonhos](#)
- [4-A primeira noiva de GREEN GABLES](#)
- [5-A chegada a casa](#)
- [6-O Capitão JIM](#)
- [7-A Noiva do Mestre-escola](#)
- [8-A Miss Cornélia Bryant faz uma visita](#)
- [9-Um serão no cabo de Four Winds](#)
- [10-Leslie Moore](#)
- [11-A História de Leslie Moore](#)
- [12-Leslie faz uma visita](#)
- [13-Uma noite assombrada](#)
- [14-Dias de Novembro](#)
- [15-O Natal em Four Winds](#)
- [16-Véspera de Ano Novo no farol](#)
- [17-Um Inverno em Four Winds](#)
- [18-Dias de Primavera](#)
- [19-A madrugada e o anoitecer](#)
- [20-A Margaret perdida](#)
- [21-Barreiras que se afastam](#)
- [22-A Miss Cornélia resolve uns assuntos](#)
- [23-Chega Owen Ford](#)
- [24-O Livro da Vida do Capitão Jim](#)
- [25-Escreve-se o Livro](#)
- [26-A confissão de Owen Ford](#)
- [27-Na barra de areia](#)
- [28-Princípios e fins](#)
- [29-Gilbert e Anne discordam](#)
- [30-Leslie Decide](#)
- [31-A verdade liberta](#)
- [32-Miss Cornélia discute o assunto](#)
- [33-Leslie regressa](#)

[34-O barco dos sonhos chega ao porto](#)

[35-Politica em Four Winds](#)

[36-Beleza em cinzas](#)

[37-Miss Cornélia faz um anúncio estrondoso](#)

[38-Rosas vermelhas](#)

[39-O Capitão Jim atravessa a barra](#)

[40-Adeus á casa de sonho](#)